

Cadernos de Arqueologia
Monografias

ANA M. S. BETTENCOURT

**ESTAÇÕES DA IDADE DO BRONZE
E INÍCIOS DA IDADE DO FERRO
DA BACIA DO CÁVADO
(NORTE DE PORTUGAL)**

Ana M. S. Bettencourt

**ESTAÇÕES DA IDADE DO BRONZE E
INÍCIOS DA IDADE DO FERRO DA BACIA
DO CÁVADO (NORTE DE PORTUGAL)**

UNIVERSIDADE DO MINHO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA
2000

Ficha Técnica

Autor: Ana Maria dos Santos Bettencourt

Professora Auxiliar do Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

Edição: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Apoios: Centro de Ciências Históricas e Sociais da Universidade do Minho no quadro do financiamento plurianual concedido pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, Câmara Municipal de Barcelos e Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso

Composição, Impressão e Acabamentos: A.C. Litografia – Braga

Tiragem: 450 exemplares

Depósito Legal: 167243/01



ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	7
INTRODUÇÃO	9
LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INVESTIGAÇÃO	11
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	13
OS DADOS DE ESCAVAÇÕES ANTIGAS: REAVALIAÇÃO SUMÁRIA	
A OCUPAÇÃO DA IDADE DO BRONZE NO ALTO DA CIVIDADE (BRAGA)	
1. Introdução	23
2. Escavações	23
2.1. Escavações de 1977	24
Perfil do “Muro Norte”	24
Estratigrafia, estruturas e espólio	24
Perfil B-B	25
Estratigrafia, estruturas e espólio	25
Sondagem B16	25
Estratigrafia, estruturas e espólio	25
2.2. Escavações de 1979	25
Quadrado S2	25
Estratigrafia e estruturas	25
Espólio	26
2.3. Escavações de 1995/1996	26
Sector A	26
Estratigrafia e estruturas	26
Espólio	27
Sector B	28
Estratigrafia e estruturas	28
Espólio	28
3. Considerações Finais	29
Estampas	31
O CASTELO DE FARIA (BARCELOS) DURANTE A IDADE DO BRONZE	
1. Introdução	47
2. Escavações	47
Estratigrafia e estruturas	47
Espólio	48
3. Considerações Finais	50
Catálogo dos materiais atribuíveis à Idade do Bronze	53
Estampas	67
A OCUPAÇÃO DA IDADE DO BRONZE NO CASTRO DE LANHOSO (PÓVOA DE LANHOSO)	
1. Introdução	85
2. Escavações	85
Estratigrafia, estruturas e espólio	85
3. Considerações Finais	87
Catálogo dos materiais atribuíveis à Idade do Bronze	89
Estampas	97
A CITÂNIA DE RORIZ (BARCELOS) NA IDADE DO BRONZE	
1. Introdução	111
2. Escavações	111
Estratigrafia, estruturas e espólio	111

3. Considerações Finais	113
Catálogo dos materiais das camadas 7 e 8	115
Estampas	117
O POVOADO PROTO-HISTÓRICO DO MONTE DO FACHO/ALTO DA TORRE (BARCELOS)	
1. Introdução	125
2. Escavações	125
Estratigrafia, estruturas e espólio	125
3. Considerações Finais	128
Catálogo dos materiais das camadas 8, 9 e 10	130
Estampas	135
O POVOADO DE SANTA MARTA DA FALPERRA (BRAGA) NOS FINAIS DA IDADE DO BRONZE E NA TRANSIÇÃO PARA A IDADE DO FERRO	
1. Introdução	141
2. Escavação	142
Estratigrafia e estruturas	142
Espólio	145
3. Considerações Finais	149
Catálogo do espólio das escavações de 1984	151
Estampas	159
ESTAÇÕES DA IDADE DO BRONZE E DO FERRO: ESCAVAÇÕES RECENTES	
O POVOADO DA IDADE DO BRONZE DO ALTO DE S. BENTO (BRAGA)	
1. Introdução	179
2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental	179
3. Objectivos e metodologia	180
4. Escavações	180
Estratigrafia, estruturas e espólio	180
Plataforma superior	180
Estratigrafia	180
Estruturas	183
Espólio	183
Área Oeste	184
Estratigrafia	184
Estruturas	184
Espólio	185
5. Cronologia, fases de ocupação e organização interna do povoado	185
Estampas	187
O POVOADO DA IDADE DO BRONZE E DO FERRO DE CABANAS (BRAGA)	
1. Introdução	201
2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental	201
3. Objectivos e metodologia	202
4. Escavações	202
Estratigrafia, estruturas e espólio	202
Corte 1	202
Estratigrafia	202
Estruturas	203
Espólio	203
Datas de radiocarbono	206
Corte 2	206
Estratigrafia	206
Espólio	206
5. Cronologia, fases de ocupação e organização interna do povoado	207
Estampas	209
A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS GRANJINHOS (BRAGA)	
1. Localização, contexto geomorfológico e ambiental	221
2. Objectivos	221

3. Escavações	221
Estratigrafia e estruturas	221
Espólio	222
4. Cronologia e funcionalidade da jazida	223
Estampas	225
O POVOADO DE SÃO JOÃO DE REI/MONTE CASTRO (PÓVOA DE LANHOSO), NA TRANSIÇÃO DO BRONZE FINAL PARA A IDADE DO FERRO E DURANTE A IDADE DO FERRO	
1. Introdução	235
2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental	235
3. Objectivos e metodologia	236
4. Escavações	237
Estratigrafia, estruturas e espólio	237
Corte 1	237
Estratigrafia	237
Estruturas	238
Espólio	238
Datas de radiocarbono	241
Corte 2	242
Estratigrafia	242
Estruturas	243
Espólio	243
Datas de Radiocarbono	245
5. Fases de ocupação e integração cronológica e cultural do povoado	247
Estratigrafia e cronologia interna do povoado	247
Fases de Ocupação	247
S. João de Rei I	247
S. João de Rei II	248
Anexo I: Análises antracológicas	251
O povoado de S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso): o contributo da antracologia, por Isabel Figueiral ..	253
Anexo II: Análises edafológicas e diagramas polínicos	255
Estampas	263
O POVOADO DOS FINAIS DA IDADE DO BRONZE, INÍCIOS DA IDADE DO FERRO DE VASCONCELOS/ /MONTE DO CASTRO (BRAGA)	
1. Introdução	281
2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental	281
3. Objectivos e metodologia	282
4. Escavações	283
Estratigrafia, estruturas e espólio	283
Corte 1	283
Estratigrafia	283
Estruturas	283
Espólio	283
Datas de radiocarbono	286
Corte 2	286
Estratigrafia	286
Estruturas e espólio	286
5. Fases de ocupação, organização espacial e integração cronológica e cultural do povoado	287
Estampas	289
CONSIDERAÇÕES FINAIS	299
BIBLIOGRAFIA	301

NOTA PRÉVIA

A abordagem dos resultados obtidos em pequenas intervenções arqueológicas efectuadas em estações dos finais da Idade do Bronze ou inícios da Idade do Ferro, assim como a revisão dos materiais de antigas escavações realizadas na bacia do Cávado, tendo como finalidade estabelecer ocupações dos períodos em estudo, constitui o objectivo desta publicação.

É assim, que nesta obra compilámos os resultados das escavações realizadas no Alto da Cividade (Braga), em 1995/1996; no Alto de S. Bento (Braga), em 1995; em Cabanas (Braga), em 1996; nos Granjinhos (Braga), em 1993; em S. João de Rei/Monte Castro (Póvoa de Lanhoso), em 1993 e no Monte de Vasconcelos (Braga), em 1994, bem como os resultados da reavaliação dos dados das antigas escavações do Alto da Cividade (Braga), do Castelo de Faria (Barcelos), do Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso), da Citânia de Roriz (Barcelos), do Monte do Facho/Alto da Torre (Barcelos) e de Santa Marta da Falperra (Braga). Este trabalho foi extraído de uma obra mais vasta intitulada "*A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e I milénios AC*", dissertação de doutoramento da autora, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, em 1999.

Damos, deste modo, continuidade à série de monografias que se tem editado sobre esta região e onde se tem dado a conhecer os resultados das mais diversas investigações arqueológicas efectuadas no Norte de Portugal.

Para a realização dos trabalhos de campo e da análise dos dados, contamos com a participação de várias entidades. É assim que agradecemos às Câmaras Municipais de Braga e da Póvoa de Lanhoso, ao Conselho Superior de Investigação Científica de Madrid, na pessoa do Doutor Ignácio Maria Montero Ruíz, ao Instituto "Rocadolano", na pessoa do Doutor Fernán Alonso, à Faculdade de Farmácia da Universidade de Santiago de Compostela, na pessoa da Doutora Teresa Taboada Castro, aos Gabinetes de Arqueologia das Câmaras Municipais de Barcelos e Braga, ao IPPAR, ao Museu D. Diogo de Sousa, nas pessoas da Dra. Isabel Silva e dos desenhadores Amélia Marques, Felismina Vilasboas e Filipe Antunes, à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, nas pessoas da Doutora Manuela Martins, do Dr. Luís Fontes e dos desenhadores Alfredo Barbosa, Maria das Dores Pires, Paula Góis e Quenor Rocha. Este trabalho obteve também a colaboração do Prof. Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da Dra. Giselda Oliveira.

A publicação desta obra só foi possível graças às comparticipações financeiras da Câmara Municipal de Barcelos e da Póvoa de Lanhoso e do Centro de Ciências Históricas e Sociais da Universidade do Minho.

Braga, Dezembro de 2000

INTRODUÇÃO

A publicação dos resultados das escavações deste conjunto de estações da Idade do Bronze e dos inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado foi dividido em duas partes fundamentais.

Na primeira, denominada “*Os Dados de Escavações Antigas: Reavaliação Sumária*” publicam-se os artefactos e/ou estruturas integráveis na Idade do Bronze e/ou nos inícios da Idade do Ferro resultantes da reinterpretação efectuada em algumas escavações antigas de povoados da bacia do Cávado. Aqui, e como metodologia de trabalho, utilizámos a comparação dos materiais reavaliados com séries artefactuais bem contextualizadas e datadas pelo radiocarbono.

A apresentação de cada povoado foi efectuada segundo quatro *itens* a saber: introdução, escavação, considerações finais e catálogo. No primeiro, introduzimos a localização administrativa e a identificação topográfica sumária. Procedemos ainda a um pequeno historial das intervenções arqueológicas efectuadas em cada local, seguidas das problemáticas por elas levantadas. No segundo, analisámos detalhadamente a bibliografia de cada estação tentando estabelecer as sucessões stratigráficas encontradas, as estruturas e o espólio correspondente. Nas considerações finais tentámos estabelecer os níveis de ocupação de cada povoado e a eventual articulação entre eles, tarefa que se mostrou, por vezes, de grande dificuldade. No catálogo usámos sempre os mesmos critérios de apresentação formal e classificámos todos os fragmentos cerâmicos segundo a tabela de formas que efectuámos em A. Bettencourt (1999) e que aqui registamos sumariamente. A utilização de termos como pote, potinho/púcaro, taça carenada, entre outros, foi mantida por uma questão de inteligibilidade de leitura. A referência exclusivamente numérica torna os textos áridos, de leitura mais difícil, embora, eventualmente, mais correctos.

Não podemos deixar de admitir que este trabalho enferma de algumas deficiências, a que somos alheios. Com excepção das escavações de M. Martins no Monte de Santa Marta da Falperra, em 1984, não tivemos acesso aos cadernos de campo, nem à totalidade das plantas e perfis dos restantes povoados. Se para o Alto da Cividade, obtivemos grande parte da documentação existente, embora, por vezes, deficiente para o tipo de estudo que gostaríamos de realizar, para o Castelo de Faria, onde se efectuaram campanhas arqueológicas, em 1978, e entre 1981 e 1984, não possuímos nenhum perfil. Apenas se conhece uma planta antiga, com a localização das estruturas descobertas até aos meados do século (ALMEIDA, 1982). Do Castro de Lanhoso, escavado em 1982, tivemos acesso ao relatório de escavação, entregue ao então IPPC, bem como a um pequeno artigo (PETRUSO, 1982). Em ambos os trabalhos estão ausentes quaisquer perfis, embora se publique uma planta da área de escavação com a implantação da quadrícula. Para o Alto da Torre, contamos com um perfil das sondagens efectuadas em 1978 e para o povoado de Roriz, com dois, também de escavações de 1978. Foram ambos publicados por C. A. B. de Almeida *et al.* (1980).

Nestas condições, não é fácil dissertar sobre a localização espacial de determinadas ocupações, nem ajuizar sobre aspectos de continuidade ou descontinuidade entre diferentes períodos cronológicos, mais particularmente sobre a transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro. Todos estes condicionalismos tornam as nossas considerações, hipóteses de trabalho, pelo que a validade deste estudo se compreende melhor no quadro das questões que permitirá levantar.

A segunda parte deste trabalho, designada “*Estações da Idade do Bronze e do Ferro: Escavações Recen-*

tes” tem como objectivo a publicação, em pormenor, dos resultados da Idade do Bronze e da Idade do Ferro exumados no decurso de pequenas intervenções arqueológicas em estações da bacia do Cávado. Algumas delas, como a do Alto de S. Bento e a dos Granjinhos, foram escavadas no âmbito de projectos de investigação que visavam estudar períodos cronológico-culturais distintos dos visados pela autora, motivo pelo qual os resultados foram cedidos para publicação por diversos autores.

A escavação de Cabanas resultou de uma situação de emergência após intensa destruição deste povoado. Apenas os trabalhos em S. João de Rei e no Monte de Vasconcelos se enquadraram, desde o início, no projecto inicial da autora, muito embora as perspectivas iniciais não tivessem sido concretizadas o que reduziu as áreas e o tempo de escavação e justificou que estas estações não fossem passíveis de publicação particular.

Cada um destes trabalhos monográficos obedeceu aos seguintes critérios de apresentação: introdução; localização, contexto geomorfológico e ambiental; objectivos e metodologia; escavações; cronologia, fases de ocupação e organização interna o povoado.

No primeiro *item* efectuámos a localização administrativa, o historial e os objectivos de ordem geral que levaram às intervenções arqueológicas de cada estação. No segundo posicionámos cada uma delas em termos micro-espaciais, revelando os diversos recursos existentes em cada local, inserindo-os, posteriormente, em unidades geomorfológicas de maior amplitude. No seguinte anunciámos os objectivos gerais e os particulares de cada acção desenvolvida, o número de intervenções efectuadas, as áreas escavadas, a metodologia de campo e laboratório usadas, as técnicas e recursos disponíveis e as dificuldades encontradas no decorrer dos trabalhos. No *item* escavação descrevemos a estratigrafia, as estruturas e o espólio por cortes, bem como o resultado das diversas análises laboratoriais (composição química dos achados metálicos, paleocarpologia, radiocarbono, entre outras). No final fizemos uma pequena síntese dos resultados obtidos, tentando estabelecer a existência ou não de diferentes fases de ocupação, bem como a organização interna de cada uma delas. Com este trabalho, que focaliza a história local de cada povoado, pretendemos obter, ainda e tanto quanto possível, leituras sobre as estratégias económicas, a reconstrução social e os processos simbólicos de cada comunidade, em interacção com os diferentes cenários ecológicos em que elas se desenvolveram e actuaram. Privilegiámos assim o estudo do que A. Sherratt (1993: 128) denomina “*micro-estruturas da vida diária*”, elaborado através da contextualização dos dados.

No último capítulo, o das “*Considerações Finais*”, tentámos a correlação entre os dados, passando para um outro patamar da investigação, ou seja, o nível média de análise, com o objectivo de estabelecer padrões de ocupação idênticos ou dissemelhantes entre ocupações coetâneas.

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INVESTIGAÇÃO

O vale do Cávado localiza-se no Noroeste de Portugal, na região geográfica do Norte Atlântico (RIBEIRO, 1987: 144), na província do Entre-Douro-e-Minho. A sub-região em estudo insere-se no Maciço Hespérico, onde os relevos principais, em granitos hercínicos, de duas micas e de formação recente, se distribuem em anfiteatro do litoral para o interior, cujas cotas mais altas se encontram nos cumes das serras que da Peneda à Cabreira, se orientam de nor-noroeste a su-sueste (DAVEAU, 1987: 217), intervaladas por vales fluviais que constituíam verdadeiros corredores de penetração, permitindo assim a ligação ao "hinterland" e a vias terrestres (vales e depressões), na periferia das serras.

Na esteira de O. Ribeiro (1987: 140), entendemos que as bacias fluviais apresentam, frequentemente, características ambientais idênticas em ambas as margens, constituindo os rios vias de aproximação. Como tal pareceu-nos pertinente o estudo do curso médio e inferior do Cávado, como uma sub-unidade geográfica. Mas por considerarmos, também, que as montanhas "... *formam em si mesmo um todo, ainda quando assaltem os seus flancos influências vindas de lados opostos*" (RIBEIRO, 1987: 141), estendemos um pouco mais os limites da área de investigação, para norte e sul, abarcando, portanto, parte do que se considera já os vales do Neiva e do alto Este.

Com uma forma aproximadamente rectangular, a área estudada é limitada a oeste pelo oceano Atlântico; a norte, pelo rio Neiva; a este, pelos contrafortes de altitude média das serras Amarela, Gerês e Cabreira, onde a bacia do Cávado se encaixa e a sul, pela linha de cumeada das serras da Cabreira e a bacia do alto Este.

Este trabalho compreende assim, a totalidade dos concelhos de Esposende, Amares e Vila Verde e parte dos de Barcelos, Braga, Póvoa de Lanhoso e Terras do Bouro, localizados no Baixo-Minho, distrito de Braga.

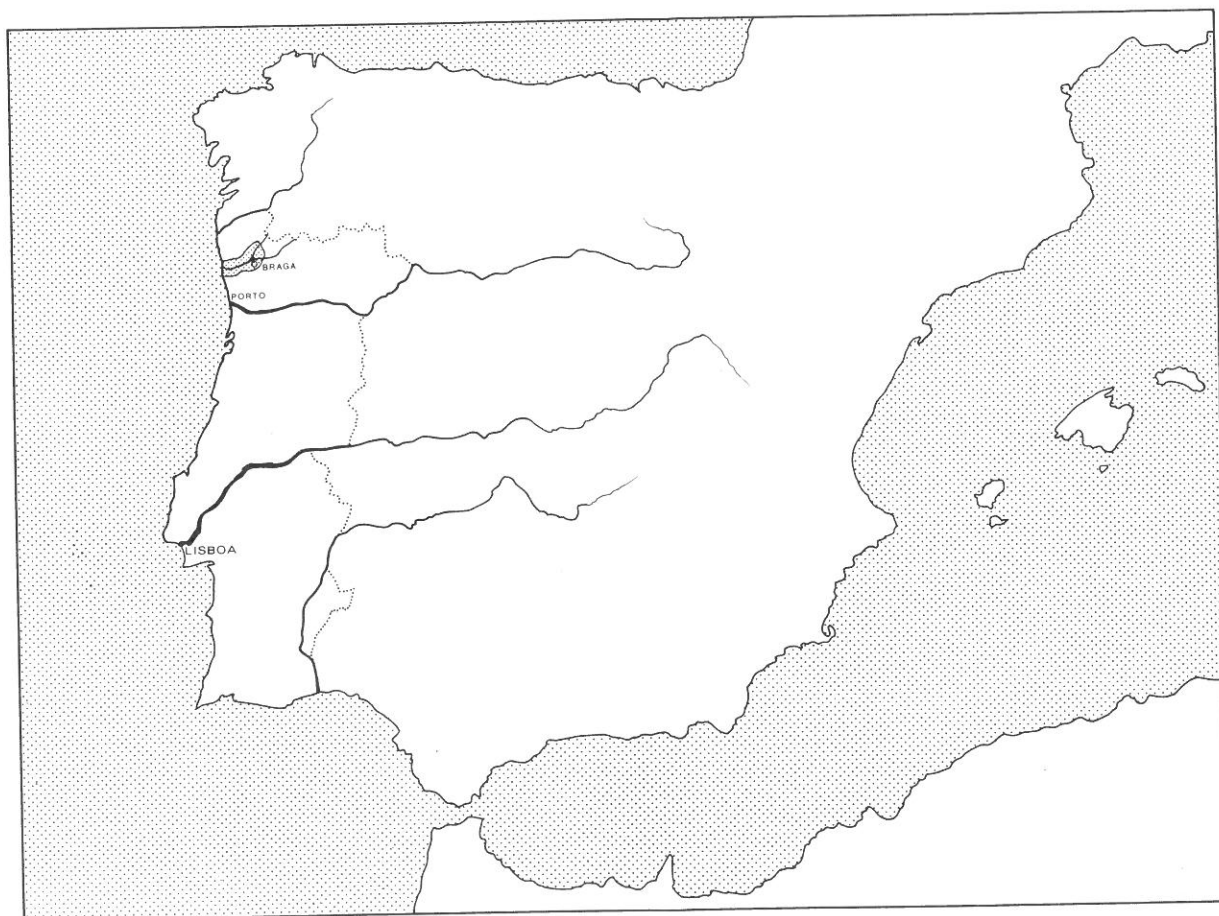
A região é essencialmente montanhosa com cadeias que seguem normalmente o sentido nordeste/sudoeste. Essas cadeias são geralmente esporões, contrafortes das grandes serras minhotas, Amarela e Gerês, separando o Homem do Cávado e do Carvalho (contraforte da Cabreira), onde nasce o rio Este. Estes relevos, profundamente alterados, dão origem a uma paisagem ondulada, caracterizada, de onde em onde, por afloramentos que ocorrem à superfície. A montante da região, sobretudo nos concelhos de Amares, Póvoa de Lanhoso, Terras do Bouro e Vila Verde, os relevos atingem, frequentemente, cotas entre os 500 e os 600m, por vezes ultrapassando-as. Nos concelhos de Barcelos e Braga, as cotas mais altas situam-se entre o 400 e os 500m. A plataforma litoral, ampla a sul do Cávado, vai diminuindo gradualmente para norte, até à foz do Neiva, onde não excede os 3Km em linha recta. Nesta zona pode delimitar-se a este, pela potente escarpa de falha ou arriba fóssil que se orienta de norte a sul, entre os dois rios.

Em relação aos recursos mineiros, a bacia do Cávado, pertence à província metalogénica ante-hercínica ou hercínica do Maciço Hespérico, rica em minérios de estanho, ferro, ouro e volfrâmio. Os recursos minerais não metálicos pautam-se pelas águas minerais, argilas e sal.

O clima é temperado marítimo, húmido a super-húmido nas regiões mais montanhosas, variando consoante a distribuição do relevo (RIBEIRO, 1987: 101). As estações do ano são bem marcadas. Os Verões são quentes e secos e os Invernos temperados e com altos índices de precipitação.

A bacia do Cávado, fortemente humanizada desde épocas remotas, apresenta actualmente uma flora

profundamente transformada em relação à tradicional, que era composta por florestas climácicas e ribeirinhas, ainda vestigial nas áreas montanhosas. Em contraste com a montanha, agora com uma vegetação arbustiva predominante, a plataforma litoral, o fundo dos vales, as depressões ou as vertentes estão profundamente agricultados, normalmente transformadas por socalcos artificiais, através de terraços onde domina a policultura em regime intensivo e onde a rotatividade entre cereais (principalmente o milho, sem exclusão do centeio), legumes e forragens torna possível uma produtividade sem esgotamento dos solos (RIBEIRO, 1987). A vinha, nomeadamente a de enforcado ou em latada, plantada em redor dos campos e as árvores de fruto, como as laranjeiras e as oliveiras, em zonas mais abrigadas dos vales, constituem outra das características da região.



Localização da área de investigação na Península Ibérica.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Tendo em conta que a reavaliação do espólio cerâmico de escavações antigas foi efectuada com base numa tabela de formas, realizada por A. Bettencourt (1999) e ainda não publicada, que essa tabela foi concretizada a partir dos materiais recolhidos em todas as escavações da bacia do Cávado, incluindo as que aqui se estudam, entendemos ser útil a sua publicação, no âmbito deste trabalho.

Os fragmentos cerâmicos exumados nas várias escavações efectuadas pela signatária foram da ordem dos vários milhares, muito embora só tenha sido possível reconstituir, na íntegra, um reduzido número de perfis completos. Apesar disso, muitos fragmentos de bordo, colo e pança mostraram-se suficientemente grandes para que pudéssemos, através deles, estabelecer uma tentativa de sistematização das formas ao longo de cerca de 1500 anos (dos inícios do II aos meados do I milénio AC), para a sub-região do Cávado.

Constatámos, assim, a existência de 23 formas que passaremos a descrever na proposta de “Tabela Formal”.

Tabela Formal

Forma 1: Pote

Trata-se de uma forma fechada de pança ovóide, bordo tendencialmente vertical, no prolongamento da pança, com variáveis (ligeiramente reentrante ou esvasado). Os lábios podem ser arredondados, rectos horizontais ou serrilhados, no caso de serem decorados com impressões de dedadas ou incisões. As bases são planas. As pastas são sempre grosseiras, predominantemente arenosas, podendo ser micáceas para os meados do I milénio AC. O acabamento pode ser rugoso, alisado ou vassourado. São relativamente frequentes os vasos com vestígios de fuligem, indiciando o seu uso sobre o lume. O seu diâmetro oscila entre os médios e os grandes.

Corresponde, *grosso modo*, à forma 1 da fase I de M. Martins (1990: 127-129), à 1 de A. Dinis (1991/1992: 127-132), à 28.4, 41.1 e 41.2 de J. C. Senna-Martinez (1985: 80, 84) e à IIA de A. Lopes (1993: 144-149).

Forma 1b: Pote

Forma com perfil em S, mais ou menos acentuado, com pança esférica ou ovóide, colo acentuado ou incipiente, com bordo em aba soerguida e lábios arredondados ou rectos horizontais. Os lábios podem ser, também adelgaçados. As pastas são sempre grosseiras, arenosas ou micáceas e o acabamento pode ser rugoso ou alisado. Em fases mais recentes (no terceiro quartel do I milénio AC) alguns recipientes apresentam decoração incisa sobre o início da pança.

São frequentes os vasos desta forma com fuligem, principalmente a partir dos finais da Idade do Bronze. O seu diâmetro oscila entre os médio/grandes, no II milénio AC e os grandes e muito grandes a partir dos finais da Idade do Bronze.

Corresponde à forma 1b da fase II de M. Martins (1990: 146-148), com algumas variações na pasta e pança.

Forma 1c: Pote

Forma com perfil em S, mais ou menos acentuado, com pança esférica ou ovóide, colo acentuado ou incipiente, com bordo em aba horizontal pequena e média e lábios arredondados ou rectos horizontais. Estes, também podem ser adelgaçados. As pastas são sempre grosseiras, arenosas ou micáceas e o acabamento alisado.

Muito poucos recipientes revelam indícios de fuligem, indiciando o seu uso sobre o lume. O seu diâmetro oscila entre os grandes e muito grandes.

Corresponde à forma 1c da fase II de M. Martins (1990: 146-148).

Forma 2: Pote

Forma fechada com perfil em S, mais ou menos acentuado, com pança tendencialmente esférica ou ovóide, colo acentuado ou incipiente, com bordo esvasado e lábios arredondados ou rectos horizontais. Os lábios podem ser, também adelgaçados. As pastas são sempre grosseiras, arenosas ou micáceas e o acabamento pode ser rugoso, alisado ou vassourado. Em fases mais recentes (no terceiro quartel do I milénio AC) algumas recipientes apresentam decoração incisa ou plástica/incisa sobre o início da pança. Alguns destes recipientes possuem asas de prensão vertical que terminam no início da pança.

São relativamente frequentes os vasos com vestígios de fuligem, indiciando o seu uso sobre o lume. O seu diâmetro oscila entre os médios e os muito grandes. De uma forma geral os grandes e muito grandes indiciam utilização para transporte ou armazenagem de produtos.

Corresponde à forma 2 da fase I e à 1a da fase II de M. Martins (1990: 127-129, 146-148) e à 2 de A. Dinis (1991/1992: 127-132).

Forma 3: Pote

Trata-se de uma forma fechada de pança esférica, com um colo muito pequeno ou inexistente. Neste último caso o contacto entre a pança e o bordo faz-se de forma angulosa. Os bordos são divergentes e os lábios arredondados ou rectos horizontais. A pasta é grosseira, arenosa e o acabamento alisado. O seu diâmetro oscila entre os grandes e muito grandes e não apresentam vestígios de uso culinário. Deviam utilizar-se para fins de armazenagem. São raras.

Corresponde à forma 3 da fase I de M. Martins (1990: 127-129).

Forma 4: Pote

Pote de pança tendencialmente esférica ou ovóide, de colo muito curto, bem marcado e bordo esvasado, com lábio arredondado, boleado, recto horizontal ou oblíquo, por vezes, decorado com incisões. A pasta é grosseira, arenosa e o acabamento, frequentemente alisado. Alguns vasos são decorados no lábio (com incisões) ou na pança. São raríssimos os exemplares com fuligem (1 ex.) e apenas já nos finais da Idade do Bronze. O seu diâmetro oscila entre os médio/grandes e grandes. Corresponde, sensivelmente, à forma 2 de S. Jorge (1988: 22-25).

Forma 5: Pote

Esta forma corresponde a potes de pança tendencialmente subcilíndrica, com ausência de colo ou existência de um colo muito ténue. Os bordos são normalmente verticais ou tendencialmente em aba soerguida e os lábios sub-horizontais ou arredondados. A pasta é arenosa, a textura grosseira ou muito grosseira. O acabamento alisado e a base de fundo plano. Por vezes apresentam asas ou aplicações plásticas. Não se conhecem vestígios de fuligem sobre estas peças, com apenas uma excepção. O seu diâmetro oscila entre os médios e os grandes.

Forma 6: Pote

Pote do pança esférica ou ovóide, cujo início do colo é acentuado por uma carena, por vezes pouco acentuada. O bordo é esvasado e o lábio é frequentemente arredondado. A pasta é arenosa, a textura grosseira, o acabamento rugoso ou alisado e a base de fundo plano. Identificámos alguns exemplares decorados sobre as panças com impressões, incisões e aplicações plásticas. O seu diâmetro oscila entre os médios e médios/grandes.

Corresponde, *grosso modo*, à forma 6 de S. Jorge (1988: 22-25).

Forma 7: Pote

Pote de perfil em S, com um colo bastante desenvolvido em altura, embora por vezes pouco acentuado. Nele existe sempre um cordão disposto na horizontal. O bordo pode ser esvasado, sendo, por vezes, quase vertical ou mesmo em aba soerguida. O lábio é frequentemente arredondado, mas pode ser horizontal. Algumas destas formas são providas de asa. A pasta é arenosa, a textura grosseira e o acabamento alisado ou mesmo polido. O seu diâmetro oscila entre os médios (fase mais antiga) e os grandes.

Forma 8: Pote¹

Pote de pança ovóide e de colo alto e recto, frequentemente decorado com incisões várias. O bordo é esvasado e o lábio é arredondado ou recto horizontal. A pasta é arenosa, a textura grosseira, o acabamento alisado e a base de fundo plano. Esta forma apresenta decorações incisivas, por vezes metopadas, no colo. O seu diâmetro enquadra-se nas classes dos médios e médios/grandes.

Corresponde à forma 8 de S. Jorge (1988: 22-25).

Forma 9: Pote

Forma com pança esférica ou ovóide, sem colo, fechada, com bordo reentrante e lábio arredondado ou sub-rectangular. A pasta é grosseira, arenosa e o acabamento alisado, por vezes de forma imperfeita. Forma muito rara.

Forma 10: Potinho/Púcaro

Trata-se de uma forma fechada com pança de perfil esférico ou ovóide. Nos casos das panças esféricas, o colo é bem pronunciado e o bordo esvasado. Nos casos das panças ovóides, o bordo é normalmente vertical. Existem também alguns recipientes desta forma em que o contacto entre a pança e o bordo se faz de forma angulosa. Os lábios podem ser arredondados, adelgaçados e horizontais rectos. Os bordos também podem ser em aba soerguida, pequena, numa fase mais recente. Os púcaros possuem uma ou mais asas de prensão vertical, quer saindo directamente do bordo, quer do colo. Estas podem ser de secção oval, rectangular, triangular ou trapezoidal. A base é de fundo plano. A pasta é variável, sendo essencialmente arenosa, durante o II e a primeira metade do I milénio AC e micácea, a partir dessa data. A textura pode ser grosseira ou mediana/fina e o acabamento varia entre o rugoso (muito raros), o alisado e o polido. Há alguns fragmentos decorados com incisões no início da pança, quer em pastas arenosas, quer em micáceas. São relativamente frequentes os recipientes com vestígios de fuligem, indiciando o seu uso sobre o lume. O seu diâmetro oscila entre os pequenos e os médios.

Corresponde à forma 4 da fase I de M. Martins (1990: 127-129), à 2 da fase II de M. Martins (1990: 142-148), à 4 e 5 de S. Jorge (1988: 22-25), à 6 de A. Dinis (1991/1992: 127-132) e às 28.1, 28.2, 36.2 e 46.1 de J. C. Senna-Martinez (1995: 80, 83, 85).

¹ Não conhecemos nenhuma forma completa na sub-região do Cávado, mas apenas colos com as características apontadas. Baseamo-nos, assim, nas descrições de S. Jorge para esta forma e no recipiente completo proveniente do povoado da Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto), em pleno vale do Ave, região não muito longínqua do Cávado.

Forma 10a: Potinho com carena na pança

Tratam-se de recipientes fechados, de pequena ou média dimensões, semelhantes aos da forma 10 mas apresentando uma carena mais ou menos acentuada na parte média da pança. A pasta é arenosa, grosseira ou mediana e o acabamento alisado ou polido. Os bordos podem ser verticais ou ligeiramente esvasados e os lábios arredondados, adelgaçados, ou sub-horizontais rectos. Esta forma pode ser provida de asa de prensão vertical. As bases são de fundo plano. Esta forma pode ser lisa ou decorada, neste caso, com mamilos sobre a carena. É apenas conhecida em contextos sepulcrais no Noroeste.

Assemelha-se às formas 24.2 e 24.4 de J. C. Senna-Martinez (1995: 80).

Forma 11: Copo/Subcilíndrico

Forma com paredes quase direitas ou subcilíndricas, com ausência de colo e bordo reentrante, vertical, ligeiramente esvasado ou em aba soerguida pequena. Os lábios são arredondados ou sub-horizontais. São por vezes providos de asa de prensão vertical. A pasta é arenosa, a textura grosseira e o acabamento alisado ou polido. A base é de fundo plano. Alguns deles apresentam indícios de fuligem. O seu diâmetro oscila entre os pequenos e os médios/grandes.

Corresponde à forma 27 de J. C. Senna-Martinez (1995: 80).

Forma 12: Taça carenada

Esta forma, aberta, corresponde a recipientes de perfil carenado, carenas estas que podem ser altas, médias ou baixas, muito ou pouco acentuadas. Os bordos podem ser verticais ou esvasados e os lábios, muitas vezes adelgaçados, são, também, arredondados ou boleados. Sobre as carenas são comuns os mamilos arredondados ou alongados, estes últimos, frequentemente com perfuração dupla na vertical. As bases podem ser umbilicais ou de fundo plano. A pasta é arenosa, a textura quase sempre mediana/fina e o acabamento alisado ou polido. Perto dos meados do I milénio AC ocorrem, muito excepcionalmente, carenas pouco acentuadas e taças de pasta micácea. Esta forma diminui consideravelmente à medida que se aproximam os meados do I milénio AC. Está ausente no único contexto que foi possível datar dos finais dos séculos VI e V A.C (S. João de Rei I). Não ocorrem vasos com vestígios de fuligem, indiciando o seu uso para o consumo de bebidas ou alimentos. O diâmetro destas peças oscila entre os pequenos e grandes, estes últimos apareceram apenas num caso (Cabanas).

Corresponde à forma 5 da fase I de M. Martins (1990: 127-129), à 11 de S. Jorge (1988: 22-25), à 4 de A. Dinis (1991/1992: 127-132), às 21, 22.1, 22.2, 31, 32, 33, 34 e 37 de J. C. Senna-Martinez (1995: 80, 85) e às IA, IA', IC e IG de A. Lopes (1993: 69-86, 90-92, 98-108).

Forma 13a, 13b e 13c: Bordos horizontais

Esta forma compreende vasos de pança hemisférica, de bordos horizontais grandes, com 2cm ou mais (13a), médios, com abas entre 1 a 2cm (13b) e pequenos, com abas de menos de 1cm (13c). Estes bordos podem ter abas rectilíneas, côncavas ou mesmo ligeiramente convexas, frequentemente decoradas, com incisões, impressões ou brunidos (por vezes em organização metopada), sobretudo as das formas 13a. Os bordos da forma 13c são lisos. Os lábios podem ser arredondados ou boleados. Alguns dos vasos da forma 13a tem asa de prensão vertical. As pastas são arenosas, de textura grosseira ou mediana e acabamento, por vezes, bastante alisado. As bases são côncavas ou de fundo plano. Todas estas três formas apresentam indícios de terem estado sobre a acção do fogo. Os seus diâmetros variam entre os pequenos e médios.

A forma 13a, corresponde à forma 3 de S. Jorge (1988: 22-25).

Forma 14: Tronco cónico

O vaso tronco cónico é um recipiente aberto, de paredes divergentes e de bordo vertical, esvasado ou em aba soerguida em relação ao corpo do vaso. O seu diâmetro de base é sempre inferior ao

de boca. Apresenta base plana e pode ser decorado com fiadas de mamilos ou outras aplicações plásticas sob o bordo. Pode ser provido de asa de prensão vertical. A pasta é grosseira e o acabamento geralmente alisado, embora, por vezes, com irregularidades. São muito raros em contextos habitacionais mas frequentes em sepulcrais. O seu diâmetro oscila entre os pequenos e os médios.

Não contabilizámos aqui os fragmentos com decoração incisa metopada de tipo "Penha" com esta forma por os associarmos a outros contextos cronológicos e culturais.

Corresponderá esta forma à 8 da fase I de M. Martins (1990: 127-129), cuja inserção no grupo dos troncocónicos a autora coloca em dúvida (MARTINS, 1988: 140)?

Corresponde à forma 26 de J. C. Senna-Martinez (1995: 80).

Forma 15: Urna

Recipiente de pança globular, com ausência de colo pois o bordo contacta com a pança de forma angulosa. O bordo é sempre bastante esvasado e os lábios adelgaçados e arredondados. Algumas apresentam asas de prensão vertical, normalmente saindo do bordo. A base é de fundo plano. A pasta é arenosa, de textura mediana/fina ou grosseira (1 ex.), com acabamento normalmente polido, se bem que possam existir peças alisadas. Num dos casos há uma peça com bordo serrilhado. São muito raras as urnas com fuligem, indiciando o seu uso provável em actividades rituais que implicam o uso do fogo. São raras nos finais da Idade do Bronze e desaparecem na transição para a Idade do Ferro. O seu diâmetro é médio embora as alturas sejam muito variadas.

Corresponde à forma 9 da fase I de M. Martins (1990: 127-129), às 5 e 7 de A. Dinis (1991/1992: 127-132), às 22.3 e 38 de J. C. Senna-Martinez (1995: 80, 83) e à IB de A. Lopes (1993: 87-89).

Forma 16: Vasos geminados

Os vasos geminados, podem ser constituídos por dois ou mais recipientes unidos pelo bordo e pança. Apenas conhecemos esta união em formas carenadas de base de fundo umbilical. São peças de pasta arenosa, mediana/fina e de acabamento polido. Na sub-região do Cávado apenas conhecemos o exemplar triplo do que agora denominamos S. Julião Ib. A sua funcionalidade deverá ser ritual.

Corresponde à forma 10 da fase I de M. Martins (1990: 127-129) e IU de A. Lopes (1993: 138-141).

Forma 17: Prato

Forma muito aberta, de paredes divergentes, bordo vertical ou ligeiramente esvasado e de lábio arredondado ou boleado. A base parece ser de fundo plano. A pasta é arenosa, grosseira ou mediana/fina e de acabamento polido e alisado. Não indiciam fuligem. Os diâmetros são médios e médio/grandes. Esta forma é raríssima (2 a 3 exs.) e aparece apenas nos finais da Idade do Bronze.

Corresponde à forma 7 da fase I de M. Martins (1990: 127-129)

Forma 18: Panela de asa interior

Recipiente aberto, de paredes mais ou menos côncavas, com bordos no prolongamento das panças. Os lábios são arredondados ou horizontais, a base de fundo plano e as pastas arenosas ou micáceas. Os recipientes de pasta arenosa são muito raros. Esta forma aparece nos finais da Idade do Bronze e aumenta consideravelmente pelos meados do I milénio AC, onde já é quase exclusivamente micácea. O acabamento é apenas alisado. Todas estas peças são providas de asas interiores, maioritariamente de prensão horizontal e de secções circulares ou semicirculares, muito embora tenhamos detectado um exemplar de asa de secção sub-rectangular que foi repuxada do corpo do vaso (Susão). São relativamente frequentes os vasos com vestígios de fuligem, indiciando o seu uso sobre o lume. O seu diâmetro oscila entre os médios e os grandes.

Corresponde à forma 4 da fase II de M. Martins (1990: 142-149), à 16 de C. A. F. de Almeida (1974: 195) e à IIIA de A. Lopes (1993: 158-159).

Forma 19: Tampa

Por tampa designamos dois recipientes de planta circular e de secção rectangular. São de pasta arenosa, grosseira e alisada e com diâmetros pequenos mas nunca inferiores a 7cm. Uma delas foi detectada no povoado de Cabanas I, dos finais da Idade do Bronze e o outro cobria o vaso da forma 11 do depósito do Lugar da Mata/Sequeade, muito provavelmente do II milénio AC.

Forma 20: Pote

Forma fechada, com pança bem desenvolvida, de perfil esférico, com colo recto ou curto e bordo vertical. O lábio é horizontal ou sub-horizontal. A pasta é grosseira, arenosa ou arenosa/micácea e o acabamento alisado. Apenas num dos casos encontrámos indícios de fuligem. O seu diâmetro oscila entre os pequenos e os médios. Esta forma é muito rara nos finais da Idade do Bronze (3 exs.), mas desconhecida do II milénio AC na bacia do Cávado. Parece assentar em formas do Calcolítico do Norte de Portugal.

Forma 21: Vaso de aba horizontal interior

Forma aberta de paredes tendencialmente direitas de bordo desenvolvido em aba horizontal interior. A pasta é arenosa, grosseira e de acabamento alisado. Não contém fuligem. O seu diâmetro é médio/grande. É uma forma muito rara.

Forma 22: Malga

Forma aberta, de pança esférica ou semi-esférica, com bordos no seu prolongamento ou ligeiramente esvasados e lábios arredondados ou adelgaçados. A pasta é arenosa, grosseira ou mediana e de acabamento alisado ou polido. Uma peça desta forma era provida de um aplique, de secção rectangular e perfurado, e outra, apresentava decoração em grinaldas de tipo Cogotas I. Algumas indiciam fuligem. Os seus diâmetros variam entre os pequenos e os grandes. São raras durante todo este período.

Corresponde à forma 6 da fase I de M. Martins (1990: 127-129).

Forma 23: Tigela

Forma aberta, de paredes semi-esféricas ou quase direitas, com bordos no prolongamento das panças, esvasados ou em aba horizontal pequena. Os lábios são arredondados ou rectos horizontais. A pasta é arenosa, grosseira e de acabamento alisado, embora nos meados do I milénio AC as pastas passem a ser micáceas. Os seus diâmetros eram médios.

Corresponde, *grosso modo*, à forma 3, variante B da fase II de M. Martins (1990: 142-149), embora se distingam nos bordos.

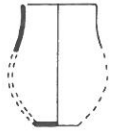
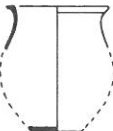


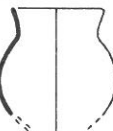

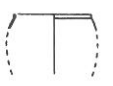








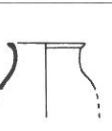
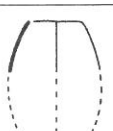
1			
1b			
1c			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			

Tabela Formal












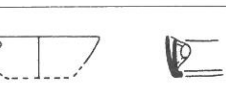




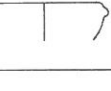
10	
10a	
11	
12	
13a	
13b	
13c	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	

Tabela Formal

**OS DADOS DE ESCAVAÇÕES ANTIGAS:
REAValiaÇÃO SUMÁRIA**

A OCUPAÇÃO DA IDADE DO BRONZE NO ALTO DA CIVIDADE (BRAGA)

1. INTRODUÇÃO (Est. I a IV)

O Alto da Cividade é um sítio arqueológico localizado no topo e início da vertente nordeste de um remate de esporão, de baixa altitude e em paisagem de vale. Localiza-se na freguesia da Cividade, concelho de Braga.

Os primeiros indícios de uma ocupação pré-romana no Alto da Cividade remontam a 1977, altura em que se realizaram trabalhos no limite norte do tabuleiro da Colina de Maximinos e a escavação da sondagem B16. Os trabalhos, sob a orientação técnica e científica de Francisco Alves e Francisco Sande Lemos, continuam em 1979 ano em que se efectuam escavações no quadrante nordeste do Alto da Cividade, designadamente na zona S, onde se detectam novas estruturas e espólio pré-romano.

A primeira referência a estruturas e louça de fabrico manual neste local é efectuada, de forma sumária, por A. Gaspar que insere as cerâmicas no então designado grupo de tipo "Alpiarça" (GASPAR *et alii*, 1986: 33). Em 1989 M. Delgado fala já de "... *um habitat da Idade do Bronze, que subsistiu, parcialmente, sob os alicerces das construções romanas*" (DELGADO *et alii*, 1989: 9).

Uma inserção cronológico-cultural mais precisa destes achados foi efectuada por M. Martins que, em 1990, os assume como do Bronze Final e classifica o local como um povoado de fossas (MARTINS, 1990: 81). Esta interpretação é subscrita por A. Dinis (1993: 36-37).

Nos finais de 1995 e inícios de 1996 novas sondagens são efectuadas na confluência das ruas Dr. Rocha Peixoto e de S. Sebastião, por parte do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, sob a direcção técnica e científica de Armandino Cunha. Nesta área, a nor-nordeste da zona denominada Alto da Cividade, vieram a confirmar-se novas evidências de uma ocupação pré-romana.

O objectivo principal que presidiu à reavaliação das antigas escavações foi o de tentarmos precisar a integração cronológico-cultural da ocupação, a distribuição espacial da mesma e a sua identificação funcional.

2. ESCAVAÇÕES

As intervenções de 1977 e 1979 apresentam um registo, incompleto, mas elucidativo nalguns aspectos importantes. O de mais difícil interpretação é o perfil do "Muro Norte", aberto por uma máquina e no qual se procedeu a uma limpeza genérica. A estratigrafia bastante complexa, a caracterização sumária da mesma nos cadernos de campo e a ausência de divisões estratigráficas nalgumas áreas, dificultou, em parte, o nosso trabalho.

O perfil B-B não oferece grandes dificuldades de leitura. As camadas estão identificadas e descritas, embora de forma sumária. Quanto ao quadrado B16, faltam-nos indicações pormenorizadas sobre a metodologia de escavação e sobre o enchimento da fossa aí encontrada, bem como eventuais perfis e plantas. Existe, no entanto, um bom registo fotográfico da estrutura mais antiga, acompanhado de escala. Os dados relativos a 1979 são um pouco mais completos. No sector S abriram-se cinco quadrados de 4m x 4m, orien-

tados a noroeste e designados por S1, S2, S3, S4 e S5. Após a decapagem da camada humosa, a escavação realizou-se por níveis artificiais. Todos os perfis foram desenhados, na escala 1: 20 e cotados segundo o ponto topográfico N.º 1, referenciado na planta.

Em 1995 e 1996 a área de intervenção foi subdividida em dois sectores, o A e o B, distanciados entre si 24m. A quadrícula que os cobria, com quadrados de 4m x 4m, orientava-se segundo o Norte magnético. No sector A foi apenas aberto o quadrado 105 e no B parte dos 705 e 805, por vicissitudes do terreno e devido à construção de estruturas actuais. Aqui, as camadas detectadas em ambos os cortes foram numeradas de cima para baixo, com algarismos árabes, por vezes subdivididas por letras, quando tal se tornou necessário. As estruturas foram indicadas com numeração árabe. Todas as estruturas e perfis foram desenhados, cotados, fotografados e filmados.

O espólio de todas as intervenções encontra-se no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

2.1. ESCAVAÇÕES DE 1977 (Est. IV)

Perfil do “Muro Norte”

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO (Est. IV e V)

Este perfil, de grande dimensão, apresenta uma estratigrafia algo complexa. De uma forma geral, sobre a arena, existe uma camada de terra negra, com bastantes calhaus quartzíticos, na qual se abriram, no saibro, várias fossas de morfologia variada. Na designada zona 1 conseguimos descrever o enchimento de duas destas estruturas que denominámos de fossa 1 e fossa 2. Na zona 3, detectámos outras três estruturas abertas no saibro (fossas 3, 5 e 6). Noutras “banquetes” deste perfil apareceu outra fossa aberta no saibro que designámos de 4.

FOSSA 1

Camada 8: caracterizava-se por terras de cor negra, com calhaus quartzíticos.

Camada 8b: caracterizava-se por terras de cor castanha.

FOSSA 2

Camada 8: caracterizava-se por terras de cor negra, com calhaus quartzíticos.

Camada 9: caracterizava-se por terras de cor acinzentada.

N.º DA FOSSA	MORFOLOGIA/PERFIL	DIMENSÕES (larg. x prof.)
Fossa 1	Subcircular	0,80m x 0,40m
Fossa 2	Rectangular (cortada)	0,66m x 0,60m
Fossa 3	Sub-rectangular	1m x 0,90m
Fossa 4	Sub-ovóide (estrang. de boca)	c. 0,82m x 1,12m
Fossa 5	Sub-ovóide (irregular)	1,08m x 1,30m
Fossa 6	Subcircular	0,90m x 0,56m
Fossa 7	Sub-ovóide	c. 0,82m x 1,04m

Na zona 1, a camada de terra negra continha fragmentos de panças cerâmicas que Francisco Sande Lemos classificou como pré-romanas. Também na fossa 1 e 5 ocorreram, igualmente, fragmentos cerâmicos. Não foi possível observar este espólio por razões alheias à nossa vontade.

Perfil B-B (Est. IV e VI: 1)

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO

A limpeza do perfil B-B, localizado a este da estrutura romana conhecida por "Casa da Bica", permitiu verificar a existência de 6 camadas estratigráficas. A última, assente directamente sobre a arena granítica e designada por 5, não continha espólio de época romana, ao contrário da que se lhe sobrepunha.

Camada 5: caracterizava-se por terras de cor muito negra, com grande quantidade de calhaus de quartzo.

Nesta camada nota-se o que parece ser uma fossa aberta no saibro, com 1m de largura no sentido norte-sul e mais de 54cm de profundidade¹ (fossa 8). Uma pequena depressão na arena, de cerca de 10cm de profundidade, por 22cm de largura poderá corresponder a um buraco de poste. Não foi analisado o eventual espólio proveniente desta camada.

Sondagem B16 (Est. IV)

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO

Na base da sondagem B16, foi detectada uma fossa aberta no saibro, de planta, aparentemente, circular, com cerca de 60cm de diâmetro. Continha um enchimento de terra muito negra. Desconhecemos se foi escavada e se continha espólio.

2.2. ESCAVAÇÕES DE 1979 (Est. IV)

Quadrado S2

ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS (Est. IV e VI: 2)

No decorrer dos trabalhos realizados nesse ano foi aberto um perfil no sentido norte-sul, pelo lado este, a meio do quadrado S2. Este apresentava 2 camadas estratigráficas. A primeira designada por "0" correspondia à camada humosa e a 1, com algumas subdivisões, poderá atribuir-se à época romana ou a revolvimentos posteriores a este período. Em parte perturbada pela camada 1 foi detectada uma fossa aberta no saibro (fossa 9), cujo enchimento passamos a discriminar:

Camada 1: caracterizava-se por terras de cor negra, com muito quartzo. Corresponde à perturbação da camada superior.

¹ O desenho de campo parece indiciar que não se teria limpo o perfil até à base desta estrutura.

Camada 2: caracterizava-se por terras castanhas escuras, com bolsas de arena granítica. No topo desta camada existe um bloco lítico de dimensões médias. Na parte intermédia ocorre uma deposição sub-horizontal de carvões aglomerados, com 10cm de espessura média.

Camada 3: caracterizava-se por terras de cor castanha clara.

Esta fossa, de perfil ovóide, tinha cerca de 1,20m de profundidade, por 1,20 de diâmetro de bordo, no sentido norte-sul. As características da camada 1, bem como a inclinação do bloco pétreo na parte superior da 2, fazem-nos pôr a hipótese de uma deposição por arrastamento de, pelo menos, parte desta estrutura.

ESPÓLIO

Cerâmicas (Est. XI)

Na concentração de carvões da camada 2 exumaram-se 2 bordos. Um deles, com perfil completo, correspondia à forma 15, i. é, a uma urna. O segundo a um pote da forma 1.

A urna, de pasta arenosa mediana/fina apresentava algumas partículas de mica que cremos da própria argila, tinha as superfícies polidas e era de cor castanha. No interior da base existiam ainda restos de matéria orgânica. Toda a parede inferior interna tinha uma coloração mais escura.

O pote 1, de pasta grosseira, cor bege, também com alguma mica da argila, não indiciava vestígios de fuligem e tinha um diâmetro médio/grande.

2.3. ESCAVAÇÕES DE 1995/1996 (Est. IV)

Sector A

ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS (Est. VII, VIII, X)

A escavação do quadrado 105, permitiu verificar a existência de um perfil com cerca de 4,30m de profundidade, onde se inscreviam 12 camadas estratigráficas e 2 fossas abertas no saibro. A observação das estruturas e do espólio levou-nos a concluir que nenhuma das 12 camadas correspondia a uma ocupação da Idade do Bronze, pelo que considerámos dispensável a sua descrição. Apenas as fossas, uma conservada por baixo de um muro romano (fossa 10), e a outra, preservada por uma camada de saibro (fossa 11), merecem a nossa atenção especial, por estarem, se não no todo, pelo menos em parte, bem conservadas.

FOSSA 10

Camada 16: caracterizava-se por terras de cor negra, argilosas finas, de fraca compacidade, com pedra miúda e algumas pedras dispersas, de granito e quartzo.

FOSSA 11

Camada 13: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, argilosas finas, de pequena compacidade, com carvões, cascalho e pedra miúda, de granito e quartzo.

Camada 14: caracterizava-se por terras de cor bege acinzentada, argilosas finas, de pequena compacidade.

Camada 14a: caracterizava-se por terras de cor bege amarelada, argilosas finas, de pequena compacidade.

Camada 15: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, argilosas finas, de pequena compactidade, com carvões dispersos.

A fossa 10, de perfil troncocónico, com cerca de 1,30 x 1,18m de abertura de boca, tinha 89cm de profundidade máxima e foi, em parte, alterada por um muro construído por cima. A fossa 11, detectada no perfil Este, apresentava forma sub-ovóide, 1,10m de abertura de boca, no sentido norte-sul e tinha cerca de 1,12 m de profundidade.

ESPÓLIO

Cerâmicas (Est. XII)

Os fragmentos cerâmicos técnica e morfológicamente enquadráveis na Idade do Bronze (18 ex.) recolheram-se na fossa 10, onde eram exclusivos, nas várias camadas da base do quadrado, onde se misturavam com material de construção romano e na camada humosa. Este pormenor parece indicar a destruição total da camada de ocupação da Idade do Bronze com a qual se relacionariam as fossas abertas no saibro.

CAMADA/ESTRUTURA	N.º DE FRAGMENTOS	FRAGMENTOS
Camada 1	3	Panças
Camada 7	5	Panças
Camada 8 (base do muro 2)	2	1 pança; 1 bordo
Camada 12	3	2 panças; 1 base
Fossa 11, camada 13	5	4 panças; 1 base

Distribuição da cerâmica da Idade do Bronze por camadas

A maioria dos fragmentos de fabrico manual era de pasta arenosa (94%), contra 1 de pasta arenosa/micácea (6%). Predominavam as texturas grosseira (83%), embora estivessem representadas as medianas/finas (17%). Os acabamentos podiam ser alisados (88%), vassourados (6%) ou polidos (6%). Estes últimos manifestavam-se sempre em panças de textura mediana/fina. A cozedura era de uma maneira geral regular (78%), mas existiam indícios de peças mal cozidas (22%). Apenas num apareceram lípidos na superfície interior de uma pança de cor alaranjada. As tonalidades destas cerâmicas variavam entre os alaranjados e os castanhos.

Formas

A única forma detectada corresponde a um potinho/púcaro, de bordo vertical, de lábio adelgado, textura grosseira, superfícies alisadas, má cozedura e perfurada na pança. O diâmetro de boca ultrapassa pouco os 10cm.

Bases

A base encontrada na camada 12 apresenta fundo plano, textura grosseira, má cozedura e acabamento rugoso no interior. Era de cor castanha alaranjada com um diâmetro, entre os 19 e os 29cm. A da fossa 11, de pequenas dimensões, era também de textura grosseira, mas alisada e contendo material orgânico.

Decorações

A única peça decorada era uma pança com impressões quadrangulares ténues, dispostas em 3 fiadas e formando, aparentemente uma banda. A pasta era de textura grosseira e a cor castanha alaranjada.

Ecofactos

Recolheram-se terras de ambas as fossas para análises da composição química dos solos, para extracção de madeira carbonizada e eventuais sementes e frutos passíveis de estudo pormenorizado. As amostras foram enviadas para a Faculdade de Farmácia da Universidade de Santiago de Compostela e não foram estudadas por razões alheias à nossa vontade.

Sector B

ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS (Est. VII)

A escavação de parte dos quadrado 705/805, tornou possível a identificação de um perfil com cerca de 2m de profundidade máxima, onde se inscreviam 9 camadas estratigráficas. A observação atenta da estratigrafia e do espólio permite admitir, com exclusão da camada 9 (directamente sobre o solo de base), que todas as outras correspondiam a épocas históricas. Dispensámos a sua descrição por motivos óbvios, apenas valorizando a que corresponde à Idade do Bronze:

Camada 9: caracterizava-se por terras de cor castanha ou castanha escura, bastante argilosas, de pequena compacidade, com cascalho e pedra miúda dispersos, de granito e quartzo. Ocorre apenas na metade Sul do quadrado, em zona não perturbada por uma grande vala de fundação aberta em época posterior.

Esta camada parece relacionar-se com dois ou três possíveis buracos de poste. Um deles, cortado na arena granítica, possuía cerca de 24cm de diâmetro por 4cm de profundidade e continha cerâmica. Um outro, de planta rectangular, apresenta 40cm de comprimento por 26 de largura e 16 de profundidade. Um terceiro (?), na base da camada 9, aparece apenas esboçado no perfil oeste.

ESPÓLIO

Cerâmico (Est. XIII)

O espólio desta camada corresponde a 13 fragmentos cerâmicos de fabrico manual, pasta arenosa, de textura grosseira e cores entre o bege, o alaranjado e o castanho. Todas as superfícies estavam alisadas ou corroídas e não eram evidentes sinais de lípidos ou de outras matérias orgânicas.

Deste conjunto individualizámos 1 bordo e 2 panças decoradas passíveis de estudo mais detalhado.

Formas

O único bordo encontrado, esvasado, correspondia a um pote da forma 4 e apresentava má cozedura. As superfícies encontravam-se corroídas. Não foi possível identificar as suas dimensões.

Decorações

Apenas reconhecemos a técnica da aplicação plástica, sob a forma de mamilos alongados em 2 panças, ambas grosseiras, uma delas alisada e a outra corroída, que poderão corresponder ao mesmo recipiente atendendo ao tipo de pasta e de cor.

Na camada 5, de alteração, e sensivelmente à mesma cota da 4, detectámos, ao lado de espólio de várias épocas, um fragmento de pança com características técnicas inseríveis na Idade do Bronze. Esta ocorrência só vem provar a alteração da camada 4, cortada para a implantação de uma estrutura pós-romana.

COMENTÁRIO AO ESPÓLIO

Uma análise global do espólio cerâmico (33 fragmentos) demonstrou pouca variedade formal e escassez de decoração (3 ex.).

FRAGMENTOS	QUANT.
Bordos	4
Bases	1
Panças decoradas	3
TOTAIS	8

A esta pequena quantidade de bordos correspondem três formas.

FORMAS	QUANT.	(%)
Potes	2	(50%)
Potinhos/púcaros	1	(25%)
Urna	1	(25%)
TOTAIS	4	(100%)

Entre os potes destacamos a forma 1 e a 4, ambos sem vestígios de fuligem. Um deles, bem como o potinho/púcaro eram de má cozedura. Com excepção da forma 15, todas as outras eram de texturas grosseiras e alisadas. Os diâmetros variam entre os pequenos (potinho), os médios (urna) e os médios/grandes (pote 1).

Identificaram-se duas técnicas decorativas: a plástica, através de mamilos alongados, aparentemente do mesmo recipiente e a impressa, com 1 banda composta por pequenos rectângulos muito ténues.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência estratigráfica, as estruturas encontradas e o tipo de espólio associado indica a existência, no Alto da Cividade, de uma ocupação atribuível à Idade do Bronze. Apesar das dificuldades em interpretar os perfis de 1977 e da destruição de parte da camada deste período, a fraca potência estratigráfica da camada da Idade do Bronze, bem como o tipo de estruturas, que nunca se sobrepõem, podemos admitir estarmos perante um só momento de ocupação, que se teria desenvolvido, quer na plataforma superior, quer no início da vertente nordeste.

A distribuição espacial das estruturas e o conjunto do espólio, embora pouco abundante, parece espalhar-se por uma área considerável. Este conjunto de dados poderá apoiar, ainda que como hipótese académica, um tipo de ocupação de curta/média duração.

Quanto à operacionalidade deste local parece possível admitir que tenha funcionado como "povoado" de vocação essencialmente agrícola, ocupado ou reocupado durante o ciclo vegetativo de algumas plantas. As características deste sítio que se coadunam com esta hipótese de trabalho são:

- localização geográfica, junto de solos agrícolas, bem irrigados;
- proximidade da importante reserva de água para o homem e animais, constituída pelo vale do Este;
- proximidade do corredor de transporte e de escoamento de bens, constituída pelo vale do Este ou do Cávado;
- número considerável de estruturas em fossa, na plataforma superior, local de boa drenagem;
- perda da função original de algumas fossas ainda na Idade do Bronze, visível pelas características e topografia da disposição das camadas no seu interior. Fossas com funções sepulcrais ou rituais teriam tendência para permanecerem invioláveis, atendendo ao seu carácter simbólico;
- presença de uma base cerâmica de grandes dimensões reveladora da existência de vasos de provisões;
- existência de espólio cerâmico (potes das formas 1 e 4), sem vestígios de fuligem ou indícios de gorduras, para transporte ou armazenagem de produtos secos;
- a presença de actividades associadas às tarefas diárias pode testemunhar-se pela existência da forma potinho/púcaro, bem como de uma pança com vestígios de lípidos no interior, atestando a transformação de ingredientes.

É certo que nos faltam as estruturas de habitação, as lareiras, os moinhos, a presença de restos arqueozoológicos, as sementes e os resultados da antracologia para uma melhor reconstituição funcional, paleo-ambiental e paleoclimática desta jazida. Neste sentido todas as nossas hipóteses deverão encarar-se como questões que levem a novas intervenções arqueológicas neste local, bem como a uma análise criteriosa do espólio encontrado nos trabalhos de 1977, quer na camada interpretada como pré-romana, quer nas subseqüentes.

Na ausência de datas de radiocarbono tentámos uma inserção cronológica deste povoado baseada em paralelos com contextos similares do Norte e Centro de Portugal. As características genéricas deste local são conhecidas, no Noroeste de Portugal, desde a primeira metade do II milénio até ao primeiro quartel do I milénio AC². Se estas balizas cronológicas são ainda demasiado latas, vejamos os paralelos para o conjunto do espólio. De uma forma geral os potes das formas 2 e 4 e o potinho/púcaro são também elementos de grande pervivência temporal. Apenas a forma 15 parece enquadrar-se em parâmetros cronológicos mais curtos. Aparece, no Norte de Portugal, em contextos de povoado no primeiro quartel do I milénio AC, nomeadamente, em S. Julião Ib – Vila Verde e Castelo de Matos – Baião (DINIS, 1991/1992: 128, Est. II). Na Beira Alta, estas peças aparecem no Horizonte Baiões/Santa Luzia, dos finais da Idade do Bronze, embora se prefigurem no Bronze Inicial/Médio da mesma área (SENNA-MARTINEZ, 1995: 81-83). Na Beira Interior, insere-se no último quartel do II milénio AC no povoado do Monte do Frade³ (VILAÇA, 1955: 153, 155, 162) e entre o séc. XIII ao IX AC no povoado da Moreirinha (*Id. ibidem*: 232, 236).

Assim, ainda que provisoriamente e baseados nos paralelos mais próximos, os do Norte de Portugal, inscrevemos o povoado do Alto da Cividade, no primeiro quartel do I milénio AC. Em abono desta cronologia salientamos ainda a presença da decoração mamilar alongada, comum neste período em vários povoados da região, como o de S. Julião Ia, Ib e Ic e o da Santinha I (BETTENCOURT, 1999; 2000b).

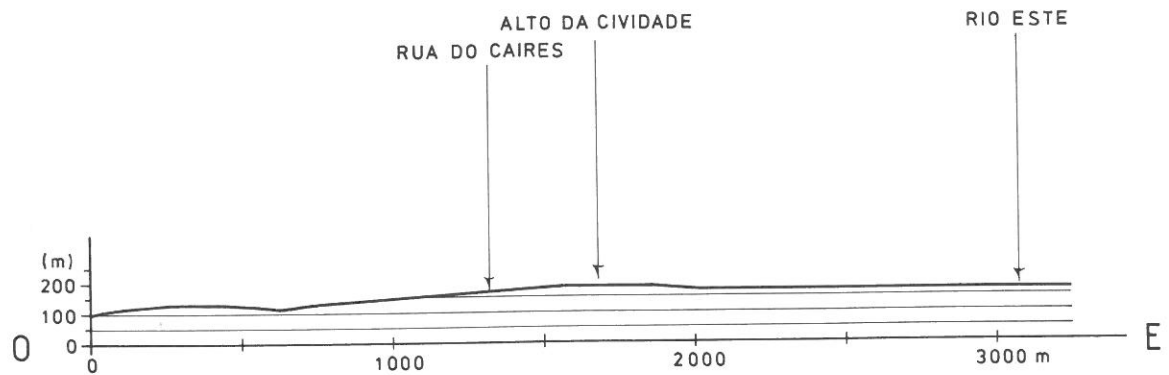
² Entre os povoados de fossas mais antigos destaca-se o da Sola II, em Braga (BETTENCOURT, 1991/1992; 1997) e a primeira fase da Bouça do Frade, em Baião (S. JORGE, com. pessoal). Na transição do II para o I milénio AC contamos com o povoado de Santa Ana, em Chaves (P. M. SANTOS, 1995: 117 e com. pessoal). Para o primeiro quartel do I milénio AC, salientamos o da Santinha I e II, em Amares (BETTENCOURT, 1997), o da Lavra II, em Marco de Canaveses (SANCHES, 1995: 116) e a última fase da Bouça do Frade, ambos em Baião (JORGE, 1988: 64).

³ Não contemplámos a data de radiocarbono ICEN-970, por apresentar um desvio padrão de ± 100 .

ESTAMPAS

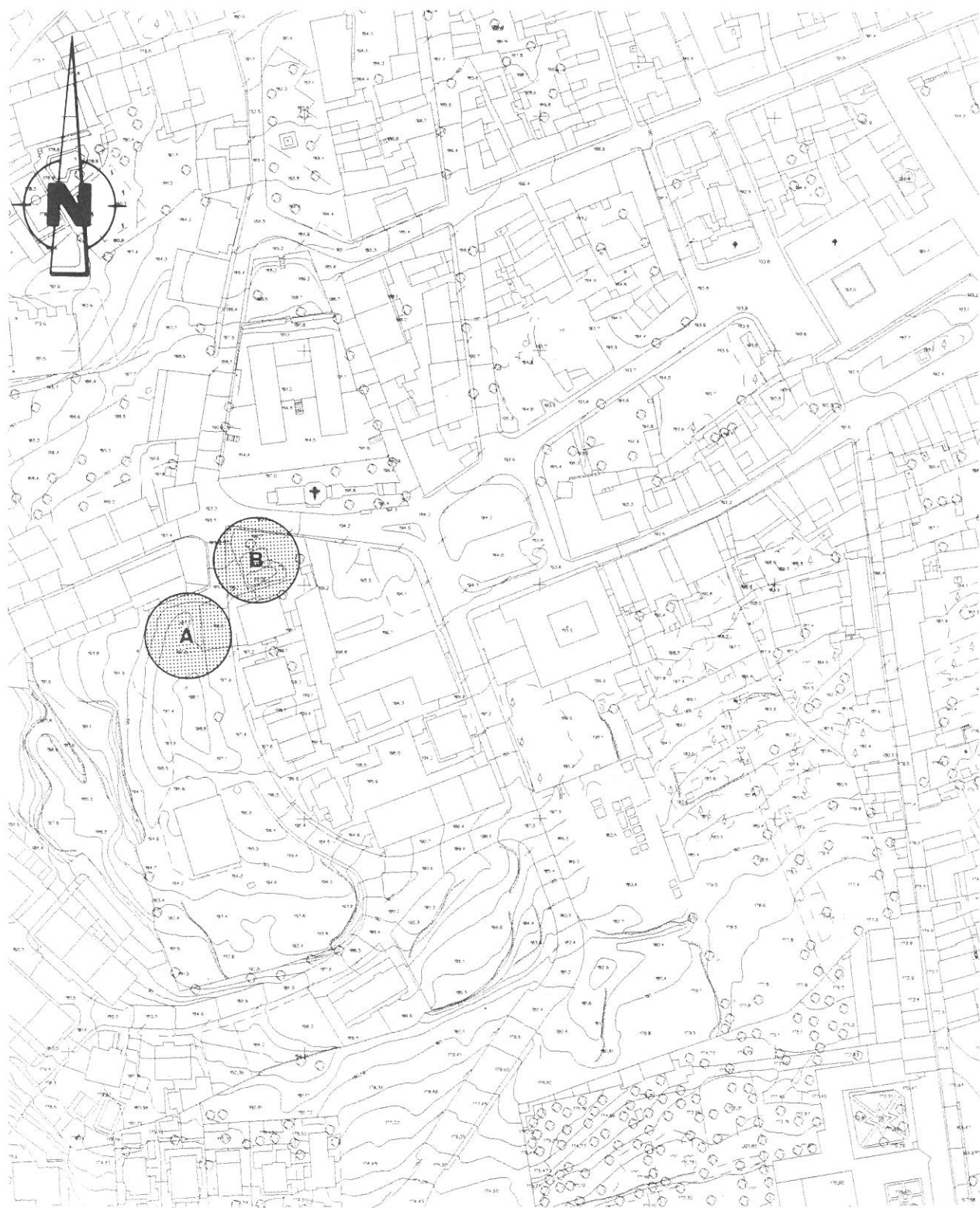


1

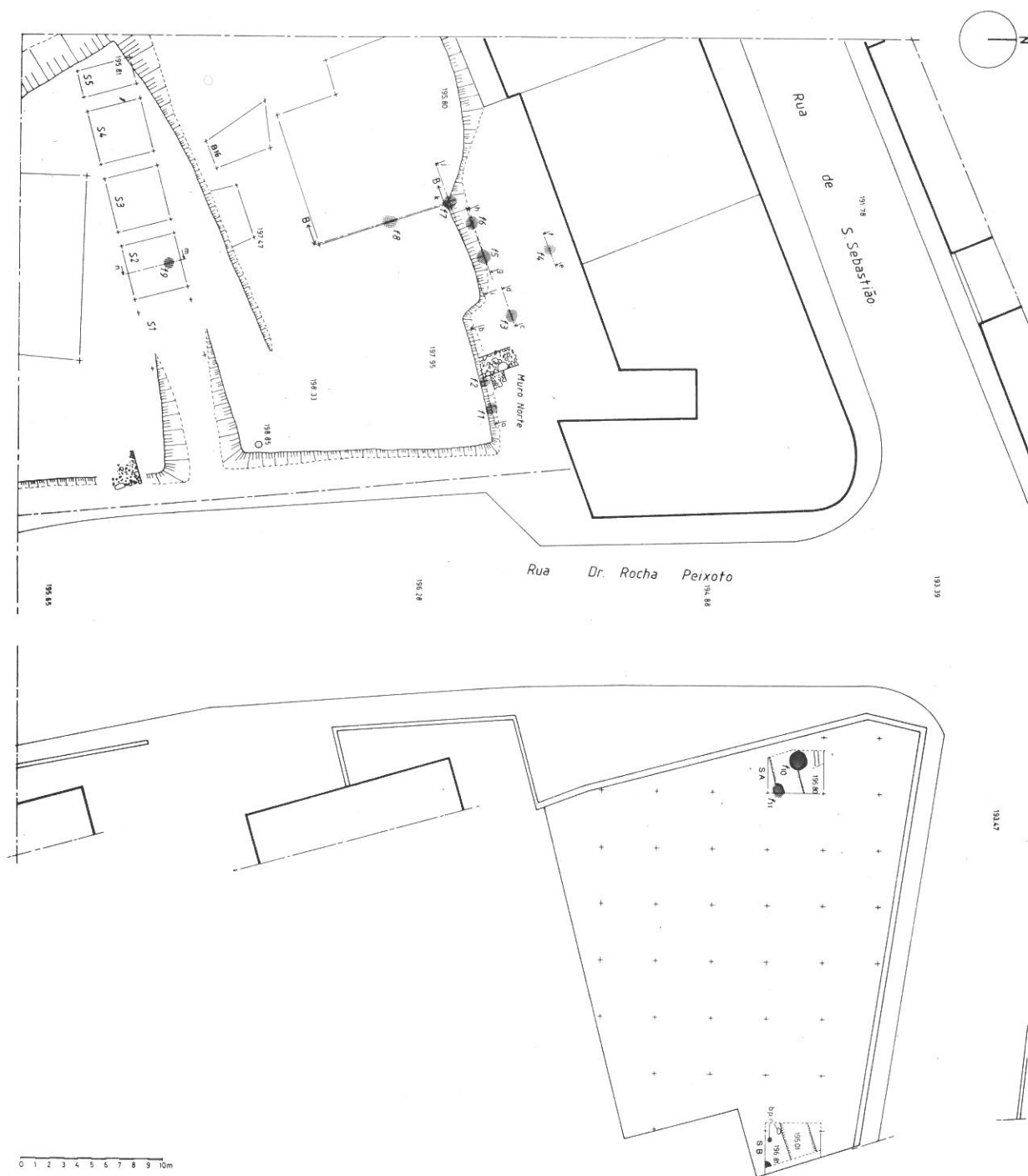


2

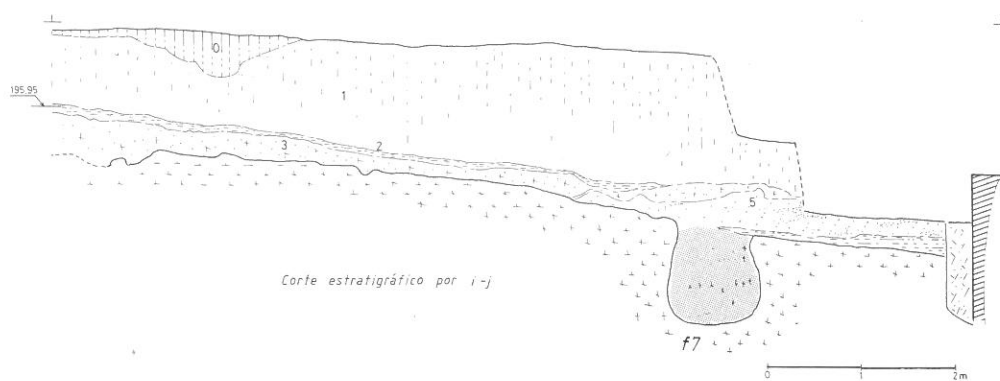
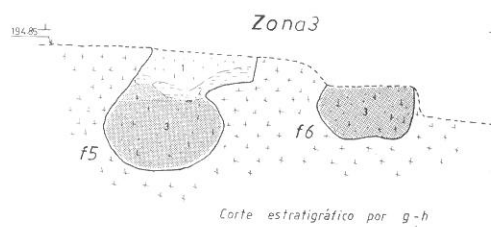
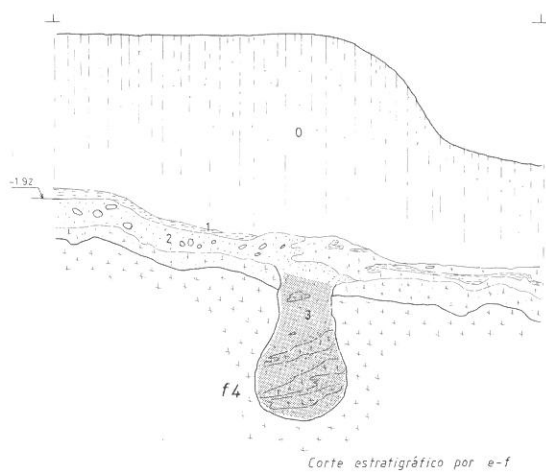
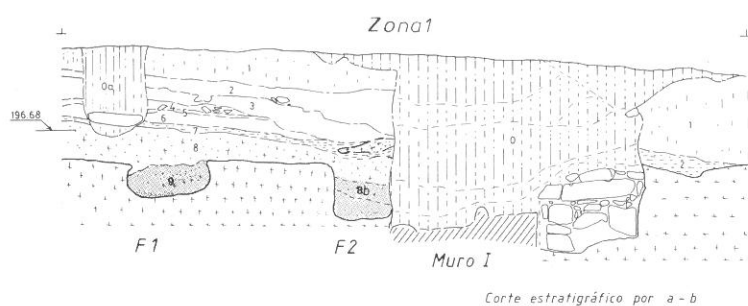
1 - Localização do povoado na C. M. P., na esc. 1: 25 000; 2 - Perfil topográfico deste povoado em relação ao vale do rio Este.



Localização das áreas escavadas na esc. 1: 2 500. A – Alto da Cividade; B – Gaveto das ruas Dr. Rocha Peixoto e de S. Sebastião.

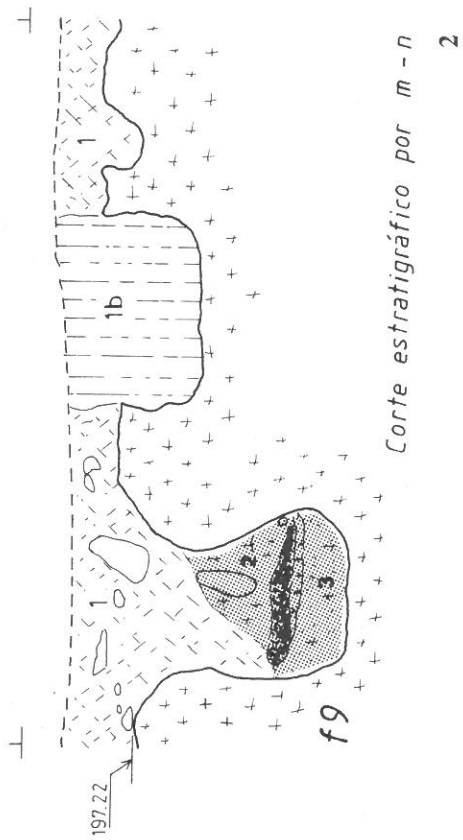
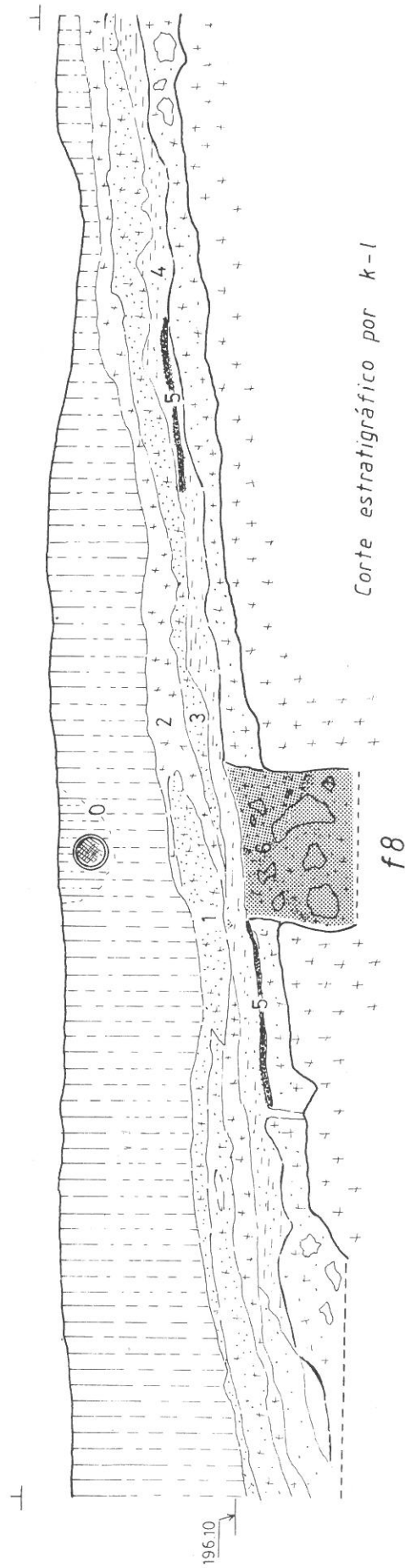


Planta geral das escavações desde 1977 a 1996.

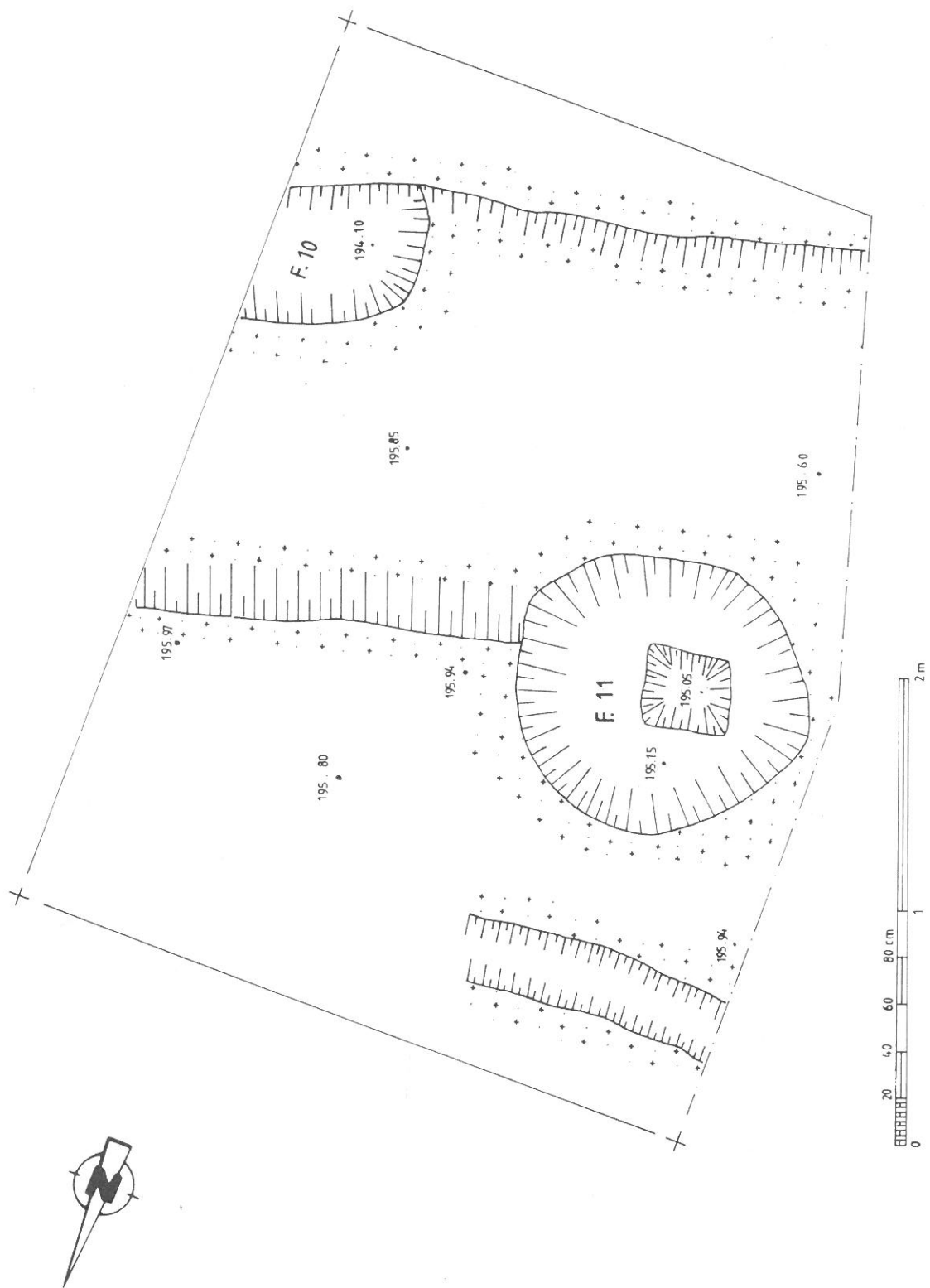


Perfis e fossas encontradas na área designada "Muro Norte".

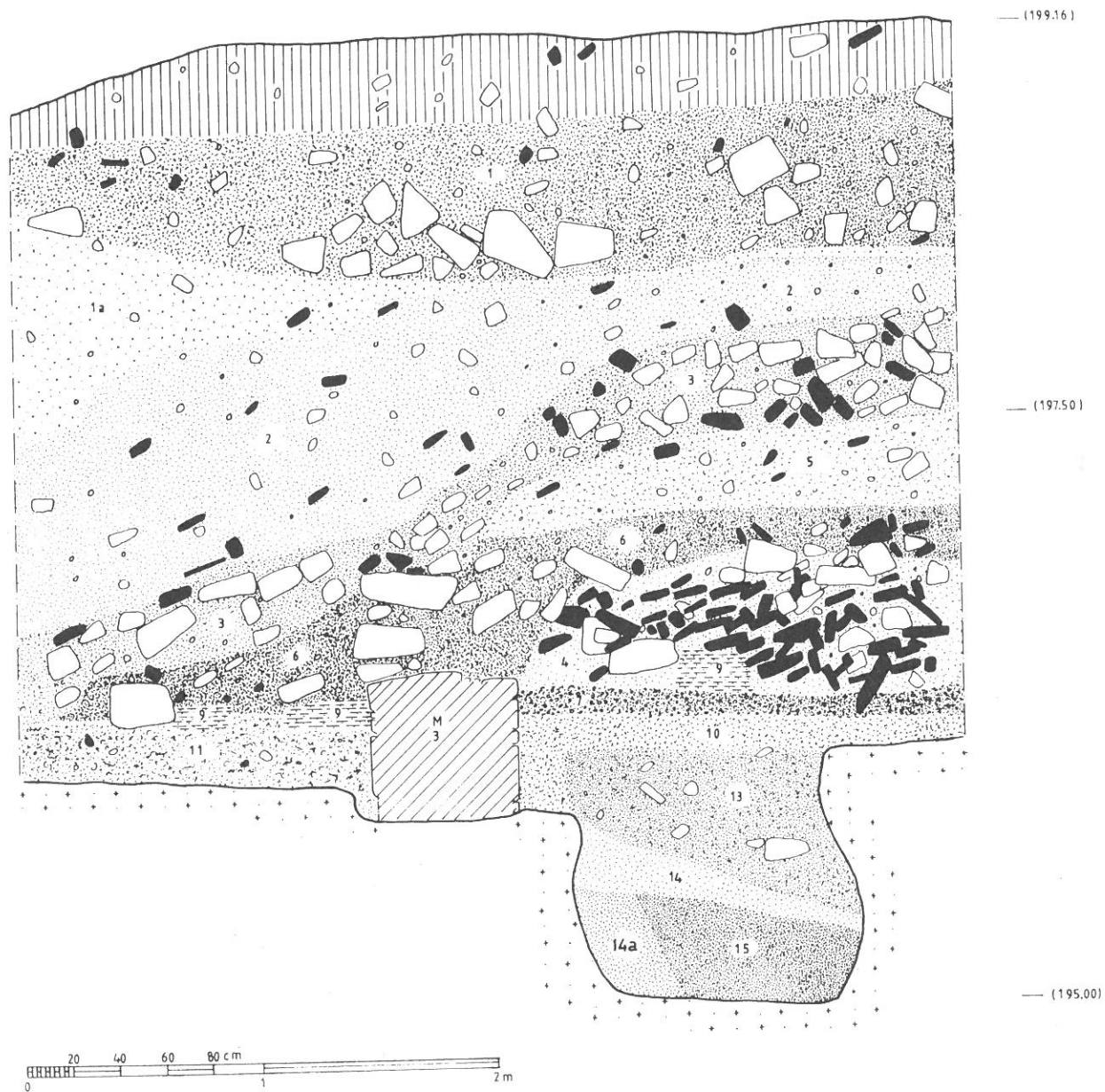
Perfil B-B



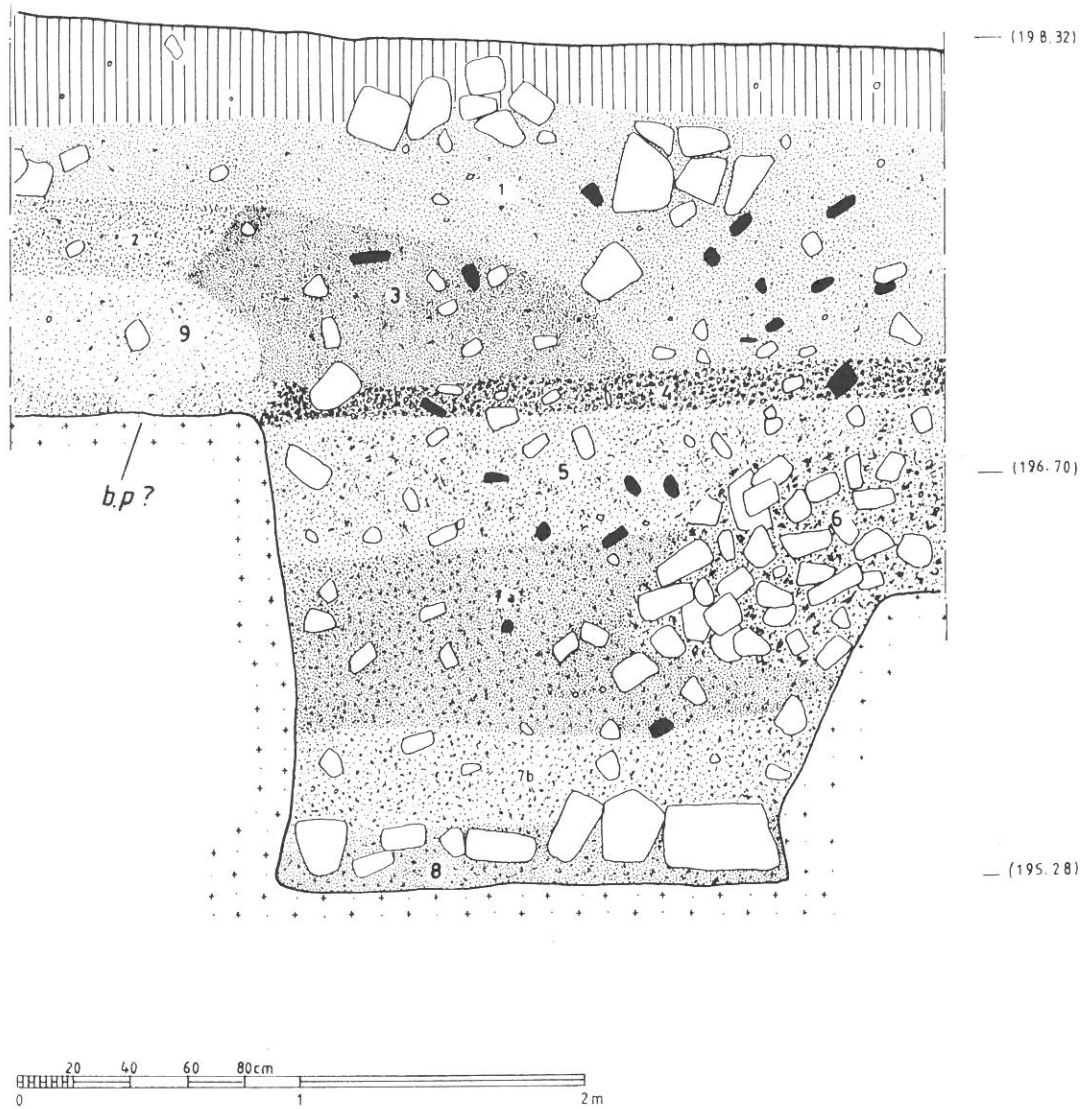
1 - Perfil B-B e enchimento da fossa 8; 2 - Enchimento da fossa 9 encontrada no quadrado S2.



Sector A: Planta das fossas 10 e 11.



Sector A: Enchimento da fossa 11.

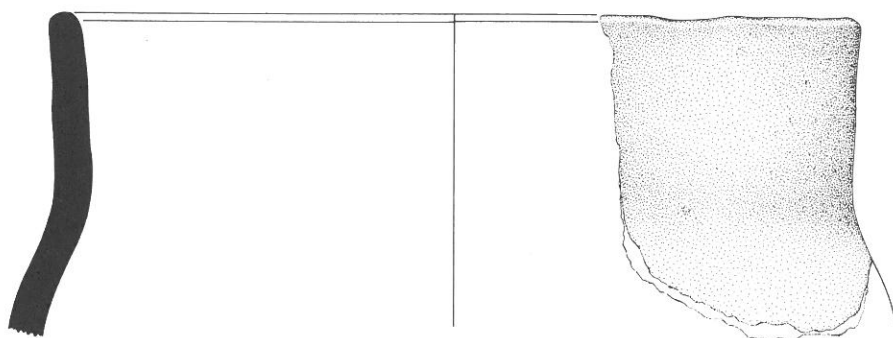


Sector B: Perfil oeste deste sector com provável representação de um buraco de poste na camada 9.

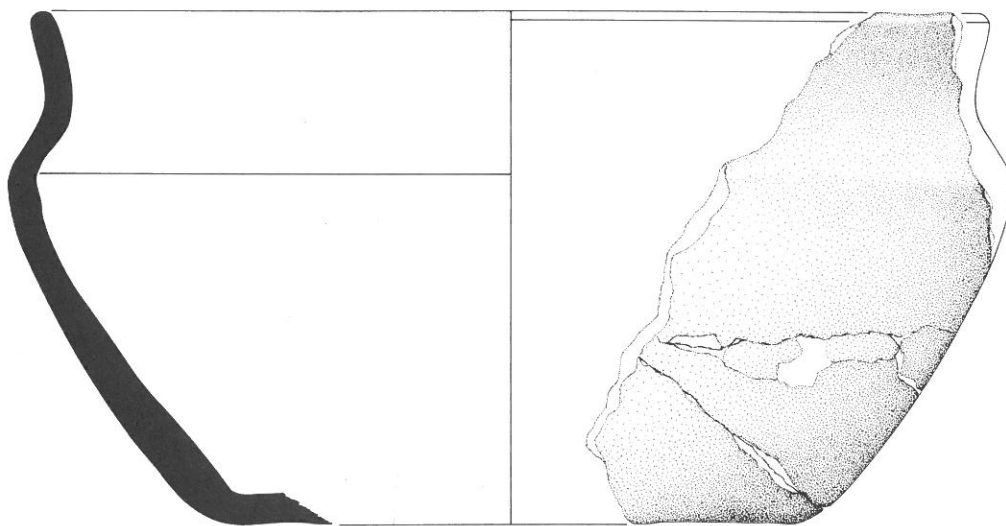
Est. X



Escavações de 1995 – Sector A: Fossa 10 e 11. A 11 encontra-se parcialmente escavada (fot. do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga).

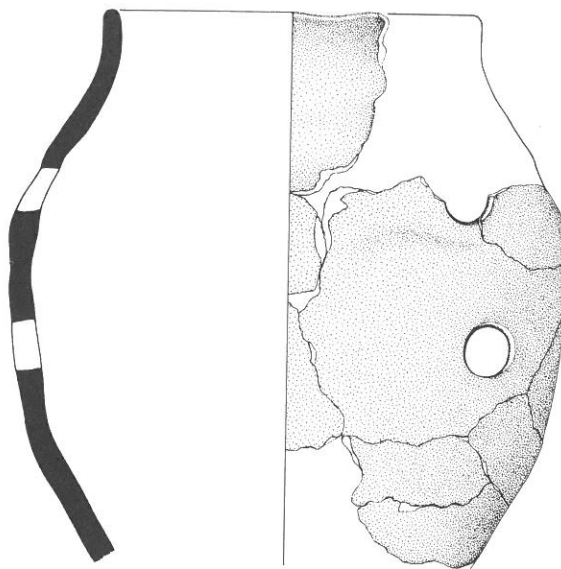


1



2

Alto da Cidade I: Cerâmica detectada nas escavações de 1979. Esc. 1/2.



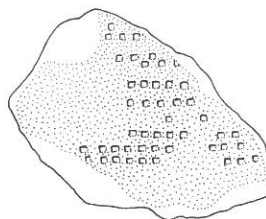
1



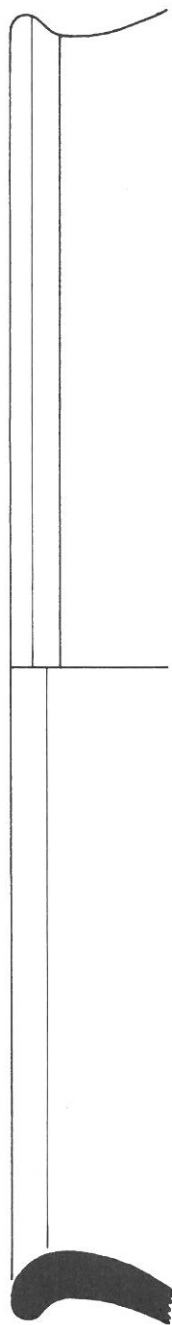
2



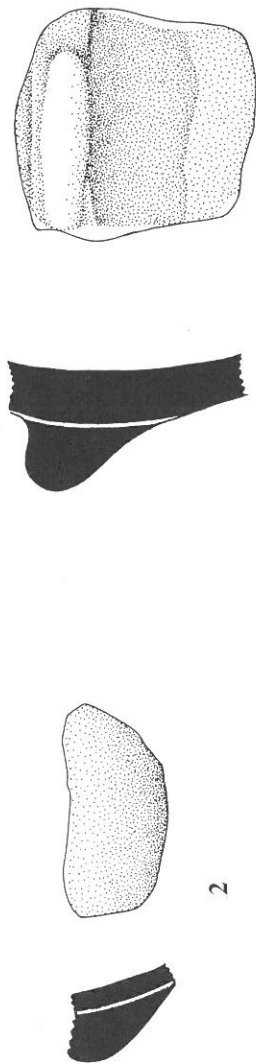
3



4



1



2

3

Alto da Cividade I – Sector B: Cerâmica encontrada nas escavações de 1995/1996. Redução de 1/3.

O CASTELO DE FARIA (BARCELOS) DURANTE A IDADE DO BRONZE

1. INTRODUÇÃO (Est. I e II)

O Castelo de Faria é um povoado de cume, localizado em área de montanha. Localiza-se nas freguesias de Gilmonde e Milhazes, concelho de Barcelos.

As primeiras intervenções “arqueológicas”, da responsabilidade do Grupo dos Alcaldes de Faria, datam de 1929 e de 1932 a 1949, sem carácter de continuidade (ALMEIDA, 1982a: 81-82). Destes trabalhos resultou a descoberta de estruturas de habitação, na acrópole e nas vertentes este e sudeste e de vários panos de “muralhas”, bem como de inúmeros artefactos que permitiram integrar o povoado no Ferro Recente, na Romanização e na Idade Média. De todas estas intervenções resultaram, apenas, artigos pontuais e muito incompletos, no Boletim dos Alcaldes de Faria. Em 1978, Abílio Américo de Faria¹, parece ser o responsável pela abertura de uma vala de sondagem, cujos resultados, publicados parcialmente, não apresentam qualquer planta (COSTA *et alii*, 1980). Entre 1981 e 1984 C. A. B. de Almeida dirige novas escavações no local. Destes trabalhos resultaram, também, publicações sumárias onde o autor oscila em considerar a cerâmica de tipo “Penha” como do Bronze Final (ALMEIDA, 1985b: 51) ou do Calcolítico (ALMEIDA, 1985c: 51). Nessa data, admite, também, ocupações desde a primeira Idade do Ferro à Idade Média (ALMEIDA, 1985c: 51-52). Posteriormente, sugere uma ocupação Calcolítica e outra dos séculos VII-VI a. C. para este povoado (ALMEIDA, 1990: 55 e 266-267; ALMEIDA, 1996: 344).

Os objectivos principais que presidiram à reavaliação do espólio deste sítio arqueológico foi o de tentarmos precisar a cronologia da(s) ocupação(ões) anteriores à Idade do Ferro, a identificação de cerâmicas enquadráveis nos inícios do Ferro Inicial e a distribuição espacial dessas ocupações.

2. ESCAVAÇÕES (Est. III e IV)

ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS

Das primeiras intervenções não há qualquer registo estratigráfico. Dos trabalhos realizados, em 1978, sabemos que se efectuou uma vala de sondagem, na vertente noroeste do povoado². Nela foram encontrados 8 camadas estratigráficas, num perfil com cerca de 1,50m de profundidade, onde se distinguiram quatro pavimentos, que selavam várias camadas. O responsável pelos trabalhos salienta que a estratigrafia apresentava um “... carácter seguido...” com espólio bem definido cronológico-culturalmente, com excepção

¹ Informação de C. A. B. de Almeida, a quem agradecemos a autorização para reavaliar o espólio do Castelo de Faria.

² Na publicação de 1980 (COSTA *et alii*, 1980: 22), os autores referem ter aberto uma vala de sondagem, na vertente norte-sul, entre a muralha da acrópole e a seguinte, em terreno inclinado. Como esta informação nos pareceu confusa, apurámos, junto de C. A. B. de Almeida, a localização exacta da escavação. Esta foi realizada a noroeste e parece corresponder ao sector B.

da camada 8. Aqui, a cerâmica de fabrico manual e a presença de um vaso carenado, tornaram difícil a integração cronológica (COSTA *et alii*, 1980: 22).

As escavações de C. A. B. de Almeida, em 1981, incidiram na vertente sudoeste³ do povoado, em área adjacente às construções aí descobertas, onde abriu quadrados de 4 x 4m. A esta zona denomina de Sector A (ALMEIDA, 1985b: 50-51).

Este autor não efectua qualquer descrição estratigráfica mas refere que só os estratos superiores foram escavados. Neles identifica novas construções habitacionais e espólio que insere na romanização, embora notifique a presença de fabricos da Idade Média, de escorrência. Abre, igualmente, uma sondagem no exterior da terceira muralha (sector C?), onde diz ter encontrado, em camadas subjacentes a esta estrutura, cerâmicas de tipo "Penha" e "bouquique" (ALMEIDA, 1982a; 1985b: 50-51). Em 1982 continua os trabalhos anteriores, escavando no interior de algumas habitações, sem precisar em que sectores ou áreas do povoado (ALMEIDA, 1985b: 51). Refere, ainda, a recolha, em vários quadrados, equidistantes, de cerâmicas de tipo "Penha", embora especifique não ter encontrado estruturas associadas. Além desta ocupação, assume a existência de outras da Idade do Ferro e da Romanização, separadas da primeira por um hiato ocupacional.

Em conversa mantida com este autor precisámos que, em 1983, efectuou limpezas na plataforma superior e realizou escavações na vertente noroeste, onde prolongou a vala de sondagem de 1978. Em 1984 efectua escavações na acrópole e continua os trabalhos no sector A, i. é, na vertente sudoeste.

Apesar destas informações e das recolhidas em C. A. B. de Almeida (1996), continuámos a ter dificuldades em enquadrar espacialmente todo o material observado, por falta de uma planta do povoado com a implantação das quadrículas, que se esperava encontrar na sua dissertação de doutoramento.

ESPÓLIO

Observámos todos os fragmentos cerâmicos depositados no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos. A distinção entre os artefactos Calcólíticos, da Idade do Bronze e do Ferro Inicial operou-se através de critérios técnicos, formais e decorativos, por comparação com séries contextualizadas cronológico-culturalmente.

O espólio atribuível ao Calcólítico é vasto e variado em termos decorativos, embora não seja possível comprovar a sua contemporaneidade. Existem cerâmicas decoradas com incisões metopadas de tipo "Penha", penteadas, com puncionamento arrastado e impressas, com pequenos círculos (Est. V).

ESPÓLIO DA IDADE DO BRONZE (Est. VI a XVI)

Isolámos cerca de 800 fragmentos cerâmicos de fabrico manual, de pasta arenosa e arenosa/micácea, de textura grosseira e fina. Considerámos, igualmente, deste período, um fragmento de machado, encontrado em associação com algumas cerâmicas, na zona mais elevada da área circunscrita pela segunda muralha, ou seja, perto da acrópole (ALMEIDA, 1996: 342), uma "sanguessuga" e um provável coto de lança, em bronze.

³ O autor diz nordeste, por lapso, pois refere que as escavações se efectuaram em área adjacente à casa 4 que assinala numa planta antiga (ALMEIDA, 1982: 84 a 87).

FRAGMENTOS CERÂMICOS	QUANT.
Bordos	100
Bases	26
Panças decorados	7
Panças carenadas	8
Panças carenadas/decoradas	1
Asas	17
Discos	2
TOTAIS	159

A este número considerável de bordos, corresponde uma grande diversidade formal. Salientamos a fraca percentagem de decorações (6%)⁴ e o aparecimento de 2 discos.

FORMAS	QUANT.	(%)
Potes	45	(45%)
Potinhos/púcaros	11	(11%)
Taças carenadas	4	(4%)
Malgas	3	(3%)
Panelas de asa interior	2	(2%)
Indeterminadas	35	(35%)
TOTAIS	100	(100%)

A maioria dos bordos corresponde a potes de morfologia variada e a potinhos/púcaros (56%). Estes últimos são, em grande parte, de textura mediana/fina (82%) e de superfícies polidas (73%). Alguns fragmentos têm vestígios de fuligem ou de lípidos (18%). As taças carenadas apresentam texturas finas (75%) e grosseiras. As malgas foram fabricadas em pastas arenosas.

POTES	FORMAS	(%)
Pote 1	18	(40%)
Pote 1b	6	(13%)
Pote 1c	2	(5%)
Pote 2	18	(40%)
Pote 7	1	(2%)
TOTAIS	45	(100%)

É curioso verificar, entre os potes, a presença de bordos em aba soerguida e em pequena aba horizontal, ainda em pastas arenosas grosseiras.

A inexistência de fuligem nas formas 1b e 1c, de diâmetros médios e grandes indicia peças para armazenagem ou transporte. O mesmo se poderá dizer de muitas das formas 1 e 2, de médias e grandes dimensões.

⁴ Quantificámos as panças e os fragmentos de bordo que apresentavam decoração sobre as panças.

Apesar da escassa percentagem de cerâmicas decoradas detectámos as técnicas da impressão, da incisão e a plástica. As incisões manifestam-se através de espatulamentos muito ténues e de “bouquique”, a impressão através de dedadas e a plástica, através de cordões horizontais e de mamilos. Todos estes elementos se distribuem sobre as panças.

As asas deverão pertencer essencialmente a púcaros, pois as secções são quadrangulares, rectangulares e triangulares, em 71% dos casos. Apenas duas, uma circular e outra oval poderão associar-se a painéis de asa interior. As restantes são indetermináveis.

Todas as bases identificáveis são de fundo plano.

ESPÓLIO DE TRANSIÇÃO BRONZE/FERRO OU DO FERRO INICIAL

Verificámos que muitos dos fragmentos micáceos eram de fabrico manual, com panças de textura grosseira, por vezes com palhetas de mica de grande calibre e mal distribuídas.

Além das panças simples identificámos alguns bordos, 1 base, 1 pança decorada e 1 cossoiro. Os bordos correspondem a uma grande monotonia de formas, talvez, pela escassez da amostragem. Classificámos apenas as formas 1b, 1c e 2, pertencentes a potes. A única base estudada pertencia a um fundo plano e a pança era decorada com um cordão inciso.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na quase total ausência de dados sobre a estratigrafia e as estruturas encontradas nas escavações deste povoado, usámos as siglas do espólio cerâmico e a análise do material de cada camada para estabelecermos sucessões de ocupação.

Segundo esta fonte foi possível admitir, para a **plataforma superior** do povoado, três momentos de ocupação. O mais recente, também materializado por estruturas pétreas, corresponde à Idade Média. Um momento intermédio, ter-se-ia desenvolvido durante o Ferro Recente e/ou Romanização e a fase mais antiga inserir-se-ia na Idade do Bronze. Cremos que o espólio da área de escavação denominada de “Fossa da Casa Grande”, o das camadas 3 e 6 da área da “Porta do Lado Norte” e a sua presença, apenas a partir da camada 4, da área do “Cast. R. sul”, poderão indicar ocupações deste período, ainda *in situ*, embora C. A. B. de Almeida (1996: 344) refira que os fragmentos da Idade do Bronze, na acrópole, se encontram em níveis de revolvimento. Não são conhecidos indicadores artefactuais da Idade do Ferro Inicial, pelo que, na ausência de outros dados, admitimos uma descontinuidade de ocupação, nesta zona do povoado.

No sector A, **vertente sudoeste**, confirmam-se vestígios da Idade do Bronze, quer através da estratigrafia invertida, quer de vários níveis de ocupação. Documentam-se na área denominada “Casa Redonda”, quadrado XV, camadas 10 e 12a. Nesse sector apareceram “... restos de uma estrutura feita à base de elementos vegetais” que C. A. B. de Almeida (1996: 344) considerou deste período.

Na **vertente noroeste**, o material das escavações de 1978, proveniente das camadas 6, 7 e 8, indicia uma ou várias ocupações da Idade do Bronze. C. A. B. de Almeida ao escavar, também, nesta área do povoado, admite a existência de espólio pobre mas enquadrável neste período (com. pessoal).

A análise do material de escavações em **locais que desconhecemos** revelou uma maior diacronia de ocupação. Aparecem elementos atribuíveis ao Calcolítico, nas vertentes este e sul⁵ e na camada 3 do qua-

⁵ A este propósito diz C. A. B. Almeida (1996: 341) que “A fazer fé nos achados cerâmicos que se estendem desde a base da muralha que rodeia a acrópole (M1), até à base exterior da M3, esta (ocupação do Calcolítico) espalhar-se-ia pela encosta nascente e sul à sombra das volumosas penedias”.

drado XLIII onde detectámos uma grande acumulação de cerâmicas deste período. Não sabemos interpretar esta ocorrência pois desconhecemos se se tratava da última camada deste quadrado, pelo que as reservas a uma ocupação *in situ*, são muitas. À Idade do Bronze podemos atribuir as camadas 17 e 18 do quadrado LVIII e as 16, 17 e 18 do quadrado LXVIII, contíguos⁶, a 11 do quadrado LXXIV/LXXV e a 10 F do quadrado LXIV/LXV (?). Na 17 do quadrado LXVIII apareceu argila de revestimento com impressões vegetais e material de construção de estruturas perecíveis. Eventualmente, alguns destes quadrados e camadas ficariam nas vertentes este e sudeste (sector C), onde C. A. B. de Almeida (1996: 344) diz ter ocorrido "... uma sucessão de pisos e lareiras, sem qualquer estrutura pétrica relacionável".

Em **suma**, podemos dizer que no povoado de Faria existem dois grandes **momentos de ocupação**, anteriores à Idade do Ferro: o mais antigo integra-se no Calcolítico e o seguinte, na Idade do Bronze. As relações entre estas duas fases não são claras e, obviamente, só novas escavações no local poderão contribuir para esclarecer esta problemática.

O espólio do Calcolítico, paraleliza com o de muitos povoados da região, embora, não se conheçam, em nenhum deles, contextos de ocupação, estruturas e datações radiométricas. Integramo-lo, genericamente, entre os meados do IV e os meados do III milénio AC, por comparação com espólio semelhante no Nordeste do país.

Se para a ocupação do Calcolítico não temos dados para avaliar da sua distribuição espacial na área do povoado, com excepção da referência às vertentes este e sul, sabemos que, durante a Idade do Bronze, Faria foi habitada na acrópole e na vertentes noroeste, este e sudeste (ALMEIDA, 1996: 340 e segs.).

Para estabelecer a cronologia das possíveis ocupações deste período apenas nos podemos servir das analogias com povoados onde a cerâmica se encontra bem contextualizada e datada. Assim, com todas as reservas que a investigação obriga, não podemos deixar de nos interrogarmos sobre a cronologia das camadas 16, 17 e 18 do quadrado LXVIII e da 18 do quadrado LVIII, contíguos. Aqui, apenas registámos formas de potes, potinhos/púcaros e malgas. Entre os primeiros, destacamos a grande percentagem da forma 1b, em pasta arenosa, que representa 83% do total desta forma no povoado⁷, acompanhada das formas 1, 2 e 7. De referir que esta última apenas aparece neste contexto (Est. VI; VII).

Os paralelos para este tipo de associação formal apenas se conhecem em contextos do segundo quartel do II milénio AC, no povoado da Sola, em Braga. Também aqui, a forma 7, bastante comum e a 1b, com alguma expressão, se associam aos potes 1 e 2 e aos potinhos/púcaros. Embora não possuindo dados seguros para datar as camadas de Faria, em questão, não excluimos a hipótese de se poderem inserir no II milénio AC. Em abono de uma ocupação antiga neste povoado, recordamos a descoberta, em contextos desconhecidos, de fragmentos cerâmicos de tipo "Cogotas I", com decoração "bouquique" formando grinaldas (Est. XVI) e de um possível vaso troncocónico referenciado por S. Jorge (1986: 818).

Há, no entanto, outras camadas, sobrejacentes às referidas, com materiais da Idade do Bronze que paralelizam com ocupações dos finais do II milénio aos inícios do segundo quartel do I milénio AC da região, como as que encontramos em S. Julião Ia, Ib e Ic (Vila Verde) (BETTENCOURT, 1999; 2000b), Barbudo I (Vila Verde) (MARTINS, 1989), Santinha I e II (Amares) (BETTENCOURT, 1999), Castelo de Matos (Baião) (DINIS, 1993/1994), Lavra II (Marco de Canaveses) (SANCHES, 1995) e Coto da Pena I, (Caminha) (SILVA, 1986), pelo que admitimos, para Faria, uma grande diacronia de ocupação, durante a Idade do Bronze.

Um momento de transição Bronze/Ferro parece documentar-se nas camadas 9, 11, 12 e 14 do quadrado LXVIII⁸, sobrejacentes a ocupações da Idade do Bronze, o que poderá indiciar continuidade.

Cerâmicas características dos inícios da Idade do Ferro ocorrem nas camadas 9 do quadrado XLIX e na 6 do quadrado L, provavelmente *in situ*. Muito embora não tenhamos registado, nos quadrados anali-

⁶ Há fragmentos cerâmicos da camada 16 do quadrado LXVIII que colam com outros da camada 18 do quadrado LVIII, motivo pelo qual admitimos esta contiguidade.

⁷ Em todas as camadas observadas esta forma ocorre 6 vezes, sendo 5 provenientes das camadas mais profundas aqui referenciadas.

⁸ Registe-se que não vimos a sucessão estratigráfica completa, ou por corresponder a camadas estéreis ou por não se encontrarem no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

sados, continuidade espacial entre estes níveis e os de transição, pensamos que isso se deverá mais ao facto de não conhecermos a sucessão completa de muitos dos quadrados, pelo que a descontinuidade poderá ser apenas aparente. A verificar-se tal, poderíamos confirmar a assumpção de C. A. B. de Almeida (1996: 342) de que existiu em Faria uma ocupação, "aparentemente sem hiatos", desde o Bronze Final até à romanização.

As potencialidades estratigráficas deste povoado e as novas interrogações que sobre ele se podem levantar tornam urgente a publicação de uma monografia pormenorizada sobre os trabalhos de C. A. B. de Almeida, a limpeza de alguns dos perfis de antigas escavações para obtenção de ecofactos datáveis pelo radiocarbono e, eventualmente, novas escavações, com uma metodologia que se ajuste às problemáticas agora levantadas.

CATÁLOGO DOS MATERIAIS ATRIBUÍVEIS À IDADE DO BRONZE

CERÂMICAS

Recolhas de superfície ou descontextualizadas

Bordos (Est. XVI)

[C.F, n.º 188 (sup)] Fragmento de **púcaro**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado com asa de prensão lateral, no início da pança. Esta é de secção rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: cerca de 9cm.

Forma 10.

[S/C] Fragmento de **pote** de bordo em aba horizontal pequena e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha no exterior e negra no interior.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1c.

[S/C] Fragmento de **púcaro**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado, com asa de secção rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e cor bege/negra. Apresenta vestígios de fuligem no exterior interior.

Diâmetro externo da boca: 17,4cm.

Forma 10.

[S/C] Fragmento de **malga** de bordo reentrante e lábio adelgado arredondado, com decoração bouquique, de tipo "Cogotas I", sob o bordo. Fabrico manual, de pasta arenosa, textura fina, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: > 19cm.

Forma 22.

[S/C] Fragmento de **malga**, de bordo reentrante e lábio adelgado arredondado, com asa de prensão lateral, no início da pança. Esta é de secção circular. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 22.

[S/C] Fragmento de **panela de asa interior**, de bordo vertical e lábio arredondado, com asa de secção sub-rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 18.

Panças decoradas

[S/C] Fragmento de **pança** com decoração bouquique, com organização decorativa em grinaldas de tipo "Cogotas I". Fabrico manual, de pasta arenosa, textura mediana, de superfície alisada e cor bege.

Discos

[S/C] Dois **discos** de cerâmica arenosa, grosseira, de cor castanha.

METAIS

[S/C] Uma sanguessuga, em bronze.

[S/C] Um coto de lança (?), em bronze, com rebarbas de fundição.

CERÂMICAS

Escavações de C. A. B. de Almeida na plataforma superior (Est. VIII a X)

[C.F – 84 Castelo – Casa Grande (1, 2, 3 e 4)] Todas estas camadas se encontram revolvidas. O espólio

encontrado insere-se na Idade Média, na Romanização e na Idade do Bronze. Descreveremos apenas algumas peças deste último período.

[C.F – 84 Cast.] **Base** de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor bege no exterior e negra no interior devido aos vestígios orgânicos que aí se encontram. Superfície alisada. Diâmetro externo da base: 0-10cm.

[C.F – 84 Cast. (2)] Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada. Diâmetro externo da boca: 11-19cm.
Forma 2.

Fragmento de **pança com decoração** plástica em forma de cordão horizontal, no início da pança. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, textura grosseira, de superfície alisada e de cor castanha. No interior encontra-se matéria orgânica.

[C.F – 84 Cast. (3)] Fragmento de **pança carenada** com decoração **plástica** em forma de mamilo alongado, duplamente perfurado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de textura fina, superfície polida e de cor negra.

[C.F – 84 Cast. (4)] Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
Forma 1.

[C.F – 84 Castelo (?) – Casa Grande (fossa)] Todo o material desta fossa é de fabrico manual e de pasta arenosa, com excepção de 1 fragmento micáceo, que consideramos intrusivo.

[C.F – 84 Castelo – Casa Grande] Fragmento de **taça carenada** de bordo esvasado e lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e de cor castanha. Diâmetro externo da boca: 25cm.
Forma 12.

[C.F – 84 Castelo – entre a muralha e o muro (2)] O espólio exumado indicia uma camada revolvida, com materiais da Idade Média, da Romanização e da Idade do Bronze.

[C.F – 84 Castelo (?) – junto ao muro (Porta)] Nesta zona detectou-se 22 panças, 13 de fabrico manual e pasta arenosa e 9 micáceas, aparentemente, evolucionadas, bem como 1 base de fundo plano, arenosa, de superfície alisada e cor bege.

[C.F – 84 Porta do lado norte (2)] Esta camada parece corresponder a um nível revolvido. Ao lado de cerâmicas enquadáveis na Idade do Bronze há outras inseríveis na Romanização.

[C.F – 84 Porta do lado norte (3)] Esta camada parece corresponder a uma ocupação da Idade do Bronze, pois todas as cerâmicas se inserem neste período com excepção de um fragmento de telha que consideramos intrusivo. Contámos 212 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, muito grosseira (36%), grosseira (63%) e fina (1%), bem como 2 bordos indeterminados, de pasta grosseira e 4 bases de fundo plano, de superfícies alisadas.

[C.F – 84 Porta do lado norte (6)] Contámos 202 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa/micácea (1%) e arenosa (99%), de textura grosseira (97%) e fina (3%), bem como 2 fragmentos com características medievais que considerámos intrusivas.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso vertical. Fabrico manual, de pasta arenosa, muito grosseira, de superfície alisada e de cor castanha. Diâmetro externo da boca: 19-29cm.
Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso vertical. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem na face externa. Diâmetro externo da boca: 19-29cm.
Forma 1.

Fragmento de **taça carenada** de bordo ligeiramente esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de textura fina, superfície polida e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: 11-19cm.
Forma 12.

Fragmento de **taça carenada** de bordo ligeiramente esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de textura fina, superfície polida e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: 19-29m.
Forma 12.

Fragmento de **taça carenada** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa com alguma mica da argila, de textura grosseira, superfície alisada e de cor bege.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 12.

Fragmento de **taça carenada** de bordo vertical e lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de textura fina, superfície alisada e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 12.

Fragmento de **1 bordo** indeterminado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Fragmentos de **6 bordos** indeterminados. Fabricos manuais, de pastas arenosas, medianas e finas, de superfícies rugosas, alisadas e polidas e de cores acastanhadas.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície alisada.
Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Panças

A camada apresenta alguns fragmentos de **panças vassouradas**, em ambas as faces.

Fragmento de **pança carenada**, de pasta arenosa, de textura fina e superfície polida.

Asas

Asa de secção rectangular, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha.

[C.F – 84 R. S.] Fragmento de **pança carenada** de fabrico manual, de pasta arenosa, textura mediana, de superfície polida e de cor castanha.

[C.F – 84 Cast. R. S. (1, 2 e 3)] A camada 1 e 2 só apresentam material integrável na Idade Média e na Romanização. A camada 3 poderá corresponder a uma camada de Romanização.

[C.F – 84 Cast. R. S. (4)] Esta camada apesar de poder corresponder a uma ocupação durante a fase da Romanização, pela quantidade de cerâmica comum romana e de louça micácea evolucionada apresenta já vestígios de cerâmicas da Idade do Bronze. São eles:

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: 19-29cm.
Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/bege. Apresenta fuligem no bordo e colo exterior e matéria orgânica no exterior.
Diâmetro externo da boca: 11-19cm.
Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de má cozedura, de superfície alisada e de cor bege.
Diâmetro externo da boca: 11-19cm.
Forma 1.

Panças carenadas

Fragmento de **pança carenada** de fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, textura mediana, de superfície corroída e de cor castanha.

Fragmento de **pança carenada** de fabrico manual, de pasta arenosa, textura mediana, de superfície polida e de cor castanha.

Escavações de Abílio Américo de Faria, na vertente noroeste (Sector B)

[C.F.R – 78 H (06) e (07)] Nestas duas camadas apenas detectámos espólio atribuível à Idade do Bronze, embora escasso. Sabemos pelo responsável das escavações que a camada 8 também continha espólio de fabrico manual e um vaso carenado. Não detectámos o conjunto artefactual desta camada.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no colo e pança exterior.
Diâmetro externo da boca: 19-29cm.
Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no exterior.
Diâmetro externo da boca: 19-29cm.
Forma 1.

Fragmento de **potinho/púcaro** de bordo vertical e lábio grosso arredondado, com asa de secção rectangular, decorada com incisões verticais. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.
Diâmetro externo da boca: 0-11cm.
Forma 1.

Asas

Asa, de secção sub-rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

Asa, de secção circular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

Escavações de C. A. B. de Almeida na vertente sudoeste (Sector A)

[C.F – 84 Sector A – Casa Redonda (10)] O material desta camada é exclusivamente da Idade do Bronze e corresponde a 7 panças arenosas grosseiras. Pensamos que esta camada e as subjacentes poderão ser aquelas onde C. A. B. de Almeida diz ter descoberto um pavimento, em saibro, por baixo de ocupações do “castrejo final”.

[C.F – 84 Sector A – Casa Redonda (12a) e XV (12a)] O espólio da camada é quase, exclusivamente, da Idade do Bronze, com excepção de 8 fragmentos de cerâmica micácea e 1 de cerâmica comum romana, que atribuímos a intrusões de um nível do Ferro Recente.
Quantificámos 68 panças de fabrico manual e de pastas de textura grosseira (97%) e fina (3%). Algumas delas apresentam vestígios de matéria orgânica no interior.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa,

grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem no bordo e colo externo e interno.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem na pança e colo externos.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

Fragmentos de 2 **bordos** indeterminados. Fabricos manuais, de pastas arenosas, grosseiras e finas, de superfícies alisadas e polidas e de cores acastanhadas.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície rugosa.

Diâmetro externo da base: < 10cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor alaranjada e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

[C.F – 84 Buraco junto à Casa Redonda (?). Terra preta – XV (a)] Pelas indicações da sigla pensamos tratar-se do mesmo contexto estratigráfico do que o XV (12a). O interrogado é nosso e corresponde à palavra redonda, inexistente. Salientamos a presença de 15 panças de fabrico manual, de pastas arenosas e de texturas grosseiras (87%) e finas (13%). Há 1 pança de fabrico micáceo.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, muito grosseira, de superfície rugosa e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 22cm.

Forma 1b.

Bases

Base indeterminada, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície rugosa, no exterior e alisada no interior.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Espólio de local desconhecido (Est. VI; VII; XII a XV)

[C.F – 84 XLIII (3)] Esta camada apresenta uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica Calcolítica. Entre eles destacamos os de decoração incisa metopada de tipo “Penha” e os de decoração impressa com uma matriz de pequenos círculos. Estaremos face a uma camada com ocupações Calcolíticas?

[C.F – 81 XLIX (9)] Esta camada apresenta, 5 fragmentos de cerâmica arenosa e 16 panças micáceas, grosseiras. Ambos os grupos são de fabrico manual. Há apenas uma intrusão de cerâmica Romana (?). Desconhecemos a interpretação efectuada sobre esta camada, mas mesmo sendo de revolvimento, torna-se importante por apresentar cerâmicas integráveis na Idade do Ferro Inicial.

[C.F – 81 L (3)] Com excepção de um fragmento de cerâmica incisa metopada de tipo “Penha”, todos os outros são micáceas, mas incharacterísticas.

[C.F – 81 L (4)] O único fragmento a salientar é uma **pança** com **decoração plástica**, em forma de cordão, sobre o qual se efectuaram incisões. A pasta é micácea, grosseira, de fabrico manual.

[C.F – 81 L (6)] Todos os fragmentos cerâmicos desta camada são de pasta micácea, de fabrico manual. Há vários potes da forma 1c, com bordos em aba horizontal pequena e uma base de fundo plano, tudo em pastas grosseiras. Estaremos face a uma camada do Ferro Inicial?

[C.F – 81 LVIII/LXVII (7)] Camada caracterizada por escassos fragmentos de cerâmica arenosa e micácea, não conclusivos, em termos cronológicos e culturais.

[C.F – 82 LVIII (14)] Os 4 fragmentos cerâmicos desta camada, de pastas arenosas e micáceas, são pouco expressivos e não permitem uma aproximação cronológico-cultural.

[C.F – 82 LVIII (15)] As características desta camada, com cerâmicas pouco expressivas, de pastas arenosas e micáceas, também não permitem uma aproximação cronológico-cultural.

[C.F – 82 LVIII (17)] A totalidade de fragmentos cerâmicos detectados nesta camada corresponde a 35. Entre eles, 30 são de pasta arenosa ou arenosa/micácea atribuíveis à Idade do Bronze, 1 ao Calcolítico e 4 poderão inserir-se no Ferro Recente e/ou Romanização e deverão considerar-se intrusivos. A análise dos artefactos permite pôr a hipótese de estarmos face a uma camada da Idade do Bronze, com intrusões.

[C.F – 82 LVIII (18)] Esta camada apresenta 21 fragmentos cerâmicos, entre os quais 12 panças de pasta arenosa, 1 micácea e 2 bordos com decoração incisa de tipo “Penha”. Poderá considerar-se uma camada da Idade do Bronze, com algumas intrusões.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 22cm

Forma 2.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 24cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida, de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida, de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

Fragmento de **pote** de bordo vertical alargado. Fabrico manual, de pasta arenosa, muito grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: > 30cm.

Asas

Asa, de secção quadrangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F – 81 LIX/LX (5)] Registou-se apenas um provável arranque de asa, de pasta arenosa.

[C.F – 82 LXVIII (1)] Camada humosa com fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze, do Ferro Recente e/ou da Romanização.

[C.F – 82 LXVIII (2)] Toda a cerâmica desta camada se poderá inserir na Idade do Bronze, pelo que pensamos estar face a um fenómeno de estratigrafia invertida.

[C.F – 82 LXVIII (6)] Observámos apenas dois fragmentos de panças micáceas, decoradas com triângulos inscritos com incisões, paralelas a um dos lados.

[C.F – 82 LXVIII (7)] Nesta camada apareceram fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de pastas arenosas e micáceas. A amostragem é muito pequena para podermos considerar qualquer hipótese interpretativa.

[C.F – 82 LXVIII (9)] Nesta camada existem, igualmente, fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de pastas arenosas e micáceas. Estes últimos apresentam texturas grosseiras, com palhetas de mica de grande calibre e mal distribuídas. A amostragem também é bastante reduzida mas não será de excluir a hipótese de uma camada de transição Bronze/Ferro ou dos inícios da Idade do Ferro.

[C.F – 82 LXVIII (11)] A amostragem reduzida desta camada permite verificar fragmentos cerâmicos de pasta arenosa/micácea e arenosa. Camada de transição Bronze/Ferro?

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

[C.F – 82 LXVIII (12)] Toda a cerâmica desta camada é de fabrico manual e pasta arenosa com excepção de um fragmento de bordo em aba soerguida grande, da forma 1b e de pasta micácea. Camada de transição Bronze/Ferro?

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: 29-39cm.

Forma 2.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira e de superfície alisada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 10.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e de lábio horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 10.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Panças decoradas

Fragmento de pança com decoração **impressa**, através de dedadas. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, de textura fina e a superfície é polida de cor castanha.

Fragmento de pança com decoração **incisa**, através de duas linhas horizontais, espatuladas. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, de textura grosseira e a superfície é alisada, de cor castanha.

[C.F – 82 LXVIII (14)] Camada com fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de pastas arenosas e micáceas. Camada de transição Bronze/Ferro?

De salientar entre o espólio 2 fragmentos de **potes** da forma 2, de pasta micácea, grosseira; 1 fragmento de **pote** da forma 1b, também micáceo; 1 fragmento de **pote** da forma 1b, de pasta arenosa/micácea e 1 cossoiro micáceo.

[C.F – 82 LXVIII (16)] Além do espólio descrito pormenorizadamente, salientamos a presença de 7 panças arenosas. Quatro panças e 2 bordos micáceos evolucionados assim como 1 fragmento de cerâmica comum romana. Foram considerados intrusivos. Camada da Idade do Bronze.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem no colo externo. Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície polida e de cor castanha escura.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 10.

Fragmentos de 5 **potes** indeterminados. Fabrico manual, de pastas arenosas, grosseiras, de superfícies alisada e cores acastanhadas. Dois deles são de grandes dimensões.

Fragmentos de 2 **bordos** indeterminados. Fabrico manual, de pastas arenosas, finas, de superfícies polidas e cores acastanhadas.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Asas

Asa, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, fina e superfície alisada.

Asa, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, fina e superfície alisada.

Asa, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira e de superfície alisada. Tem cor castanha.

Nota: Um dos fragmentos cerâmicos desta camada cola com a 18 do quadrado LVIII, pelo que as duas poderão ser contemporâneas.

[C.F – 82 LXVIII (17)] Existe nesta camada argila, que parece de revestimento com impressões vegetais. Camada da Idade do Bronze.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície corroída no exterior e alisada no interior, de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1b.

Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: 29-39cm.

Forma 1b.

Fragmento de **pot** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Apresenta um cordão horizontal sobre o colo. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha. Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 7.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e de cor castanha/negra. Apresenta vestígios de fuligem na pança e colo externo.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 10.

Fragmento de 1 **bordo** indeterminado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 11-19cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 11-19cm.

Panças decoradas

Fragmento de pança com decoração **plástica**, através de um mamilo arredondado. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, de textura fina e a superfície é polida de cor castanha.

Asas

Asa, de secção oval, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

Asa, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F – 82 LXVIII (18)] Camada da Idade do Bronze

Bordos

Fragmento de **pot** de bordo em aba horizontal pequena e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 1c.

Fragmento de **pot** de bordo vertical (?) e lábio arredondado. Do bordo sai uma asa de secção rectangular. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

Fragmento de **pot** de bordo em aba soerguida e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 28cm.

Forma 1b.

Fragmento de **pot** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, grosseira, a superfície é alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, mediana, a superfície é polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e de cor castanha. Do início do colo sai uma asa de secção sub-rectangular.

Diâmetro externo da boca: 16.

Forma 10.

Fragmentos de 2 **bordos** indeterminados. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

[C.F – 84 LXIV/LXV (10) Mis (C)]

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

[C.F – 84 LXIV/LXV (10) Mis (D)] Esta camada apresenta fragmentos de cerâmica de pasta arenosa e micácea. Esta última é escassa e não permite qualquer ilação sobre a sua identificação cronológico-cultural.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Asas

Arranque de **asa**, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

[C.F – 84 LXIV/LXV (10) Mis (E)] Esta camada contém fragmentos da Idade do Ferro, da Idade do Bronze e 1 do Calcolítico. O número restrito de espólio observado não permite conclusões sobre a sua atribuição cronológico-cultural. De entre o material integrável na Idade do Bronze salientamos 3 bordos de formas indeterminadas, 1 em pasta de textura fina e de superfícies polidas, uma base de fundo plano, uma asa de púcaro e um fragmento de pança, grosseira, com decoração mamilar.

[C.F – 84 LXIV/LXV (10) Mis (F)] Nesta camada parecem existir apenas fragmentos cerâmicos com características da Idade do Bronze, pelo que, provisoriamente, a atribuiremos a este período.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta fuligem externa e interna no colo e bordo/colo, respectivamente.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

Fragmento de **potinho/púcaro** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 0-11cm.

Forma 10.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 19-29cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 12,5cm.

[C.F – 82 LXXII/LXXIII (7)] Esta camada contém, além do material descrito, 2 panças arenosas, de textura fina e polida e 1 micácea. Camada da Idade do Bronze ou estratigrafia invertida?

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 20cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso boleado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor negra. Apresenta vestígios de fuligem no exterior.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor negra. Apresenta vestígios de fuligem no exterior.

Diâmetro externo da boca: 22cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor negra. Regista sinais de fuligem no colo.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor negra. Regista sinais de fuligem no colo e pança.

Diâmetro externo da boca: 36cm.

Forma 2.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, mediana, de superfície polida e cor castanha escura.

Diâmetro externo da boca: 11cm.

Forma 10.

Fragmento de **panela de asa interior**, de bordo vertical e lábio grosso boleado. Asa horizontal de secção rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha e negra. Apresenta fuligem no bordo e pança exterior.

Diâmetro externo da boca: 50cm.

Forma 18.

Fragmentos de **4 bordos** indeterminados. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 11-19cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 19-29cm.

Panças carenadas

Fragmento de **pança de taça carenada**, de fabrico manual, pasta arenosa, mediana, de superfície polida e cor castanha.

Asas

Asa, de secção oval, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor negra e superfície alisada.

Arranque de **asa**, de secção triangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F - 82 LXXII/LXXIII (8)] Camada revolvida com espólio da Romanização, da Idade do Ferro e da Idade do Bronze. Será esta camada a continuação de uma superior? Pertencerá a uma vala de fundação de uma estrutura mais recente?

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. Regista sinais de lípidos no colo exterior e no bordo e pança interior.

Diâmetro externo da boca: 29-39cm

Forma 2.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo ligeiramente esvasado e lábio grosso arredondado, com asa rectangular. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 13,8cm.

Forma 10.

Fragmento de 1 **bordo** indeterminado. Fabrico manual, de pasta arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Asas

Asa, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor bege e superfície alisada. Está inserida numa pança que parece ser de um pote e grandes dimensões.

Arranque de **asa**, de secção rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F - 84 LXXIV/LXXV (10)] Esta camada contém materiais com características técnicas e formais da Idade do Ferro, da Idade do Bronze e do Calcolítico. Deverá considerar-se de revolvimento ou escorregamento. Seleccionámos, mesmo assim, o material integrável no período em estudo.

Bordos

Fragmento de **malga** de bordo vertical ou ligeiramente reentrante, de fabrico manual, de pasta arenosa grosseira e de superfície alisada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 22.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, muito grosseira, de superfície corroída no exterior e alisada no interior.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Panças decoradas

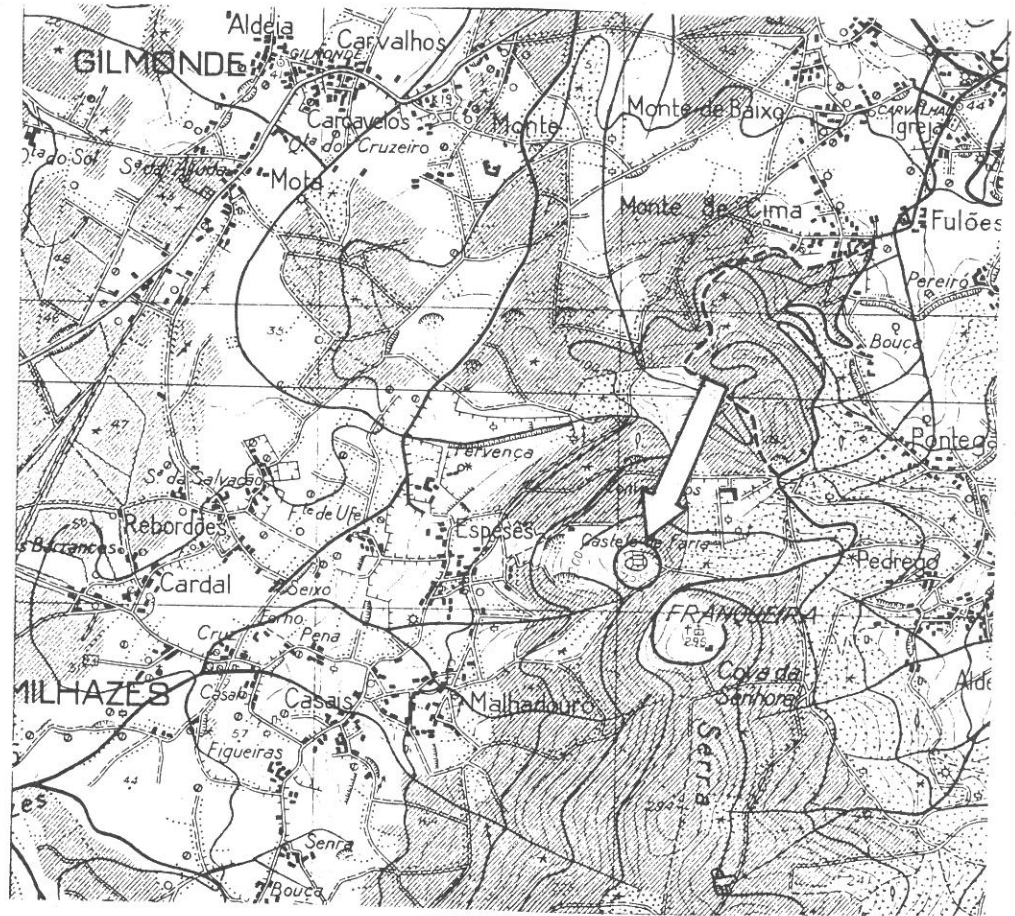
Fragmento de pança com decoração **impressa**. O tema decorativo assemelha-se a dedadas. O fabrico é manual e a pasta é arenosa e grosseira. A cor é castanha e a superfície alisada.

Asas

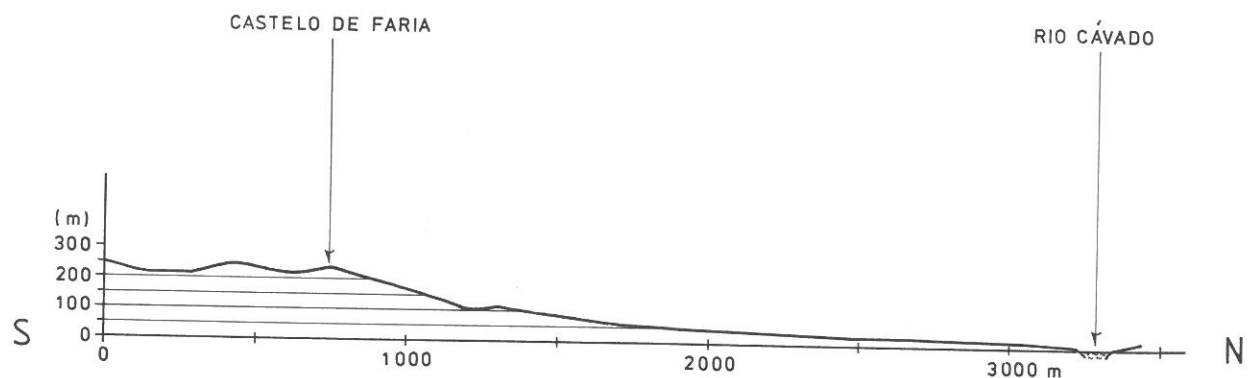
Asa, de secção sub-rectangular, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[C.F – 84 LXXIV/LXXV (11)] A maioria dos fragmentos cerâmicos desta camada podem atribuir-se à Idade do Bronze, num total de 49 panças e de 5 bordos de forma indeterminada. Quatro (?) panças e 1 bordo parecem Calcolíticas. Há também 1 intrusão da Idade do Ferro Recente. As características enunciadas admitem que esta camada possa corresponder à Idade do Bronze.

ESTAMPAS



1

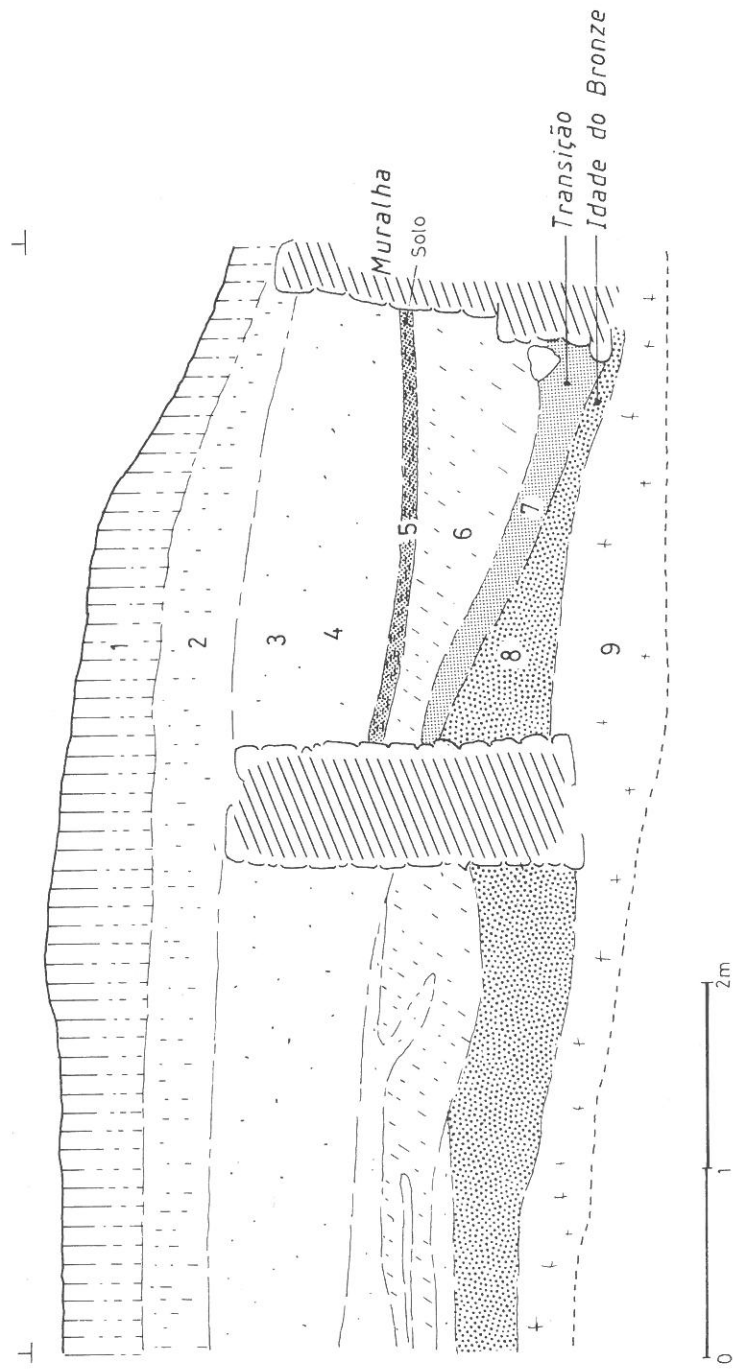


2

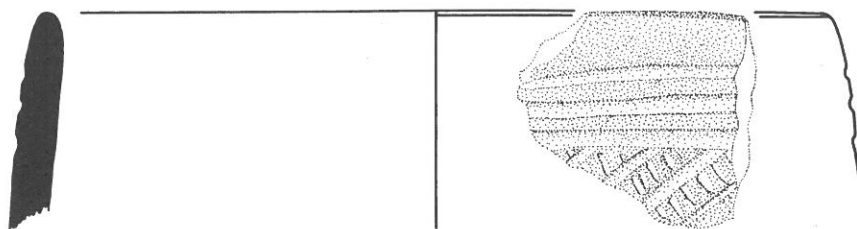
1 - Localização do povoado na C. M. P., na esc. 1: 25 000; 2 - Perfil topográfico deste povoado em relação ao rio Cávado.



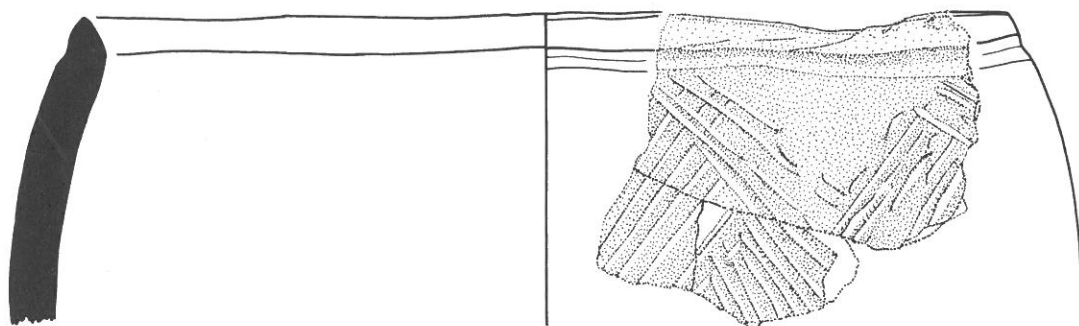
Planta de algumas escavações efectuadas na área (seg. B. ALMEIDA, 1996).



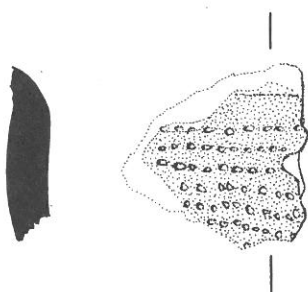
Perfil estratigráfico das escavações de 1978 (seg. COSTA *et alii*, 1980, adaptado).



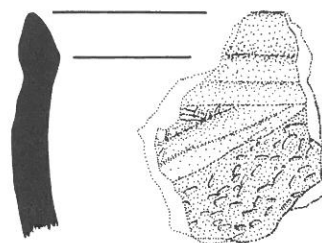
1



2

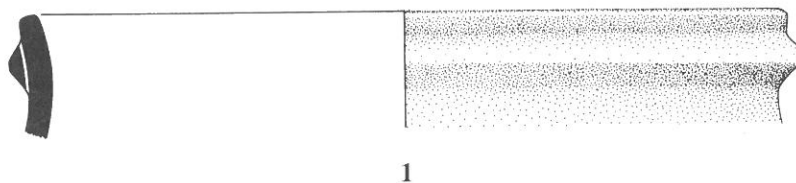


3

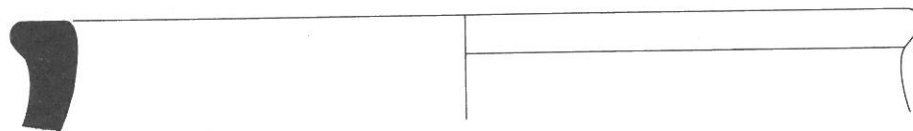


4

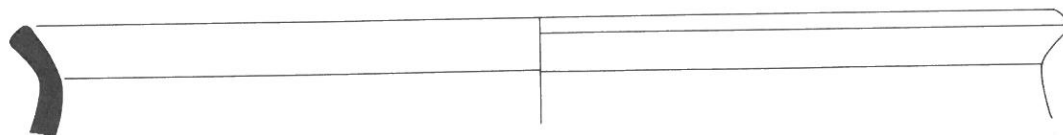
Castelo de Faria 0: Espólio calcólico encontrado na camada 3 no quadrado XLIII. Esc. 1/1.



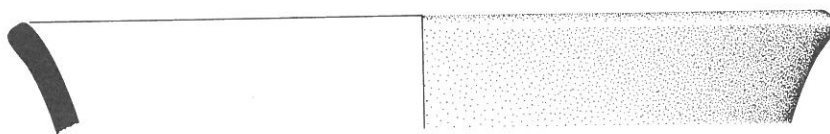
1



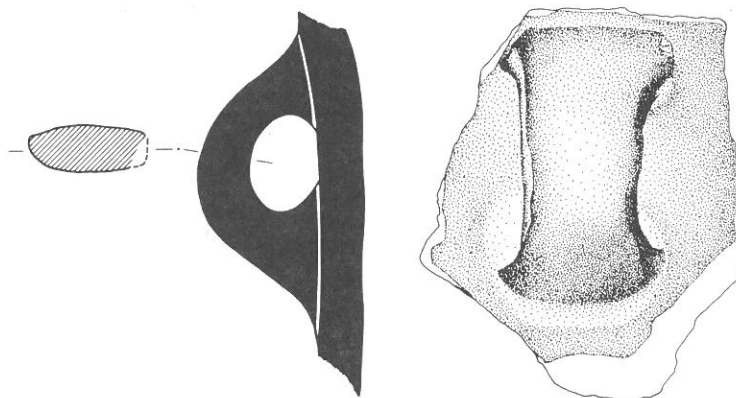
2



3

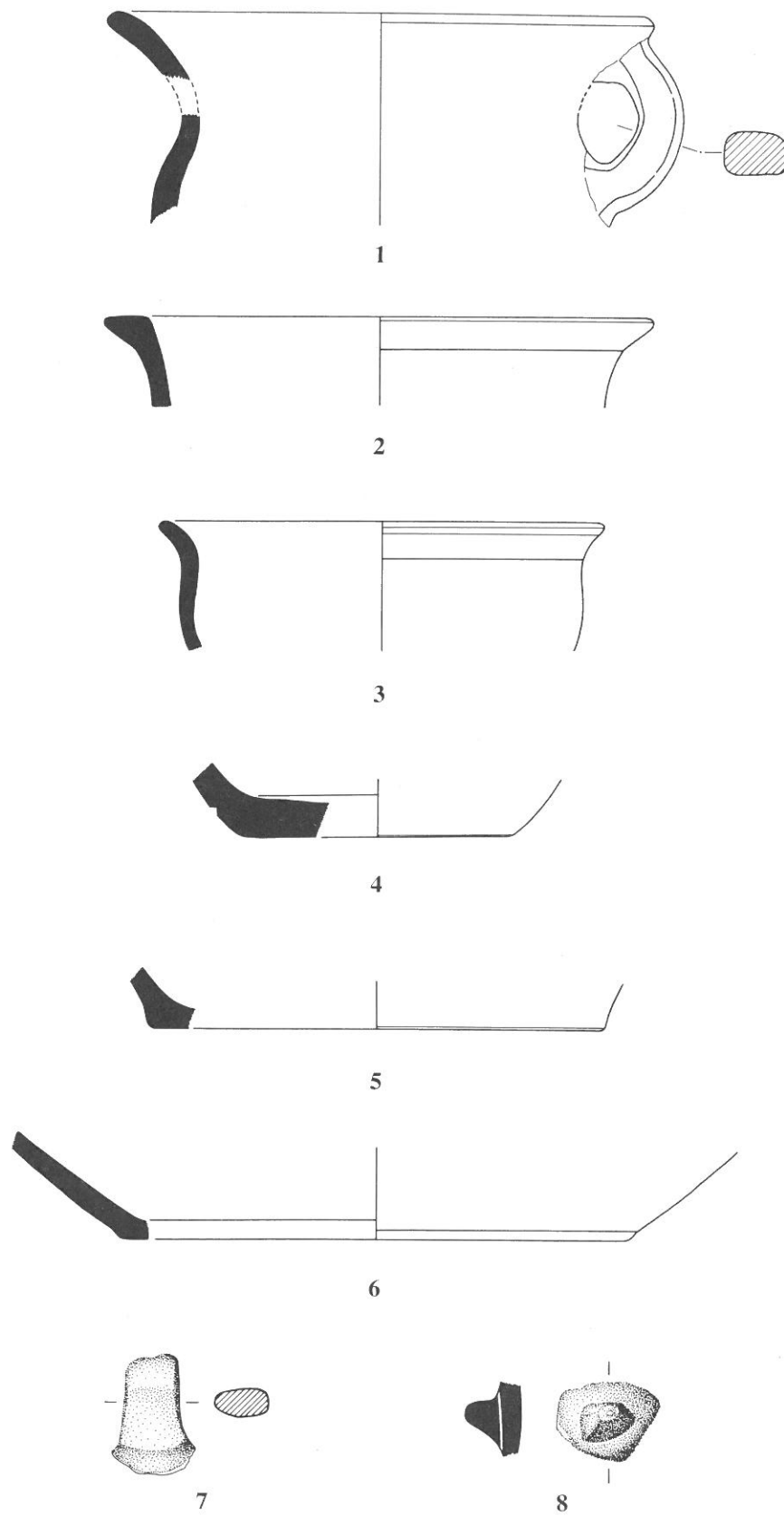


4



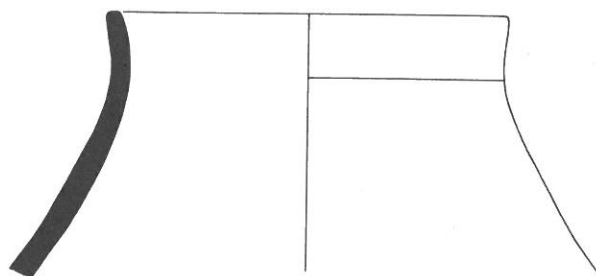
5

Castelo de Faria Ia: 1, 2 e 4 – Espólio dos quadrados LVIII, camadas 17 e 18; 3 e 5 – Quadrados LXVIII, camada 18. Esc. 1/2.

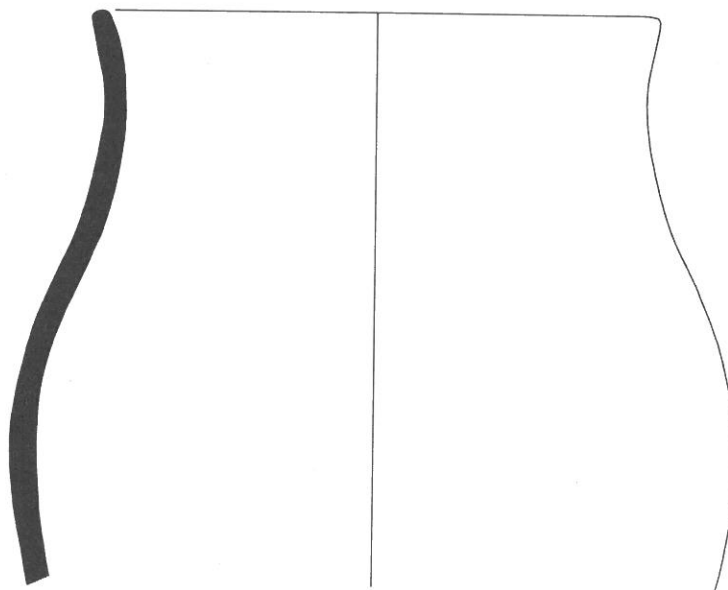


Castelo de Faria Ia: 1 - Quadrados LXVIII, camada 18; 2 a 5, 7 e 8 - Espólio dos quadrados LVIII, camada 17; 6 - Quadrados LXVIII, camada 17. Esc. 1/2.

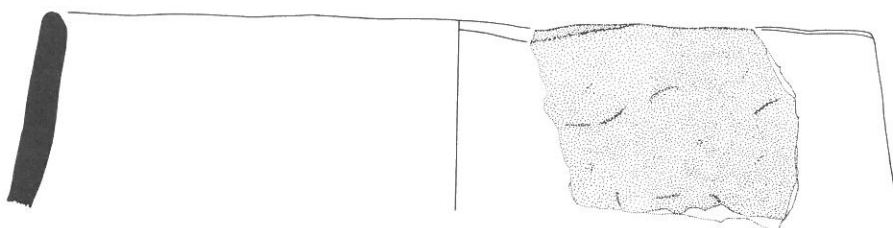
Est. VIII



1

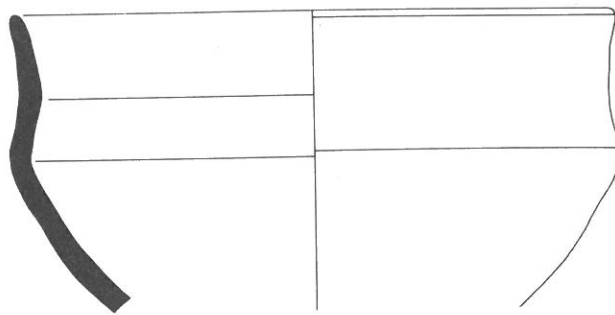


2

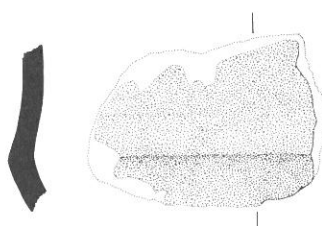


3

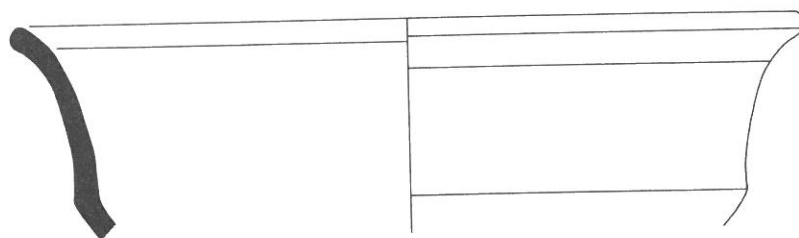
Castelo de Faria Ib: Espólio encontrado na plataforma superior deste povoado, na "Rua Sul", camada 4.
Esc. 1/2.



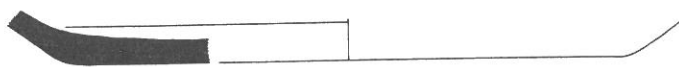
1



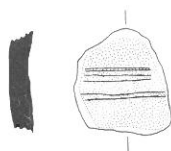
2



3



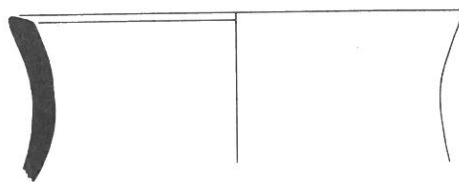
4



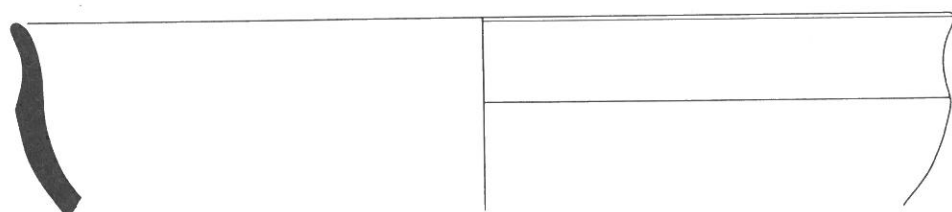
5

Castelo de Faria Ib: Espólio encontrado na plataforma superior deste povoado. 1, 3 a 5 - "Porta do lado Norte", camada 6; 2 - "Rua Sul". Esc. 1/2.

Est. X



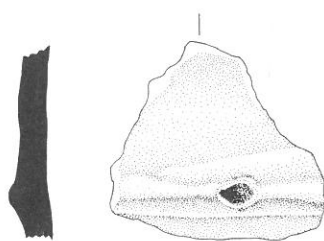
1



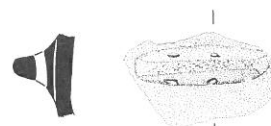
2



3

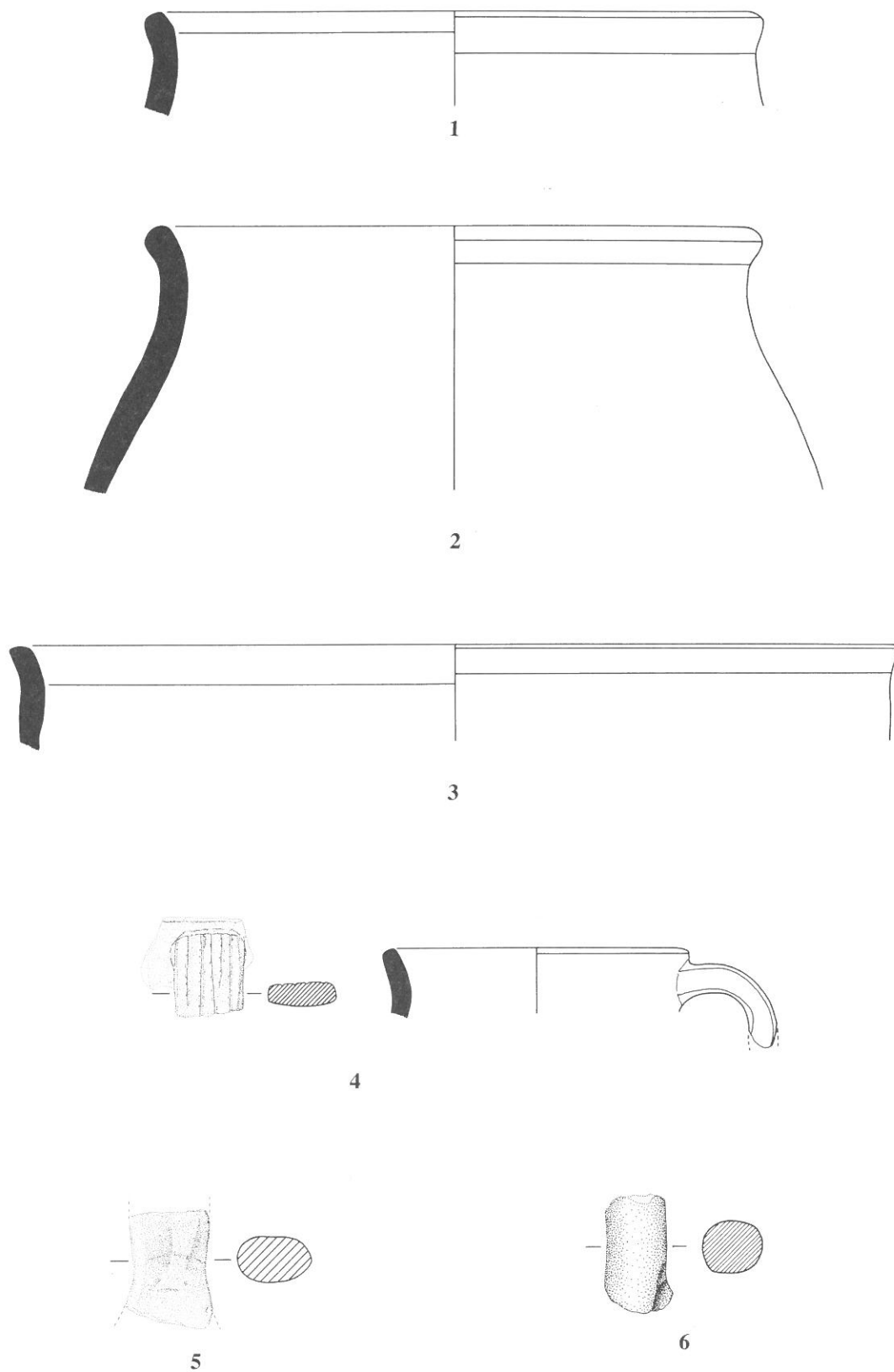


4

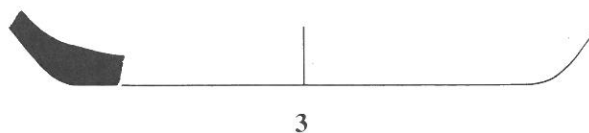
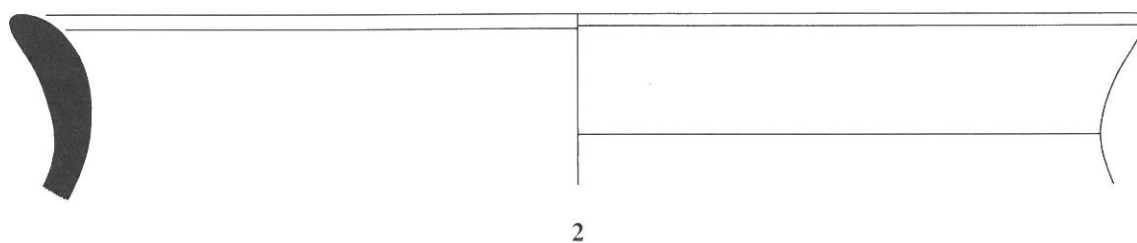
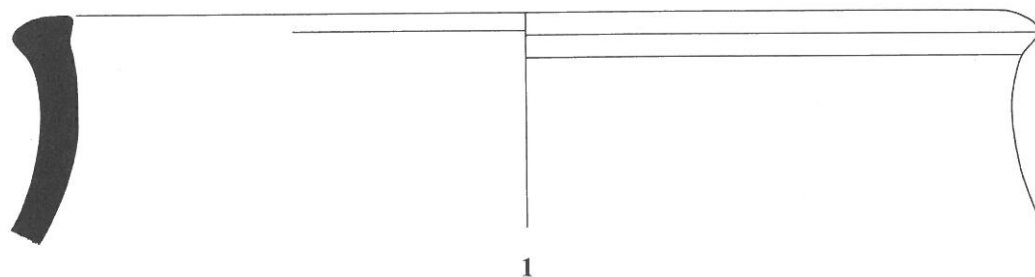


5

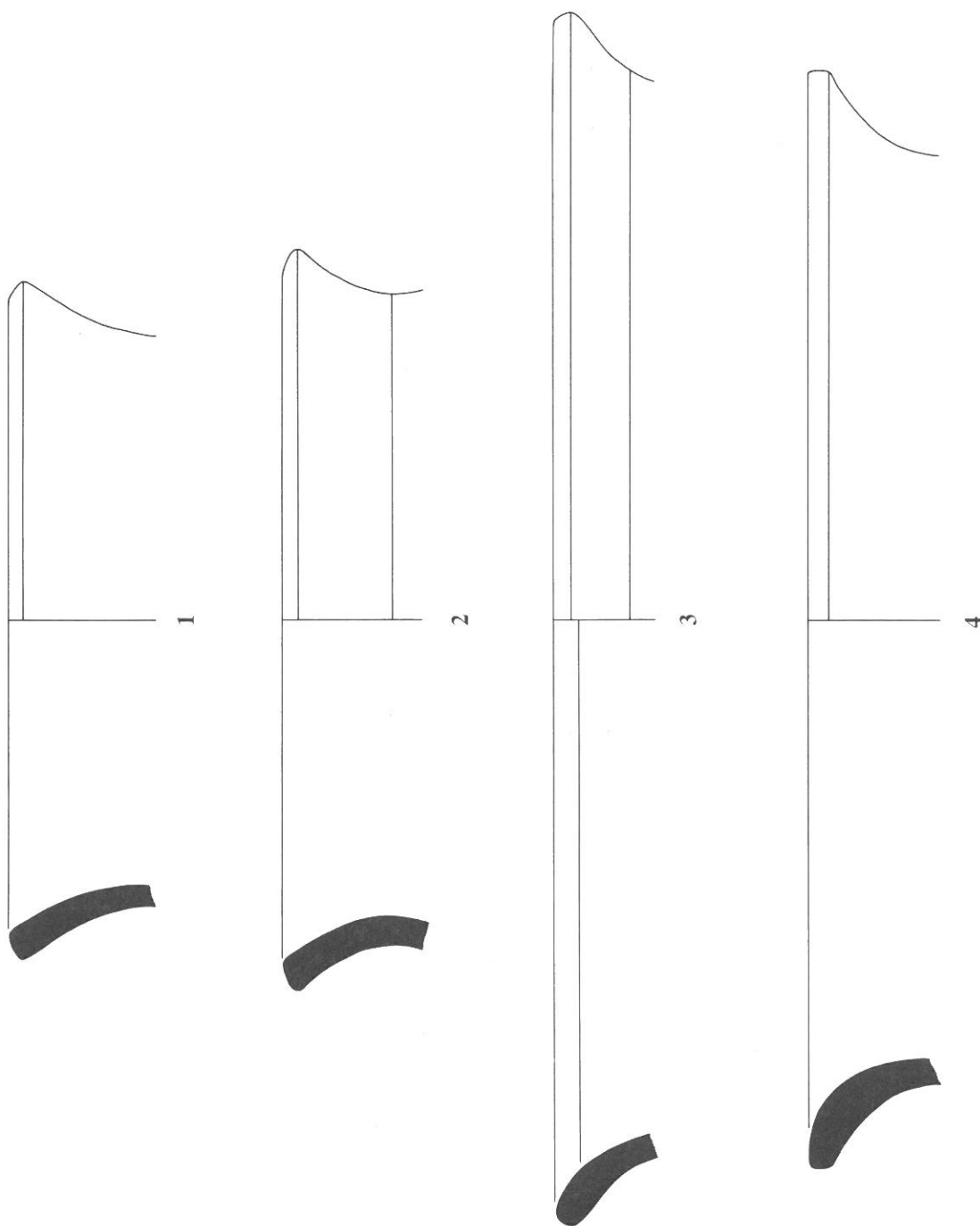
Castelo de Faria Ib: Espólio encontrado na plataforma superior deste povoado na zona do "Castelo".
Esc. 1/2.



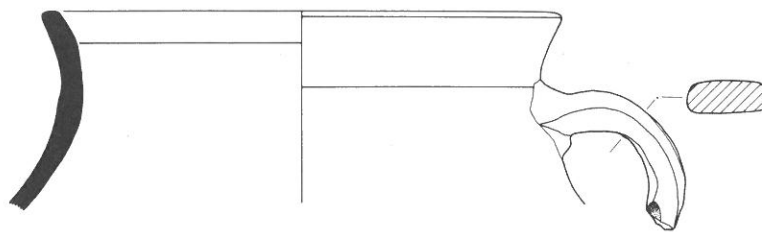
Castelo de Faria Ib: 1 e 2 – Espólio da vertente sudoeste; 4 a 6 – Espólio encontrado na vertente noroeste (Sector B) deste povoado. Esc. 1/2.



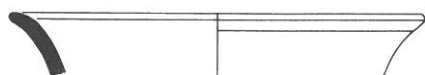
Castelo de Faria Ib: 1 – Espólio encontrado nos quadrados “LXIV/LXV (10) – Mis D”;
2 e 3 – Quadrados “LXIV/LXV (10) – Mis F”. Esc. 1/2.



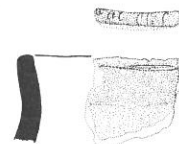
Castelo de Faria Ib: 1 a 3 - Espólio dos quadrados LXXII/LXXIII, camada 7; 4 - Quadrados LXXII/LXXIII, camada 8. Esc. 1/2.



1



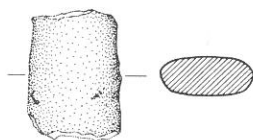
2



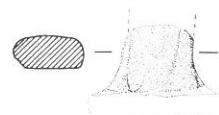
3



4

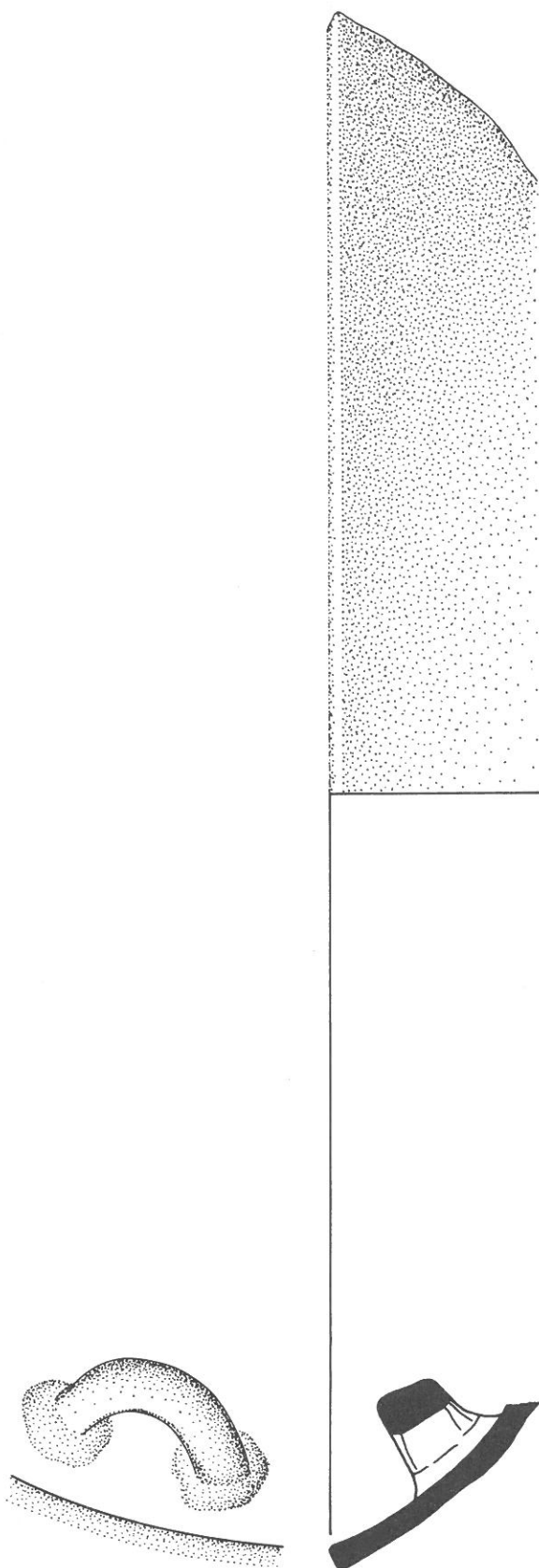


5

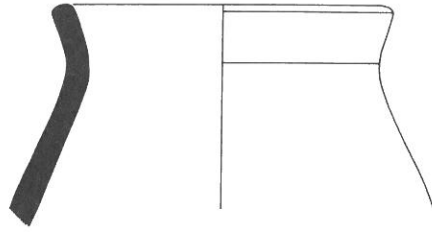


6

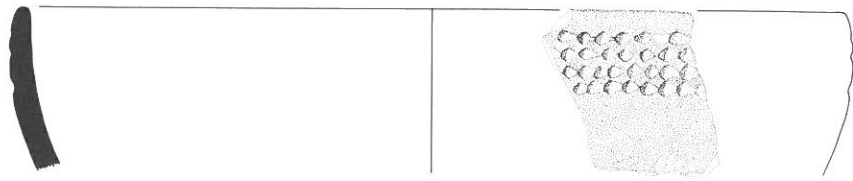
Castelo de Faria Ib: 1, 3 a 5 – Espólio encontrado nos quadrados LXXII/LXXIII, camada 7;
2 – Quadrados XLIII, camada 3; 6 – Quadrados LXXII/LXXIII, camada 8. Esc. 1/2.



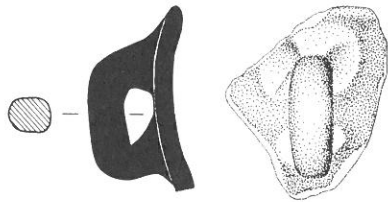
Castelo de Faria Ib: Panela de asa interior, em pasta arenosa, encontrada nos quadrados LXXII/LXXIII, camada 7. Esc. 1/2.



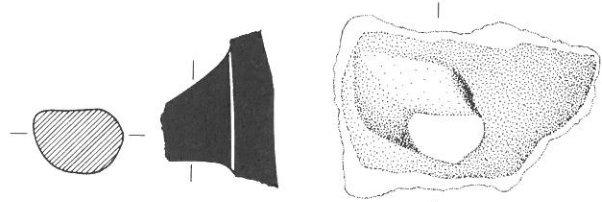
1



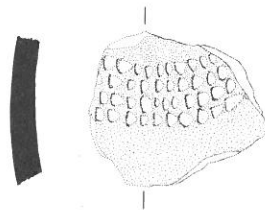
2



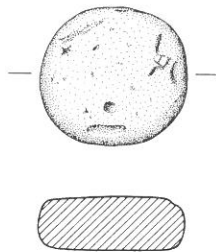
3



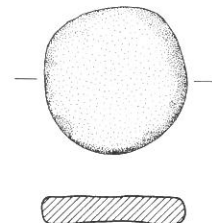
4



5



6



7

Recolhas descontextualizadas; 1 – Potinho/púcaro; 2 e 5 – Fragmentos com decoração bouquique; 3 – Fragmento de malga; 4 – Fragmento de panela de asa interior; 6 e 7 – Discos. Esc. 1/2.

A OCUPAÇÃO DA IDADE DO BRONZE NO CASTRO DE LANHOSO (PÓVOA DE LANHOSO)

1. INTRODUÇÃO (Est. I e II)

O Castro de Lanhoso é um povoado de cume, localizado em área de montanha, mas muito perto de terrenos do fundo de vale. Localiza-se na freguesia de Valdemil, concelho da Póvoa de Lanhoso.

As primeiras intervenções arqueológicas datam dos anos 30 e foram realizadas na vertente Este, por C. Teixeira, no seguimento dos achados, então efectuados, aquando da abertura do caminho que, hoje, dá acesso ao Santuário do Pilar. Destes trabalhos resultou a descoberta de casas circulares, sepulturas em tégula, peças de escultura, entre outros artefactos metálicos, vítreos e cerâmicos, que inscrevem o povoado no Ferro Recente e na Romanização. O autor deu conta destes achados em várias publicações no país e no estrangeiro. Em 1982, sob a orientação geral de J. Wiseman, K. Petruso dirige uma equipa do Departamento de Arqueologia da Universidade de Boston e executa novas escavações na vertente este. Pretende desenhar a planta das estruturas descobertas nos anos 30 e estabelecer a diacronia de ocupação do povoado (PETRUSO, 1982: 4; 1984: 5). Publica apenas um pequeno artigo sobre as conclusões dos trabalhos onde admite uma ocupação anterior à Idade do Ferro, embora perturbada, que classifica como do Bronze Final, atendendo à presença de cerâmicas com decoração incisa, metopada, de tipo "Penha". É, precisamente, sobre os dados desta intervenção que nos iremos debruçar com o objectivo de identificar ocupações integráveis, de facto, na Idade do Bronze.

2. ESCAVAÇÕES (Est. III)

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO

A metodologia de campo implicou a abertura de quadrados de 2 x 2m. Estes localizaram-se, quer em áreas adjacentes às estruturas já conhecidas, quer em novas zonas (PETRUSO, 1984: 5).

Não conhecemos nenhum perfil estratigráfico sobre estes trabalhos, mas apenas algumas anotações do director de escavação. Estas referem uma estratigrafia pouco espessa e revolvida, não excedendo, na maioria dos casos, 1m de profundidade.

Descrições efectuados por K. Petruso, bem como a análise das etiquetas dos sacos, contendo o espólio de escavação, permitiu-nos verificar serem os quadrados SO71/E001 e E003, os que apresentavam maior número de camadas, em número de oito (BETTENCOURT, 1993/1994). A reavaliação do espólio efectuada pela signatária viria identificar não só uma, mas duas ocupações, anteriores à Idade do Ferro, muito embora de localização imprecisa e descontextualizadas (*Id. ibidem*).

Observámos todos os fragmentos cerâmicos, depositados na "Casa da Botica", afecta à Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, num total de 2375.

Atendendo aos objectivos propostos a selecção entre o material Calcolítico e o da Idade do Bronze efectuou-se através de critérios técnicos, formais e decorativos.

A observação do espólio, por camadas, permitiu verificar a inexistência de cerâmica Calcolítica, na camada 1 e a sua excepcionalidade na 2, o que torna pouco possível a hipótese de uma estratigrafia invertida, em época pós-romana.

Já a louça da Idade do Bronze aparece, recorrentemente, na camada 1, de vários quadrados o que indicia, quer escorregamentos de zonas mais elevadas, quer perturbações de camadas inferiores, provocadas por valas de fundação de construções mais recentes. Se é possível pôr a hipótese de que algumas camadas corresponderiam a ocupações da Idade do Bronze, na vertente este do monte, pela abundância do material deste período aí exumado, a presença, ainda que escassa, de formas Calcolíticas e do Ferro Inicial, nas mesmas camadas, poderá indicar, também, escorregamentos anteriores ao Ferro Recente e à Romanização, nesta zona do povoado (BETTENCOURT, 1993/1994).

ESPÓLIO DA IDADE DO BRONZE (Est. IV a XII)

Dos 2 375 fragmentos cerâmicos observados, isolámos 459 de fabrico manual, de pasta arenosa ou arenosa/micácea. No interior destes destacámos 360 peças, com características técnicas, formais e decorativas, passíveis de inclusão na Idade do Bronze da região¹. As restantes 99 integravam-se no Calcolítico.

O material encontrava-se bastante fragmentado, pelo que o seu estudo se tornou moroso e, por vezes, difícil de realizar. Incluímos, neste período, um punhal de bronze e um fragmento de moinho dormente, aplanado.

FRAGMENTOS CERÂMICOS	QUANT.
Bordos	60
Bases	25
Panças e colos decorados	6
Panças carenadas	1
Asas	3
Disco	1
TOTAIS	96

As pastas são predominantemente arenosas e arenosas/micáceas e subdividem-se em dois grupos, quanto à textura. As de textura grosseira representam 70% e as de textura mediana/fina 30%.

FORMAS	QUANT.	(%)
Potes	27	(45%)
Potinhos/púcaros	12	(20%)
Taças carenadas	2	(3%)
Panelas de asa interior	3	(5%)
Tigelas	1	(2%)
Indeterminadas	15	(25%)
TOTAIS	178	(101%)

¹ Foram paralelizadas com as dos povoados do Barbudo, Santinha e S. Julião, entre outros da bacia do Cávado e Este.

A maior representatividade de bordos corresponde a potes de morfologia variada e a potinhos/púcaros (82%), seguida das painéis de asa interior, de taças carenadas e de tigelas, estas últimas feitas com pasta arenosa. É de referir o aparecimento de um disco, peça rara em contextos similares.

POTES	FORMAS	(%)
Potes 1	9	(33%)
Pote 1b	1	(4%)
Pote 2	14	(52%)
Pote 3	1	(4%)
Pote 20	2	(7%)
TOTAIS	27	(100%)

A forma identificada como pote admite uma grande variedade morfológica, que se distingue pelos bordos, "tipos" de panças e pela relação bordo/pança. Temos bordos verticais, esvasados, em aba soerguida e ligeiramente reentrantes.

Estão representados os potes da forma 1, 2, 3, 20 e 1b, estes últimos, de pasta arenosa. A inexistência de fuligem num grande número de potes 1, 2 e 3 indicia peças para armazenagem ou transporte.

A decoração regista apenas 1,9% da totalidade dos fragmentos, muito embora existam diferentes técnicas: a impressão (1 ex.), a incisão (4 ex.) e a plástica (2 ex.). As incisões estão presentes, quer sobre os bordos, quer sobre as panças, sempre em peças com ausência de fuligem. A decoração plástica manifesta-se sob a forma de mamilos arredondados e de cordões horizontais lisos. As impressões estão representadas por dedadas.

Das três asas registadas 2 podem pertencer a púcaros e 1 a uma painél de asa interior, o que poderá indicar percentagens muito baixas de púcaros.

As bases são, essencialmente, de fundo plano (72%), seguidas das de fundo plano alargado (12%), sendo estas últimas, maioritariamente, de pasta arenosa. Existe, ainda, uma base de fundo côncavo.

O material lítico manifesta-se por um moinho manual, dormente, aplanado, de forma oval e de secção sub-elíptica.

O espólio metálico compreende um punhal triangular, em bronze, de composição binária².

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já referimos em artigo anterior o espólio cerâmico e lítico paraleliza com o de vários povoados dos finais da Idade do Bronze do Noroeste, todos eles datados, pelo radiocarbono, do primeiro quartel do I milénio AC (*Id. ibidem*). A presença das formas 1b, 18, comuns nos inícios da Idade do Ferro do Noroeste, bem como o aumento de micas nas pastas cerâmicas, funcionam, igualmente, como indicadores de integração deste espólio nos finais da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro da região.

O punhal de bronze, embora sem paralelos locais, pode comparar-se, quimicamente, com os objectos dos finais da Idade do Bronze, encontrados nos povoados da região.

² A peça foi analisada por Fluorescência de Raios-X, no I.C.R.B.C., de Madrid. Agradecemos ao Doutor Ignácio Maria Montero a disponibilidade demonstrada para a realização desta análise.

Apesar de não terem sido detectadas ocupações do Ferro Inicial, neste sector do povoado, esta fase encontra-se documentada por cerâmicas de fabrico manual, pasta micácea e cozedura redutora, espalhadas por diversas camadas. As formas registadas são as dos potes 1b e 2, as dos potinhos/púcaros, por vezes com bordos de aba soerguida pequena, as das panelas de asa interior e as tigelas. Estas formas paralelizam com as das fases IIA dos povoados de S. Julião (MARTINS, 1988: 161-173) e do Barbudo (MARTINS, 1989: 80-90), ambos em Vila Verde.

CATÁLOGO DOS MATERIAIS ATRIBUÍVEIS À IDADE DO BRONZE³

CERÂMICAS

(SO/?)

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio horizontal com incisões. A pasta, arenosa, de textura grosseira é de cor bege. As superfícies são rugosas.

Diâmetro externo da boca: 22cm.

Forma 1.

(SO71/E001:2)

Bases

Base de fundo plano, de pasta fina, arenosa, de cor castanha clara. Superfície polida no exterior e rugosa no interior.

Diâmetro indeterminado.

(SO71/E001:4)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio horizontal com incisões. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho, rugoso nas duas superfícies.

Diâmetro externo da boca: 20cm.

Forma 2.

Fragmento de **tigela**, de bordo em aba horizontal e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira, de cor castanha. As superfícies são alisadas no interior e rugosas no exterior.

Diâmetro externo da boca: 15cm.

Forma 23.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura fina, de cor castanha clara. As superfícies são polidas.

Diâmetro externo da boca: 28cm.

Forma 2.

Bordo indeterminado, de textura grosseira.

(SO71/E001:5)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado lábio horizontal. Apresenta no colo uma incisão horizontal, pouco profunda. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho claro, com manchas escuras. A superfície parece ter sido apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: 14,8cm.

Forma 2.

Fragmento de **potinho/púcaro**, com bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura mediana, com desengordurantes de quartzo de médio calibre. Contém alguma mica que cremos pertencer à argila utilizada. Recipiente castanho claro. A superfície foi polida.

Diâmetro externo da boca: cerca de 8cm.

Forma 10.

³ Este catálogo reproduz, apenas com algumas alterações formais, o que foi publicado em A. Bettencourt (1993/1994).

Fragmento de um **pote**, de bordo muito esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho, mais escuro no exterior. A superfície foi apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: cerca de 44cm.

Forma 3.

Bases

Base de fundo plano, de pasta muito grosseira, arenosa, de cor castanha clara no exterior e um pouco mais escura no interior. Superfície apenas alisada.

Diâmetro externo da base: cerca de 12cm.

Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara no exterior e mais escura no interior com fuligem. Superfícies rugosas.

Diâmetro externo da base: 13cm.

Panças/colos decorados

Fragmento de pança, de um provável **pote**, com decoração plástica, em forma de cordão horizontal. A pasta é arenosa, de fabrico grosseiro, com desengordurantes de grande e médio calibre. A cor é castanha escura com manchas mais claras e a superfície foi polida, pelo menos no exterior. São visíveis sinais de fuligem.

Fragmento de **pança com decoração** incisa através de linhas verticais algo paralelas, muito pouco profundas. A pasta é arenosa, grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. A cor é castanha clara, com manchas mais escuras no interior. A superfície foi alisada na face interna.

Fragmento de **pança decorada** com incisões finas, irregulares e pouco profundas. A pasta é arenosa, grosseira, com desengordurantes de grande calibre. De cor castanha, polido pelo exterior.

LÍTICOS

Fragmento de dormente de moinho manual, em granito de grão fino, de secção sub-elíptica e contorno ovalado.

(SO71/E001:6)

Bordos

Fragmento de um bordo de **taça carenada**, de lábio adelgado e arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor alaranjada. As superfícies estão erosionadas.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 12.

Fragmento de **pote**, de bordo ligeiramente vertical e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor castanha clara com manchas mais escuras. As superfícies foram polidas.

Diâmetro externo da boca: 20,6cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor castanha clara. As superfícies foram alisadas.

Diâmetro indeterminado.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo sub-vertical e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor castanha clara. As superfícies foram alisadas. Há indícios de fuligem na superfície exterior.

Diâmetro externo de boca: 15,4cm.

Forma 1.

Fragmentos de dois **potes**, de bordos esvasados; um de lábios arredondado e o outro boleado. A pasta é arenosa, de textura grosseira e de cor castanha escura. As superfícies foram alisadas.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Fragmentos de dois bordos indeterminados de pasta arenosa e textura grosseira.

Bases

Fragmento de uma **base** indeterminado, de pasta muito grosseira, arenosa e de cor castanha. Diâmetro indeterminado.

Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. As superfícies são muito rugosas devido a processos erosivos. Diâmetro indeterminado.

Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha amarelada no interior e com manchas escuras no interior. As duas superfícies são polidas. Diâmetro externo da base: 16cm.

(SO71/E001:7)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho escuro com manchas mais claras. Rugoso nas duas superfícies. Diâmetro externo da boca: 24cm. Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho escuro com manchas mais claras. Rugoso nas duas superfícies. Diâmetro externo da boca: 21cm. Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura mediana. Vaso castanho escuro com fuligem no interior do bordo. Alisado no exterior. Diâmetro externo da boca: 20cm. Forma 2.

Fragmento de **taça carenada**, pouco acentuada, de bordo ligeiramente esvasado e lábio adelgado. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho claro. Paredes rugosas. Diâmetro externo da boca: 9,6cm. Forma 12.

Fragmento de **pote** (?), de bordo ligeiramente esvasado e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura mediana. Vaso castanho escuro. Paredes rugosas. Diâmetro externo da boca: cerca de 11cm. Forma 2.

Bordo indeterminado, de pasta arenosa e textura grosseira.

Panças/colos decorados

Fragmento de **colo**, de pasta mediana, arenosa, de cor castanha escura, decorada com caneluras na vertical e linhas quebradas na horizontal. Superfície muito polida no exterior e alisada no interior.

Asas

Asa, de secção circular, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície rugosa. Espessura máxima: 1,7cm.

Discos

Um **disco** de cerâmica arenosa, grosseira, com desengordurantes de médio e grande calibre, castanho escuro numa das faces e mais claro na outra. Mede 3,9cm de comprimento por 3,4cm de largura e 1,2cm de espessura. Pesa 19,8g.

(SO71/E001:8)

Bordos

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura fina. Vaso castanho escuro muito polido em ambas as superfícies. Diâmetro externo da boca: 10,4cm. Forma 10.

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho claro. Alisado.

Diâmetro externo da boca: 18cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho. Rugoso.

Diâmetro externo da boca: 19cm.

Forma 2.

Um bordo de **pote**, ligeiramente esvasado, de pasta arenosa e textura grosseira. Cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 17cm.

Forma 1.

Um bordo de **pote**, ligeiramente esvasado, de lábio boleado. Pasta arenosa, de textura grosseira. Cor acinzentada.

Diâmetro externo da boca indeterminado.

Forma 2.

Um bordo de **potinho/púcaro**, esvasado, de lábio adelgaçado e arredondado. Pasta arenosa, de textura fina. Cor castanha, com manchas mais escuras, sem fuligem.

Diâmetro externo da boca indeterminado.

Forma 10.

Asas

Asa, de secção sub-rectangular, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara e superfície alisada. Espessura máxima: 1cm.

(SO71/E003:1)

Bordos

Bordo indeterminado, de pasta arenosa e textura fina.

Bases

Três **bases** de fundo planos, de pasta muito grosseira, arenosa, mal cozida e de cor castanha. Dois deles apresentam as superfícies alisadas no exterior e no interior e o terceiro manifesta restos orgânicos no interior.

Diâmetros indeterminados.

(SO71/E003:2)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e de lábio horizontal, por vezes boleado por defeito de fabrico. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de médio calibre. Vaso castanho claro. A superfície parece ter sido apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: cerca de 27cm.

Forma 1.

Fragmento de **panela de asa interior**, de lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de médio calibre. Vaso castanho claro. A superfície foi apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: 36cm.

Forma 10.

Fragmento de **pote** vertical, de lábio horizontal de uma forma cerâmica muito fechada, de colo curto e de pança esférica. A pasta é arenosa/micácea, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. É castanho. A superfície parece ter sido apenas alisada.

Diâmetro externo da boca: 9cm.

Forma 20.

(SO71/E003:3)

Asas

Asa, de secção sub-rectangular, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara e superfície rugosa. Espessura máxima: 0,8cm.

(SO71/E003:4)

Bordos

Fragmento de um **pote** ligeiramente esvasado, de lábio indeterminado. A pasta é arenosa/micácea, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho claro no exterior e com manchas mais escuras no interior. A superfície externa foi apenas alisada e a interna parece ter sido polida.

A deterioração do lábio não permite obter dimensões.

Forma 2.

Panças decoradas

Fragmento de **pança decorada** com um mamilo fracturado. A pasta é arenosa, grosseira, com desengordurantes de médio e grande calibre. De cor castanha clara e superfície polida em ambas as faces.

(SO71/E003:5)

Bases

Base de fundo plano alargado, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara, decorado com dedadas na base da pança. Superfície apenas alisada.

Diâmetro externo da base: 17cm.

(SO50/W001:1)

Bases

Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha-alaranjada. Superfície alisada no exterior e rugosa no interior.

Diâmetro externo da base: 13,6cm.

(SO78/W0019:4)

Bordos

Fragmento de **pote** ligeiramente esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de médio calibre. Contém alguma mica proveniente da argila de fabrico. Vaso castanho com manchas escuras no interior. Superfície polida.

Diâmetro externo da boca: 20cm.

Forma 2.

Bases

Base de fundo plano alargado, de pasta fina, arenosa, de cor castanha. Contém alguma mica que cremos proveniente da argila. Superfície apenas alisada, no interior e polida no exterior.

Diâmetro externo da base: 14cm.

(SO79/W019:3)

Bases

Base de fundo plano, de pasta fina, arenosa, de cor castanha. Contém alguma mica que cremos proveniente da argila. Superfície polida.

Diâmetro externo da base: 9cm.

(SO86/W011:3)**Bordos**

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio boleado. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho. A superfície foi polida nas duas faces. Diâmetro externo da boca: 32cm.
Forma 2.

Bases

Fragmento de **base**, de pasta muito grosseira, arenosa, de cor castanha avermelhada. Superfície rugosa. Diâmetro indeterminado.

(SO86/W011:4)**Bordos**

Fragmento de **panela**, de lábio sub-arredondado, ligeiramente boleado. A pasta é arenosa/micácea, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho, alisado com vestígios de fuligem no exterior. Diâmetro externo da boca: 28cm.
Forma 18.

Quatro fragmentos de **potinho/púcaro**, três de bordo esvasado e lábio arredondado e um de lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura fina em todos os casos. Os vasos são castanhos claros e polidos com exceção de um que é castanho escuro e rugoso. Diâmetros externos de boca: indeterminados.
Forma 10.

Dois fragmentos de **potinho/púcaro**, de bordo vertical e lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura fina em ambos os casos. Os vasos são castanhos escuros e muito polidos. Diâmetro externo da boca: cerca de 7cm, cada um.
Forma 10.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura fina. Vaso castanho claros, polidos nas duas superfícies. Diâmetros externos da boca: indeterminado.
Forma 10.

Fragmento de bordo de **panela de asa interior (?)**, de lábio horizontal reentrante. A pasta é arenosa, de textura mediana. Recipiente castanho claro, alisada nas duas superfícies. Diâmetros externos da boca: 28cm.
Forma 18.

Bases

Duas **bases** de fundos planos, de pasta grosseira, arenosos, de cor castanha. Superfície alisada no exterior e no interior. Diâmetros indeterminados.

Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha. Superfície rugosa no exterior e no interior. Diâmetro externo da base: 11,4cm.

Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor alaranjada. Superfície rugosa no exterior e no interior. Diâmetro indeterminado.

Base de fundo ligeiramente côncavo, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara. Superfície alisada. Diâmetro indeterminado.
Arranque de base indeterminado, de pasta grosseira.

Panças carenadas

Fragmento de **pança carenada**, de pasta média, arenosa, de cor castanha clara, mal cozida e com o interior apenas alisado.

Dimensões da área da carena: 19,6cm.

(SO86/W011:5)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura mediana. Vaso castanho escuro com manchas mais claras. Rugoso nas duas superfícies.

Diâmetros externos da boca: 24cm.

Forma 1b.

(SO86/W011:6)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo muito esvasado, com lábio adelgado e arredondado. A pasta é arenosa com alguma mica, de textura mediana, com desengordurantes de médio e fino calibre. Vaso castanho escuro, alisado no interior e rugoso no exterior onde há vestígios de fuligem.

Diâmetro externo da boca: 20cm.

Forma 2.

Fragmento de **pote**, de bordo horizontal, muito fechado e lábio sub-horizontal. O colo é curto e a pança é muito aberta de tipo esferóide. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho claro, com manchas escuras e fuligem, no interior. Foi alisado.

Diâmetro externo da boca: 19,4cm.

Forma 20.

(SO92/W002:2)

Bordos

Fragmento de **potinho**, ligeiramente esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de fabrico muito fino, com desengordurantes de pequeno calibre. Vaso castanho claro. A superfície foi muito polida no interior e exterior.

Diâmetro externo da boca: 9cm.

Forma 10.

(SO94/W003:3)

Bordos

Fragmento de um **bordo** indeterminado de lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre. Vaso castanho. A superfície externa parece ter sido apenas alisada.

As dimensões do bordo não permitem dimensões e enquadramento morfológico.

Base

Base de fundo plano, de pasta muito grosseira, arenosa/micácea, com desengordurantes de grande e médio calibre. A cor é castanha, com manchas mais escuras no interior. Superfície rugosa.

Diâmetro indeterminado mas de grandes dimensões.

(SO95/W009:1)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio arredondado. A pasta é arenosa, de textura mediana. Vaso castanho escuro. As superfícies são rugosas.

Diâmetro indeterminado.

Forma 1.

Dois **bordos** indeterminados, de pastas finas, arenosas e superfícies polidas e um bordo, igualmente indeterminado, de pasta grosseira, arenosa.

Bases

Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha avermelhada. Superfície rugosa no exterior e alisada no interior.

Diâmetro externo da base: 13cm.

Panças decoradas

Fragmento de **pança**, de pasta fina, arenosa, de cor alaranjada, decorada com duas caneluras horizontais, pouco profundas. As superfícies são alisadas.

(SO98/W000:2)

Bases

Base de fundo plano alargado, de pasta grosseira, arenosa, de cor avermelhada pelo exterior e castanho escuro pelo interior. Superfície polida apenas exteriormente.

Diâmetro indeterminado

(SO98/W000:3)

Bordos

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado, de lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura fina, com desengordurantes de pequeno calibre. Contém micas provenientes das argilas (?). Vaso castanho. As superfícies foram alisadas.

Diâmetro externo da boca: 15,4 cm.

Forma 10.

Fragmento de **pote** indeterminado de lábio horizontal. A pasta é arenosa, de textura grosseira. Vaso castanho escuro com as superfícies polidas e vestígios de fuligem, no exterior.

Diâmetro externo da boca: 21cm.

Forma 2.

Fragmentos de sete **bordos** vertical e lábios horizontais (4) e arredondados (3). A pastas são arenosas, de textura grosseira. Vasos castanhos, um alaranjado, com as superfícies alisadas.

Bases

Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa/micácea, com desengordurantes de grande, médio e pequeno calibre. Cor castanha clara no interior e vestígios de fuligem no exterior da pança. Superfície alisada internamente.

Diâmetro externo da base: 13cm.

(SO98/W000:4)

Bases

Base de fundo plano (dois fragmentos), ligeiramente alargado, de pasta arenosa, mediana, com desengordurantes de pequeno e médio calibre. Cor castanha clara no exterior e manchas mais escuras no exterior. Superfície alisada internamente.

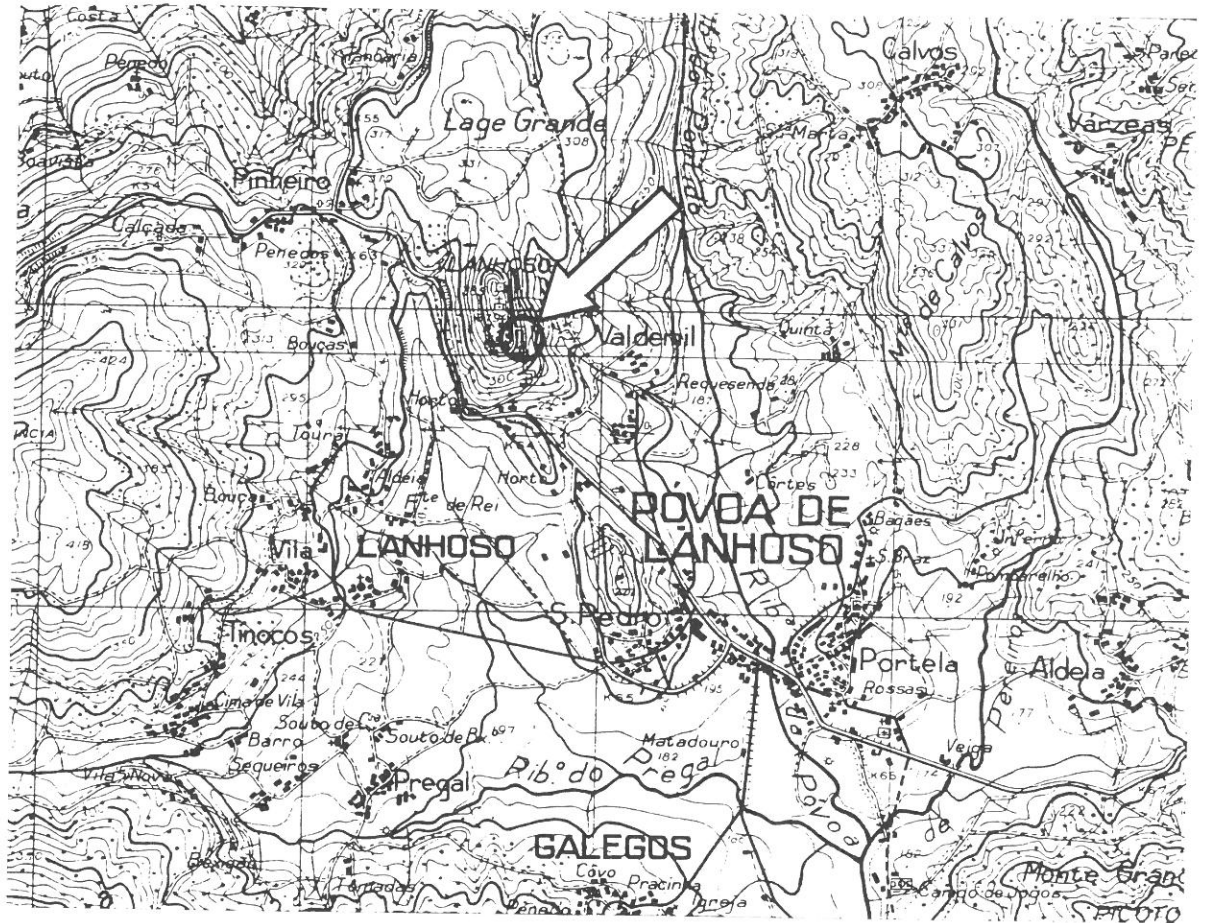
Diâmetro externo da base: 11cm.

METAIS

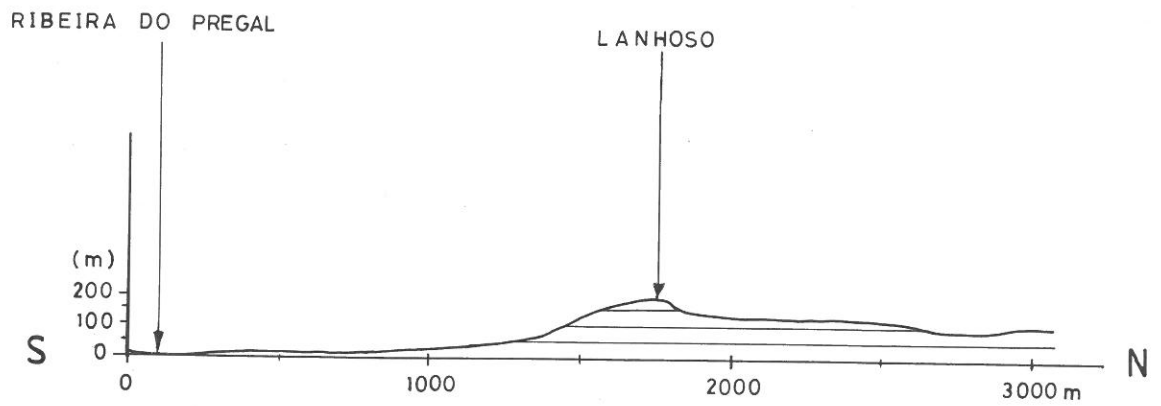
Punhal triangular, de folha lisa, com dois orifícios de prensão, em bronze. Dimensões: comp. 11,3cm; larg. máx. 2,3cm; esp. 0,1cm.

As análises da composição química desta peça deram os seguintes resultados: Cu: 76.34 e Sn: 22.54.

ESTAMPAS

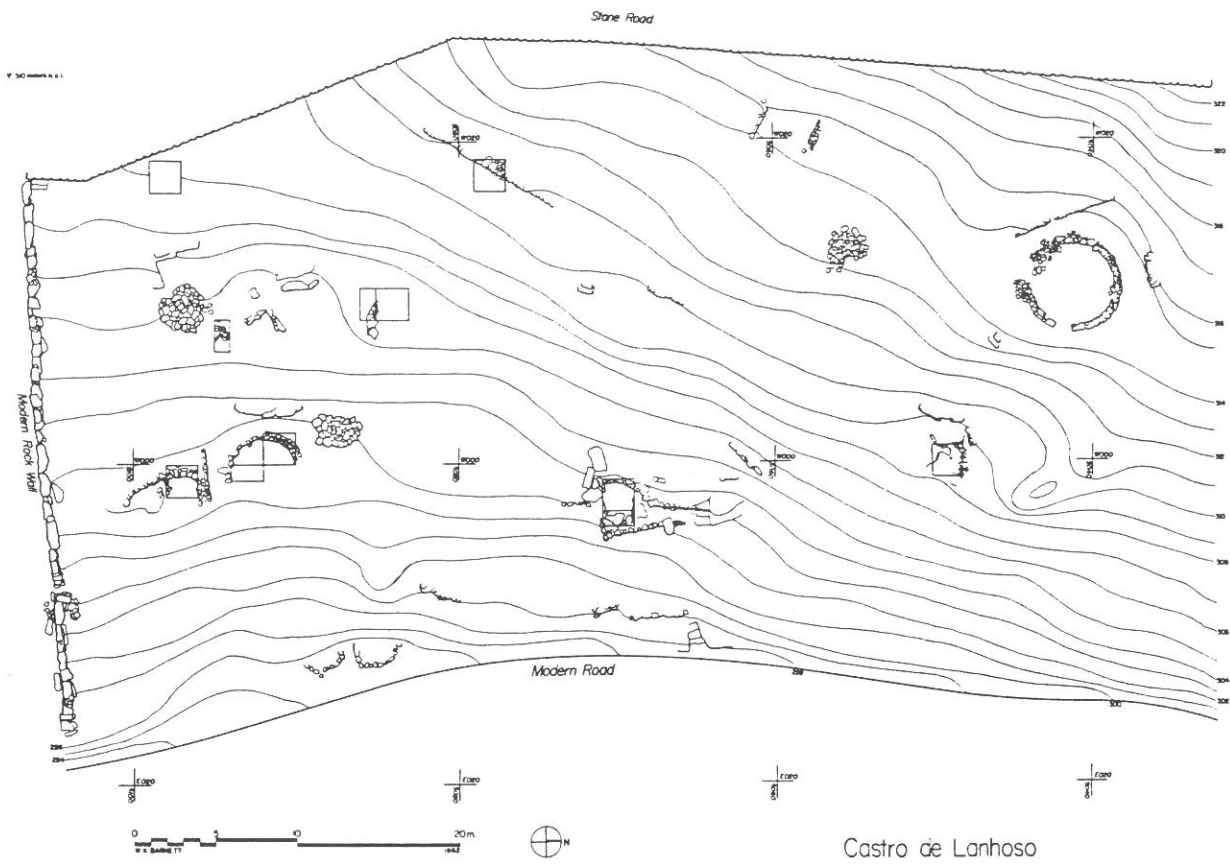


1



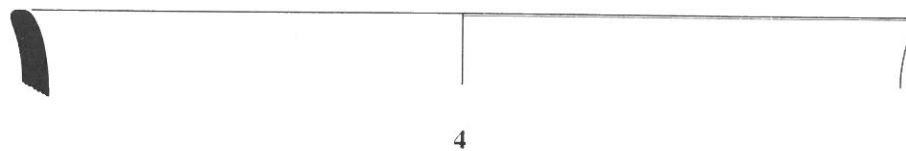
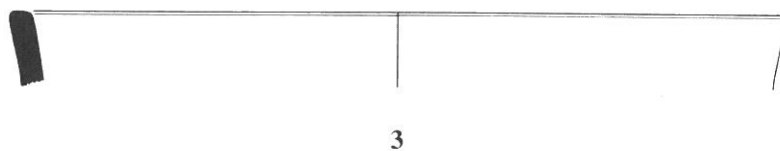
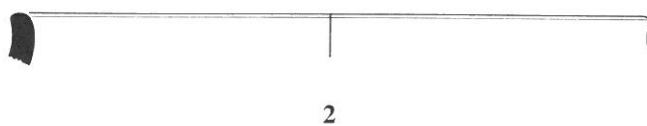
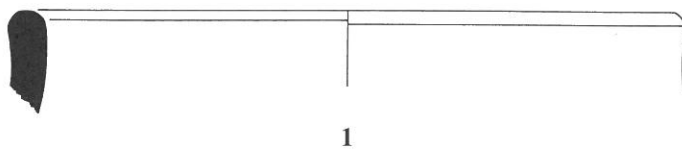
2

1 - Localização do povoado na C. M. P., na esc. 1: 25 000; 2 - Perfil topográfico desta estação.

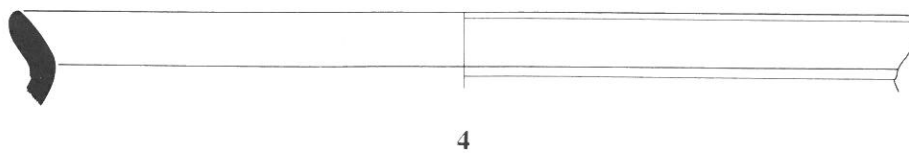
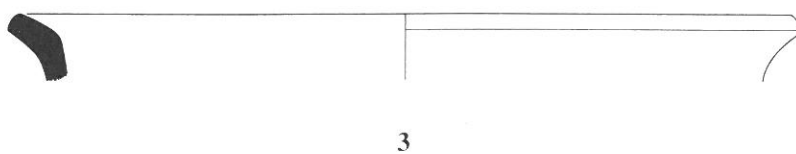
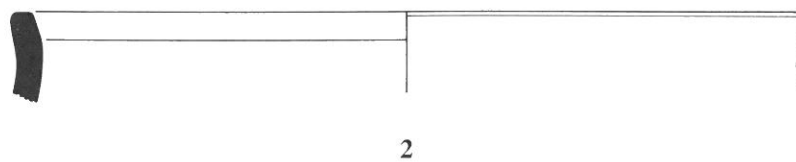
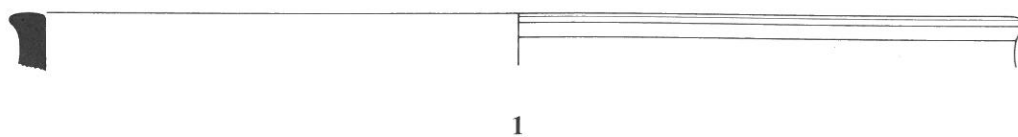


Localização das sondagens efectuadas por K. Petruso, nos anos 80.

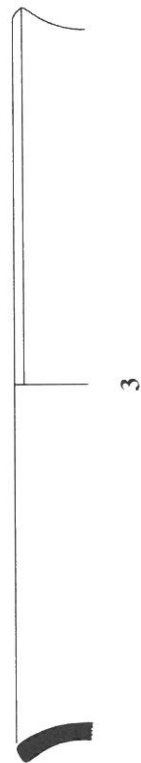
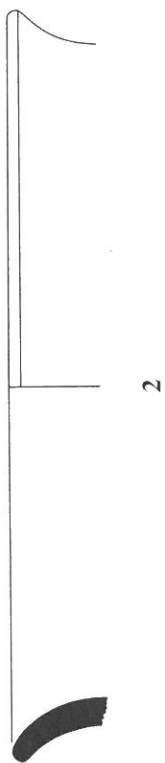
Est. IV



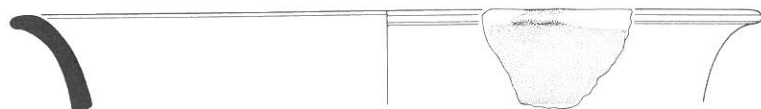
Potes da forma 1. Esc. 1/2.



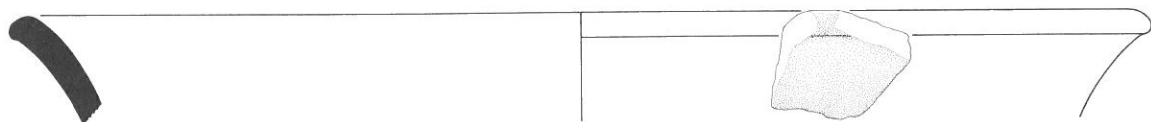
1 e 2 - Potes da forma 1; 3 e 4 - Potes da forma 1b. Esc. 1/2.



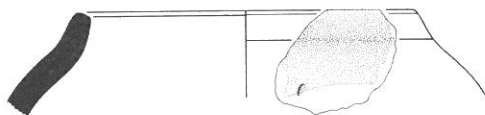
1 - Pote da forma 1b; 2 e 3 - Potes da forma 2. Esc. 1/2.



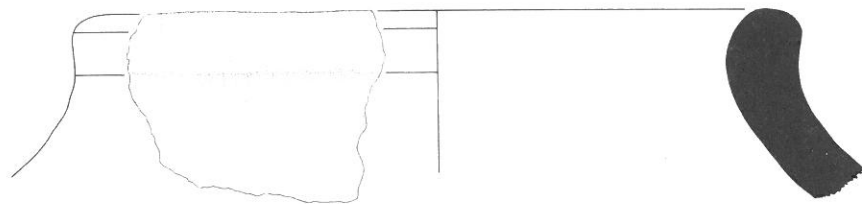
1



2



3

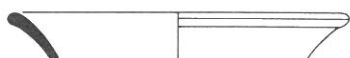


4

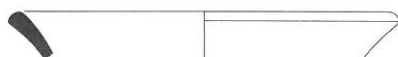
1 e 2 – Potes da forma 2; 3 e 4 – Potes da forma 20. Esc. 1/2.



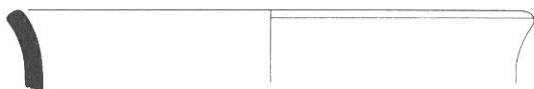
1



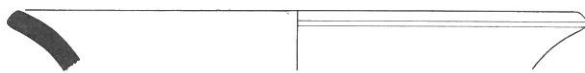
2



3

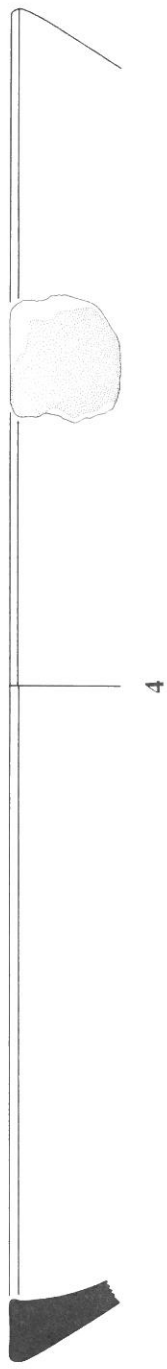
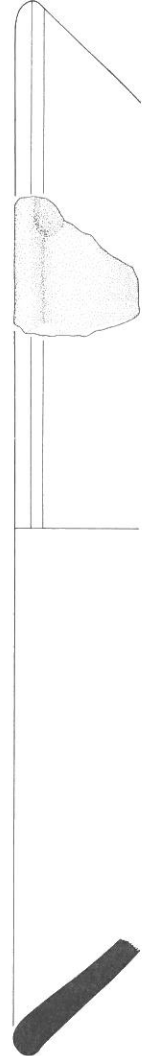
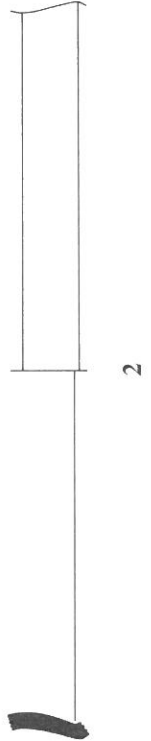
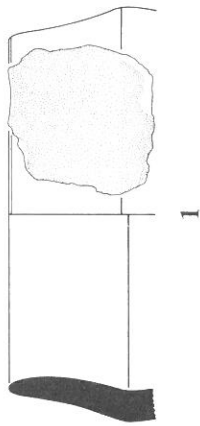


4

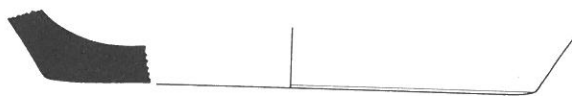


5

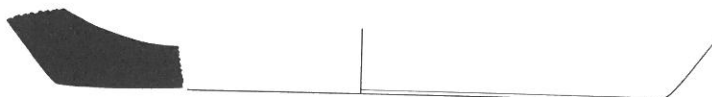
Potinhos/púcaros. Esc. 1/2.



1 e 2 - Taças carenadas; 3 - Malga; 4 - Painela de asa interior. Esc. 1/2.



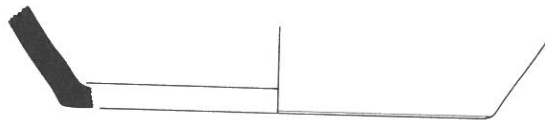
1



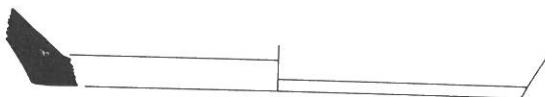
2



4



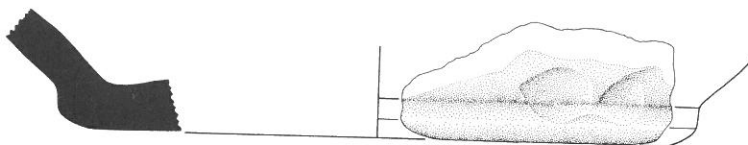
3



5

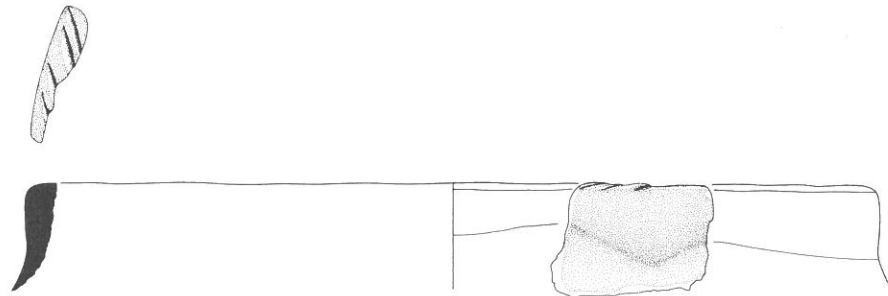


6



7

Bases. O fragmento n.º 7 apresenta decoração impressa. Esc. 1/2.



1



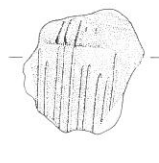
2



3



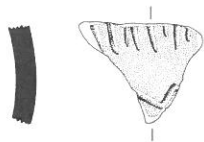
4



5



6



7

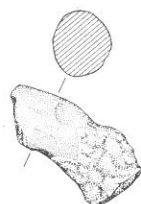


8

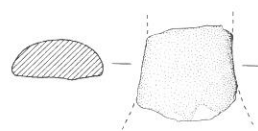


9

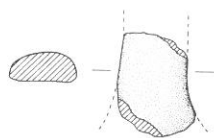
1 a 3, 5 a 7, 9 – Fragmentos com decoração incisa; 4 e 8 – Fragmentos com decoração plástica. Esc. 1/2.



1



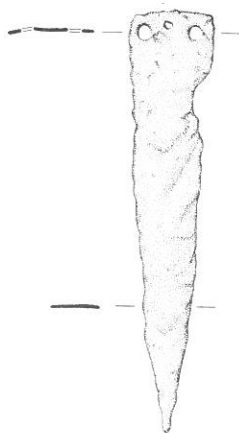
2



3



4



5

1 a 3 - Fragmentos de asa; 4 - Disco; 5 - Punhal metálico. Esc. 1/2.

A CITÂNIA DE RORIZ (BARCELOS) NA IDADE DO BRONZE

1. INTRODUÇÃO (Est. I e II)

O povoado de Roriz é um povoado de cume, localizado numa área de montanha. Localiza-se na freguesias de Oliveira e Roriz, concelho de Barcelos.

A única campanha de escavação aí efectuada teve lugar em 1978, e foi dirigida por C. A. B. de Almeida e Teresa Soeiro. Dessa intervenção resultou um pequeno artigo, publicado em 1980 (ALMEIDA *et al*, 1980).

2. ESCAVAÇÕES

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO (Est. III a VI)

As escavações verificaram-se na vertente sudeste, numa plataforma definida pela segunda muralha, contígua à acrópole. A metodologia seguida levou à abertura de uma vala de sondagem de 7,2 x 1m. Em simultâneo, foi efectuada a limpeza de um perfil provocado pela abertura do caminho de acesso à capela da Senhora do Facho, na vertente su-sueste do povoado. Com este último trabalho pretendia-se obter uma leitura estratigráfica no fim da plataforma contígua à acrópole e obter um corte da segunda muralha (ALMEIDA *et al*, 1980: 32).

A vala de sondagem forneceu uma estratigrafia pobre, apenas com 3 camadas. A primeira correspondia a terra humosa, a segunda à romanização e a terceira a uma ocupação ou aterro do Ferro Recente. Nesta última camada, que assentava directamente sobre o saibro, descobriram-se alguns fragmentos de cerâmica de fabrico manual, entre os quais uma taça carenada (*Id. ibidem*: 34).

Na limpeza do corte do caminho foram identificadas 9 camadas estratigráficas, sendo a última estéril. Os autores apenas descrevem a 8, anterior à construção da muralha, fazendo referência ao espólio, de fabrico manual, que colocam por volta do séc V-IV a.C., atendendo ao aparecimento de taças carenadas (*Id. ibidem*: 35).

Concomitantemente às escavações, os autores analisam o espólio de superfície e admitem uma diacronia de ocupação, desde a Idade do Ferro Inicial¹ até à época Romana (*Id. ibidem*: 33).

Foram as características do espólio da camada 8 e a ausência de informação sobre o encontrado nas subseqüentes que nos levaram ao reestudo das camadas 7 e 8.

¹ Os autores usam a designação de "Estilo A" para este período, de acordo com a classificação de C. A. F. de Almeida.

COMENTÁRIO AO ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Observámos todo o espólio das camadas 7 e 8, proveniente da limpeza do perfil da vertente su-sueste, entretanto depositados no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos. Estudámos assim 16 fragmentos cerâmicos, 14 deles pertencentes a bordos ou bases, pelo que as panças desapareceram ou não foram recolhidas no decorrer dos trabalhos.

Apesar da escassez do espólio foi possível perceber a exclusividade de cerâmicas de fabrico manual, em ambas as camadas, a ausência de louça decorada e a predominância da cozedura redutora.

Camada 7			
FORMAS	QUANT.	(%)	PASTAS
Pote 1b	1	(17%)	Micácea
Pote 2	1	(17%)	Micácea
Potinho/púcaro	2	(33%)	Arenosa e Micácea
Base de fundo plano	2	(33%)	Arenosa
TOTAIS	6	(100%)	

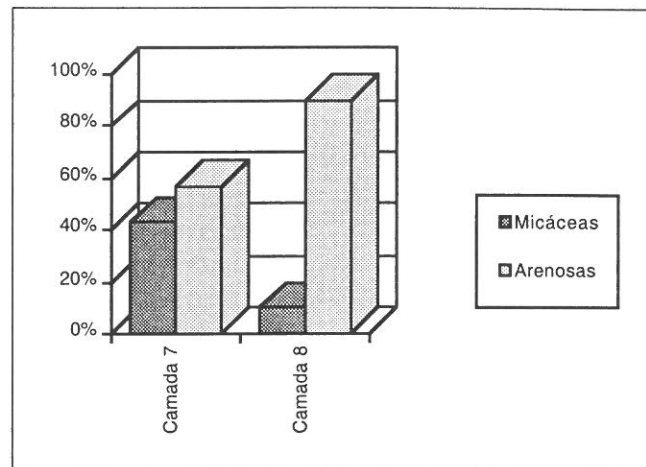
Na camada 7 identificámos apenas as formas 1b, 2 e 10. A inexistência de fuligem nos potes 1b e 2, de grande e média dimensão, respectivamente, indiciam formas para armazenagem ou transporte. Num total de 7 fragmentos, 57% correspondem a pastas micáceas e 43% a arenosas (Est. IV).

Camada 8			
FORMAS	QUANT.	(%)	PASTAS
Pote 1	1	(12,5%)	Arenosa
Pote 1b	1	(12,5%)	Arenosa
Pote 1c	1	(12,5%)	Arenosa
Potinho/púcaro	1	(12,5%)	Arenosa
Taça carenada	2	(25%)	Arenosa
Panela de asa interior	1	(12,5%)	Micácea
Base de fundo plano	1	(12,5%)	Arenosa
TOTAIS	8	(100%)	

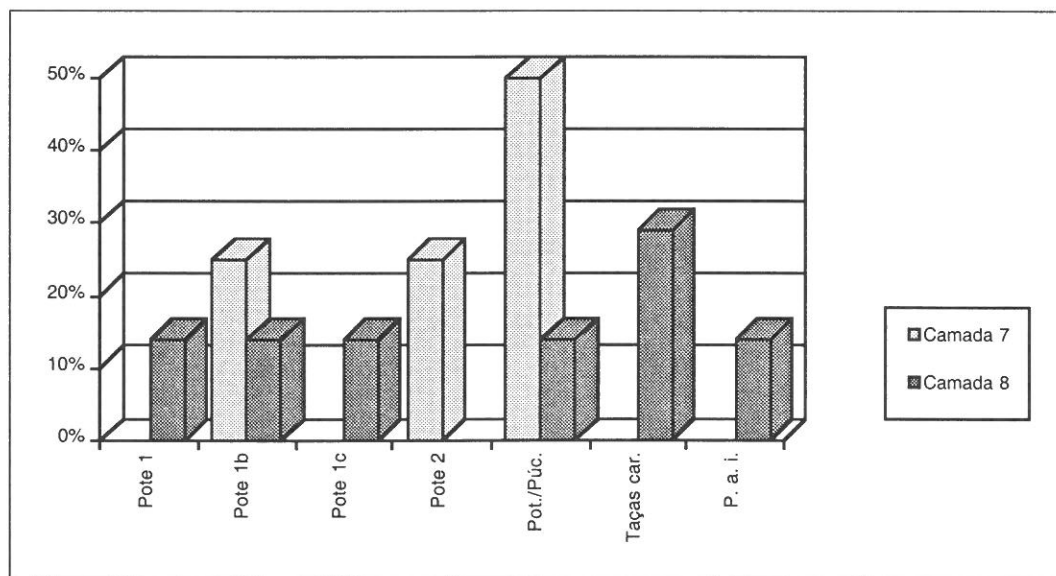
Na camada 8 as formas são relativamente variadas: estão representados os potes da forma 1, 1b, 1c, embora de pasta arenosa, os potinhos/púcaros, as taças carenadas e as panelas de asa interior. A inexistência de fuligem no pote 1c, com mais de 40cm de diâmetro de bordo, confirma a presença de formas para armazenagem. Os potes 1 e 1b, apresentam indícios de utilização no lume. O 1b tem um bordo de aba muito pequena.

Num total de 10 fragmentos cerâmicos, incluindo os 2 fragmentos de panças referidas no catálogo, a pasta arenosa, de textura grosseira ou fina, é predominante (90%) (Est. V e VI).

Em ambas as camadas os potinhos/púcaros, quer fabricados em pasta arenosa, quer em micácea, apresentam bordos esvasados. Do mesmo modo, as bases são, exclusivamente, de fundos planos, de pastas arenosas e de diâmetros pequenos.



1. Comparação entre as pastas das camadas 7 e 8



2. Comparação entre as formas das camadas 7 e 8

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas encontradas na camada 8, bem como as suas características técnicas são bem conhecidas em ocupações dos finais da Idade do Bronze da região e do Noroeste. A título de exemplo citemos os paralelos com os níveis do primeiro quartel do I milénio AC do Barbudo I (MARTINS, 1889) e Santinha I e dos primeiro e segundo quartéis do I milénio AC do povoado de S. Julião Ib e Ic (BETTENCOURT, 1999, 2001b). Também a fase Ia do Coto da Pena, em Caminha (SILVA, 1986), apresenta peças similares, inclusive, painéis de asa interior. Perante o conjunto de dados parece oportuno admitir uma ocupação dos finais da Idade do Bronze, i. é, na vertente su-sueste do monte de Roriz.

A camada 7 é mais difícil de avaliar, pois desconhecemos a interpretação que sobre ela fizeram, os directores de escavação. Pomos, porém a hipótese, embora de forma académica, de estarmos face a um momento de transição entre a Idade do Bronze e a do Ferro, o que poderia explicar a simultaneidade de louça em pasta arenosa e micácea, a pervivência das formas encontradas e os bordos esvasados dos potinhos.

De qualquer forma, o número de fragmentos é escasso e não podemos excluir a possibilidade de estarmos face a uma camada de escorregamento, atendendo à inclinação topográfica da mesma. Considerando esta última hipótese, o único dado que podemos "objectivar", é a existência, no povoado, de louça passível de integração numa fase antiga do Ferro Inicial.

Só novas intervenções arqueológicas nesta estação poderão esclarecer uma problemática tão complexa como a da transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro.

Todavia há material metálico descontextualizado, mas proveniente deste povoado que parece corroborar ocupações dos finais da Idade do Bronze e dos inícios do Ferro. Referimo-nos a cinco peças em bronze: um machado de alvado de duplo anel; dois de talão, também de dois anéis [um com três nervuras na folha, cone de fundição e rebarbas de fundição (SILVA, 1880: 359; VEIGA, 1891: 226, Est. 23; CORREIA, 1924: 229; MONTEAGUDO, 1977: 246, Est. 118; KALB, 1980: 27; COFFYN, 1985: 221; SILVA, 1986: gráf. 4) e outro com duas caneluras e sem cone de fundição (VASCONCELOS, 1895: 26; SILVA, 1986: gráf. 4)²; um bipene (VILLAS-BOAS, 1948: 29 e segs.; COSTA *et alii*, 1980: 27)³ e uma sanguessuga, inédita, propriedade do Sr. Manuel Gonçalves, morador no Lugar da Mota, freguesia da Oliveira.

Ao mesmo período genérico, inserimos os quatro afloramentos com sulcos, covinhas e outras gravuras, localizados no perímetro do povoado, quer pela temática, quer pelo facto de não conhecermos ocupações mais antigas do que as dos finais da Idade do Bronze, neste local. Um deles fica entre a primeira e segunda linha de muralhas, muito perto da acrópole e a nordeste desta. Trata-se de um afloramento horizontal, no meio do qual cresce um sobreiro que o está a danificar. Contém inúmeras covinhas de diferentes dimensões, algumas parecendo desenhar um círculo e outras, um alinhamento. No início da vertente noroeste e após a segunda muralha existem outras três rochas historiadas, com visibilidade para o sol poente. Nelas encontramos pequenos sulcos, por vezes ligando covinhas entre si, covinhas dispostas de várias formas, por vezes em círculo com apêndice.

² Este machado, com 22,2cm de comprimento, foi achado em Boriz, perto de Barcelos, segundo J. L. de Vasconcelos (1895: 26). Não conhecemos nenhuma freguesia ou lugar do concelho com esta designação, pelo que cremos tratar-se de um artefacto proveniente do povoado de Roriz.

³ Depositado no antigo Museu dos Alcaldes de Faria, em Barcelos, mas hoje desaparecido.

CATÁLOGO DOS MATERIAIS DAS CAMADAS 7 E 8

CERÂMICAS

[Roriz 78 M (07)] (Est. IV)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida média e de lábio grosso horizontal. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 29-39cm.

Forma 1b.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. A pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 2.

Fragmento de **potinho/púcaro**, com bordo esvasado e lábio grosso arredondado. A pasta é micácea, fina, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no colo externo.

Diâmetro externo da boca: 13cm.

Forma 10.

Fragmento de **potinho/púcaro**, com bordo esvasado e lábio arredondado. A pasta é arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 10.

Bases

Base de fundo plano, de pasta arenosa, fina, de superfície polida no interior e exterior e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Base de fundo plano (?), de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha no exterior e negra no interior. São visíveis restos de matéria orgânica no interior.

Diâmetro externo da base: 11-19cm.

Panças

Regista-se ainda a presença de dois fragmentos de panças, de fabrico manual e pasta arenosa, sendo um de textura grosseira e acabamento alisado e outro de textura fina e acabamento polido.

[Roriz 78 M (08)] (Est. V e VI)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso horizontal. A pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no bordo, colo e pança exteriores.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida pequena e de lábio adelgado arredondado. A pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis vestígios de fuligem no bordo e colo exteriores.

Diâmetro externo da boca: > 29cm.

Forma 1b.

Fragmento de **pote**, de bordo em aba horizontal média e de lábio adelgado arredondado. A pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: > 40cm.

Forma 1c.

Fragmento de **potinho/púcaro**, com bordo esvasado e lábio grosso arredondado. A pasta é arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.
Diâmetro externo da boca: 0-11cm.
Forma 10.

Fragmento de uma **taça carenada**, de bordo vertical e lábio adelgado arredondado. A pasta é arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha/negra.
Diâmetro externo da boca: 0-11cm.
Forma 12.

Fragmento de uma **taça carenada**, de bordo vertical e lábio grosso arredondado. A pasta é arenosa, fina, de superfície polida e cor castanha.
Diâmetro externo da boca: 19-29cm.
Forma 12.

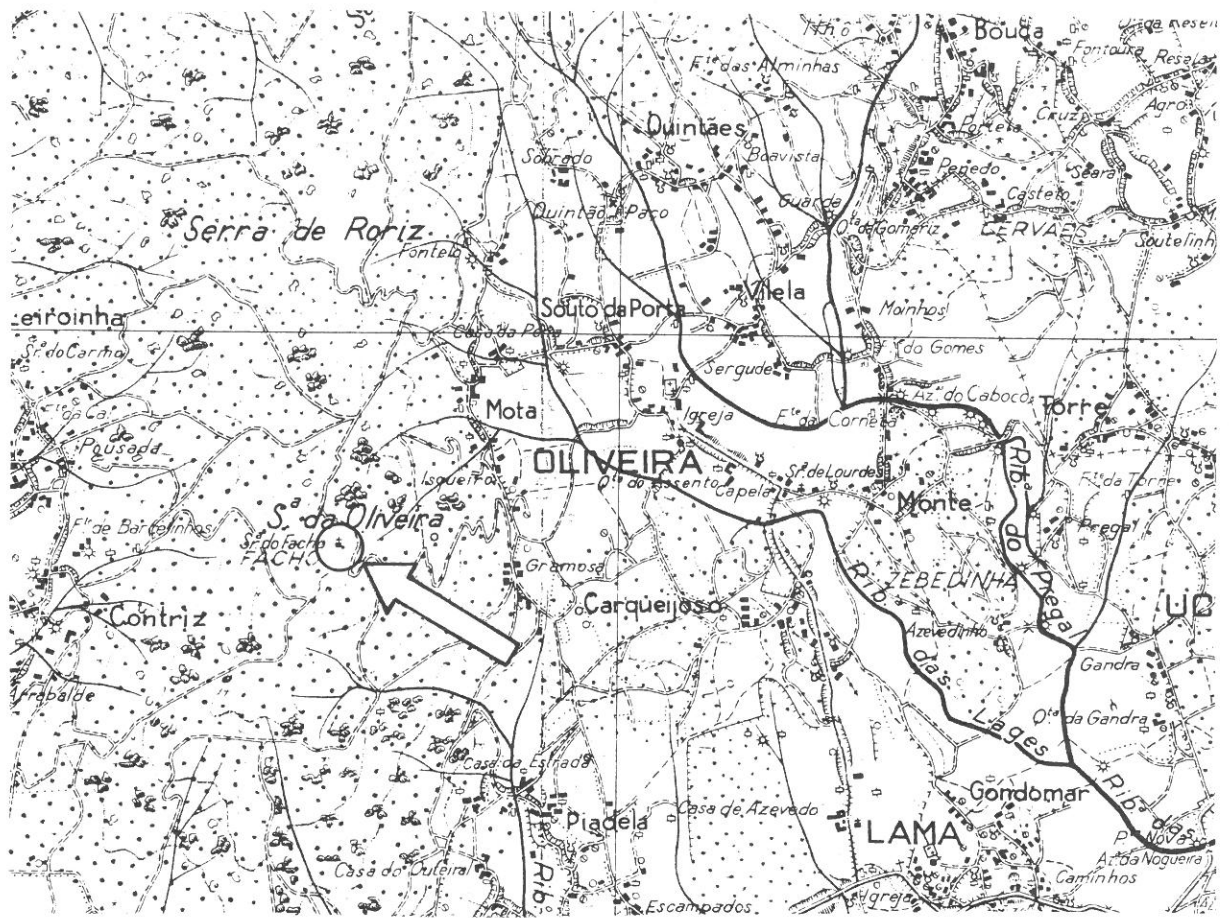
Fragmento de **panela de asa interior**, de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. A asa é de secção arredondada. A pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis vestígios de fuligem no bordo exterior.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 18.

Bases

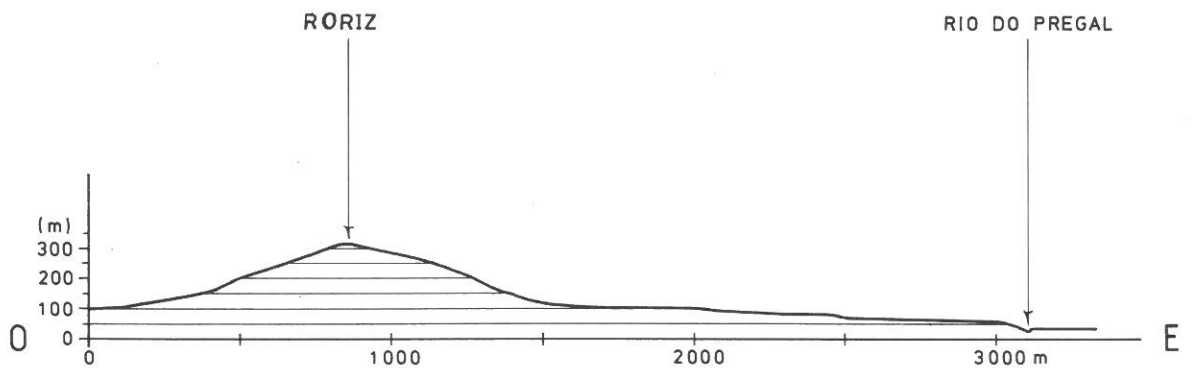
Base de fundo plano, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis sinais de fuligem no exterior.
Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Nota: Há uma ficha neste Gabinete com as seguintes indicações "Taça carena "tipo Alpiarça" séc. V-IV a.C.". Não vimos esta peça, que pensamos ser a encontrada na camada 3 da vala de sondagem.

ESTAMPAS

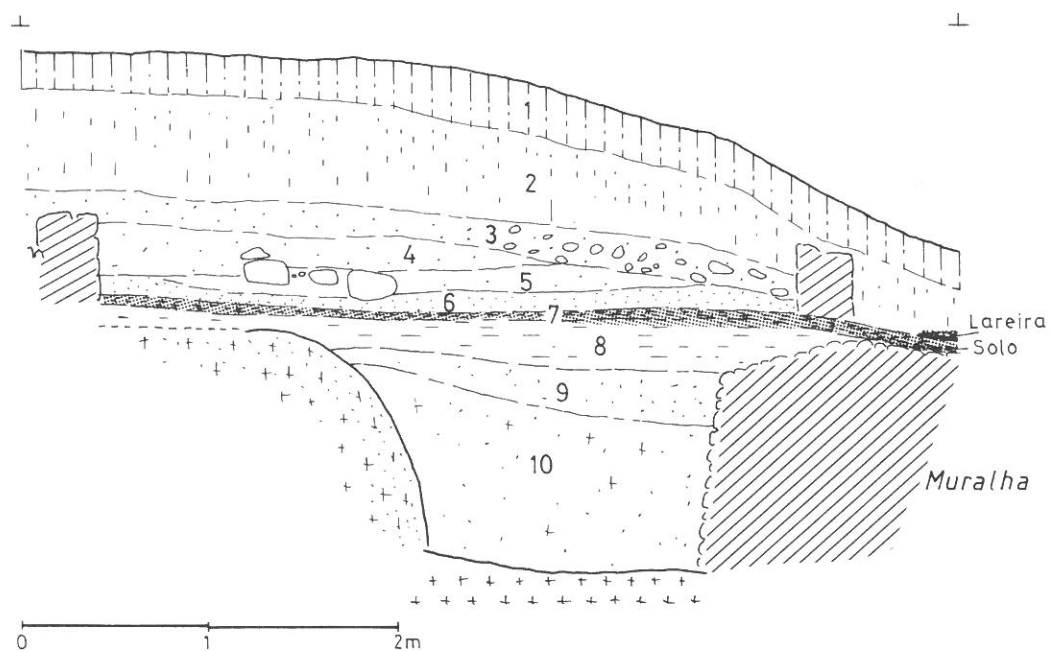


1



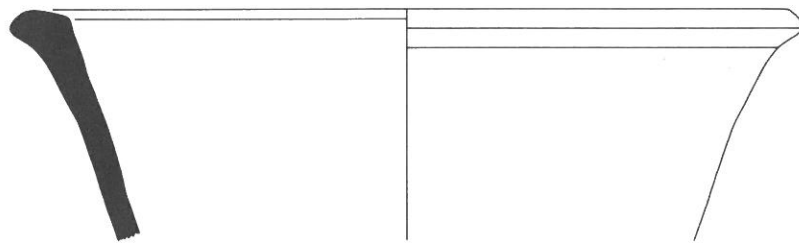
2

1 - Localização do povoado na C. M. P., na esc. 1: 25 000; 2 - Perfil topográfico deste povoado em relação ao rio do Pregel.

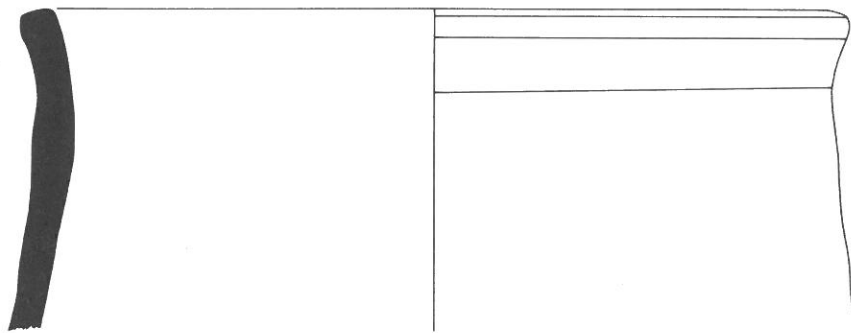


1 - Perfil estratigráfico resultante da limpeza efectuada no corte do estradão que dá acesso à capela da plataforma superior, em 1978 (B. ALMEIDA *et al*, 1980, adaptado).

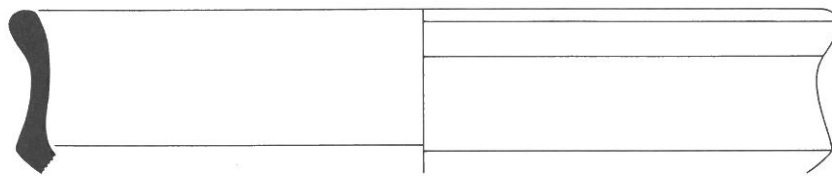
Est. IV



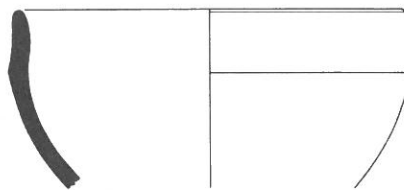
1



2

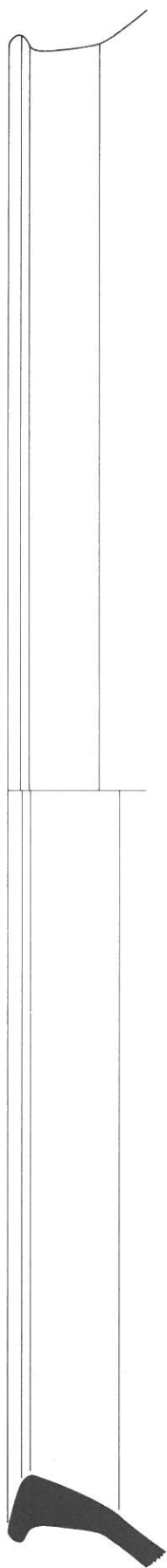


3

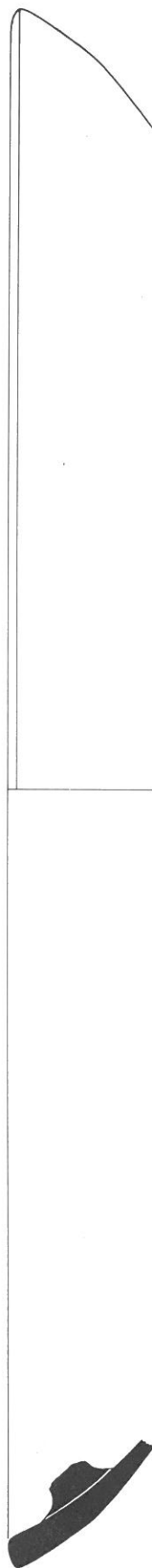


4

Roriz II: Espólio da camada 7. Esc. 1/2, excepto a 3 que foi reduzida para 1/3.



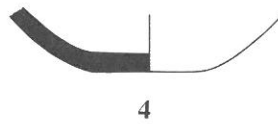
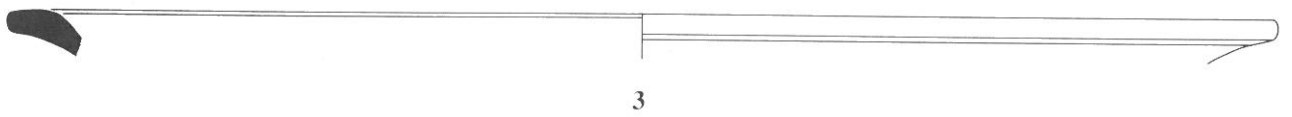
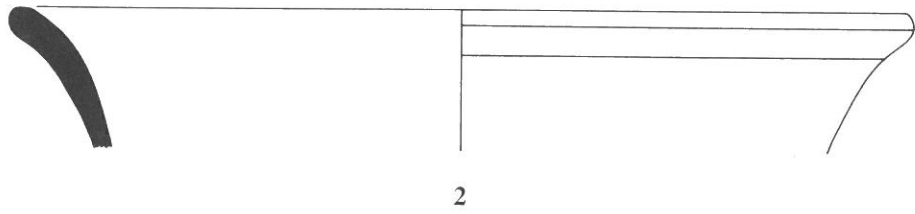
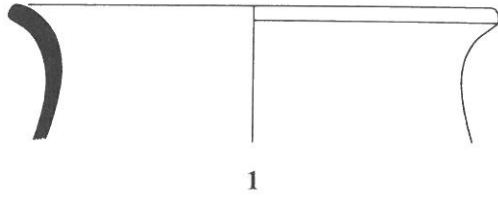
1



2

Roriz I: Espólio da camada 8. Esc. 1/2.

Est. VI



Roriz I: Espólio da camada 8. Esc. 1/2.

O POVOADO PROTO-HISTÓRICO DO MONTE DO FACHO/ALTO DA TORRE (BARCELOS)

1. INTRODUÇÃO (Est. I e II)

O Alto da Torre é um povoado de cume, localizado em área de montanha. Localiza-se no lugar da Torre, freguesia de Abade de Neiva, concelho de Barcelos.

A única intervenção arqueológica que conhecemos, verificou-se em 1978, quando C. A. B. de Almeida aí efectuou escavações. Dessa intervenção resultou um pequeno artigo, em 1980 (ALMEIDA *et al*, 1980; BETTENCOURT, 1999; 2000b).

2. ESCAVAÇÕES

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO

As escavações verificaram-se na vertente este, entre a terceira e a quarta muralhas. A metodologia usada foi a abertura de uma vala de sondagem com 5 x 1m, perpendicular à terceira linha de muralha. Nela foram detectadas 10 camadas estratigráficas, descritas por C. A. B. Almeida *et al* (1980: 29-32).

As duas primeiras foram atribuídas a terra vegetal e a terceira a uma fase de destruição e abandono do povoado, inserível na fase da Romanização.

Como camadas de ocupação (?) 4, 5 e 6, também inseríveis na Romanização, deverão relacionar-se com o pavimento argiloso que constitui a camada 7 (ALMEIDA *et al*, 1980: 30).

A camada 8, que cobre uma muralha pétreia assente no saibro, poderá constituir um nivelamento para a construção do pavimento superior. Segundo o nosso ponto de vista, mesmo que esse nivelamento tenha ocorrido não podemos excluir que parte dela se possa considerar como de ocupação.

Para a camada 9 os autores põem duas hipóteses interpretativas. Uma subentende que ela corresponde a escorregamentos que teriam preenchido o espaço vazio entre o afloramento granítico e a construção da muralha e outra, que ela poderá ser contemporânea desse imóvel. A camada 10 foi identificada, igualmente, como de enchimento, provocado por escorregamentos de cotas mais elevadas, o que parece comprovar-se pelas suas características (*Id. ibidem*: 31-32).

Quanto à cronologia destas camadas os autores admitem a sua inserção num "... horizonte castrejo mal conhecido..." que consideram anterior à época de Augusto (*Id. ibidem*: 31-32).

COMENTÁRIO AO ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO (Est. III e IV)

A análise do espólio destas 3 camadas permitiu verificar a quase ausência de fragmentos de panças cerâmicas o que sugere não terem sido recolhidos no decorrer das escavações. Apesar da escassez da louça

estudada, foi possível identificar apenas fabricos manuais e cozaduras predominantemente redutoras¹. As pastas são, maioritariamente, micáceas, embora existam micáceas/arenosas e arenosas.

FRAG.	QUANT.		
	Camada 8	Camada 9	Camada 10
Bordos	7	15	7
Bases	+ de 4	6	1
Panças decoradas			2
Asas			2
TOTAIS	+ de 11	21	12

A forma identificada como pote admite uma grande diversidade morfológica, que se distingue pelos bordos, “tipos” de panças e pela relação bordo/pança. Temos bordos verticais, esvasados, em aba soerguida e em aba horizontal. Nenhum dos potes apresenta decoração.

Camada 8		
FORMA/FRAG.	QUANT.	PASTA
Pote 1b	2	Micácea
Pote 2	2	Micácea
Panela de asa interior	1	Micácea
Malga	2	Arenosa/Micácea e Micácea
Bases de fundo plano	+ de 4	Arenosas (2) e Micáceas (2)
Bases de fundo plano alargado	(várias)	
TOTAIS	+ 11	

Na camada 8 identificámos potes da forma 1 e 2, painéis de asa interior e malgas. A inexistência de fuligem nas formas 1 e 2, confirma a presença de recipientes para armazenagem ou transporte.

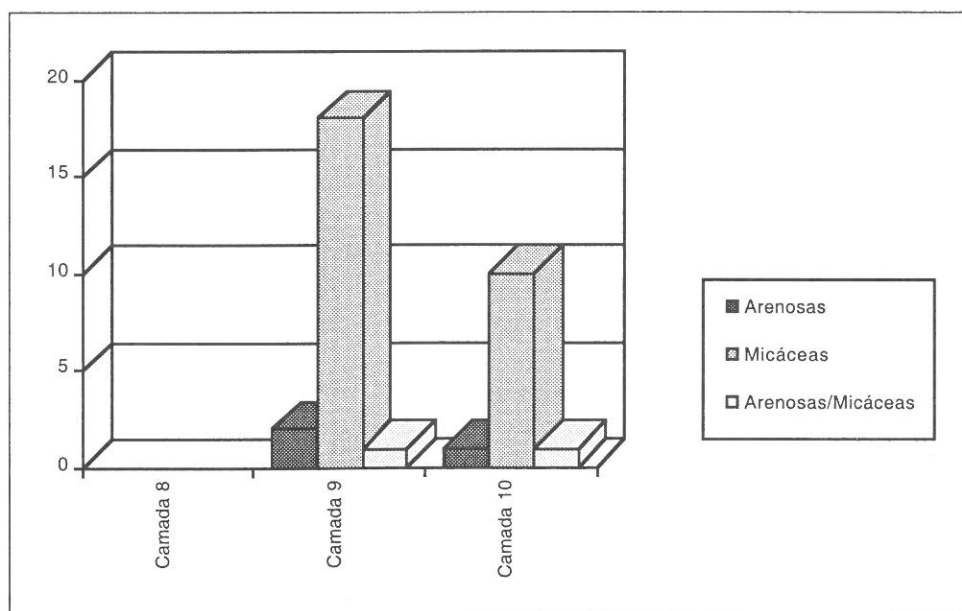
Camada 9		
FORMA/FRAG.	QUANT.	PASTA
Pote 1b	5	Micácea
Pote 2	4	Micácea
Pot./púc.	2	Micácea
Panela de asa interior	1	Micácea
Malga	2	Arenosa e Micácea
Bases de fundo plano	5	Arenosa (1); Arenosa/Micácea (1); Micácea (3)
Bases de fundo plano alargado	1	Micácea
Indeterminados	1	Micácea
TOTAIS	21	

¹ Só a partir da camada 6, não estudada em pormenor, encontrámos cerâmicas de fabrico a torno.

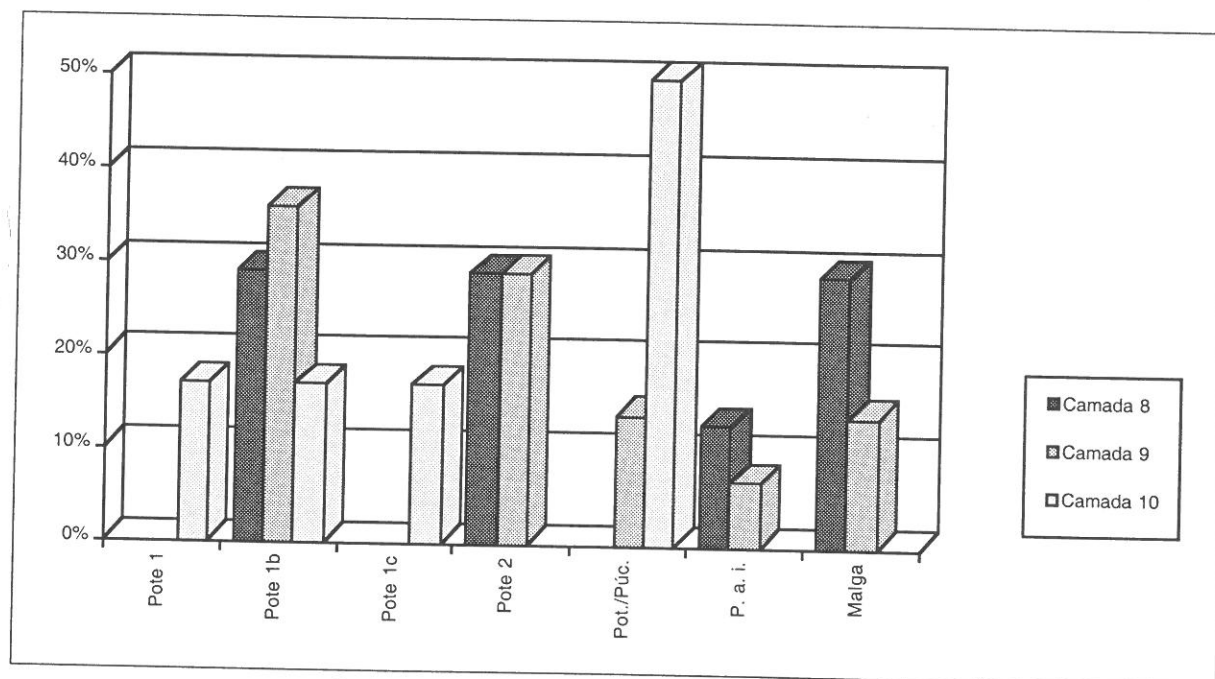
Na camada 9 as formas são, sensivelmente, idênticas às da 8, com excepção dos potinhos/púcaros, que aparecem. Os potes da forma 1b e 2 não indiciam fuligem. Os primeiros apresentam, frequentemente, diâmetros acima dos 30cm pelo que os poderemos considerar formas para armazenamento.

Camada 10		
FORMA/FRAG.	QUANT.	PASTA
Pote 1	1	Micácea
Pote 1b	1	Arenosa/Micácea
Pote 1c	1	Micácea
Pot./púc.	3	Micácea
Bases de fundo plano alargado	1	Micácea
Panças	2	Micácea
Asas	2	Arenosa e Micácea
Indeterminados	1	Micácea
TOTAIS	12	

A camada 10 caracteriza-se pelas formas 1, 1b, 1c, 10 e ainda por uma asa da forma 18 e outra da forma 10. Estão ausentes as malgas. Apenas o pote da forma 1b não apresenta vestígios de fuligem. O pote 1 e 1c, com diâmetros que não ultrapassam os 20cm, assim como os potinhos, parecem ter sido recipientes de ir ao lume. A única técnica decorativa conhecida nesta camada é a incisão, manifestada por uma linha e por triângulos, dispostos no início da pança.



1. Comparação das pastas entre as camadas 8, 9 e 10



2. Comparação das formas entre as camadas 8, 9 e 10

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo admitindo que as camadas 9 e 10 poderão corresponder a escorregamentos, as características do espólio são muito homogêneas e permitem uma atribuição cronológica relativa.

Em termos formais, tecnológicos e decorativos o material cerâmico destas camadas, paraleliza com o de vários povoados da região, com ocupação dos inícios da Idade do Ferro. A título de exemplo, referenciamos o espólio da fase IIA do Barbudo e de S. Julião, ambos em Vila Verde (MARTINS, 1988; 1989). Este material também se assemelha, em parte, à última fase de S. Julião Id, datado pelo radiocarbono, do séc. IV e que atribuímos ao fim de um processo de transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Em abono de uma cronologia antiga adentro do denominado Ferro Inicial ou mesmo de uma integração num possível momento de transição Bronze/Ferro salientamos a presença da forma 1, pote de bordo vertical e pança ovóide, muito comum na Idade do Bronze. Esta forma desaparece definitivamente nos inícios da Idade do Ferro no Barbudo e S. Julião, pelo que a sua presença poderá ser interpretada como uma pervivência dos períodos anteriores.

A forma 1b, também poderá considerar-se uma pervivência do período anterior, embora evolua de forma específica durante a Idade do Ferro. Sendo esporádica ocorre no povoado da Santinha I, em Amares e no Barbudo I, em Vila Verde (MARTINS, 1989: 39, 41), em contextos dos finais da Idade do Bronze, datados, pelo radiocarbono, do primeiro quartel do I milénio AC. Também está presente no Castro de Lanhoso, em contexto que cremos similar ao dos povoados anteriores. O mesmo se poderá dizer da forma 18, com antecedentes na fase Ia do Coto da Pena, em Caminha (SILVA, 1986). Outras características de antiguidade dentro da Idade do Ferro, são as abas pequenas nos bordos das formas 1c e 10, assim como a predominância das decorações incisivas, nomeadamente dos temas em triângulos.

Este conjunto artefactual, apresenta, no entanto, algumas características evolucionadas. São elas a aba soerguida de grande tamanho e a bases de fundo plano alargado, que, não estando ausentes, em S. Julião Id, são muito raras.

Mesmo com as limitações de uma amostragem limitada parece-nos pertinente colocar a hipótese da existência, nesta estação, de uma fase cronológico-cultural inserível num momento antigo do Ferro Inicial. Por comparação com o último momento de S. Julião Id (BETTENCOURT, 1999; 2000b) e com S. João de Rei II (BETTENCOURT, 1999), onde a cerâmica já é totalmente micácea, podemos considerar as camadas 9 e 10 do Alto da Torre como atribuíveis ao séc. IV AC.

A mesma cronologia poderá atribuir-se à camada 8, que recobre a muralha, pelo que esta estrutura se deverá incluir, também, numa fase antiga da Idade do Ferro.

Embora não tenham sido encontrados indícios seguros de uma ocupação da Idade do Bronze, no Alto da Torre, a presença de pastas arenosas e a pervivência de formas cerâmicas deste período constituem indícios da possibilidade da sua ocorrência, noutros sectores do povoado.

Só a realização de valas de sondagem, quer na acrópole quer nas vertentes desta estação, poderá evidenciar melhor as características desta ocupação e esclarecer uma das problemáticas fundamentais para este período que é a da continuidade de ocupação entre a Idade do Bronze e a do Ferro.

CATÁLOGO DOS MATERIAIS DAS CAMADAS 8, 9 E 10

CERÂMICAS

[Cab 78 (8)] (Est. III: 3; IV: 3 a 5)

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida média, de lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, com desengordurantes mal distribuídos, grosseira, de superfície alisada e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 1b.

Fragmentos de vários **potes**, de bordo em aba soerguida média e grande. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cores acastanhadas e beges.

Formas 1b.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor bege.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2.

Fragmento de **panela de asa interior**, de bordo vertical e lábio grosso. A asa é de secção circular. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha/negra. São visíveis vestígios de fuligem no exterior.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 18.

Fragmento de **malga**, de bordo vertical e lábio grosso horizontal. A asa exterior é de secção circular. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19-29cm.

Forma 22.

Fragmento de **malga**, de bordo vertical e lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 13cm.

Forma 22.

Bases

Base de fundo plano, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada, de cor bege no interior e castanha no exterior.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Base de fundo plano, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada, de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta micácea, mediana, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Várias **base** de fundo plano alargado curto, de fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

[Cab 78 (9)]

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida média, com um pequeno ressalto no início da aba. O

fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 1b.

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida média, com um pequeno ressalto no início da aba. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 1b.

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida média, de lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, com desengordurantes mal distribuídos, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: 32cm.
Forma 1b.

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida grande, de lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: > 30cm.
Forma 1b.

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida muito grande, de lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.
Diâmetro externo da boca: > 30cm.
Forma 1b.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor acastanhada.
Diâmetro externo da boca: > 30cm.
Forma 2.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.
Forma 2.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor acastanhada.
Forma 2.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado e lábio arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor acastanhada.
Forma 2.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 10.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 10.

Fragmento de **panela de asa interior**, de bordo vertical e lábio grosso. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor bege/negra. São visíveis vestígios de fuligem no exterior.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 18.

Fragmento de **malga**, de bordo vertical e lábio grosso arredondado. A asa exterior é de secção circular. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 22.

Fragmento de **malga**, de bordo vertical e lábio grosso. O fabrico é manual, a pasta é arenosa, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 22.

Fragmento de **bordo** de forma indeterminada. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Bases

Base de fundo plano, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada, de cor castanha no exterior.

Base de fundo plano, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e de cor castanha.

Base de fundo plano, de pasta micácea, mediana, de superfície alisada e de cor castanha.

Base de fundo plano, de pasta micácea, mediana, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Base de fundo plano, de pasta micácea, mediana, de superfície alisada e de cor castanha.

Base de fundo plano larga, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

[Cab 78 (10)] Apareceu, nesta camada, pedaços de argila queimada, que cremos pertencerem a um pavimento. Apresentam impressões de círculos de cerca de 1,5cm de diâmetro.

Há, também, algumas panças de fabrico manual, de pasta arenosa e cozadura redutora (Est. III: 1 e 2; IV: 1, 2, 6 a 8).

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo vertical, de lábio grosso horizontal. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta indícios de fuligem externa no colo.

Diâmetro externo da boca: 11-19.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida grande, de lábio grosso horizontal. O fabrico é manual, a pasta é arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

Fragmento de **pote**, de bordo em aba horizontal pequena, de lábio grosso horizontal. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta indícios de fuligem externa e interna no bordo e colo.

Diâmetro externo da boca: 19cm.

Forma 1c.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo em aba horizontal pequena, de lábio adelgado arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, fina, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta vestígios de fuligem nas faces interna e externa, no bordo e colo.

Diâmetro externo da boca: 16,8cm.

Forma 10.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo em aba horizontal pequena, de lábio adelgado arredondado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, mediana, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta vestígios de fuligem no colo externo.

Diâmetro externo da boca: 12,6cm.

Forma 10.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado, de lábio horizontal. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha. Apresenta vestígios de fuligem no colo externo.

Diâmetro externo da boca: 12,4.

Forma 10.

Fragmento de **bordo** esvasado. O fabrico é manual, a pasta é micácea, grosseira, de superfície alisada e cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma indeterminada.

Bases

Base de fundo plano alargado, de fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor bege.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Panças

Fragmento de **pança** decorada, com temas incisos no início da pança. O fabrico é manual, a pasta é micácea, com desengordurantes mal distribuídos, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

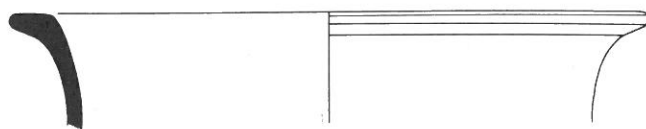
Fragmento de **pança** decorada, com triângulos preenchidos com linhas incisadas, paralelas a um dos lados. O fabrico é manual, a pasta é micácea, com desengordurantes mal distribuídos, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Asas

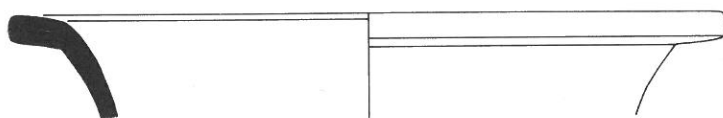
Fragmento de **asa**, de secção triangular, fabrico manual, pasta arenosa, de superfície polida e de cor castanha.

Fragmento de arranque de **asa**, de secção circular, fabrico manual, pasta micácea, de superfície polida e de cor castanha/negra. Apresenta vestígios de fuligem na superfície externa. Trata-se de uma asa de panela de asa interior.

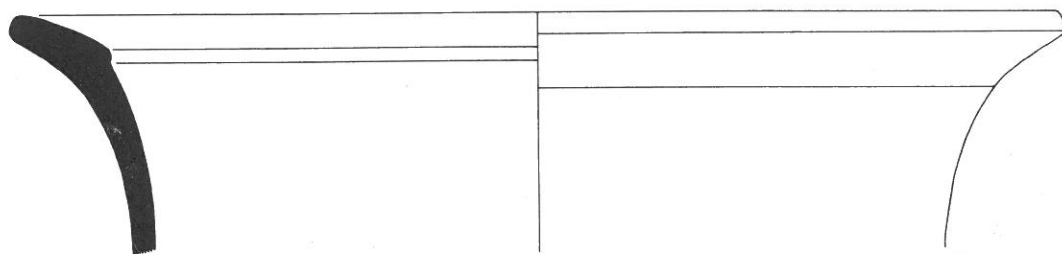
ESTAMPAS



1



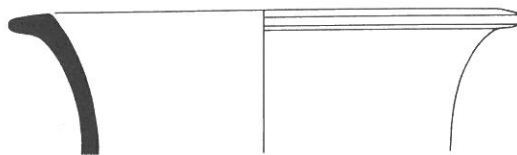
2



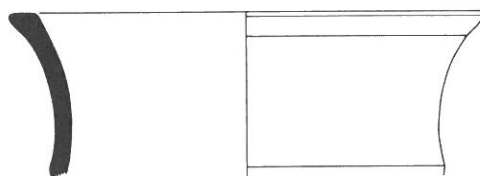
3

Alto da Torre II: 1 e 2 – Espólio da camada 10; 3 – Espólio da camada 8. Esc. 1/2.

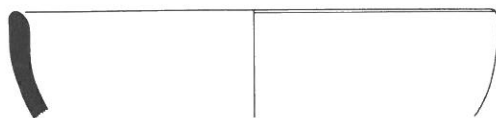
Est. IV



1



2



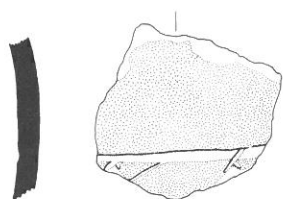
3



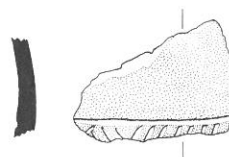
4



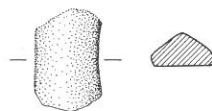
5



6



7



8

Alto da Torre II: 1 e 2, 6 a 8 – Espólio da camada 10; 3 a 5 – Espólio da camada 8. Esc. 1/2.

O POVOADO DE SANTA MARTA DA FALPERRA (BRAGA) NOS FINAIS DA IDADE DO BRONZE E NA TRANSIÇÃO PARA A IDADE DO FERRO

1. INTRODUÇÃO (Est. I a IV; VI: 1)

Santa Marta da Falperra é um povoado de cume, localizado em área de montanha. Localiza-se na freguesia de Esporões, concelho de Braga.

Os primeiros trabalhos de “escavação” remontam aos finais do século passado e foram efectuados por A. Bellino. Este autor diz ter escavado na plataforma superior, onde encontrou uma casa circular, bem como no patamar contíguo, do lado sul. É a ele que se deve, a única notícia sobre gravuras rupestres, detectadas no perímetro da terceira muralha (BELLINO, 1909: 17).

Em 1956, Russel Cortez e A. de Sousa, procedem a novas intervenções no local, pondo a descoberto estruturas pétreas, de planta rectangular, também na plataforma superior. Nos anos seguintes A. de Sousa continua os trabalhos neste local e efectua uma sondagem na vertente norte, em área contígua à acrópole. Destes trabalhos não se conhece qualquer publicação (SOUSA, 1968/1970: 58).

Na década de 60, D. P. Brandão e J. R. Sousa, intervêm novamente no povoado. Destes trabalhos resulta uma publicação, em 1968/70, onde refere alguns dados sobre a estratigrafia dos cortes que efectua, afirmando existirem dois níveis arqueológicos, separados por uma camada estéril de alguma dimensão. Diz ainda, que no quadrado 15, apareceram pequenos orifícios¹, junto dos quais encontrou uma “... *pequena chapa de bronze à qual aderiam ainda alguns cravos*” (SOUSA, 1968/1970: 60-61). Em 1978, admite que o primeiro nível desta estação se possa atribuir à Idade do Bronze (SOUSA, 1978: 335, nota 12).

Já nos anos 70, A. Sousa volta a realizar escavações na plataforma superior do povoado da Falperra, que publica, de forma sumária. É nessa publicação que refere ter encontrado um machado de talão, em prospecções efectuadas na área do povoado.

O conjunto dessas intervenções pôs a descoberto um conjunto de edifícios de grande valor patrimonial, entre os quais uma basílica paleocristã, uma casa romana, bem como inúmero espólio destes dois períodos, mas também da Idade do Ferro, da Idade do Bronze e do Calcolítico.

Dada a importância das estruturas postas a descoberto, a parcialidade das publicações que sobre elas se efectuaram e a grande diacronia de ocupação sugerida pelos materiais, M. Martins elabora um projecto de trabalho para o local, que compreende trabalhos de limpeza e de escavação. Esta investigadora tinha como objectivos valorizar a estação arqueológica, estabelecer, interpretar e datar a sua sequência de ocupação e elaborar a uma reavaliação do espólio exumado anteriormente². Em 1984 inicia os trabalhos de escavação, que não publica, por diversos motivos.

Atendendo à importância da sequência estratigráfica obtida e do material associado tornava-se pertinente o seu estudo, principalmente, no âmbito do projecto que a signatária desenvolve³.

¹ Pelas dimensões destas estruturas e pelas características do seu enchimento cremos que se tratam de buracos de poste.

² Segundo o que afirma M. Martins no relatório de escavações.

³ Agradecemos a M. Martins a autorização para a publicação dos dados, bem como a cedência da documentação de campo.

2. ESCAVAÇÃO

ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS (Est. IV e V; VI: 2; VII a IX)

No Verão de 1984, M. Martins abre uma vala de sondagem, de 2,5 x 2m, que designa por Sector B1, na plataforma superior do povoado. Esta foi localizada no interior de um edifício romano e adossou a um antigo testemunho, com grande potência estratigráfica.

A escavação deste quadrado, até à rocha de base, atingiu cerca de 4m de profundidade e permitiu detectar 42 camadas estratigráficas, entre as quais diversos pavimentos e níveis de ocupação (Est. V e VI: 2).

ESTRATIGRAFIA:

Camada 1a, 1b e 1c: terras de cor castanha, castanha acinzentada ou castanha amarelada, respectivamente, de média compacidade, areno-argilosas, com cascalho e entulhos de antigas escavações.

Camada 2: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, de média compacidade, areno-argilosas finas, com raízes, carvões, cascalho disperso. Camada humosa antes da deposição dos entulhos.

Camada 3a e 3b: caracterizava-se por terras de cor amarelada, areno-argilosas grosseiras, nada compactas, com carvões, argamassa, cascalho, calhaus e uma grande acumulação de telha na base (3b). Corresponde a entulhos após o abandono das estruturas romanas A e B.

Camada 4: caracterizava-se por terras de cor castanha acinzentada, areno-argilosas médias, de média compacidade, com carvões, algum cascalho disperso. Poderá corresponder à reocupação da segunda fase do edifício romano.

Camada 5: pavimento de argamassa batida, de cor amarela, muito compacto.

Camada 6a: caracterizava-se por terras areno-argilosas médias, de média compacidade, com carvões, cascalho e fragmentos de telha. É uma camada de nivelamento, contemporânea da vala de fundação da estrutura B. Poderá ter espólio correspondente à ocupação do pavimento definido pela camada 7.

Camada 6b: caracterizava-se por terras areno-argilosas grosseiras, de média compacidade, com carvões, cascalho grosseiro, bolsas arenosas e de argamassa. Corresponde à vala de fundação da estrutura B.

Camada 6c: caracterizava-se por terras castanhas escuras matizadas com manchas amarelas de argamassa, areno-argilosas média, de média compacidade, com cascalho e calhaus. Corresponde à vala de fundação da estrutura B.

Camada 7: pavimento de argamassa batida, de cor amarela, muito compacto.

Camada 8: caracterizava-se por terras castanhas escuras, cinzentas ou amarelas, areno-argilosas médias e grosseiras, de média compacidade, com carvões, cascalho, bolsas de areão e de argamassa. Corresponde à vala de fundação da estrutura A.

Camada 9: caracterizava-se por terras castanhas, areno-argilosas médias, de média compacidade, com carvões dispersos.

Camada 10: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compacidade. Poderá ser uma lareira.

Camada 11: caracterizava-se por terras castanhas escuras, areno-argilosas médias, de média compactidade, com carvões dispersos.

Camada 12: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compactidade. Poderá corresponder a uma lareira.

Camada 13: caracterizava-se por terras castanhas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com carvões dispersos.

Camada 14: nível intenso de carvões e cinzas concentrados, de média compactidade. Poderá corresponder a um nível de incêndio.

Camada 15: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com carvões dispersos e cascalho. Poderá ser um nível de ocupação. No perfil podem observar-se alguns buracos de poste (?).

Camada 16: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compactidade. Poderá corresponder a uma lareira.

Camada 17: pavimento de areão, de cor castanha matizada, muito compacto.

Camada 19: caracterizava-se por terras castanhas amareladas, arenosas grosseiras, de média compactidade. Deverá interpretar-se como camada de preparação do pavimento 17.

Camada 20: caracterizava-se por terras cinzentas, areno-argilosas finas, de média compactidade, com carvões dispersos. Poderá ser um nível de ocupação/abandono.

Camada 21: pavimento areno-argiloso, de cor cinzenta, muito compacto, com alguns carvões dispersos.

Camada 22: caracterizava-se por terras amareladas, arenosas grosseiras, de média compactidade. Deverá corresponder à preparação do pavimento 21.

Camada 23a, 3b e 3c: caracterizava-se por terras castanhas, castanhas escuras ou cinzentas, respectivamente. Estas são areno-argilosas médias e finas, de média/fina compactidade. Poderá ser um nível de abandono.

Camada 24: terras de cor cinzenta escura, areno-argilosas grosseiras, muito compactas, com carvões dispersos. Poderá ser um pavimento (?).

Camada 25a e 25b: pavimento de areão, de cor amarelo torrado, muito compacto, ou em desagregação (25b), com alguns, carvões dispersos.

Camada 26: caracterizava-se por terras acastanhadas, argilosas finas, de bastante compactidade. Poderá ser um nível de abandono ou fazer ainda parte do pavimento anterior?

Camada 27a e 27b: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas ou amareladas, respectivamente, areno-argilosas grosseiras, de média compactidade, com carvões dispersos. Deverá corresponder à preparação do pavimento 25.

Camada 28: caracterizava-se por terras cinzentas escuras, areno-argilosas finas, de média compactidade, com abundantes carvões dispersos. Poderá ser um nível de ocupação/abandono.

Camada 29: pavimento arenoso grosseiro, de cor cinzenta, muito compacto, com alguns carvões dispersos.

Camada 30: caracterizava-se por terras cinzentas escuras, areno-argilosas finas, de média compactidade, com abundantes carvões dispersos. Poderá ser um nível de ocupação/abandono.

Camada 31: caracterizava-se por terras amareladas acastanhadas, areno-argilosas grosseiras, de média compacidade, com carvões dispersos. Será um pavimento?

Camada 32/33: caracterizava-se por terras castanhas amareladas ou acinzentadas (33), arenosas grosseiras, de média compacidade. Poderá ser um nível de ocupação/abandono.

Camada 34: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compacidade. Poderá corresponder a uma lareira.

Camada 35: pavimento (?) de areão amarelo acastanhado, de média compacidade.

Camada 36: nível de carvões e cinzas concentrados, de média compacidade. Poderá corresponder a um incêndio ou a um nível de ocupação.

Camada 37: caracterizava-se por terras cinzentas acastanhadas, areno-argilosas grosseiras, de média compacidade, com carvões e cascalho dispersos e alguns calhaus. Poderá corresponder a um nível de enchimento ou de abandono.

Camada 38: caracterizava-se por terras castanhas matizadas, areno-argilosas grosseiras, de média compacidade, com carvões e cascalho dispersos e alguns calhaus. Poderá corresponder a um nível de enchimento ou de abandono. Esta camada cobre 2 fossas abertas no saibro com espólio.

Camada 39: caracterizava-se por arena granítica e parece resultar de escorregamentos.

Camada 40: caracterizava-se por terras negras, areno-argilosas médias, de média compacidade, com carvões e cascalho dispersos e alguns calhaus. Poderá corresponder a escorregamentos ou a uma deposição natural.

Camada 41: caracterizava-se por terras de cor castanha, areno-argilosas finas, de pouca compacidade, com carvões dispersos. Poderá corresponder a enchimentos.

Camada 42: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, areno-argilosas finas, de média compacidade, com carvões, cascalho e calhaus dispersos. Enchimento de fossa?

Camada 42a: caracterizava-se por terras cinzentas com variações escuras, areno-argilosas finas e de pouca compacidade. Enchimento de uma fossa.

Camada 42b: caracterizava-se por terras cinzentas com variações escuras, areno-argilosas finas e de pouca compacidade. Enchimento de um possível buraco de poste.

Como verificámos pela descrição estratigráfica, a partir da camada 9, todas as estruturas são perecíveis. Ocorrem vários pavimentos que podemos supor de cabanas, algumas lareiras e possíveis buracos de poste, visíveis nas camadas 15 e 18 do perfil (Est. V). Associado ao pavimento da camada 21 foi detectado um sulco, semicircular, de cerca de 8cm de largura. Parece possível admitir que se trate de uma pequena vala de fundação para a inserção de pequenos troncos ou outros materiais perecíveis, capazes de formar uma "parede". No seu interior encontrava-se uma lareira, de 20cm de diâmetro, e no exterior uma fossa (Est. VIII e IX). Esta estrutura, com cerca de 62cm de diâmetro por 22/28cm de profundidade, continha um fragmento de pança de uma possível urna.

No pavimento, correspondente à camada 29, já correspondente ao que considerámos Idade do Bronze, apareceram dois buracos de poste, formando o que parece um alinhamento curvo, pelo que poderiam estar associados à delimitação de uma cabana. Por baixo da camada 38 e talvez relacionada com ela, descobriu-se uma fossa que abre, em parte, no saibro de base. Tinha cerca de 40cm de diâmetro e possuía, no centro, uma mancha de terra negra, circular, que foi associado ao enchimento de um vaso, do qual se recolheu 1 fragmento de urna (?). Muito próximo deste achado, aparentemente já fora da fossa, encontrou-se outro fragmento da referida forma, com o perfil quase completo, que não observámos. Ao lado desta estrutura e também aberto no saibro, encontrou-se um possível buraco de poste de 10cm de diâmetro por 28 de profundidade (Est. VII).

ESPÓLIO (Est. X a XVI)

Estudámos todos os fragmentos cerâmicos, depositados no Museu D. Diogo de Sousa, provenientes das camadas 9 à 42, num total de 421. Entre eles distinguimos 5 calcólíticos, que identificámos pelas suas características técnicas e decorativas. Quase todos eles apresentavam decorações incisas metopadas de tipo "Penha" (Est. X).

Atendendo às características do espólio, em associação com as respectivas camadas estratigráficas, tentámos uma hipótese de integração cronológico-cultural. Subdividimos assim as camadas em dois grandes momentos; um que atribuímos à Idade do Bronze (Falperra I) e outro a uma fase de transição da Idade do Bronze para a do Ferro (Falperra II). Esta subdivisão, problemática, baseou-se nas características formais e técnicas da cerâmica exumada e deverá sempre considerar-se como uma proposta de trabalho, atendendo à fragilidade da amostragem.

À Idade do Bronze fizemos corresponder as camadas compreendidas entre a 42 e a 23, por apresentarem, exclusivamente, cerâmicas de pasta arenosa e arenosa/micácea e formas bem conhecidas deste horizonte cultural. Ao momento de transição Bronze/Ferro, considerámos as camadas contidas entre a 22 e a 9, pelo aparecimento constante e progressivo de cerâmica de pasta micácea, bem como de algumas formas novas. A análise do espólio foi, pois, efectuada segundo estes dois possíveis horizontes cronológico-culturais, sem atendermos à diacronia de ocupação de cada um deles.

FRAGMENTOS CERÂMICOS	IDADE DO BRONZE	TRANSIÇÃO BRONZE/FERRO	TOTAIS
Bordos	23	15	38
Bases	8	8	16
Panças decoradas	3	2	5 ⁴
Panças carenadas		1	1
Panças caren/decor.		1	1
Asas	3	3	6
Cossoiro		1	1
TOTAIS	37	31	68

A este número considerável de bordos, corresponde uma mediana diversidade formal. Salientamos o aparecimento de 1 cossoiro, na fase de transição.

FORMAS	IDADE DO BRONZE (%)	TRANSIÇÃO BRONZE/FERRO (%)
Potes	15 (71%)	12 (71%)
Potinhos/púcaros	3 (14%)	1 (6%)
Taças carenadas	—	2 (panças) (12%)
Urnas	2 (panças) (10%)	1 (panças) (6%)
Malgas	1 (5%)	—
Panelas de asa interior	—	1 (asa) (6%)
Indeterminadas	5	1
TOTAIS	26 (100%)	18 (101%)

⁴ Existem outras 5 panças com decoração atribuível ao Calcólítico que não figuram neste quadro.

A maioria dos bordos corresponde a potes, em ambas as fases. Estes, são, na totalidade, de textura grosseira e de superfícies alisadas. Alguns fragmentos têm vestígios de fuligem ou de lípidos. Os potinhos/púcaros e as urnas escasseiam, embora também estejam presentes nas duas fases. As taças carenadas e as painéis de asa interior só aparecem na fase mais recente, embora a representatividade do material seja muito pequena para procedermos a generalizações.

POTES	IDADE DO BRONZE		TRANSIÇÃO BRONZE/FERRO	
		(%)		(%)
Pote 1	9	(60%)	2	(17%)
Pote 1b	1	(7%)	2	(17%)
Pote 1c	-		3	(25%)
Pote 2	5	(33%)	5	(42%)
TOTAIS	15	(100%)	12	(101%)

ESPÓLIO DA IDADE DO BRONZE (FALPERRA I)

Cerâmicas (Est. X a XIII)

Correspondem a esta fase 269 fragmentos cerâmicos, entre os quais 264 de fabrico manual e de pasta arenosa (98%), 4 de pasta arenosa/micácea (2%) e 1 de pasta micácea.

Em relação ao material cerâmico verificámos uma relativa pobreza de formas, entre as quais a ausência de taças carenadas. A forma 10 (potinhos/púcaros) corresponde a peças pequenas e médias, nunca ultrapassando os 12cm. Dois dos bordos são esvasados, um deles de textura mediana/fina e de acabamento polido. Um terceiro, é de bordo sub-vertical e grosseiro. A malga é grosseira e de dimensões médias. Entre os potes, são maioritários os da forma 1 e 2, seguidos da forma 1b, em pasta arenosa e de aba pequena. Nos potes em que foi possível obter dimensões (50%), notámos serem todos de tamanho médio/grande e grande, podendo estes últimos corresponder a peças para armazenagem.

As bases, apesar de não terem fornecido diâmetros em quantidade passível de análise, são diversificadas. Existem 6 de fundo plano, 1 de fundo plano alargado curto e 1 de pé alto, de pasta grosseira e acabamento alisado.

As asas apresentam secções rectangulares e ovais.

A percentagem de cerâmicas decoradas é escassa (2%), em relação à totalidade do material observado. Detectámos apenas as técnicas da incisão e da impressão. As incisões manifestam-se através de pequenos traços sobre um bordo da forma 1, possíveis triângulos preenchidos, de linhas horizontais sobre o colo de um vaso e de traços oblíquos, formando espinha. A impressão de uma série de pequenas ovais combina com linhas incisivas. Dentro do grupo das impressas existem, ainda, as marcas de unhas

Líticos

O espólio lítico é pobre e efectuado sobre matéria-prima local, como o quartzito e o granito. Destacamos 1 fragmento de um pequeno moinho dormente, aplanado, 2 polidores e 1 seixo rolado, com vestígios de lípidos. Estes últimos vêm sendo habituais em contextos de ocupação, o que poderá abonar em favor da sua interpretação como artefactos.

Metais

Dentro deste grupo de materiais identificámos uma escória não analisada.

ESPÓLIO DE TRANSIÇÃO BRONZE/FERRO (FALPERRA II)

Cerâmicas (Est. XIV a XVI)

Quantificámos 140 fragmentos de panças cerâmica, entre as quais 79 micáceas (56%), 54 arenosas (39%) e 7 arenosas/micáceas (5%).

A diversidade formal é maior do que na fase correspondente à Idade do Bronze e há, também, alterações consideráveis em relação às percentagens de potes. Apareceram a forma 12 (taça carenada), sempre de textura grosseira e a 18 (panela de asa interior), esta última de pasta arenosa/micácea, com indícios de fuligem na superfície externa. Nos potes, nota-se uma redução considerável da forma 1 (sendo um deles de pasta micácea), um aumento considerável da 1b e o aparecimento da 1c, onde predominam as abas pequenas. Apesar destas novidades, as formas de tradição anterior representam ainda, 72% do total das 18 identificadas.

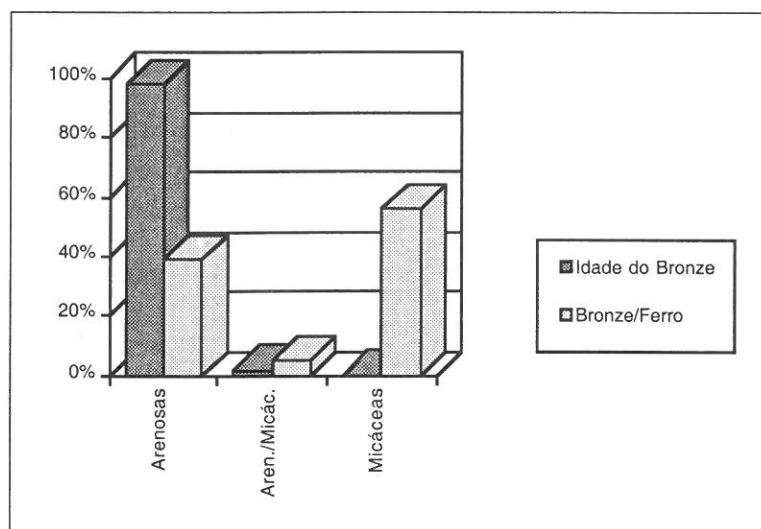
Só foi possível obter dimensões para 2 potes o que não é significativo.

As bases, de diâmetros essencialmente médios e médios/grandes, são todas de fundo plano (100%). Uma delas indicia ter estado sobre o lume.

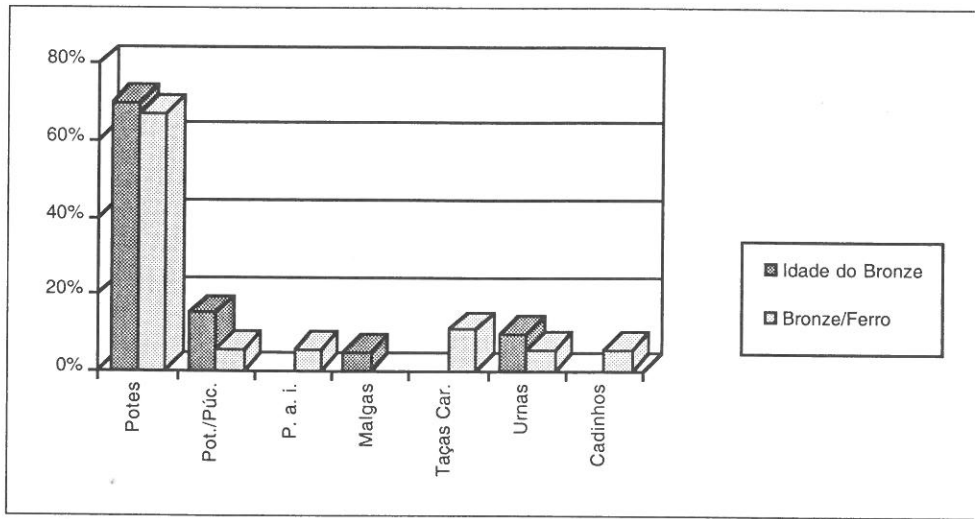
As 3 asas encontradas são muito distintas entre si. Uma é de secção rectangular, outra é circular e a terceira é irregular, com caneluras. A circular é de prensão horizontal e pertence a uma panela de asa interior.

A cerâmica decorada é reduzida (2%), em relação à totalidade do material estudado. Registámos fragmentos com decoração brunida, incisa e incisa/plástica. A primeira, elaborada através de faixas bicolores, apresenta uma temática geométrica, muito comum na cerâmica de ornatos brunidas. A última combina um cordão com traços incisos, em forma de espinha e é de pasta micácea.

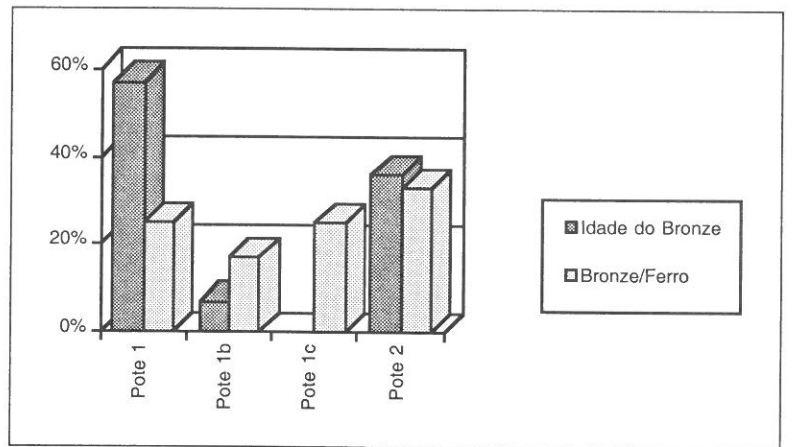
De registar ainda a presença de um cossoiro, micáceo, a evidenciar a prática da fiação nesta fase.



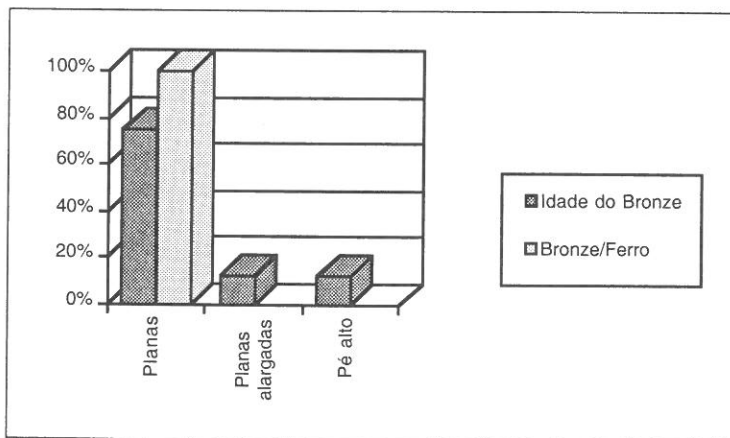
1. Comparação das pastas entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição



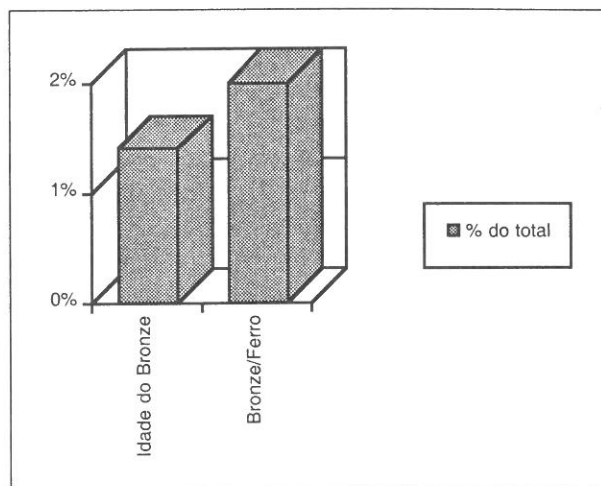
2. Comparação das formas entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição



3. Comparação das formas de pote entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição



4. Comparação das bases entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição



5. Percentagem de fragmentos decorados entre as camadas da Idade do Bronze e as de Transição

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande potência estratigráfica deste sector, as características das suas camadas, as estruturas encontradas e o espólio analisado⁵ permitem-nos estabelecer uma grande diacronia de ocupação desde a Idade do Bronze até uma fase indeterminada da transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, na plataforma superior deste povoado.

Na falta de datações radiométricas tentaremos uma afinação da cronologia relativa, através de paralelos com materiais contextualizados pelo radiocarbono.

Seguindo esta metodologia foi possível admitir, para as camadas 42 a 23 (Idade do Bronze) uma cronologia do primeiro quartel do I milénio AC. Em abono desta hipótese salientamos a presença da forma 15 (desde a primeira ocupação), desconhecida no Noroeste Peninsular antes daquela data e a presença de uma base de pé alto, com paralelos em S. Julião Ib, ocupação datada do séc. IX AC. Estas bases também ocorrem no povoado da Moreirinha, na Beira Interior, em contextos dos finais do II, inícios do I milénio AC (VILAÇA, 1995: 235, 236, 306, 374-375). São também conhecidas na Meseta Norte, no nível II3 do povoado de La Mota (Valladolid), na Meseta Sul, em Puente I (Madrid) e em Peña Negra I (Alicante), em níveis, que cremos todos dos finais da Idade do Bronze (GARCIA ALONSO *et al*, 1985; PRIEGO, 1987; GONZÁLEZ PRATS, 1990⁶). De contexto similar, pelos conjuntos artefactuais em que se inserem, deverão considerar-se as bases de pé alto dos povoados dos Alegrios e do Castelejo, na Beira Interior (VILAÇA, 1995: 122, 207) e do Alto da Caldeira, em Baião (JORGE, 1981). O fraco índice percentual de cerâmica decorada parece constituir mais um argumento em favor de uma cronologia dos finais da Idade do Bronze, nesta área de trabalho. Atente-se às fracas percentagens decorativas da camada da Santinha I (0,3%) e de S. Julião Ib (1%), ambos datados do primeiro quartel do I milénio AC (BETTENCOURT, 1999). As restantes formas comuns desde, pelo menos, a primeira metade do II milénio AC, não podem ser consideradas, por si só, como indicadores cronológicos.

Quanto à fase de transição da Idade do Bronze para a do Ferro, é difícil, senão impossível, datar o início

⁵ A ocorrência de cerâmicas incisadas metopadas, de tipo "Penha", nas camadas 6b, 6c e 8, correspondentes a valas de fundação de estruturas romanas, bem como na camada 37, indiciam uma ocupação, descontextualizada, que cremos do Calcolítico. Esta poderá datar-se, provisoriamente, de entre os finais do IV milénio aos meados do III AC por comparações com datas obtidas para o Nordeste do país (SANCHES, 1997).

⁶ Em R. Vilaça (1995: 306).

do seu processo, muito embora, como hipótese de trabalho, a possamos considerar, como um fenómeno que ocorre no segundo quartel do I milénio AC.

Em abono desta hipótese, verificamos que as formas cerâmicas se mantêm inalteráveis e que só o pote 1c aparece como inovador, na primeira ocupação desta fase (camada 20). Na segunda ocupação (camada 15), a presença de um fragmento cerâmico carenado, decorado com ornatos brunidos da variante A, categoria estabelecida por R. Vilaça (1995: 283) poderá possibilitar alguns dados cronológicos.

Estes são conhecidos numa ampla faixa meridional do Sudoeste Peninsular, embora ocorram no Centro do país, nomeadamente na Estremadura e na Beira Interior. Nesta última região foram encontrados nos povoados do Monte Frade e da Moreirinha, em contextos dos finais do II, inícios do I milénio AC (VILAÇA, 1995: 133, 159-160, 217, 220, 234-235). Se esta cerâmica é comum nos níveis inseríveis nestas balizas cronológicas, ela perdura na camada de abandono do povoado da Moreirinha, não datada pelo radiocarbono, mas que cremos posterior aos meados do séc. IX AC.

Estes dados mais não concorrem do que acentuar o carácter precoce em que este processo de transição se iniciou. Também a permanência de formas de tradição anterior, como as taças carenadas, até à penúltima camada de ocupação, a n.º 11, abona, como indicador de antiguidade.

As características arcaizantes das estruturas (perecíveis e idênticas à Falperra I) e do espólio das camadas de transição permitem-nos colocar a hipótese de estarmos perante um momento inicial deste processo de média duração, cujas etapas posteriores teriam sido, eventualmente, destruídas por terraplenadas, na preparação da plataforma superior para ocupações de época romana e medieval.

Esta hipótese de trabalho, torna pertinente defender novas sondagens neste povoado, onde a detecção de níveis de transição mais recentes e de níveis do Ferro Inicial, tornariam mais inteligível este processo de mudança, em continuidade. As questões em aberto tornam, também, indispensável a limpeza do perfil B1 para a obtenção de materiais orgânicos passíveis de datação pelo radiocarbono, de modo a afinar a cronologia desta sequência de ocupações e deste processo de transição da Idade do Bronze para a do Ferro.

Em qualquer uma destas fases podemos ainda integrar um machado de talão de duplo anel, descontextualizado, bem como uma chapa de bronze rebitada que cremos pertencer a um caldeiro.

Em **resumo**, podemos dizer que no povoado da Falperra existiram três grandes momentos de ocupação, anteriores à Idade do Ferro. O mais antigo poderá atribuir-se ao Calcolítico, que aparece descontextualizado, o seguinte ao finais da Idade do Bronze e o terceiro à transição da Idade do Bronze para a do Ferro.

CATÁLOGO DO ESPÓLIO DAS ESCAVAÇÕES DE 1984

[B1, Cam. 6b e 8] Nestas duas camadas correspondentes às valas de fundação das estruturas A e B, respectivamente, ocorrem cerâmicas atribuíveis à Idade Média, à época Romana e às Idades do Ferro, do Bronze e do Calcolítico, que não especificaremos.

[B1, Cam. 9] Verificámos apenas a ocorrência de 1 fragmento cerâmico, de pasta arenosa. Nesta camada há ainda 3 bordos da mesma peça, de uma forma posterior à Idade do Ferro, que considerámos intrusivos. São de pasta muito bem cozida e a torno.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de cor bege e superfície corroída. Diâmetro externo da base: 13,2cm.

[B1, Cam. 11]

Bordos

Fragmento de **bordo** esvasado e de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de superfície alisada e de cor bege/castanha. Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de cor castanha e superfície alisada. Diâmetro externo da base: 16,6cm.

Panças

Fragmento de **pança carenada**, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e superfície alisada.

[B1, Cam. 13] Observámos 6 fragmentos de panças, 2 de pasta arenosa e 4 micácea.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo em aba horizontal grande e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha. Diâmetro externo da boca: 27,4cm. Forma 1c.

Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida média e lábio indeterminado. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor bege. Diâmetro externo da boca: indeterminado. Forma 1b.

[B1, Cam. 13/14] Observámos 13 fragmentos de panças, 9 de pasta micácea e 4 de arenosa. Há algumas, poucas, intrusões de cerâmicas medieval e calcolítica. Talvez devido à mistura com terras das valas de fundação das estruturas A e B.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e vassourada, de cor bege. Diâmetro externo da boca: indeterminado. Forma 2.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa/micácea, de cor castanha/bege e superfície alisada, com fuligem no exterior. Diâmetro externo da base: 27,6cm.

Panças

Fragmento de **pança** com decoração incisa, com linhas horizontais e verticais, eventualmente de origem calcolítica, de pasta arenosa, de textura muito grosseira e de cor castanha.

Fragmento de **pança** com decoração incisa, de tipo "Penha", de pasta arenosa, de textura muito grosseira e de cor castanha.

Outros

Cossoiro cerâmico, de pasta micácea e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: 1,6cm.

Asa de pasta micácea, grosseira, superfície alisada e de cor bege, decorada com dois sulcos, fazendo caneluras.

[B1, Cam. 15] Contámos 5 fragmentos cerâmicos de pasta arenosa e 22 de pasta micácea.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de cor castanha e superfície alisada.
Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa/micácea, de cor castanha/bege e superfície alisada.
Diâmetro externo da base: 13,4cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, com grandes palhetas, de cor castanha e superfície alisada.
Diâmetro externo da base: 20cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, micácea, de cor castanha e superfície alisada.
Diâmetro externo da base: 18,2cm.

Panças

Fragmento de **pança** com decoração plástica, sob a forma de cordão e incisões em espinha, de pasta micácea, com palhetas de mica de grande calibre, de textura grosseira, superfície alisada e cor castanha.

Fragmento de **pança carenada** com decoração brunida, de temática geométrica, de textura mediana, pasta arenosa e cor castanha.

[B1, Cam. 17] Estudámos 3 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, um deles de textura fina e 4 de micácea.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta grosseira⁷.
Diâmetro externo da boca: 20cm.
Forma 2.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 1.

Colos

Fragmento de **colo** com decoração incisa, de pasta arenosa, de textura grosseira, superfície alisada e cor castanha.

⁷ Por não terem sido encontradas, algumas peças foram apenas estudadas pelos desenhos efectuados na década de 80. Nestes casos não foi possível determinar o tipo de pasta, a textura, o acabamento e a cor de cada uma delas.

[B1, Cam. 18] Contámos 2 fragmento cerâmico, de pasta arenosa e 3 de micácea.

[B1, Cam. 19] Estudámos 7 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, um deles com acabamento vassourado, 1 de pasta arenosa/micácea e 3 de micácea.

[B1, Cam. 20] Quantificámos 10 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, 1 de textura fina e 17 de pasta micácea, algo arenosa. Alguns destes últimos apresentam, ainda, palhetas de mica mal distribuída.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso vertical. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra. Apresenta sinais de fuligem na face externa.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo vertical e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta (?), grosseira
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 1.

Fragmento de **pote** de bordo em aba soerguida, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 1b.

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana, de superfície alisada e de cor castanha
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 2.

Fragmento de **pote** de bordo em aba horizontal pequena e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, grosseira
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 1c.

Fragmento de **pote** de bordo em aba horizontal pequena e lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor bege/castanha
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 1c.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado e de lábio grosso arredondado. Fabrico manual
Diâmetro externo da boca: 7,2cm.
Forma 10.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual.
Diâmetro externo da base: indeterminado.

Asas

Arranque de **asa** de secção rectangular, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha.

Arranque de **asa** de secção circular, de panela de asa interior, de fabrico manual, pasta arenosa/micácea, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha/negra, com vestígios de fuligem no exterior.

[B1, Cam. 21] Contámos 7 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, 1 deles de textura fina e 1 de pasta arenosa/micácea.

Bordos

Fragmento de **pote** de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 2.

[B1, Cam. 21a – fossa] Estudámos 3 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa e 4 de pasta micácea. Nas pastas arenosas parece existir uma pança de urna, de textura fina e superfície polida.

Bordo

Fragmento de pote de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta micácea, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha/negra.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 2.

[B1, Cam. 22] Quantificámos 3 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa e 1 de pasta arenosa/micácea.

[B1, Cam. 23] Contámos 4 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa e 1 de pasta micácea.

[B1, Cam. 24] Quantificámos 6 fragmentos cerâmico, de pasta arenosa.

Bordos

Fragmento de pote de bordo esvasado e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: indeterminado.
Forma 2.

LÍTICOS

Polidor sobre seixo granítico, de grão fino.

[B1, Cam. 25a] Quantificámos 2 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa.

[B1, Cam. 26]

Bordos

Fragmento de pote de bordo esvasado e lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.
Diâmetro externo da boca: 23,8cm.
Forma 2.

Asas

Fragmento de asa, de secção rectangular, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha.

[B1, Cam. 27a] Quantificámos 4 fragmentos cerâmico, de pasta arenosa.

[B1, Cam. 27b] Contámos 2 fragmentos cerâmico, de pasta arenosa.

[B1, Cam. 30]

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta mediana, arenosa, de cor castanha e superfície polida.
Diâmetro externo da base: 0-11cm.

Panças

Fragmento de pança com decoração incisa, de pasta arenosa, grosseira.

[B1, Cam. 32/33] Quantificámos 1 fragmento cerâmico, de pasta arenosa/micácea.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e superfície alisada.
Diâmetro externo da base: > 19cm.

[B1, Cam. 35] Quantificámos 9 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa grosseira e 1 intrusivo da vala de fundação da estrutura A.

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor bege.

Diâmetro externo da boca: 25,2cm.

Forma 1.

[B1, Cam. 36] Contámos 9 fragmentos cerâmico, de pasta arenosa, 2 deles com alguma mica, que cremos da argila. Analisámos, igualmente 1 pança de pasta arenosa/micácea.

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo sub-vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 17cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

Fragmento de **bordo** sub-vertical e lábio grosso, horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha. Apresenta decoração incisa sob o bordo.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

LÍTICOS

Fragmento de moinho dormente aplanado, de granito de grão fino. Apresenta vestígios de fogo.

[B1, Cam. 37] Quantificámos 51 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa, 40 de textura grosseira, 7 de textura fina e superfícies polidas e 4 de mediana.

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 35,4cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo em aba soerguida pequena e lábio adelgado arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1b.

Fragmento de **malga**, de bordo vertical e lábio adelgado/arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 11-19cm.

Forma 22.

Fragmento de 1 **bordo** indeterminado, esvasado, de lábio adelgado, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Fragmento de 1 **bordo** indeterminado, esvasado, de lábio adelgado/arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor alaranjada no exterior e negra no interior. Má cozedura.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa e grosseira de cor castanha/negra e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Base de fundo plano alargado curto, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor castanha e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de cor bege e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Base de pé alto, de fabrico manual, de pasta arenosa, de textura grosseira, de cor bege e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Panças

Fragmentos de 3 **panças** com decorações incisivas metopadas, de tipo "Penha", de pastas arenosas, muito grosseiras e de cores castanhas.

Fragmento de **pança** com decoração incisiva e impressa, de pasta arenosa, grosseira e de cor castanha.

Asas

Asa, de secção oval, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor bege.

Fragmento de **asa** (?), de secção rectangular, de fabrico manual, pasta arenosa, grosseira, de superfícies alisadas e de cor castanha.

METAIS

Escória de metal não identificado.

[B1, Cam. 38] Quantificámos 128 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa e 1 de pasta arenosa/micácea. Encontrámos, apenas, 9 panças de textura fina.

Bordos

Fragmento de **pote**, de bordo sub-vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 19,7cm.

Forma 1.

Fragmento de **pote**, de bordo vertical e lábio grosso, arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 1 (?).

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 22,8cm.

Forma 2.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado, de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor acastanhada.

Diâmetro externo da boca: 32cm.

Forma 2.

Fragmento de **pote**, de bordo esvasado, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha
Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Forma 2 (?).

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 11,8cm.

Forma 10.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo esvasado, de lábio grosso arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, mediana/fina, de superfície polida e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 12cm.

Forma 10.

Fragmento de **potinho/púcaro**, de bordo sub-vertical, de lábio grosso horizontal. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: 9,8cm.

Forma 10.

Fragmento de 1 **bordo** de forma indeterminado, esvasado, de lábio adelgado e muito deteriorado. Fabrico manual, de pasta arenosa, grosseira, de superfície alisada e de cor bege. Apresenta 3 linhas incisivas horizontais, finas, sobre o colo.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Fragmento de 1 **bordo** de forma indeterminado, esvasado, de lábio arredondado. Fabrico manual, de pasta arenosa, de superfície alisada e de cor castanha.

Diâmetro externo da boca: indeterminado.

Bases

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: 17,2cm.

Base de fundo plano, de fabrico manual, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha e de superfície alisada.

Diâmetro externo da base: indeterminado.

Panças

Fragmento de **pança** decorada com a técnica impressa, com motivos efectuados com unhas, de pasta arenosa, grosseira, superfície alisada e cor castanha.

LÍTICOS

Fragmento de polidor, sobre seixo granítico de grão médio.

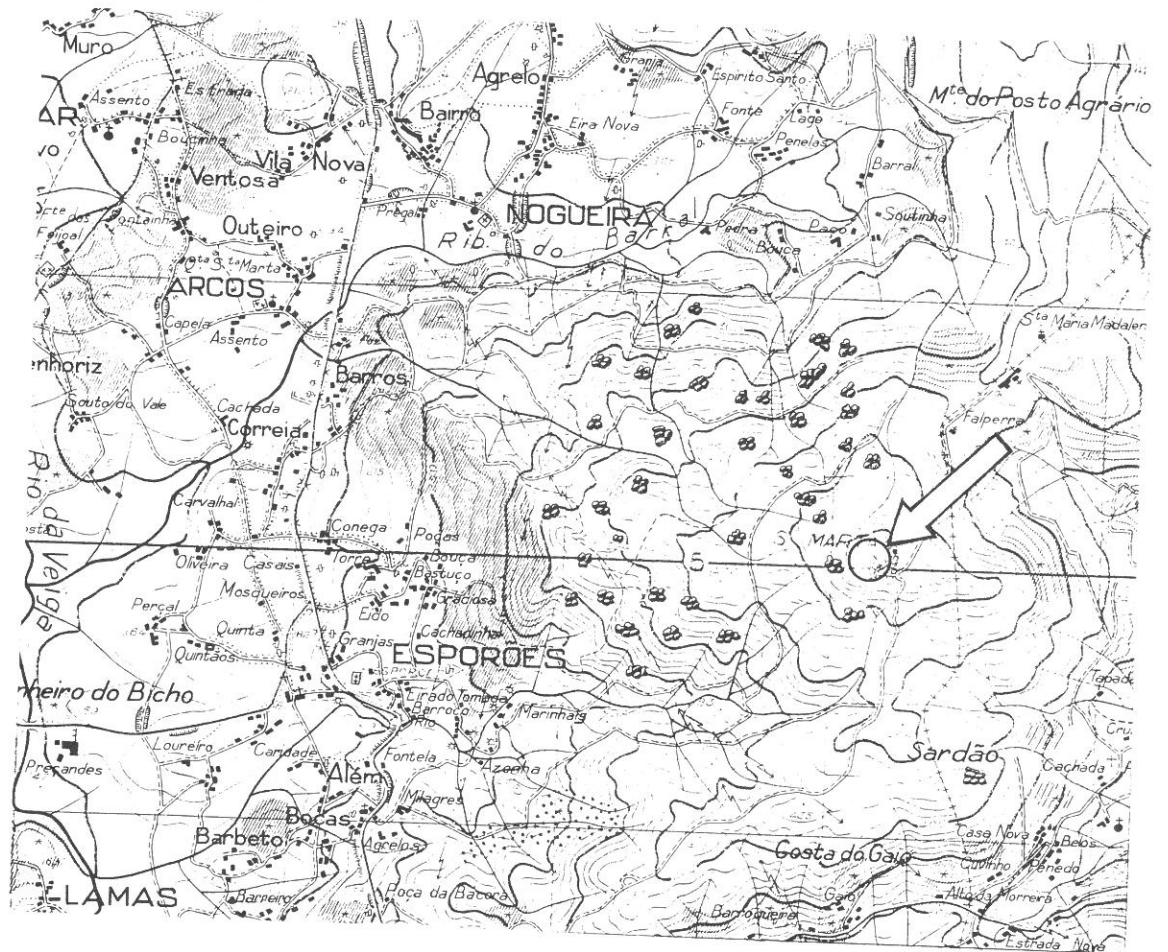
Fragmento de seixo granítico de grão fino.

Fragmento de seixo quartzítico, com vestígios de lípidos.

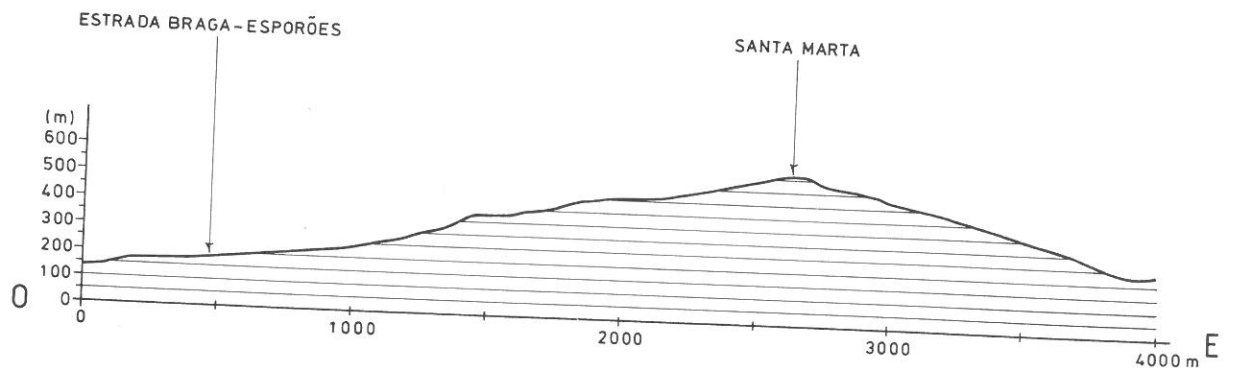
[B1, Cam. 39] Observámos 5 fragmentos cerâmicos, 4 de pasta arenosa e 1 de pasta arenosa/micácea.

[B1, Cam. 40/42] Apenas se exumaram 8 fragmentos cerâmicos, de pasta arenosa. Dois deles parecem corresponder à forma 15, ou seja, a uma urna. Apresentam pastas finas e superfícies polidas.

ESTAMPAS

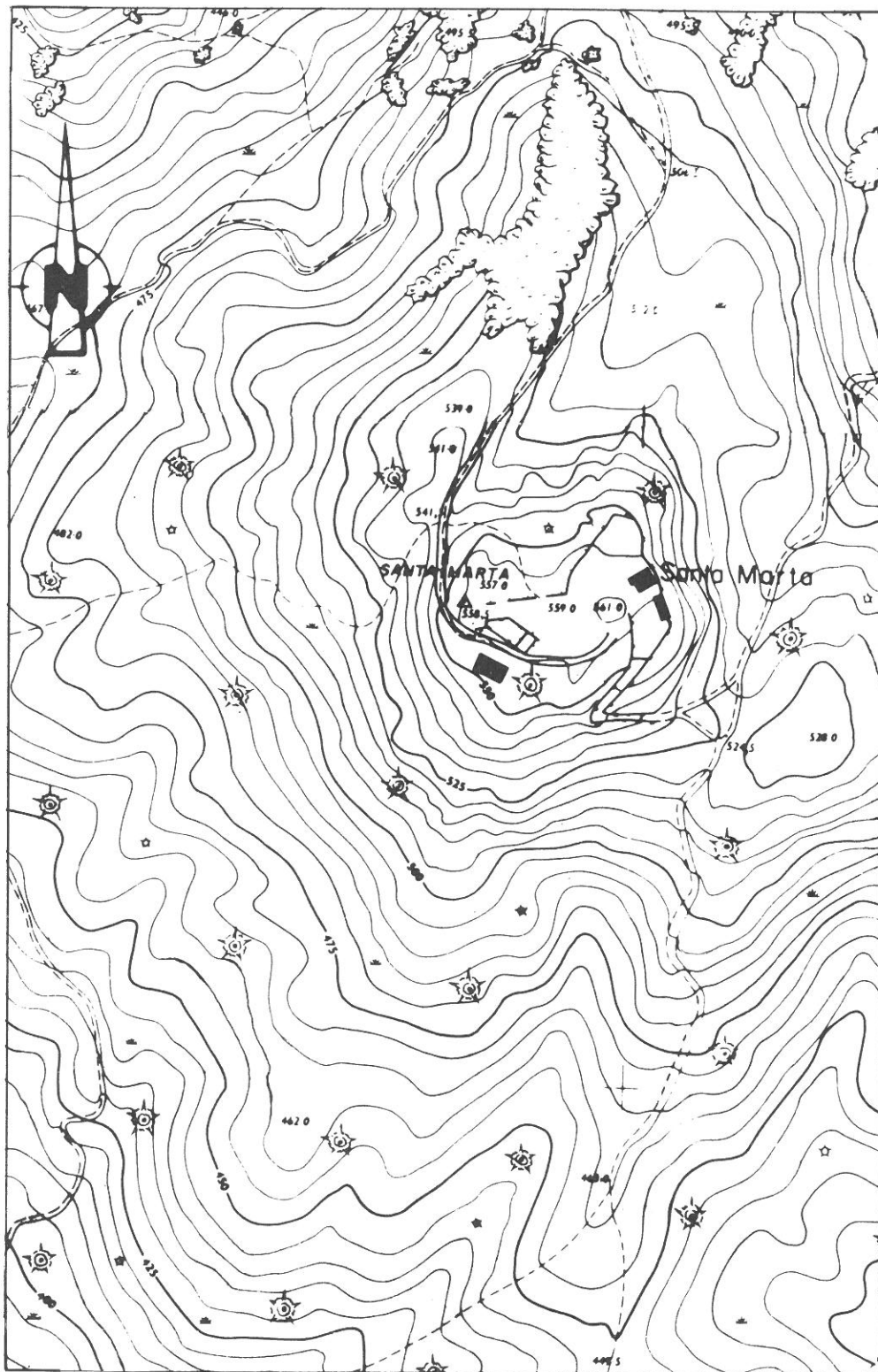


1

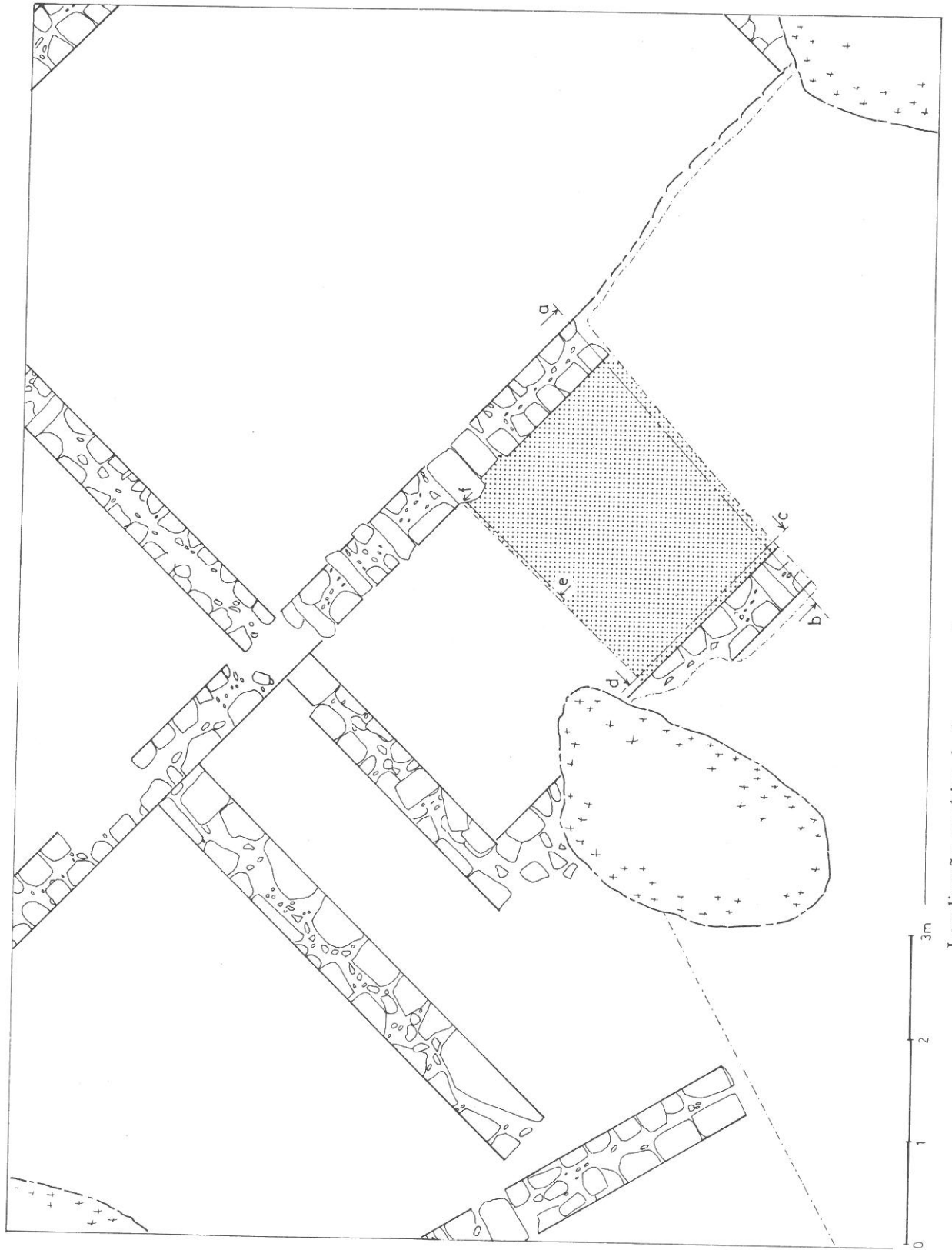


2

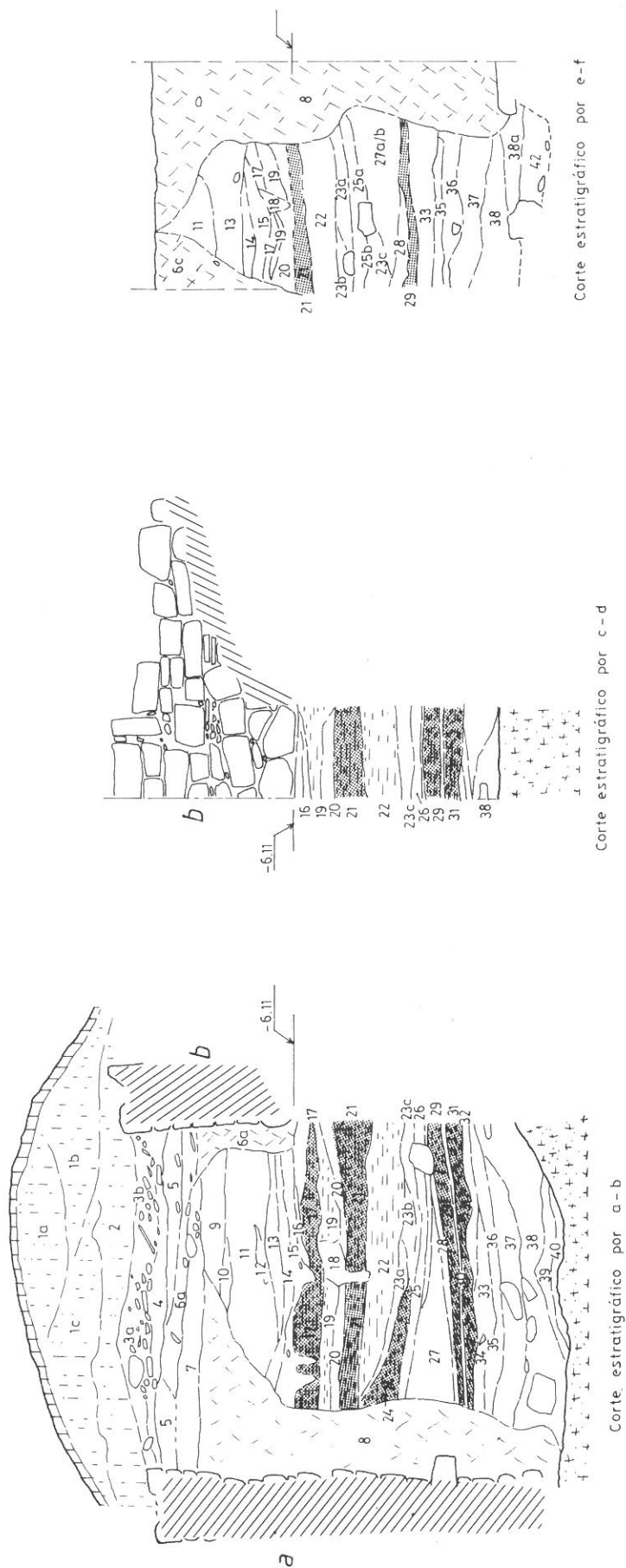
1 - Localização do povoado na C. M. P., na esc. 1: 25 000; 2 - Perfil topográfico da estação.



Planta topográfica do monte onde se implantou o povoado, na esc. 1: 5 000.



Localização genérica da área escavada na acrópole, em 1984 (a sombreado).



Corte estratigráfico por e-f

Corte estratigráfico por c-d

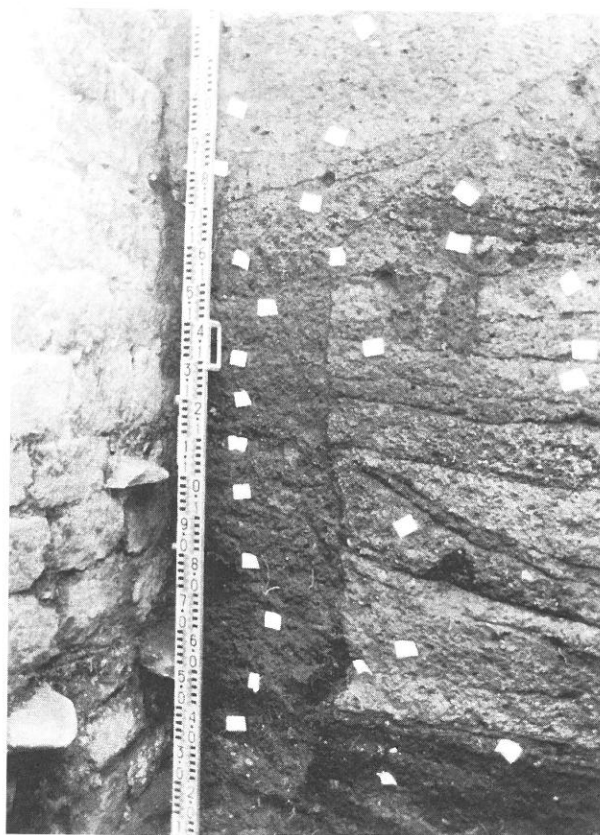
Corte estratigráfico por a-b

Perfis estratigráficos das escavações de 1984, na acrópole do povoado.

Arquitetura decorativa em uma escavação em Maripá, em 1984 (a continuação).



1



2

1 – Plataforma superior da estação onde se pode ver parte de um edifício romano; 2 – Pormenor de um dos perfis do Sector B1 (fotografias do MDDS).



Falperra I (Sector B): Fossa e eventual buraco de poste da camada 38 (fotografia do MDDS).

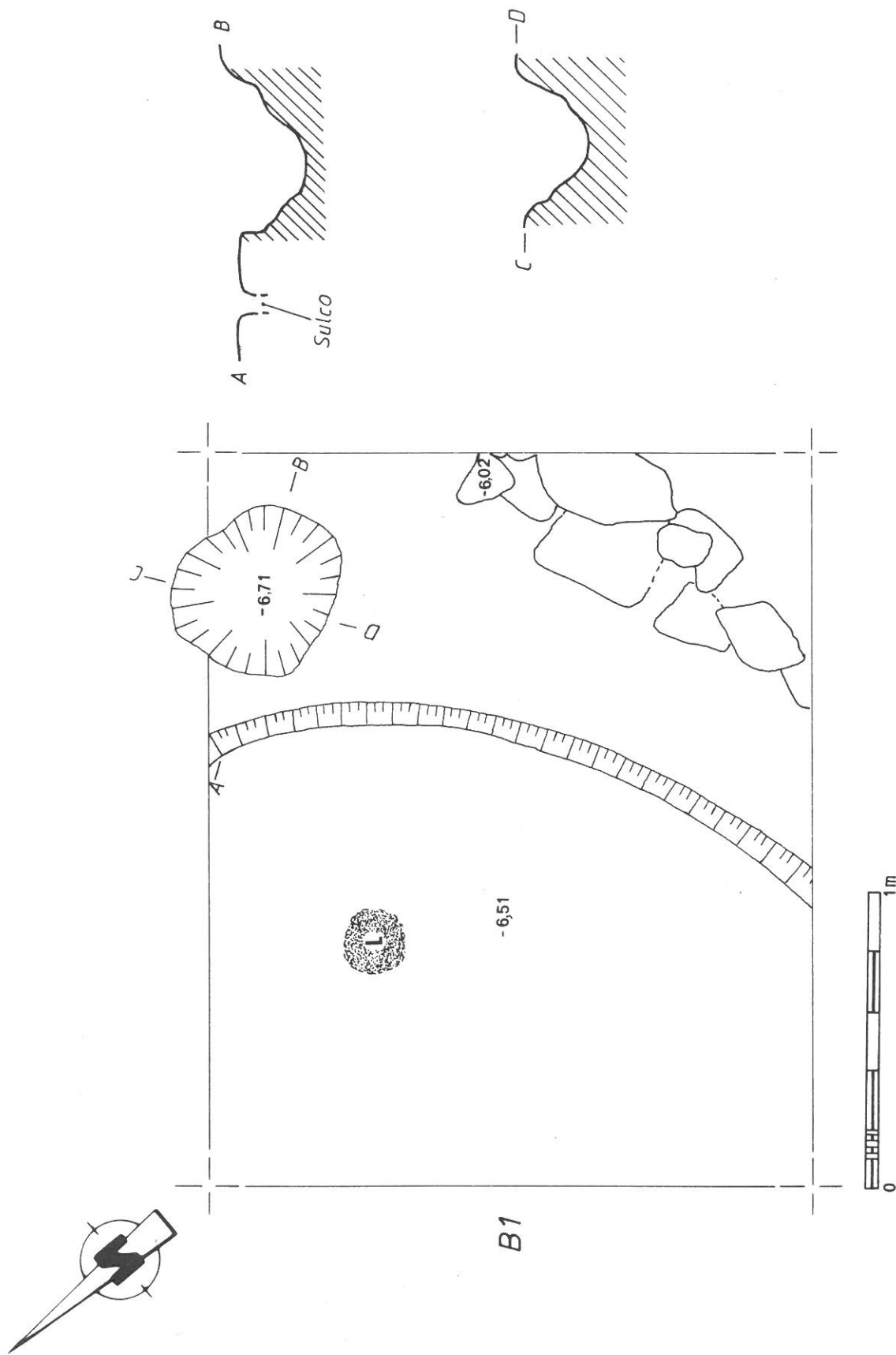


1

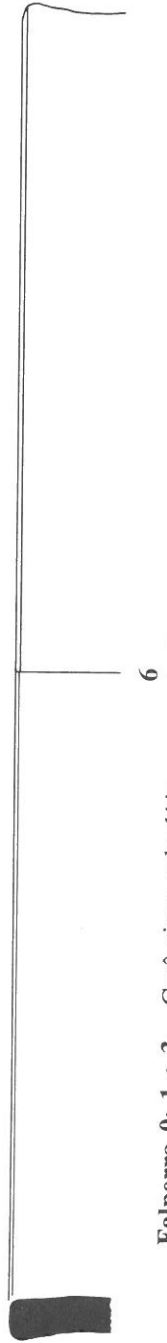
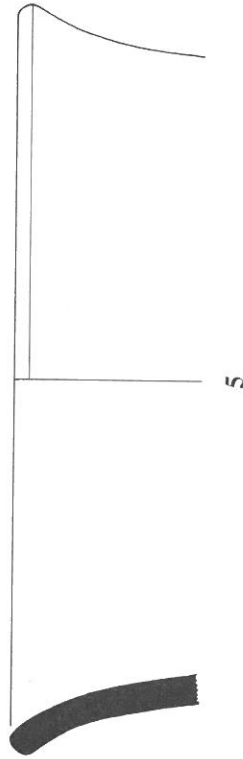
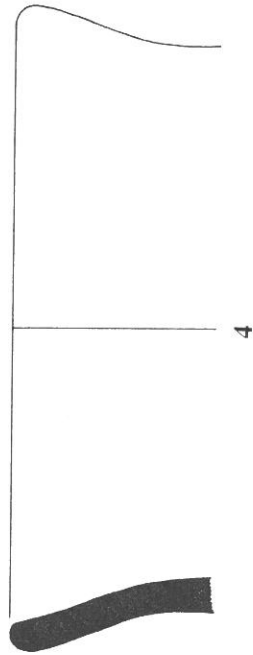
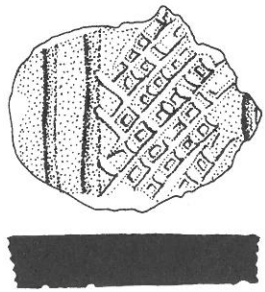
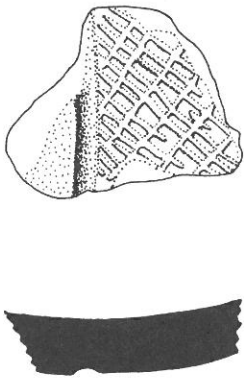
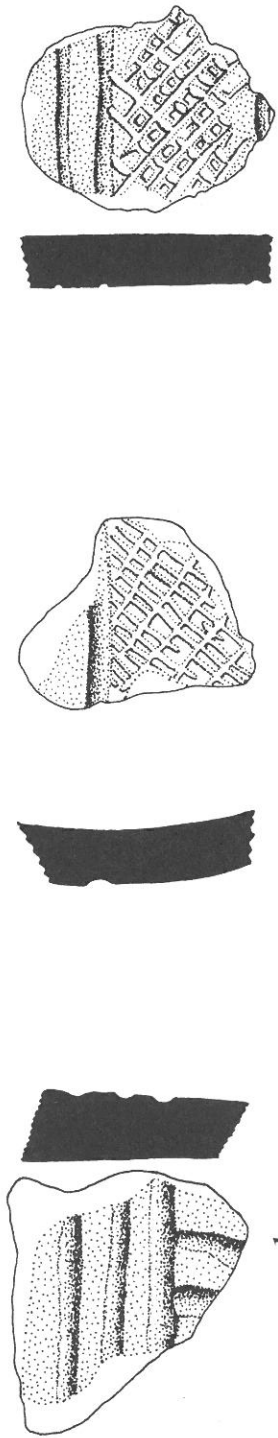


2

Falperra II (Sector B1): 1 – Aspecto do pavimento, lareira, sulco e fossa da camada 21; 2 – Pormenor da fossa da camada 21 (fotografias do MDDS).



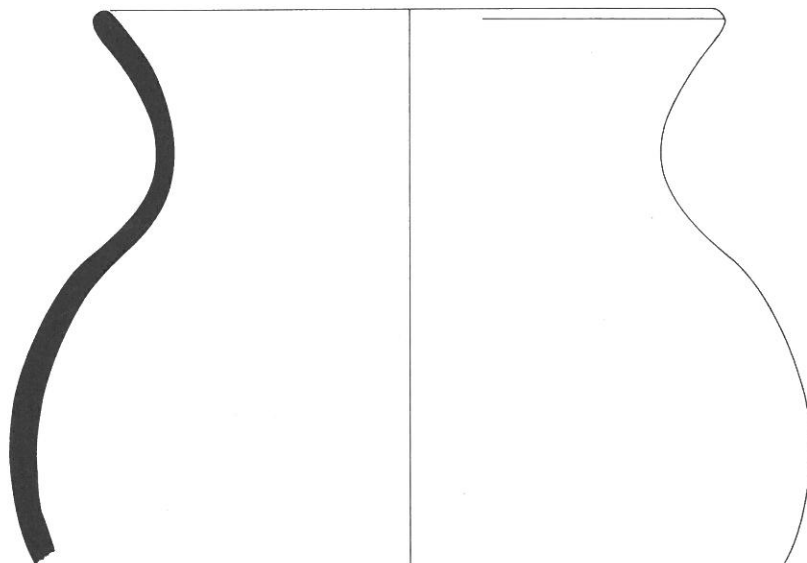
Falperra II (Sector B1): Pormenor do pavimento, lareira e fossa da camada 21.



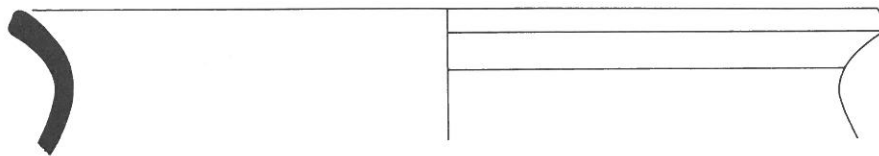
Falperra 0: 1 a 3 - Cerâmicas calcolíticas encontradas neste povoado; Falperra I: 4 a 6 - Potes da forma 1. Esc. 1/2.



1

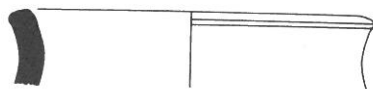


2

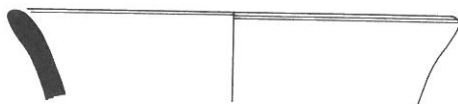


3

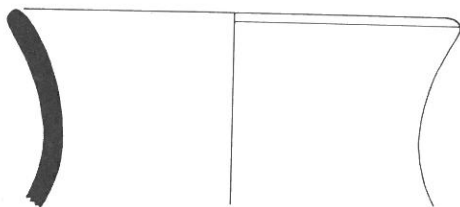
Falperra I: 1 – Pote da forma 1b; 2 e 3 – Potes da forma 2. Esc. 1/2.



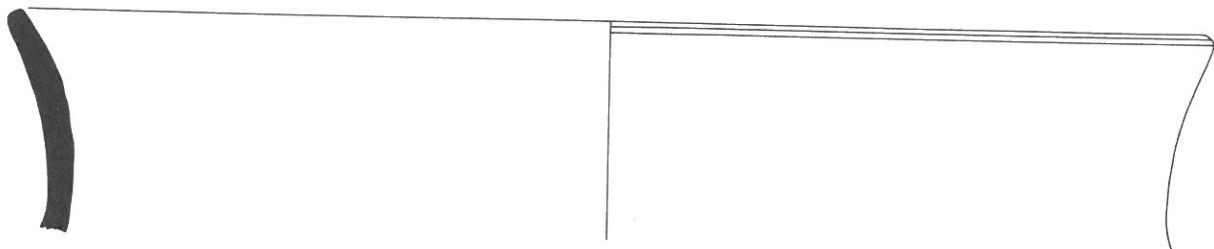
1



2

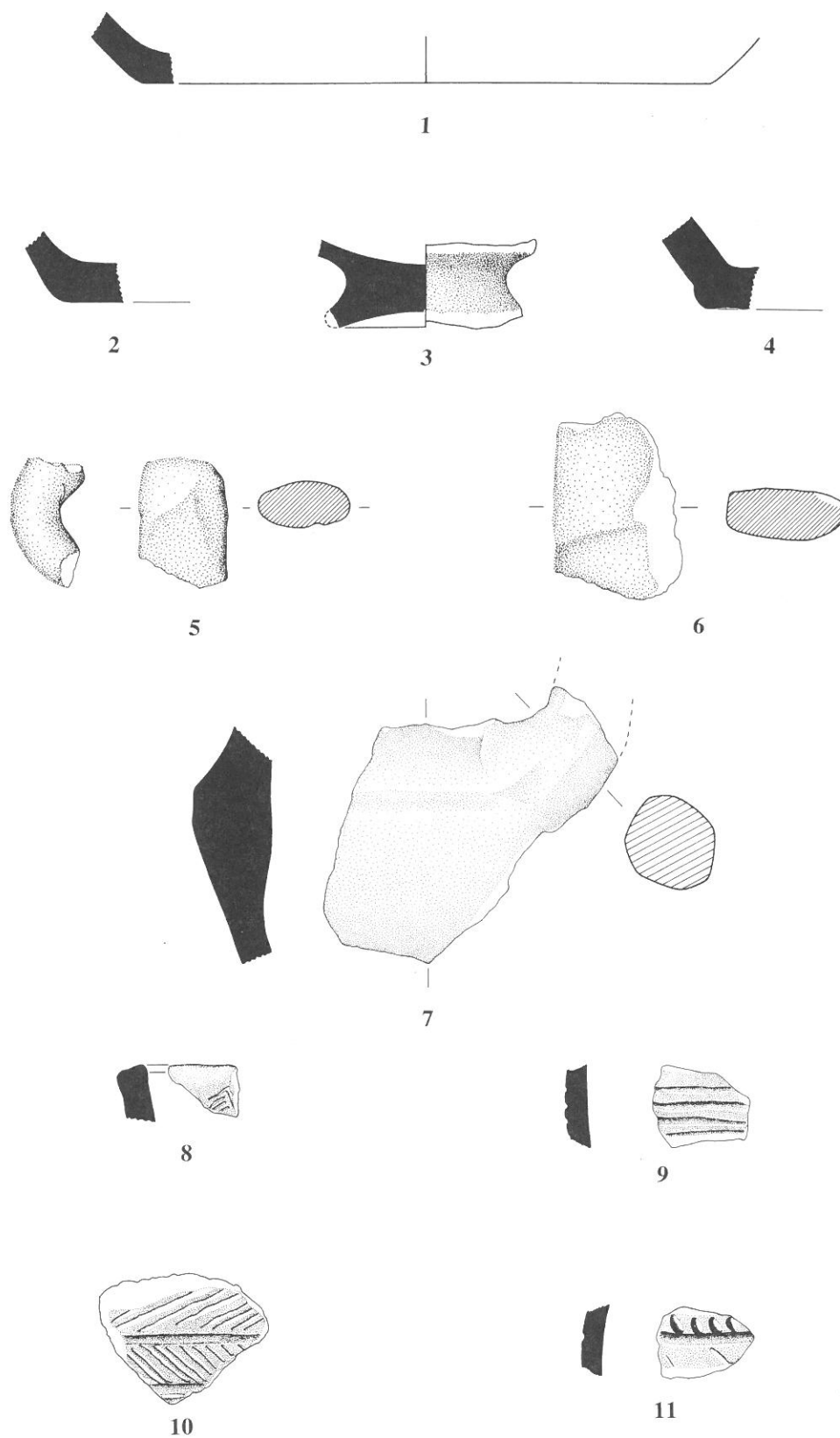


3

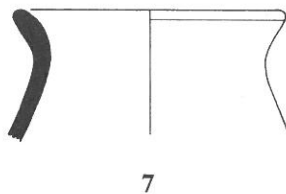
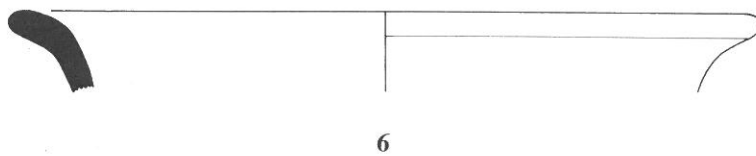
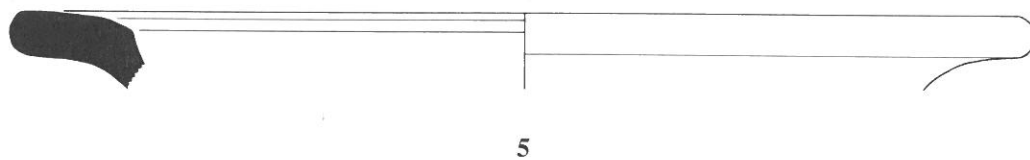


4

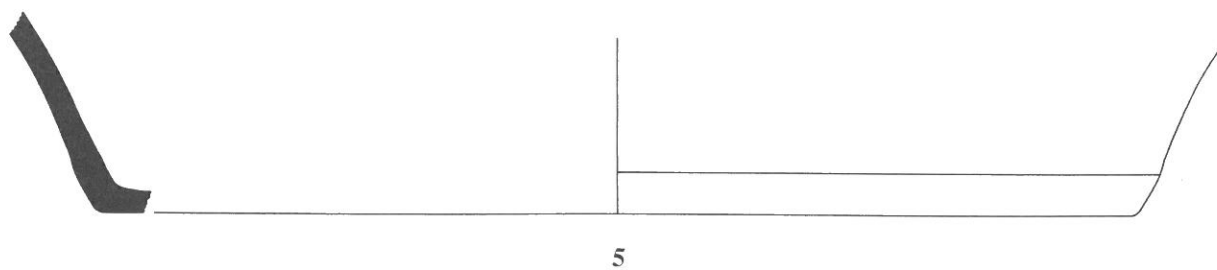
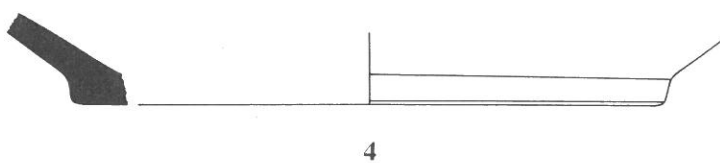
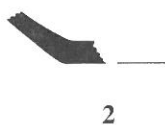
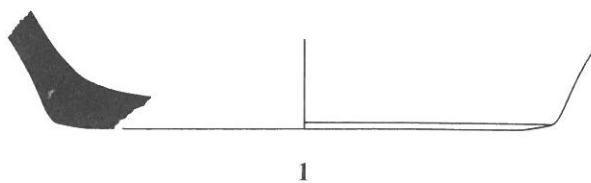
Falperra I: 1 a 3 – Potinhos/púcaros; 4 – Pote da forma 2. Esc. 1/2.



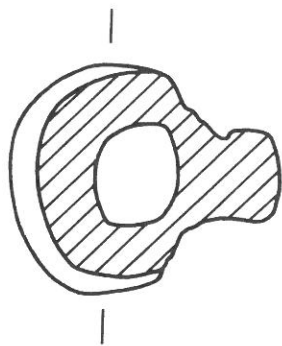
Falperra I: 1 e 2 – Bases de fundo plano; 3 – Base de pé alto; 4 – Base de fundo plano alargado; 5 e 6 – Asas; 7 – Malga (?) com arranque de asa; 8 a 10 – Decorações incisas; 11 – Fragmento com decoração incisa/impressa. Esc. 1/2.



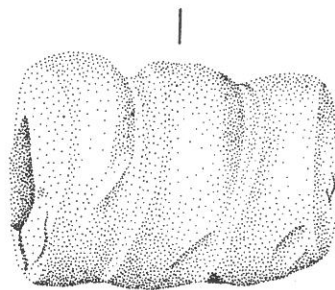
Falperra II: 1 e 2 – Potes da forma 1; 3 e 4 – Potes a forma 1b; 5 – Pote da forma 1c; 6 – Pote da forma 2; 7 – Potinho/púcaro. Esc. 1/2.



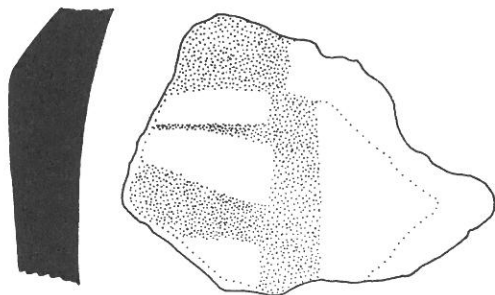
Falperra II: 1 a 5 – Bases de fundo plano. Esc. 1/2.



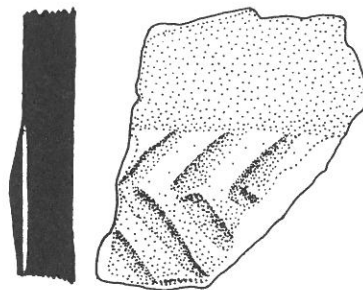
1



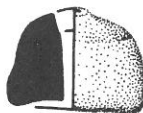
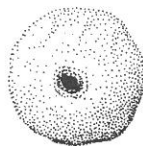
2



3



4



5

Falperra II: 1 - Asa com caneluras; 2 - Fragmento de taça carenada; 3 - Fragmento com decoração brunida; 4 - Fragmento com decoração incisa/plástica; 5 - Cossioiro. Esc. 1/2.

**ESTAÇÕES DA IDADE DO BRONZE E DO
FERRO: ESCAVAÇÕES RECENTES**

O POVOADO DA IDADE DO BRONZE DO ALTO DE S. BENTO (BRAGA)

1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico do Alto de S. Bento localiza-se na freguesia de S. Martinho de Tibães, concelho de Braga, na margem esquerda do rio Cávado.

Só foi identificado em 1995, por Luís Fontes durante os trabalhos arqueológicos que se processavam no adro da capela de S. Bento, pertencente ao Mosteiro de S. Martinho de Tibães. Apesar de manter relativamente bem preservadas as suas vertentes oeste e este, foi modificado a norte, pela construção de um escadório de acesso à referida capela.

O interesse do estudo deste local reside na sua posição geo-estratégica em relação ao vale do Cávado e às jazidas de estanho que ocorrem nas imediações.

2. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL (Est. I a III)

O sítio arqueológico de S. Bento, dentro da cerca do mosteiro de S. Martinho de Tibães, localiza-se num remate de esporão da vertente norte do Monte de S. Filipe, com boas condições de visibilidade para o vale do Cávado, bons acessos a terrenos agrícolas pelo lado oeste e vertentes abruptas a este. Apresenta as seguintes coordenadas Gauss: M = 171,1; P = 509,4, à cota de 145m (f. 70 - 1: 25 000).

O substrato rochoso é composto por corneanas pelíticas e quartzo feldspáticas (rochas silúricas metamorfizadas) que não ocorrem à superfície.

A cerca de 500m para norte e este há solos de classe A, de utilização agrícola (f. 70 - 1: 25 000).

A menos de 1Km para sudoeste ocorrem as jazidas de estanho de Cabreiros e para sudeste as de volfrâmio de Tibães, ambas no concelho de Braga. A 3Km para norte do Cávado, na freguesia de Cabanelas (Vila Verde), encontram-se jazidas de estanho e barreiros.

Os recursos aquíferos são abundantes. Na vertente este existem nascentes e regatos, alguns deles afluentes da margem esquerda do Cávado.

A cobertura vegetal é essencialmente arbustiva e arbórea, resultado de décadas de trabalhos efectuados pelos frades que habitaram o mosteiro.

O acesso faz-se por caminho de pé posto ou pelo escadório da Capela de S. Bento, pertencente ao recinto do Mosteiro.

3. OBJECTIVOS E METODOLOGIA (Est. IV e V)

O objectivo principal desta intervenção arqueológica, da responsabilidade técnica e científica de Luís Fontes, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho¹, era a reconstituição do traçado do antigo jardim, fronteiro à capela de S. Bento. Iniciados os trabalhos em 1995, detectaram-se, em planta, as primeiras fossas, abertas na alterite. Esta descoberta viria a encorajar o alargamento da área de trabalho e a escavação de algumas fossas, em 1996/1997, agora numa perspectiva de integração cronológica-cultural destes achados, de determinar a área de ocupação deste sítio arqueológico e estabelecer a(s) sua(s) funcionalidade(s).

Abriram-se assim 71 quadrados de 1,5 x 1,5m, numerados de 1 a 71, no jardim e áreas adjacentes à referida capela. A quadrícula foi orientada segundo o Norte geográfico e a escavação processou-se por camadas artificiais, na fase inicial e, posteriormente, por camadas naturais. Atendendo ao objectivo principal dos trabalhos, só alguns quadrados foram escavados até à rocha de base. As camadas foram numeradas de cima para baixo, com algarismos árabes.

As fossas foram indicadas por números árabes e as restantes estruturas por letras maiúsculas. Todas as plantas e perfis foram desenhados à esc. 1: 20, cotados e fotografados.

O ponto topográfico correspondeu a um dos cantos da soleira do chafariz, referenciado na planta.

Na parte escavada das fossas foram retirados a totalidade dos sedimentos para análises de ecofactos. A crivagem a seco e tratamento laboratorial destes sedimentos foi, em parte, efectuada por Giselda Oliveira, colaboradora da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no âmbito da sua dissertação de mestrado.

Analisámos a estratigrafia e o espólio de cada fossa de forma individual. Os objectos cerâmicos foram integrados na tabela formal geral. Os macrorrestos vegetais revelaram-se interessantes.

O espólio foi depositado no Museu de S. Martinho de Tibães, Mire de Tibães, Braga.

4. ESCAVAÇÕES

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO

Plataforma superior (Est. V a IX)

ESTRATIGRAFIA

O início dos trabalhos começou pela decapagem superficial de todo a área do jardim. Terminada esta fase incidiu-se mais no quadrante sudoeste do mesmo, onde se escavaram alguns quadrados até à rocha de base. A estratigrafia era, *grosso modo*, escassa e compreendia fundamentalmente 3 camadas com espólio de épocas históricas. Na base da última camada surgiram 15 fossas abertas na alterite, das quais 11 foram escavadas, em parte, e cuja estratigrafia descreveremos pormenorizadamente.

FOSSA 1 (SB 51)

A limpeza do perfil norte desta fossa, até à rocha base, permitiu verificar que ela atingia cerca de 1,14m de profundidade máxima e distinguir 2 camadas estratigráficas, com algumas subdivisões (Est. VI e IX: 1).

¹ Agradecemos ao Dr. Luís Fontes o ter facultado o relatório das escavações e a cedência dos dados aqui referenciados.

Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, entre o avermelhado, castanha e amarelado, de média compacidade, argilosa, com algum cascalho.

Camada 2a: caracterizava-se por terras castanhas com algumas manchas esbranquiçadas, arenosa, de média compacidade, com algum cascalho e pedra miúda.

Camada 2b: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compacidade, com alguns carvões dispersos e algum cascalho.

Camada 2c: caracterizava-se por terras amareladas, argilosas, de média compacidade com algum cascalho, pedra miúda e calhaus dispersos.

Camada 2d: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compacidade com algum cascalho, pedras e blocos pétreos.

FOSSA 3 (SB 51)

A observação do perfil sul desta fossa, demonstrou que ela tinha cerca de 1,04m de profundidade máxima e 2 camadas estratigráficas, com algumas subdivisões (Est. VI e IX: 1).

Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, entre o avermelhado, castanha e amarelado, de média compacidade, argilosa, com algum cascalho.

Camada 2a: caracterizava-se por terras amareladas, argilosas, de média compacidade com algum cascalho, pedra miúda e calhaus dispersos.

Camada 2b: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compacidade, com alguns carvões dispersos e cascalho.

FOSSA 5 (SB 16)

A análise dos perfis norte e este desta fossa, demonstraram 3 camadas estratigráficas e que ela atingia os cerca 96cm de profundidade máxima (Est. VI).

Camada 1: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compacidade, com alguns carvões dispersos e cascalho.

Camada 2: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, entre o avermelhado, o castanho e o acinzentado, argilosa, de média compacidade, com pedra e pedra miúda e xisto em desintegração.

Camada 2a: caracterizava-se por terras castanhas acinzentadas, argilosas, de média compacidade com carvões dispersos e alguma pedra miúda e cascalho.

Camada 3: caracterizava-se por terras avermelhadas escuras, argilosas, de média compacidade, com alguns carvões dispersos e cascalho.

FOSSA 6 (SB 11)

A observação dos diferentes perfis efectuados nesta fossa, demonstrou que ela tinha 80cm de profundidade máxima, apesar de perturbada pelo lado nordeste. Foi possível identificar 1 camada estratigráfica (Est. VII).

Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, predominantemente avermelhado com manchas esbranquiçadas e negras, argilosa, de média compacidade.

FOSSA 7 (SB 10)

A estrutura identificada como fossa 7 é duvidosa. A pequena depressão detectada a noroeste do

quadrado poderá estar relacionada com uma canalização que passava pelo local. O seu enchimento não se distinguia da camada que se sobrepunha, pelo que só novos trabalhos permitirão interpretar melhor este "incidente" (Est. VII).

FOSSA 8 (SB 10/11)

A limpeza dos perfis norte e este desta fossa, até à rocha base, permitiu verificar que esta estrutura foi perturbada, a oeste, por uma canalização. Tinha cerca de 54cm de profundidade máxima e 3 camadas estratigráficas ainda *in situ* (Est. VII).

Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, predominantemente avermelhadas, com manchas amareladas e acinzentadas, argilosa, de média compactidade, com alguns carvões dispersos.

Camada 2: caracterizava-se por terras de cor castanhas claras, argilosas, de média compactidade, com algum cascalho.

Camada 3: caracterizava-se por terras amareladas, de tipo saibro, de média compactidade.

FOSSA 10 (SB 10)

Era uma estrutura baixa com cerca de 16cm de profundidade. Continha apenas uma camada (Est. VII).

Camada 1: caracterizava-se por terras de cor castanhas claras, argilosas, de média compactidade, com algum cascalho.

FOSSA 12 (SB 14/15)

Esta fossa, dupla, tinha de profundidade máxima 84cm e de mínima cerca de 48cm (Est. VIII e IX: 2).

Camada 1: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compactidade, com alguns carvões dispersos.

Camada 1a: caracterizava-se por terras avermelhadas e castanhas, argilosas, de média compactidade, com alguns carvões.

FOSSA 13 (SB 10/14)

Esta fossa, apesar de perturbada na parte superior pela passagem de uma canalização, apresentava 1 camada *in situ*, bem visível no perfil sul. Tinha cerca de 50cm de profundidade máxima (Est. VII e VIII).

Camada 1: caracterizava-se por terras de cor heterogénea, predominantemente avermelhadas, com manchas amareladas e esbranquiçadas, argilosas, de média compactidade, com algum carvão.

FOSSA 14 (SB 34)

Com cerca de 80cm de profundidade máxima, esta fossa apresentava 2 camadas (Est. VIII).

Camada 1: caracterizava-se por terras avermelhadas e amareladas, saibrosas, de média compactidade, com algum cascalho.

Camada 2: caracterizava-se por terras avermelhadas, argilosas, de média compactidade. Contém alguns carvões dispersos.

FOSSA 15 (SB 14/18)

O perfil oeste do quadrado SB 14, demonstrou que esta estrutura tinha cerca de 22cm de profundidade e, aparentemente, apenas 1 camada (Est. VIII).

Camada 1: caracterizava-se por terras castanhas claras, argilosas, de média compactidade, com alguns carvões e pedra miúda.

ESTRUTURAS (Est. V a IX)

A análise estratigráfica demonstrou-nos que após a camada humosa existem restos de arruamentos e de canteiros da Idade Moderna. A camada 3, que assentava sobre a alterite, não era uniforme e apresentava espólio que demonstrava revolvimento. Por vezes, em parte desta camada abriram-se algumas das fossas. O nível de ocupação contemporâneo destas estruturas, parece ter sido completamente destruído, pelo que a profundidade das mesmas é sempre aproximada.

Das 15 fossas detectadas, apenas podemos conhecer com alguma exactidão, a planta da 8. Pelo facto de muitas delas se encontrarem por baixo dos arruamentos da época moderna, não foi possível escavar os quadrados por onde se estendiam tais estruturas e, assim, ter a percepção das respectivas plantas.

Das fossas passíveis de estudo mais exaustivo, 3 apresentavam planta alongada e 5 planta subcircular, com profundidades muito diversificadas.

N.º DA FOSSA	MORFOLOGIA/PLANTA	DIMENSÕES (comp. x larg. x prof.)
Fossa 3	Subcircular	0,76m x c. 0,70m x 1,04m
Fossa 5	Subcircular	0,74m x c. 0,72m x 0,96m
Fossa 6	Subcircular	0,62m x 0,60m x 0,80m
Fossa 8	Subcircular	0,80m x c. 0,80m x 0,54m
Fossa 10	Subcircular	0,52m x 0,50m x 0,16m
Fossa 12	Alongada	1,30m x 0,70m x 0,48m
Fossa 13	Alongada	0,90m x c. 0,60m x 0,50m
Fossa 15	Alongada	0,74m x 0,54m x 0,22m

ESPÓLIO (Est. XI)Cerâmicas

O espólio das camadas 1, 2 e 3 correspondia a louça e vidros de época histórica. Exceptuando um fragmento de pança arenosa, grosseira de fabrico manual, encontrado na camada humosa do quadrante noroeste do jardim, todo o material da Idade do Bronze proveio do interior das fossas. Este era escasso (17 fragmentos) e poderá subdividir-se em grosseiro (82%) e mediano/fino (18%). A cozedura era regular. As cores variavam entre o castanho claro e o castanho alaranjado. As superfícies eram, predominantemente, alisadas (88%) mas existiam acabamentos polidos (12%). Não se identificaram vestígios de lípidos ou de matéria orgânica.

N.º DA FOSSA	CAMADA	QUANT.	FRAGMENTOS
Fossa 1	Camada 2a e 2b	8	Panças
Fossa 5	Camada 1	1	Pança
Fossa 6	Camada 1	4	1 base; 3 panças
Fossa 12	Camada 1	1	Bordo
Fossa 14	Camada 2	1	Pança
Fossa 15	Camada 1	1	Pança

Formas

O único fragmento passível de fornecer forma era o bordo da fossa 12. Trata-se de um pote da forma 7, de textura grosseira, acabamento alisado e de cor castanha alaranjada. Tinha um bordo em aba soerguida média e apresentava, no colo, um cordão liso, aplicado horizontalmente. Média cerca de 29cm de diâmetro de boca.

Bases

O único exemplar conhecido pertencia a um fundo plano, grosseiro, de acabamento alisado e de cor castanha alaranjada. Notavam-se impressões de algumas dedadas no interior, que cremos serem defeito de fabrico. Média de diâmetro mais do que 20cm.

Decorações

Apenas reconhecemos a decoração plástica, através de um cordão horizontal sobre o colo do pote da forma 7.

Macrorrestos

Em 24 litros de sedimentos da fossa 3 recolheram-se várias sementes, a maioria delas indeterminadas. Entre as identificadas conta-se a presença de *Triticum* e de *Brassica* (?) (OLIVEIRA, 2000).

Área Oeste (Est. X)

ESTRATIGRAFIA

A estratigrafia era pouco espessa e caracterizava-se por 3 camadas. Após a camada humosa, existia a 2, revolvida, com espólio moderno e a 3, de cor castanha amarelada, algo saibrosa, de grande compacidade, com alguns carvões, cascalho, pedra miúda e calhaus.

ESTRUTURAS

Na camada 3 dos quadrados SB 63, 65 e 71, surgiu uma estrutura cortada no substracto rochoso. Tratava-se de um sulco de secção sub-rectangular, de 22/24cm de largura, de 16/18cm de profundidade média, de

forma semicircular, com uma abertura de cerca de 40cm, voltada a norte. No sentido norte-sul, media cerca de 1,20m de diâmetro médio.

ESPÓLIO

Cerâmicas

Nesta área de intervenção apenas detectámos um fragmento de cerâmica manual, de pasta arenosa, grosseira, passível de integração na Idade do Bronze. Era o único que apresentava vestígios de lípidos na superfície interior. Foi recolhido na camada 3 do quadrado SB 65.

5. CRONOLOGIA, FASES DE OCUPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO INTERNA DO POVOADO

A análise da sequência estratigráfica e das estruturas indicia apenas um momento de ocupação atribuível à Idade do Bronze, que se teria desenvolvido, quer na plataforma superior, quer no início da vertente oeste.

A escassez de espólio e a fraca potência estratigráfica apontam para uma ocupação de curta duração, talvez sazonal e, provavelmente, muito especializada em termos funcionais.

Quanto a este último aspecto parece possível admitir que o local tenha funcionado como silo, ou armazém de géneros. Em abono desta hipótese de trabalho concorrem várias das características do sítio:

- localização geográfica do local, na proximidade de solos agrícolas, bem irrigados e de fácil acesso;
- proximidade da importante via de transporte ou escoamento, constituída pelo vale do Cávado;
- exclusividade de estruturas de fossa na plataforma superior, local de boa drenagem;
- abandono das fossas, ainda durante a Idade do Bronze. As características da estratigrafia e do espólio encontrado no seu interior são a esse respeito bastante elucidativas. Se estas estruturas tivessem servido de recintos tumulares ou rituais seria pouco provável a sua violação em época tão recuada;
- presença esporádica de cereal nos sedimentos da fossa 3 (os únicos estudados até agora);
- espólio cerâmico indiciando a existência de grandes recipientes para guardar materiais secos. Em todos os fragmentos da plataforma superior estão ausentes os indicadores de gorduras, de matéria orgânica ou da presença de actividades feitas ao lume.

Como hipótese de trabalho, a estrutura da área oeste, em local onde não existiam fossas, poderá interpretar-se como uma estrutura de cabana, com fins de apoio às actividades desenvolvidas na plataforma superior. De salientar ser esta a única zona com cerâmicas indiciando transformação de alimentos.

Este sítio arqueológico teria, assim, que entender-se, como fazendo parte de uma rede de povoamento mais complexa, onde se inscreveriam outras categorias de fixação humana no espaço.

Quanto à cronologia mais específica vejamos os paralelos possíveis, embora o conjunto de materiais seja pequeno o que dificulta essa tarefa.

Em termos de organização interna do local, encontramos paralelo no povoado da Santinha I, em Amare, datado em torno do séc. X AC que, também, contém um conjunto significativo de fossas e de sementes, na plataforma superior, embora com particularidades, indicadoras de uma ocupação mais longa (BETTENCOURT, 1995: 60-61; 1999).

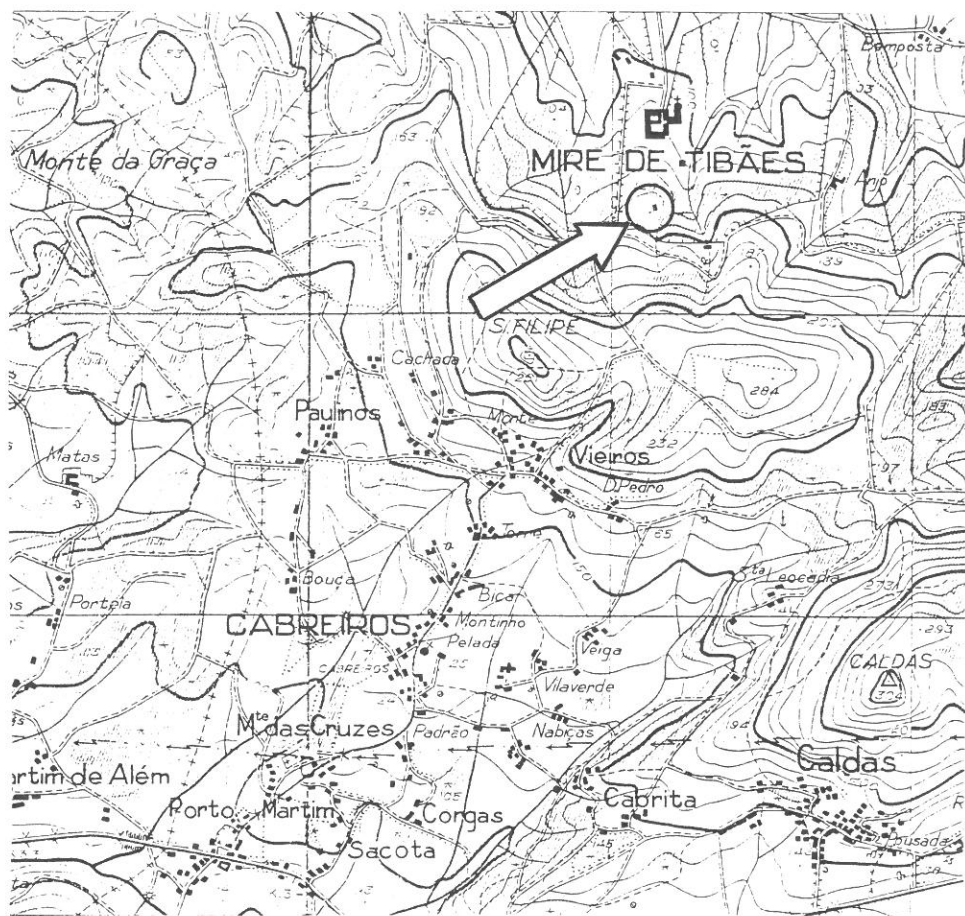
Quanto ao espólio, verificamos que a forma 7, se manifesta plenamente, na primeira metade do II milénio AC, no povoado da Sola IIa e IIb, em Braga, e permanece, de forma residual, até aos inícios do primeiro quartel do I milénio AC, na Santinha I, em Amares (BETTENCOURT, 1999; 2000).

Se considerarmos o punhal, em bronze, de tipo Porto de Mós, recolhido no Mosteiro de Tibães (SILVA, 1986: 200, gráf. 4), como proveniente deste local², poderemos talvez encurtar as balizas cronológicas deste sítio arqueológico. As datações de radiocarbono para objectos idênticos, recolhidos nos povoados de S. Julião I (Minho), Torroso (Galiza), Monte do Frade e Moreirinha (Beira Interior) e no depósito da Ria de Huelva (Andaluzia), enquadram-se, frequentemente, entre o último quartel do II e o primeiro quartel do I milénio AC (BETTENCOURT, 1998; 1999). Deste modo, admitimos para este sítio arqueológico, ainda que provisoriamente, uma cronologia inserível na transição do II para o I milénio AC.

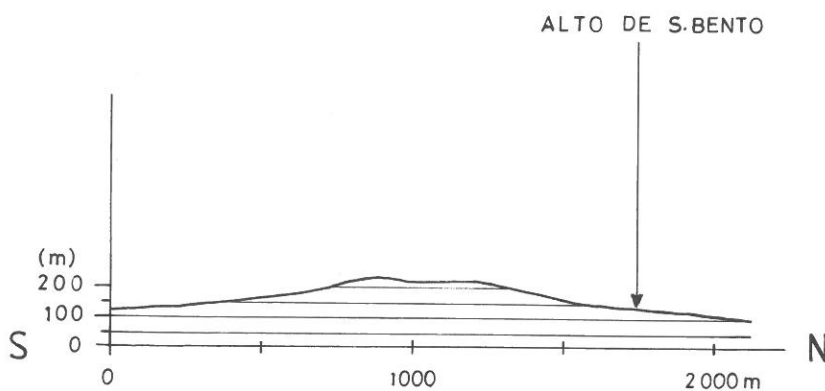
² Trata-se de uma peça de composição química binária, analisada através de Fluorescência de Raios-X no I.C.R.B.C., em Madrid.

Ref. Lab.	Obj.	FE	NI	CU	ZN	AS	AG	SN	SB	AU	PB
PA7194	punhal	0.169	-	86.33	-	-	0.031	13.46	0.030	-	-

ESTAMPAS

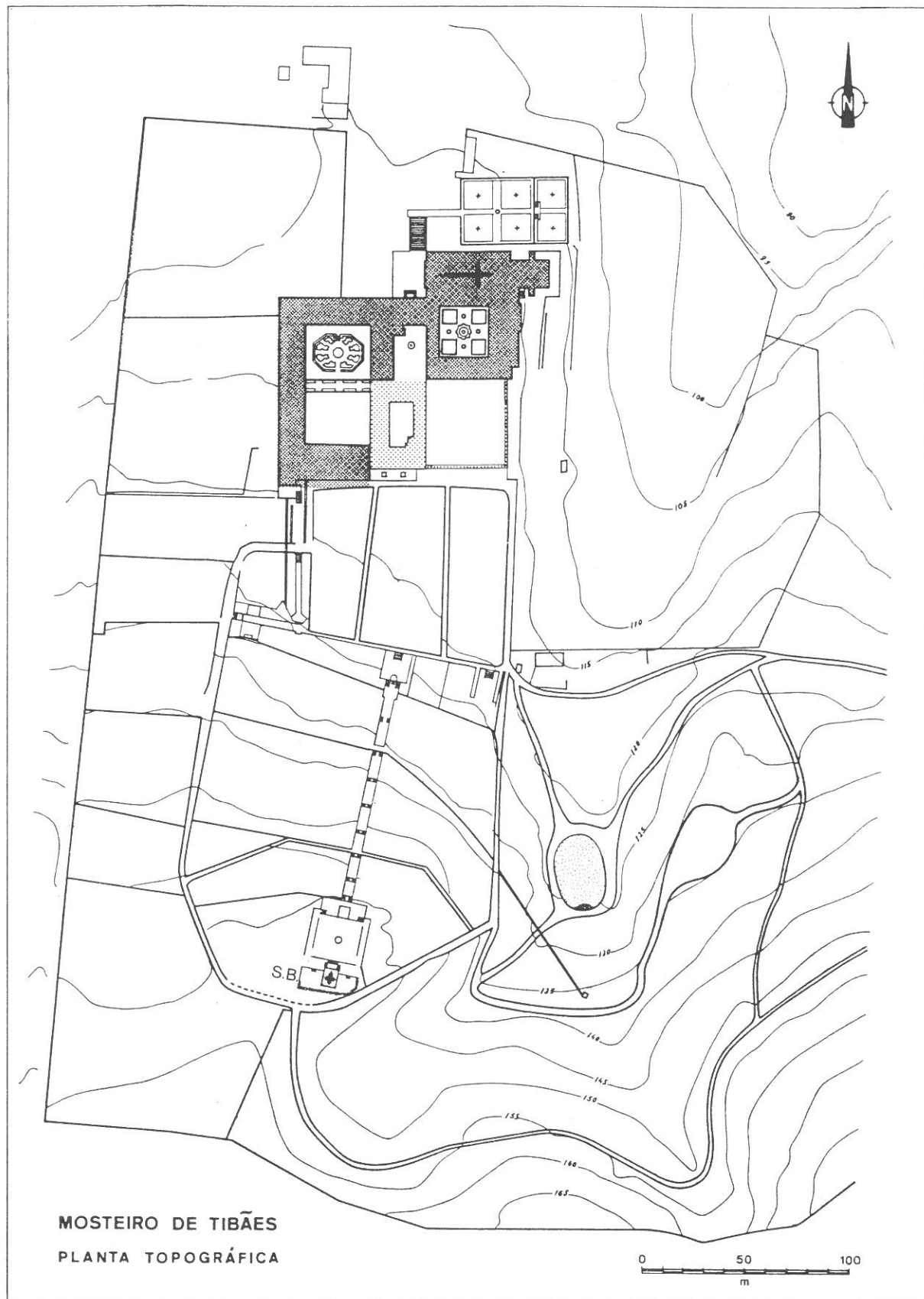


1



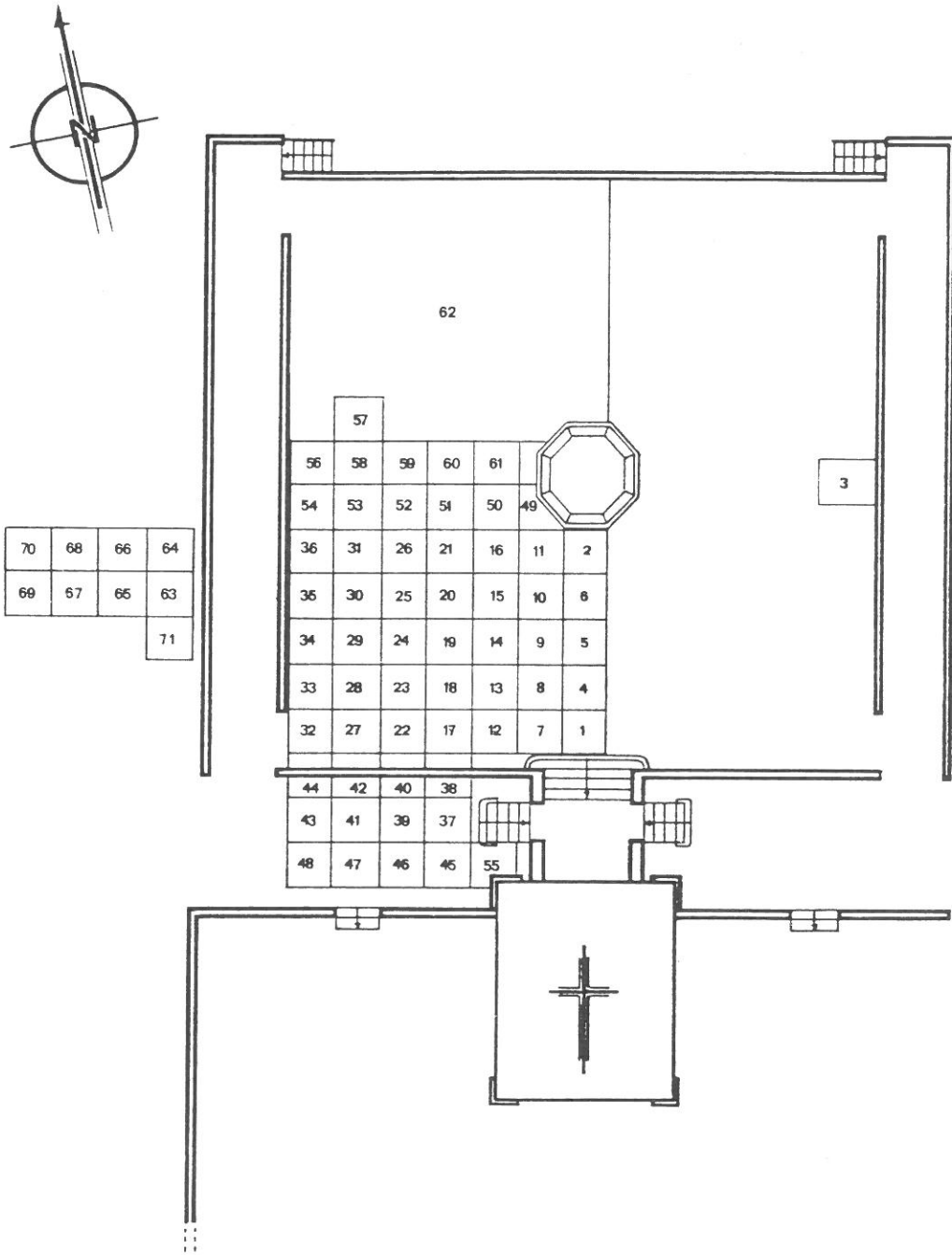
2

1 - Localização do povoado na C. M. P., na esc. 1: 25 000; 2 - Perfil topográfico da estação em relação ao vale do Cávado.



Planta do Mosteiro de Tibães e capela de S. Bento (S.B.).

Est. IV

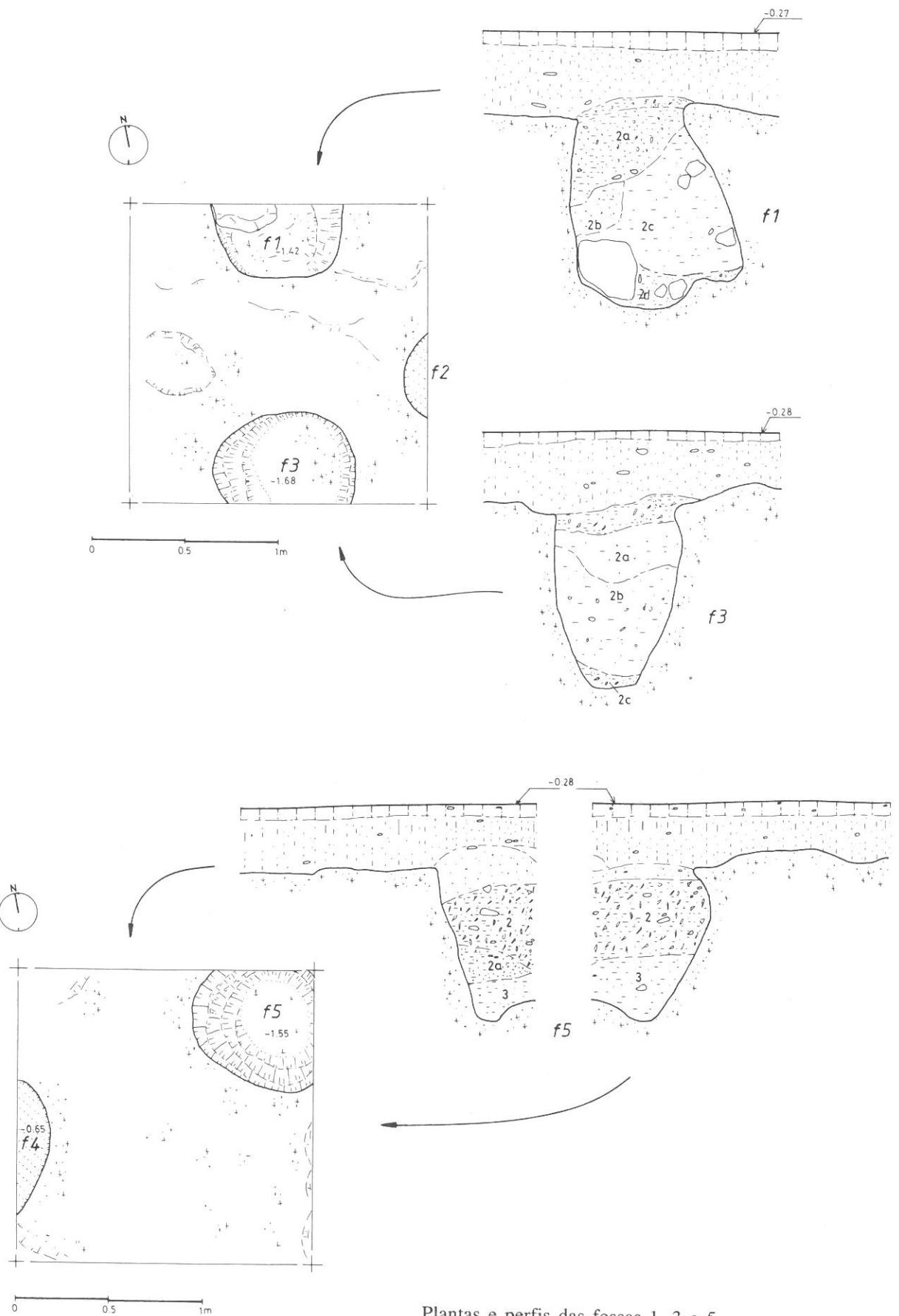


ESCALA: 1/250

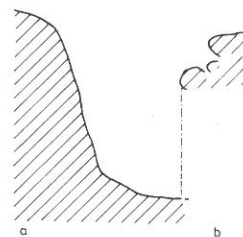
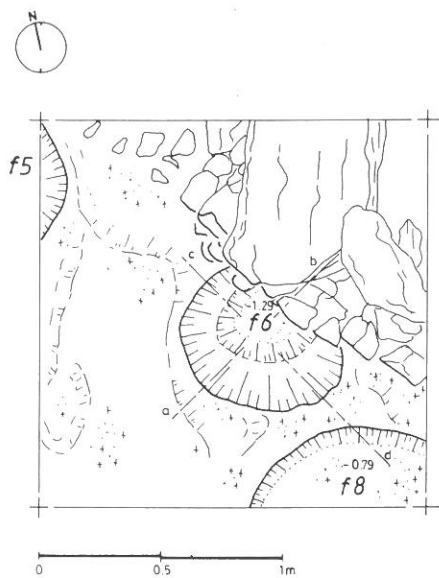
Área de escavação.



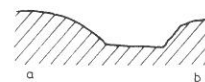
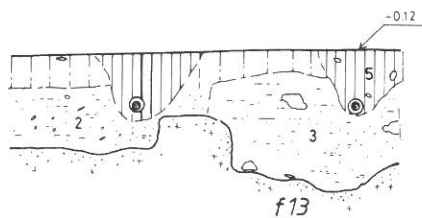
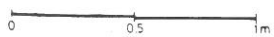
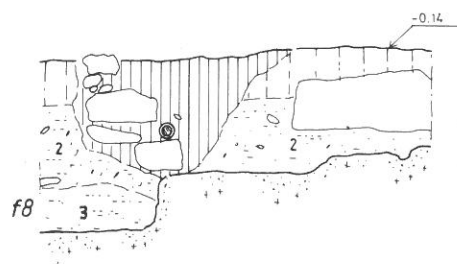
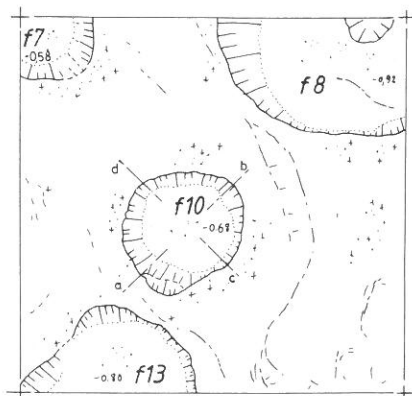
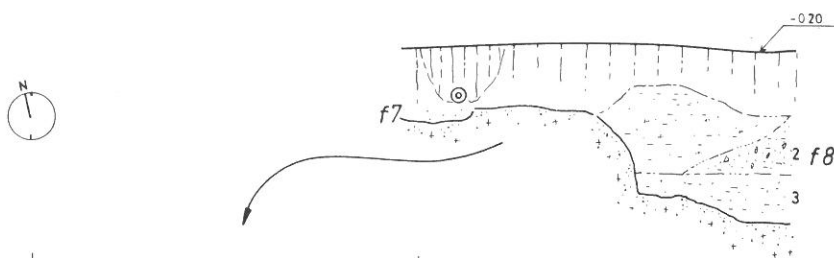
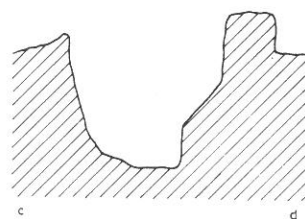
Planta geral da escavação.



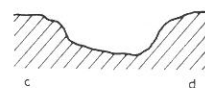
Plantas e perfis das fossas 1, 3 e 5.



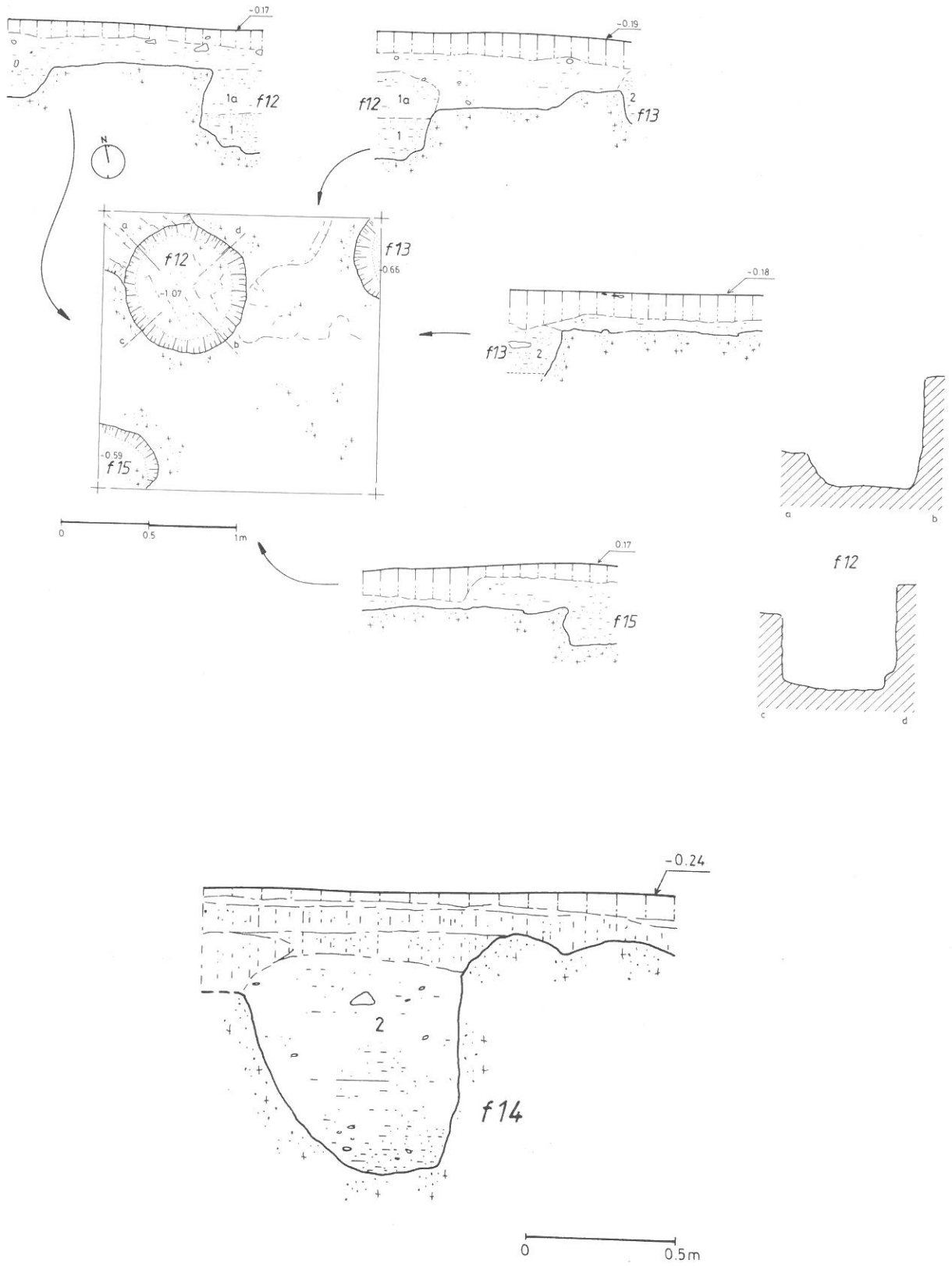
f6



f10



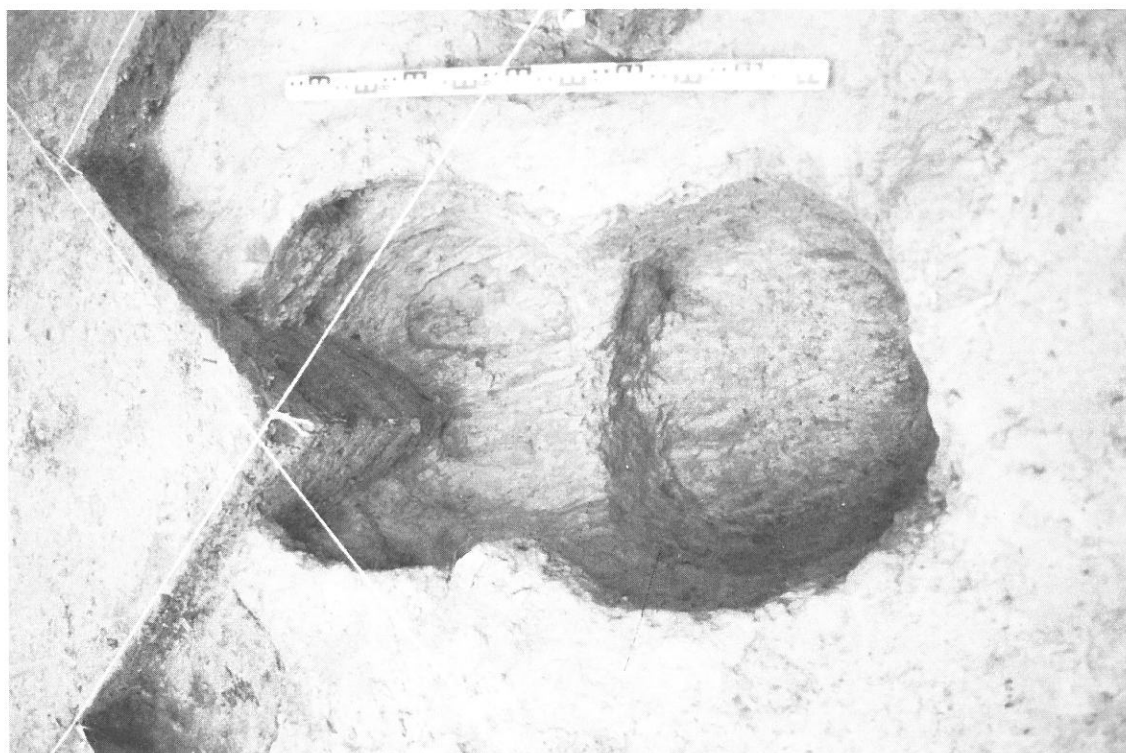
Plantas e perfis das fossas 6, 8, 10 e 13.



Plantas e perfis das fossas 12, 13, 14 e 15.



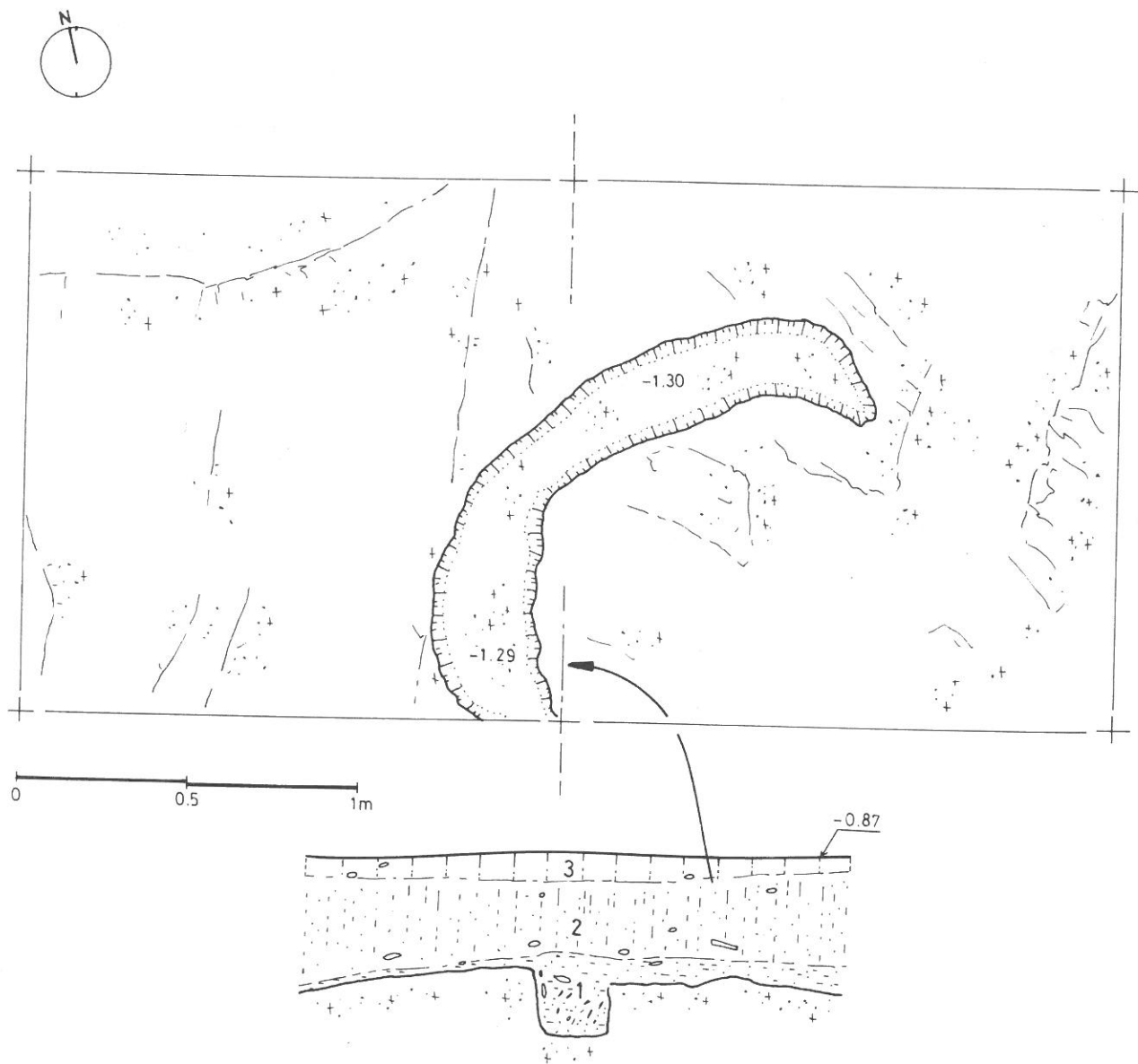
1



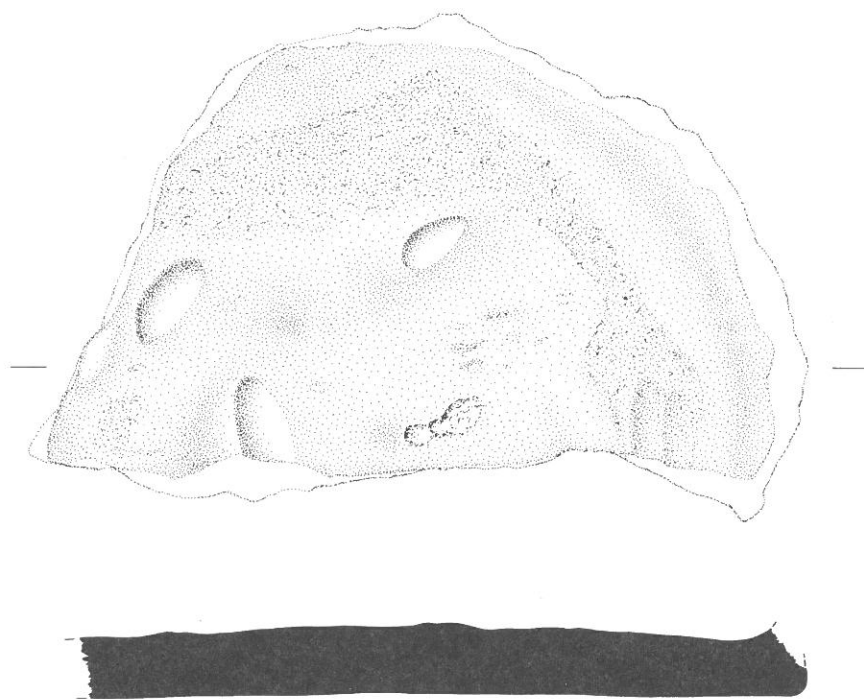
2

1 – Fossas 1, 2 e 3; 2 – Fossa 12 (Fot. de Luís Fontes).

Est. X



Planta e perfil da estrutura da área oeste.



1 - Base de fundo plano alargado com impressão de dedadas no interior. Esc. 1/2.

O POVOADO DA IDADE DO BRONZE E DO FERRO DE CABANAS (BRAGA)

1. INTRODUÇÃO

O povoado de Cabanas localiza-se na freguesia de Dume, concelho de Braga, na margem esquerda do rio Cávado.

Foi identificado por L. Fontes em 1990, mantendo ainda intactas, as suas vertentes oeste, noroeste e parte da este. A vertente sul achava-se bastante degradada por desaterros e terraplanagens e a nordeste encontrava-se danificada por pedreiras. A plataforma superior indiciava extracção de pedra, por processo artesanal. Apesar das más condições de conservação foi possível identificar, pelos achados de superfície, espólio integral na Idade do Bronze e na do Ferro Recente.

Como estação arqueológica integrada no plano director do concelho de Braga, mantinha-se salvaguardada de novas perturbações, pelo que não era nossa intenção proceder a escavações arqueológicas, antes da finalização da nossa dissertação de doutoramento.

Em 1996, uma atitude pouco cuidadosa por parte da Câmara Municipal de Braga, permitiu a destruição do que restava da vertente sul e a totalidade da oeste. Antes desta destruição foi possível verificar a existência de taludes artificiais, de outras estruturas pétreas e fragmentos de cerâmica manual e micácea, integráveis tecnicamente na Idade do Bronze e na do Ferro Recente. Não se detectaram níveis de transição entre estas duas fases de ocupação. Também não foi possível perceber se as cerâmicas da Idade do Bronze, encontradas nesta vertente, eram provenientes de níveis *in situ* ou de escorregamentos.

Confrontados com uma situação de emergência o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, pede a colaboração da Unidade de Arqueologia e efectua algumas sondagens no povoado, em Fevereiro de 1996.

2. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL (Est. I a III)

O povoado de Cabanas fica localizado num Outeiro do vale do Cávado, com uma visibilidade de 360 graus. As coordenadas Gauss, segundo a C. M. P., folha n.º 56, na esc. 1: 25 000 são: M = 175,9; P = 510,9, à cota máxima de 190m.

O substrato rochoso é composto por granitos porfiróides de grão médio a fino, monzoníticos de duas micas, com predominância de biotite (f. 5D - 1: 50 000), que ocorriam na plataforma superior.

A cerca de 500m para oeste existem solos de classe A, de utilização agrícola (f. 56 - 1: 25 000).

Recursos minerais de volfrâmio e estanho surgem a 4 e a 6Km para Sudeste, em Tibães e Cabreiros, respectivamente. A 5 Km para noroeste encontram-se os barreiros do Prado/Cabanelas (Vila Verde).

Os recursos hidrológicos manifestam-se por linhas de água ou regatos, que se formam nas suas vertentes e drenam para a ribeira do Vale do Outeiro e para a de Panoias, ambas afluentes do Cávado.

A cobertura vegetal, no que resta do povoado, consiste numa vegetação arbustiva e arbórea, com domínio do eucalipto e do pinheiro. Aparecem ainda, alguns resquícios de carvalho.

O acesso faz-se pela estrada municipal que liga Braga a Palmeira através de um caminho municipal, ao lado das instalações da Volvo.

3. OBJECTIVOS E METODOLOGIA (Est. IV)

O interesse deste povoado, com indícios de ocupação da Idade do Bronze, reside na compreensão da sua posição topográfica e das suas características de visibilidade, em relação ao ecossistema de vale. Importava, igualmente, determinar a diacronia de ocupação, entender a localização espacial dos diferentes momentos e tentar perceber áreas de especialização funcional, na zona ainda preservada do povoado.

As sondagens de emergência foram efectuadas em dois locais distintos: na plataforma superior (corte 1) e na vertente este (corte 2). No corte 1, já muito destruído por terraplanagens, foi possível limpar dois perfis já existentes, o A/B, virado a este e o C/D, virado a sul, e ainda escavar um rectângulo de 1,5m x 1,9m, identificado com o número 101, não orientado para norte. No corte 2 abriu-se o quadrado número 301, de 1,5 x 1,5m, este sim, integrado numa quadrícula mais vasta, orientada para o Norte magnético. A escavação processou-se por camadas naturais, até à rocha de base, numeradas de cima para baixo, com algarismos árabes, por vezes seguidas de letras, quando se tornou necessário efectuar subdivisões.

No corte 1 a limpeza dos perfis permitiu constatar uma escassa deposição sedimentar, sendo frustes os vestígios arqueológicos, o que indicia uma grande erosão neste sector do povoado. Os resultados do corte 2 desencorajaram novas sondagens nesta área, onde não se verificaram estruturas *in situ*.

Cada corte foi estudado de forma individual. Em cada um deles descrevemos a estratigrafia, as estruturas associadas a cada camada e o espólio respectivo. As estruturas foram referenciadas por letras maiúsculas.

Todas as datas radiocarbono foram calibradas segundo o programa de M. Stuiver & P. J. Reimer (1993), na versão 3.03. Neste programa elegeu-se a curva bidecadal, o método B de probabilidades e o desvio "standard" correspondente a 2 sigma (96,4% de segurança).

O espólio encontra-se no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga.

4. ESCAVAÇÕES

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO

Corte 1

ESTRATIGRAFIA (Est. V e VI)

A limpeza do perfil A/B, até à rocha de base, atingiu cerca de 80cm, de profundidade nalguns locais e apenas 10cm noutros. Na zona melhor conservada detectaram-se 4 camadas estratigráficas (Est. V: 2).

Camada 0: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, de pequena compacidade, areno-argilosas finas, com muitas raízes e cascalho disperso. Camada humosa.

Camada 1: caracterizava-se por terras castanhas escuras, muito arenosa, de pequena compactidade, com carvões dispersos e cascalho de pequeno e médio porte. Descontínua, provavelmente devido a processos erosivos. Em alguns locais poderá considerar-se como o que resta de uma camada de ocupação.

Camada 2: caracterizava-se por terras castanho amareladas, por vezes acinzentadas, argilosas médias, de média compactidade com alguns carvões dispersos. Deverá interpretar-se como camada de ocupação.

Camada 2A: pavimento de terra batida, de coloração amarelada e castanha clara, arenoso, de grande compactidade e com alguns carvões dispersos.

Camada 2a: caracterizava-se por terras castanho amareladas, areno-argilosas médias e grosseiras, de média compactidade. Parece corresponder a uma zona de mistura da arena granítica com a camada 2.

Camada 3: caracterizava-se por terras negras, muito arenosas, de textura fina e de pequena compactidade. Encontrava-se localizada entre dois afloramentos graníticos. Poderá corresponder a uma deposição natural. É estéril.

A limpeza do perfil C/D, também até à rocha mãe, atingiu cerca de 86cm de profundidade máxima e 66cm de profundidade mínima. Permitiu distinguir 2 camadas estratigráficas.

Camada 0: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, de pequena compactidade, areno-argilosas finas, com muitas raízes e cascalho disperso. Camada humosa.

Camada 1: caracterizava-se por terras castanhas escuras, por vezes com manchas mais claras, na base, muito arenosas, de pequena compactidade, com carvões dispersos e blocos líticos, de pequeno, médio e grande porte. Alguns são facetados numa das extremidades. Cremos que poderão pertencer a uma estrutura muito alterada. Esta camada revolveu, profundamente, a 2.

A escavação do rectângulo número 101 demonstrou que esta área estava totalmente revolvida. O aglomerado pétreo detectado à superfície correspondia a alterações provocadas pela construção de um muro de propriedade, que passava nas proximidades. Apenas se detectou a camada humosa.

ESTRUTURAS (Est. VI: 2)

Como verificámos pela descrição estratigráfica, a camada 1, apesar de muito perturbada, continha, no perfil C/D, indícios de um possível muro de parede dupla. No perfil A/B não surgiram vestígios de estruturas pétreas, o que não surpreende atendendo à pequena área onde a estratigrafia se conserva sem grandes alterações.

Na camada 2 do perfil A/B, apareceu um pavimento arenoso, provavelmente de uma estrutura habitacional precívil, com 16cm de espessura máxima.

ESPÓLIO (Est. VII a X: 1, 2 e 4)

O espólio das camadas 1 e 2 que constituíam este corte correspondia a 172 fragmentos cerâmicos, 1 objecto metálico e alguns macrorrestos vegetais.

Camada 0

Aqui exumaram-se cerâmicas micáceas e arenosas dos dois períodos cronológico-culturais. Do horizonte mais antigo apartámos 1 base de fundo plano, de superfícies corroídas e de pequenas dimensões, 1 bordo de potinho/púcaro, de textura fina, de superfície polida, de cor castanha e de diâmetro médio e 1 “tubo”, em pasta arenosa grosseira e de cor castanha, rematado nas duas extremidades. Não apresentava sinais de combustão (Est. X: 4).

Camada 1

Nesta camada quantificámos 155 fragmentos cerâmicos. Com excepção de 1, com características actuais, 102 eram de fabrico a torno, de pasta micácea oxidante e com formas inseríveis na Idade do Ferro Recente e 52, eram de fabrico manual e pasta arenosa, com características da Idade do Bronze. Estes últimos, provenientes, sem dúvida, da camada 2, deverão encarar-se como descontextualizados, atendendo a eventuais processos pós-deposicionais ou a problemas de individualização das camadas na fase de escavação. Registe-se que algumas destas panças e bordos colavam com os da camada 2, pelo que estudaremos estes materiais em conjunto.

No grupo das cerâmicas a torno registámos as formas 1b (2 ex.) e 4 (6 ex.) da Fase III de M. Martins (1990: 161), bem como bases de fundo plano e de fundo plano alargado.

Camada 2

Contabilizámos 19 fragmentos cerâmicos de fabrico manual e pasta arenosa que a adicionarmos aos da camada 1 perfazem 71. É com base neste número que efectuaremos os cálculos percentuais. Nesta camada exumámos ainda um artefacto metálico.

Cerâmicas

A cerâmica estava, integralmente, representada por fragmentos de fabrico manual. As pastas eram de cozedura regular ou má. O acabamento externo era, de uma forma geral, alisado, embora existissem algumas peças rugosas. A textura era, maioritariamente, grosseira, com algumas excepções (4%). As cores variavam entre os vários tons de alaranjado, bege, castanho e negro.

Deste conjunto individualizámos alguns bordos e bases, num total de 11, passíveis de estudo formal.

FRAGMENTOS	QUANT.
Bordos	9
Bases	1
Panças carenadas	1
TOTAIS	11

Formas

Com base na tabela formal efectuada para a Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro estabelecemos 5 formas cerâmicas para a segunda ocupação do povoado de Cabanas. A maior representatividade de bordos correspondia a formas de potes, embora variados, seguidas de potinhos/púcaros e de taças carenadas.

FORMAS	QUANT.	(%)
Potes	5	(50%)
Potinhos/púcaros	2	(20%)
Taças carenadas	1 (pança)	(10%)
Indeterminadas	2	(20%)
TOTAIS	10	(100%)

A forma identificada como pote admitia alguma variedade morfológica, embora em termos de bordos eles sejam apenas esvasados (80%) e verticais (20%). A maioria dos potes (80%) não apresentava decoração.

VARIEDADE DOS POTES	QUANT.	(%)
Pote 1	1	(40%)
Pote 2	2	(40%)
Pote 4	2	(20%)
TOTAIS	5	(100%)

Todos os potes apresentavam superfícies alisadas, com cores beges e castanhas. Nenhum deles indiciava vestígios de lípidos. Os seus diâmetros entram na classe dos médios, médios/grande e grandes. Os potinhos/púcaros apresentavam apenas bordos esvasados. A textura das pastas era grosseira e as superfícies eram apenas alisadas. Um deles continha indícios de fuligem no exterior. A taça carenada era de textura fina, acabamento polido e de cor castanha.

Bases

O único exemplar conhecido era de fundo plano, com um diâmetro médio, que não ultrapassava os 20cm.

Decorações

Apenas reconhecemos a técnica da incisão, sobre um lábio e pote. As decorações representavam apenas 1% do total dos fragmentos.

Metais

Foi recolhido um único artefacto, em bronze. Tratava-se de um pequeno aro, fragmentado.

Macrorrestos

Foram recolhidas amostras desta camada para análise de eventuais restos de sementes ou frutos carbonizados. A crivagem e o estudo das terras, efectuado por Giselda Oliveira, não revelou qualquer elemento paleocarpológico, permitindo apenas, a recolha de restos de madeira carbonizada. Atendendo à parca quantidade destes últimos, optámos por seleccioná-los para análises de radiocarbono.

DATAS DE RADIOCARBONO

Devido à escassez de matéria orgânica a amostra foi analisada pelo laboratório de Faculteit Natuur-en Sterrenkunde, da Universidade de Utrecht através do AMS.

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
UtC-5661	2798 ± 29	988-955 (0,41) 945-904 (0,59)	1003-892 (0,89) 885-847 (0,11)

Esta amostra extraída do perfil A/B concorda com as características da cultura material, pelo que é, perfeitamente, aceitável.

Corte 2

ESTRATIGRAFIA

A escavação do quadrado 301, até à rocha de base, permitiu detectar uma sequência estratigráfica de 4 camadas.

Camada 0: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, de pequena compacidade, areno-argilosas finas, com muitas raízes e cascalho disperso. Camada humosa.

Camada 1: caracterizava-se por terras mescladas, castanhas claras e beges, areno-argilosas finas, de média compacidade, com blocos pétreos de pequeno e médio calibre. Camada de escorregamentos.

Camada 2: caracterizava-se por terras castanhas escuras, de textura arenosa fina, medianamente argilosas, de média compacidade, com alguns carvões dispersos e abundância de blocos pétreos de pequena e média dimensão. Camada de escorregamentos.

Camada 3: caracterizava-se por terras castanhas amareladas e acinzentadas, de textura arenosa fina, de pequena compacidade, com abundância de cascalho granítico. Camada de escorregamentos.

Como verificamos pela descrição estratigráfica, todas as camadas são de escorregamentos da plataforma superior.

A sua importância reside no facto de permitirem comprovar as ilações de ocupação assumidas para a plataforma superior, de podermos confirmar a existência de estruturas pétreas no Ferro Recente e de alargarmos os nossos conhecimentos sobre os artefactos correspondentes a cada período.

ESPÓLIO (Est. X: 3)

O espólio das diferentes camadas deste quadrado era, exclusivamente, cerâmico. Em todas elas ocorria olaria de fabrico a torno, pasta arenosa ou micácea e cozedura oxidante, bem como fragmentos de fabrico

manual e pasta arenosa, similares aos detectados no corte 1. Tal facto parece justificar o seu estudo em conjunto. Faremos referência apenas a peças que permitam forma ou que possuam aspectos decorativos importantes.

Em relação à olaria da Idade do Ferro Recente, destacamos uma maior diversidade formal. Encontram-se bordos da forma 1a, 2 e 4 da fase III de M. Martins (1990: 161) e bases de fundo plano, de cerâmica fina e de fundo plano alargado, em pastas de textura mais grosseira.

Apareceram panças com decoração plástica e incisa e com decoração impressa. A primeira correspondia a um cordão com incisões oblíquas e a segunda a séries de “SSS”.

Destacamos ainda a presença de 1 pequeno disco, em pasta micácea, de textura grosseira.

Entre as cerâmicas atribuíveis à Idade do Bronze contabilizámos 1 bordo esvasado de forma indeterminada e 1 disco ou tampa, de cerca de 7cm de diâmetro, por 1cm de espessura (Est. X: 3), semelhante à tampa do vaso encontrado no Lugar da Mata, em Sequeade, Barcelos (SOEIRO, 1982).

5. CRONOLOGIA, FASES DE OCUPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO INTERNA DO POVOADO

A análise da sequência estratigráfica e da cultura material móvel do corte 1, permite defender a existência de duas camadas de ocupação, bem distintas, na plataforma superior do povoado. A mais antiga integra-se na Idade do Bronze e a outra na Idade do Ferro Recente.

Há, portanto, uma grande descontinuidade de ocupação, pelo menos nesta zona do povoado. O corte 2 não forneceu níveis de ocupação *in situ*, pelo que os materiais aí encontrados deverão ser provenientes da plataforma superior.

Em relação à organização espacial do povoado, podemos considerar que na Idade do Ferro Recente ele ocupava a plataforma superior e a vertente oeste, onde, em prospecções anteriores à sua destruição, verificámos indícios de estruturas pétreas. Em relação à Idade do Bronze, os dados são menos explícitos. Se não duvidamos da existência de níveis de ocupação na acrópole, os escassos fragmentos encontrados na vertente oeste, não autorizam conclusões.

Ao analisarmos o espólio da Idade do Bronze verificámos que apesar de escasso, ele oferece algumas oportunidades de leitura cronológica, sócio-económica ou simbólica.

As formas são todas comuns desde o primeiro quartel do II milénio AC, com excepção do “tubo” cerâmico e da taça carenada, cujas características técnicas (textura fina e acabamento polido), só são conhecidas a partir do último quartel do II milénio AC. “Tubos” semelhantes existem nos povoados da Santinha I ou II, em Amares (BETTENCOURT, 1999) e S. Julião Ib, em Vila Verde (MARTINS, 1988), em contextos do primeiro quartel do I milénio AC.

A fraca percentagem de decorações (1%)¹ é outro elemento que aponta para uma cronologia recente dentro da Idade do Bronze.

O conjunto destes dados, concorda com a data de radiocarbono e permite a integração do povoado de Cabanas, por volta do séc. X AC.

Os dados passíveis de uma leitura funcional do povoado, são escassos. Na pequena área de escavação registou-se um fragmentos com indícios de ter estado ao lume, pelo que todas as formas de potes teriam servido para transporte ou armazenagem de alimentos. Nesta mesma área também se manusearam artefactos

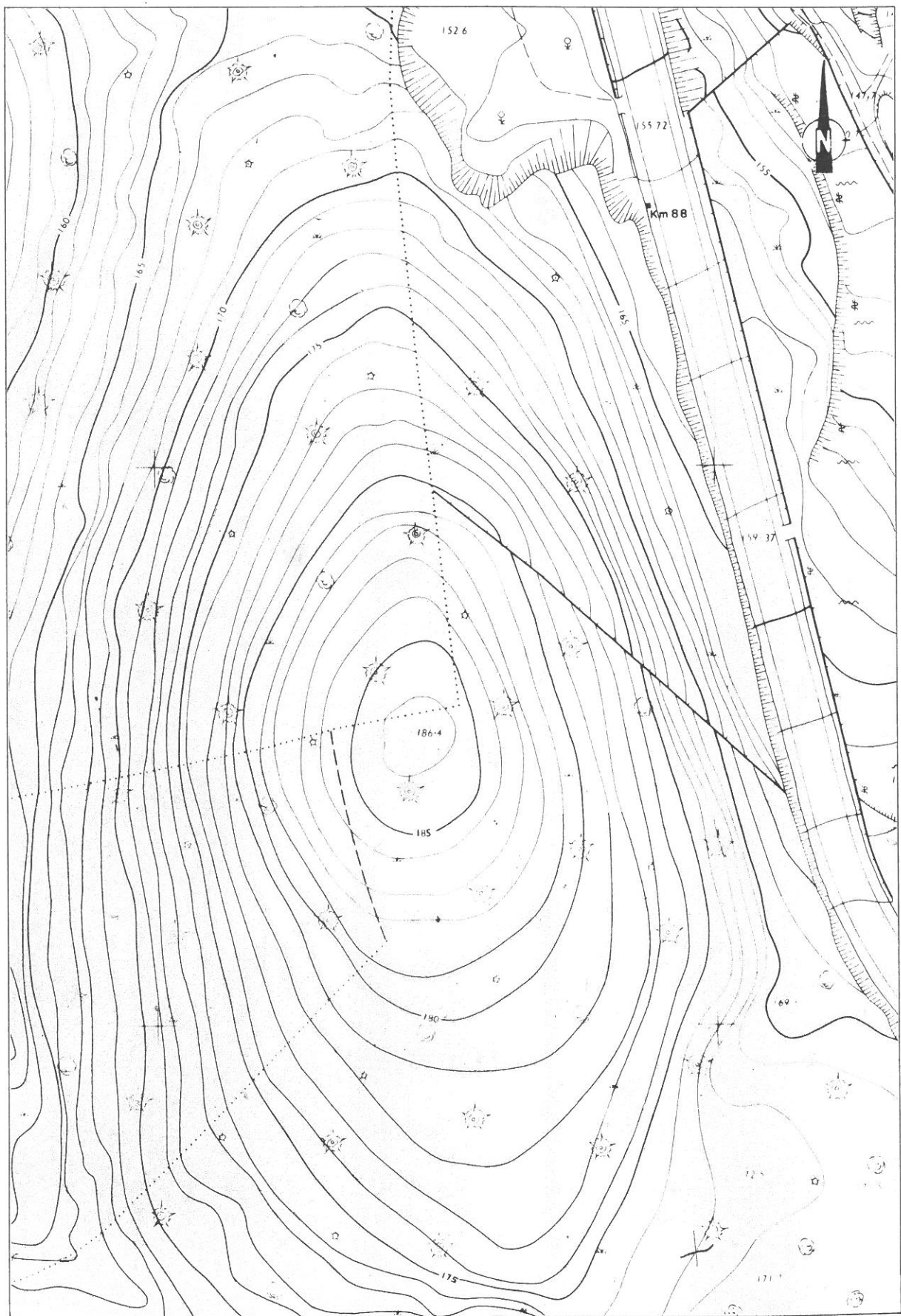
¹ A escassez decorativa parece ser comum em povoados dos finais do II, inícios do I milénio AC. A título de exemplo, cite-se o Barbudo I, em Vila Verde (MARTINS, 1989: 80), Castelo de Matos, em Baião (DINIS, 1991/1992: 131), Lavra II, em Marco de Canaveses (SANCHES, 1995: 116), a Santinha I e II, em Amares, Santa Ana, em Chaves (SANTOS, 1995:117) e S. Julião Ia, Ib e Ic, em Vila Verde.

metálicos e um tubo, peça rara, em contextos da Idade do Bronze. O conjunto destas características leva-nos a colocar a hipótese de estarmos numa área funcional do povoado, afastada das actividades domésticas de preparação de alimentos.

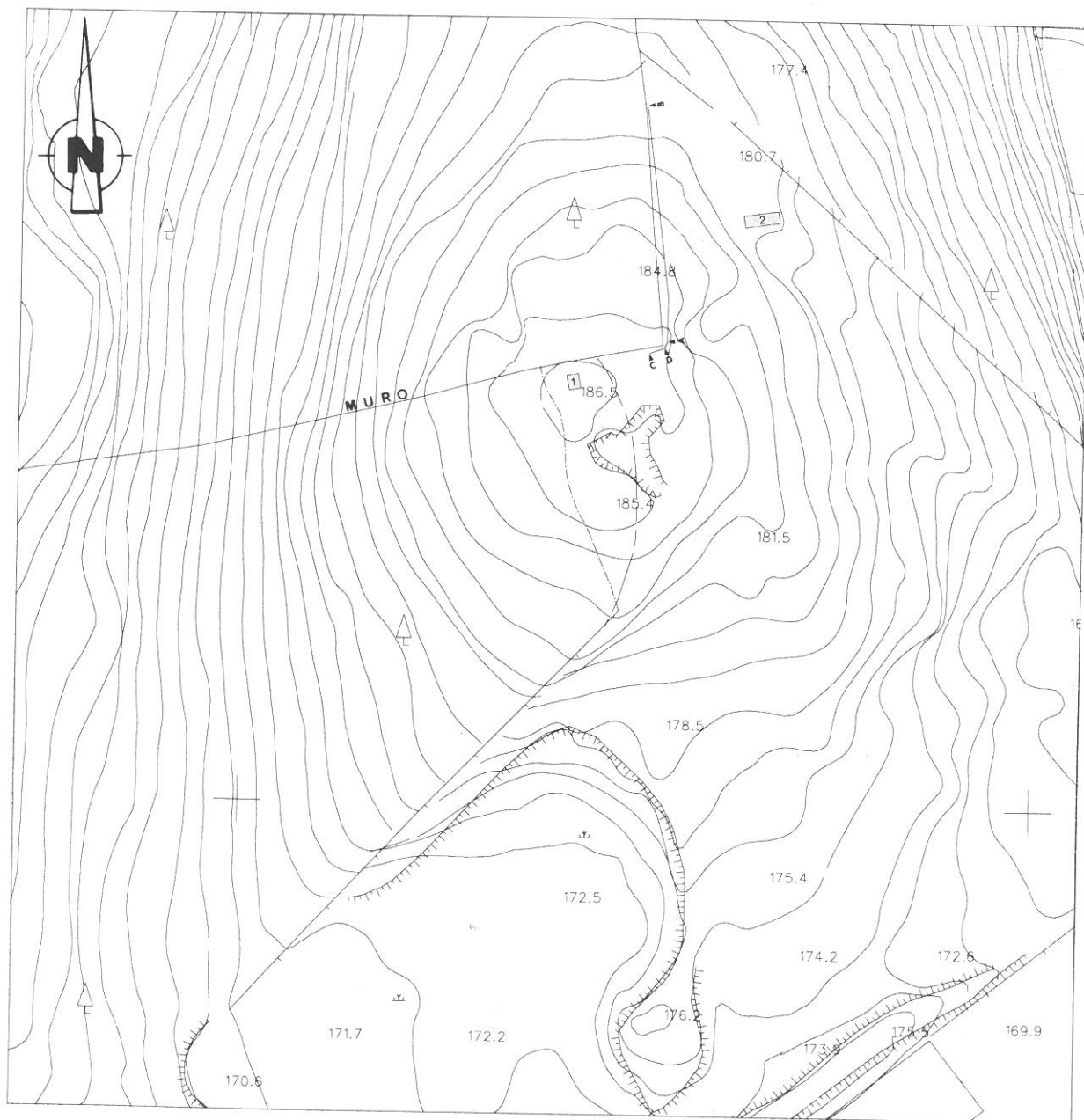
Ao contrário das outras peças encontradas, o “tubo” cerâmico está pouco danificado, apresentando parte da extremidade que falta aos descobertos em S. Julião e Santinha, o que tornou possível a sua reconstituição. Pelo facto destas peças apresentarem acabamento pelas duas extremidades pensamos que farão parte de um objecto compósito, onde, na extremidade oposta ao bico, adossaria material perecível. O achado em S. Julião foi denominado de “biberon” (MARTINS, 1988). Embora possamos admitir que se trata da extremidade de um objecto associado à ingestão de líquidos, também não excluimos a hipótese de ser o bocal de um outro instrumento qualquer. A hipótese de se tratar da extremidade de um fole não encontra consistência pois as peças não apresentam sinais de combustão ou de terem estado sujeitas a calor intenso. Técnica e formalmente estas peças são de fabrico fácil, pelo que a sua raridade só se poderá compreender no âmbito de um comportamento de excepção ou de uma actividade muito específica.

Em suma, as características dos achados, em conjugação com a localização da estação face aos diferentes recursos (estanho, águas minero-medicinais, barreiros, solos agrícolas) permitem pensar que estaríamos face a um povoado de alguma importância geo-estratégica, favorecido pela proximidade do rio Cávado, verdadeiro corredor de ligação entre as várias comunidades do litoral e do interior ribeirinho. Cabanas localiza-se, também, numa zona charneira de transição da paisagem de vale para a de montanha, podendo funcionar como “porta” de comunicação entre as comunidades ribeirinhas e as de ecossistemas de montanha, normalmente mais isoladas.

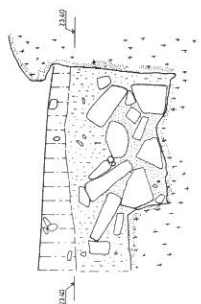
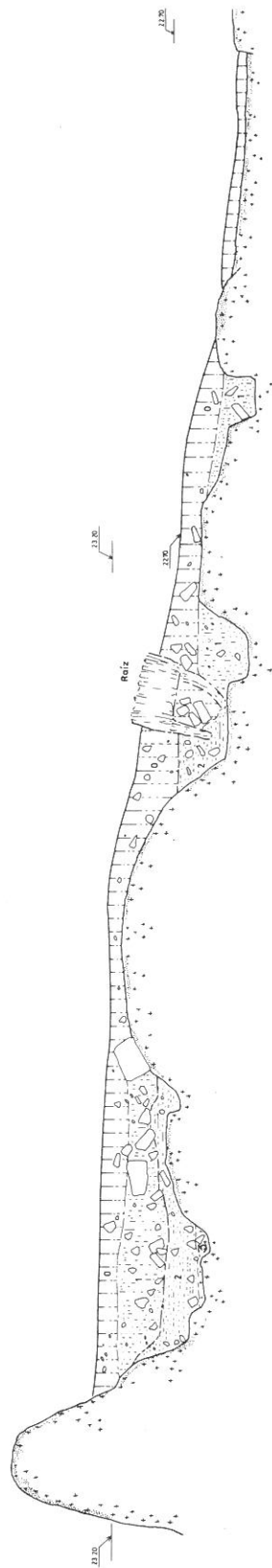
ESTAMPAS



Planta topográfica do Monte de Cabanas, na esc. 1: 1 000.

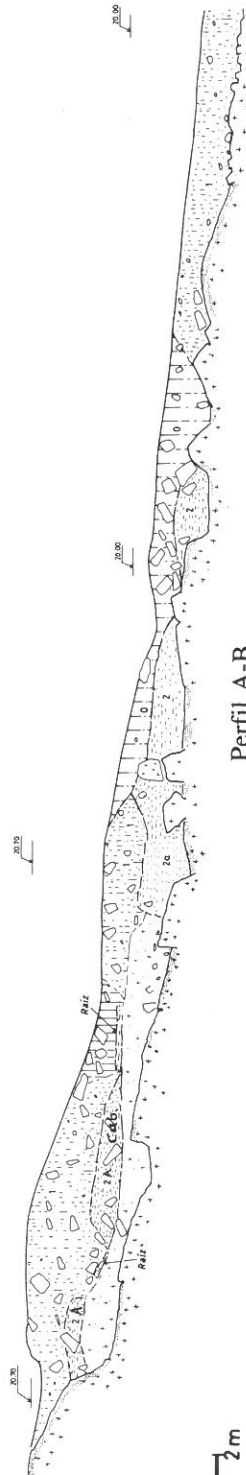
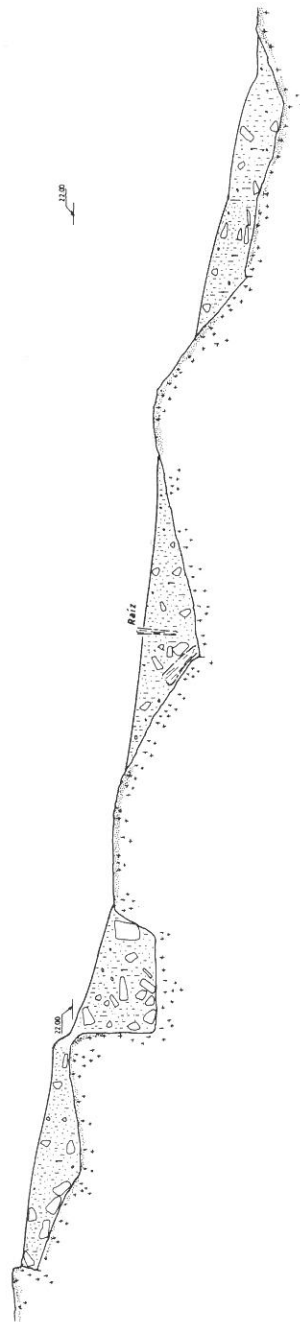


Área de implantação das sondagens e dos perfis desenhados, na esc. 1: 500.



Perfil C-D

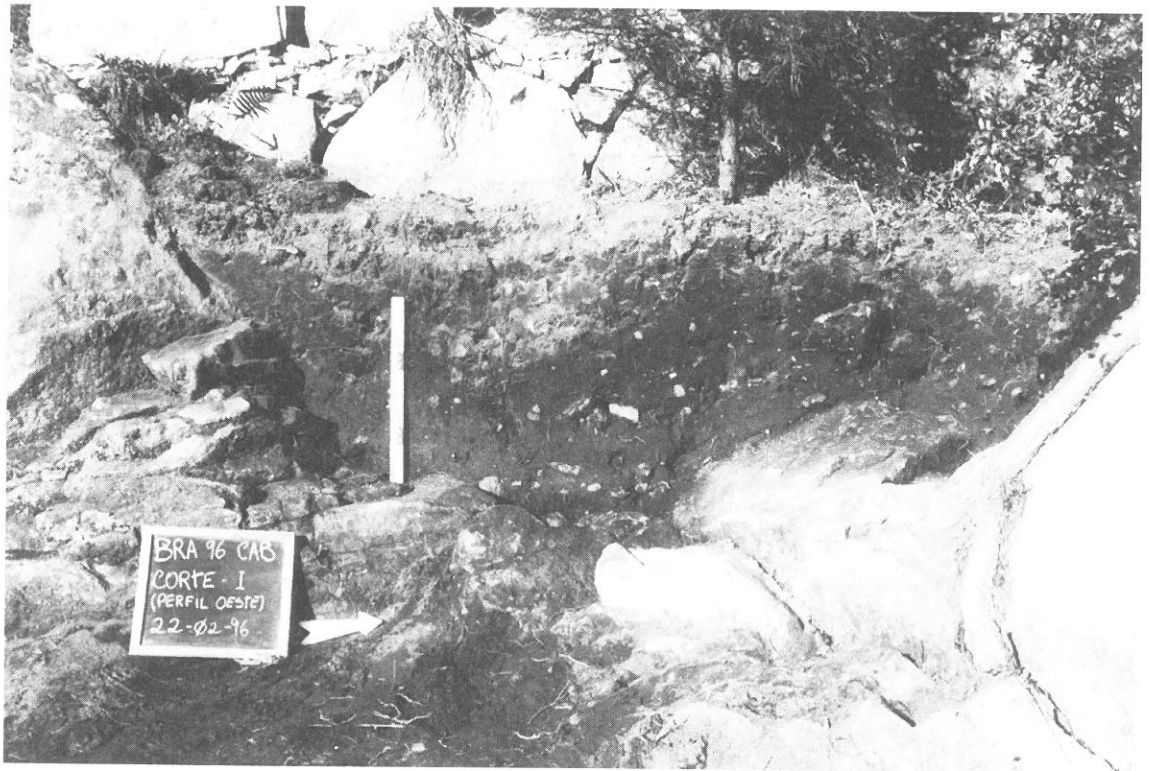
1



Perfil A-B

2

Perfis estratigráficos do corte 1. 1 – Perfil C-D; 2 – Perfil A-B.

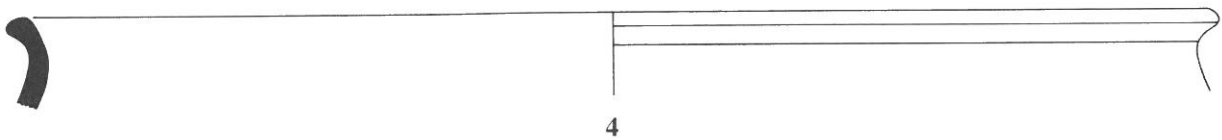
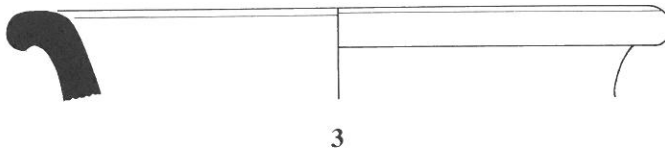
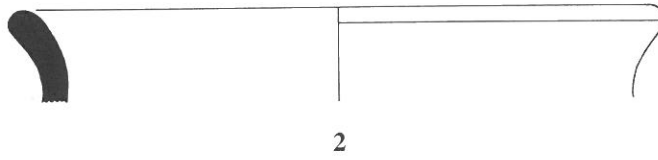
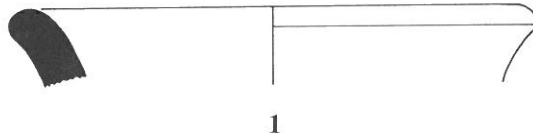


1

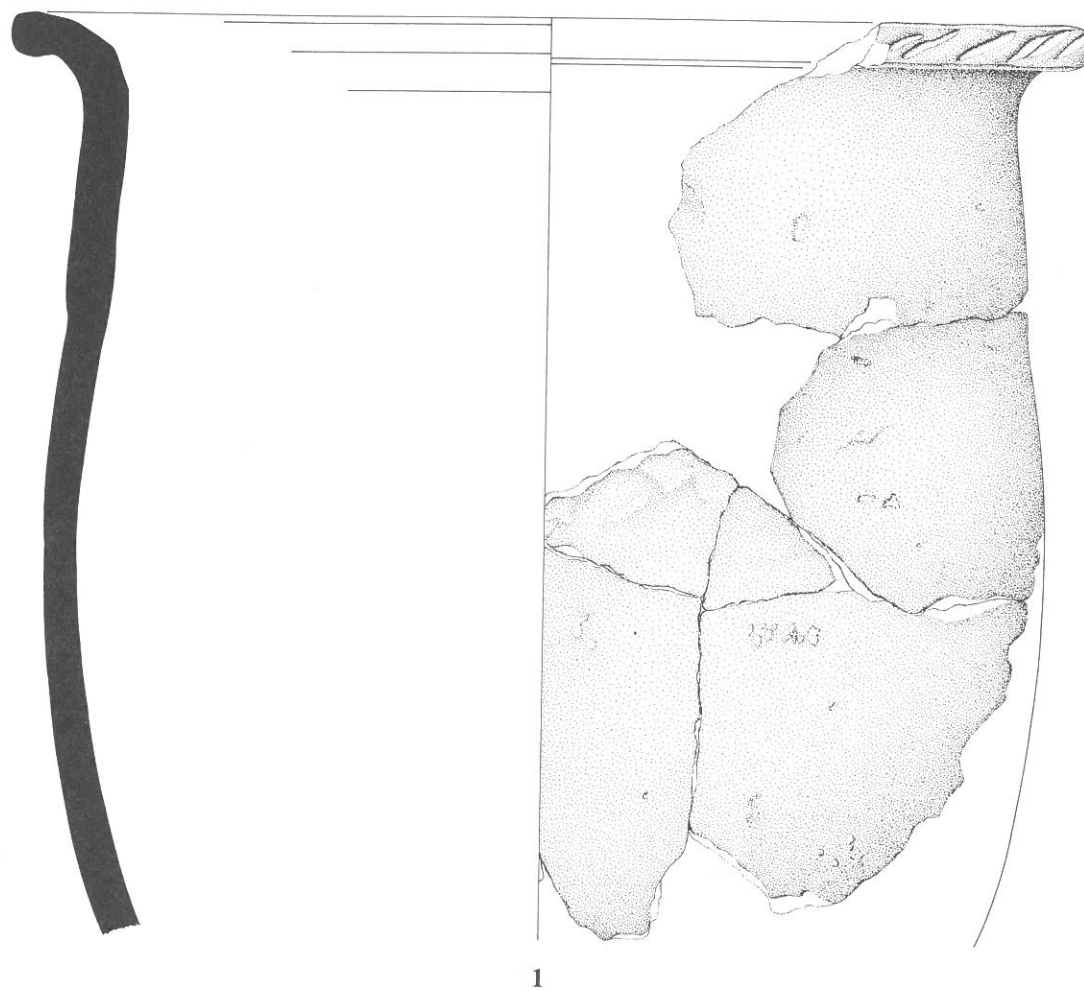


2

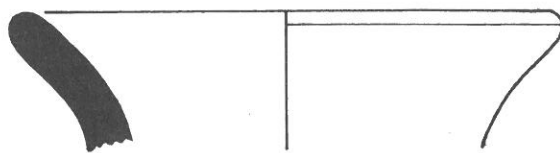
Corte 1: 1 – Pormenor do perfil A-B; 2 – Perfil C-D (fot. do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga).



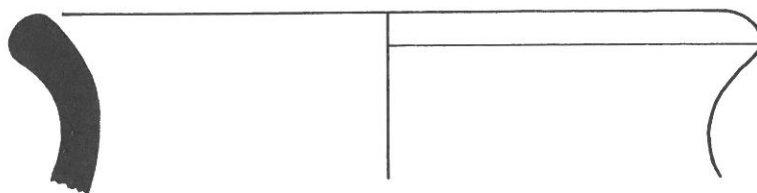
Cabanas I: 1 a 3 – Potes da forma 2; 4 – Pote da forma 4. Esc. 1/2.



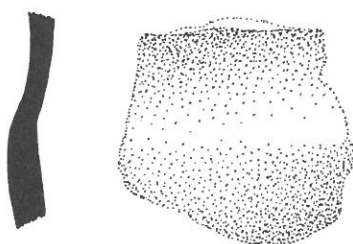
Cabanas I: 1 – Pote da forma 4. Esc. 1/2.



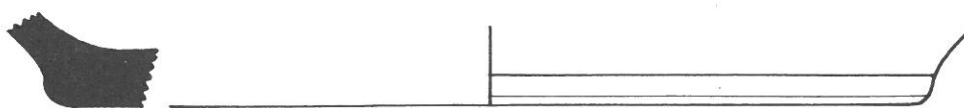
1



2



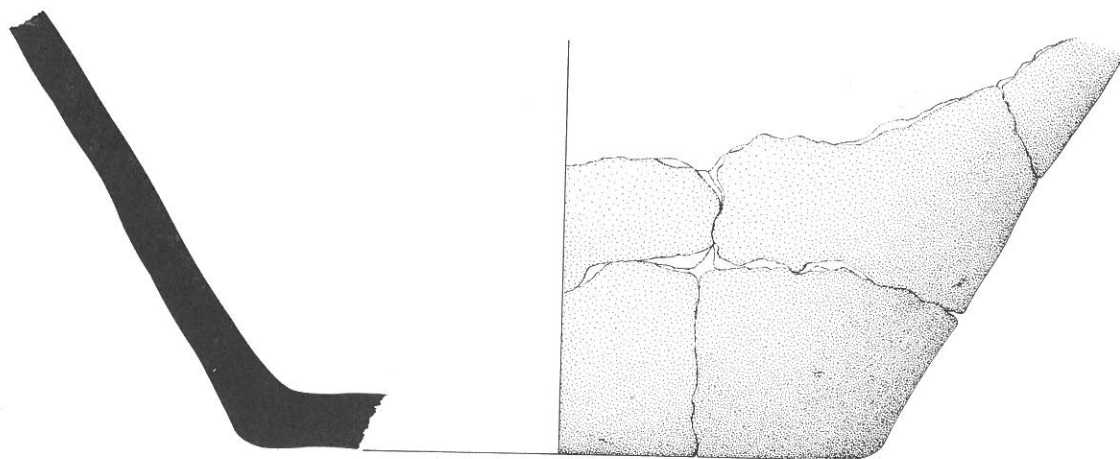
3



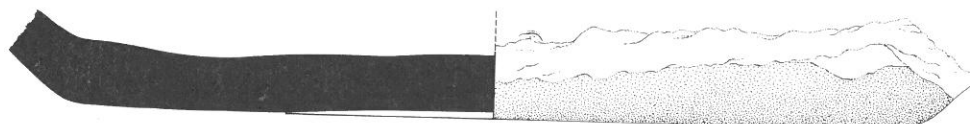
4

Cabanas I: 1 e 2 – Potinhos/púcaros; 3 – Fragmento de taça carenada; 4 – Base de fundo plano. Esc. 1/2.

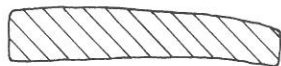
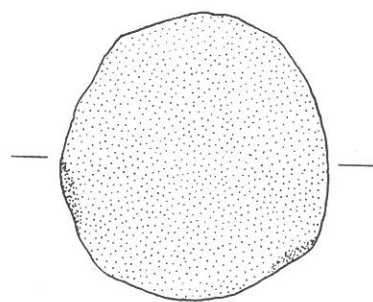
Est. X



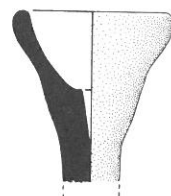
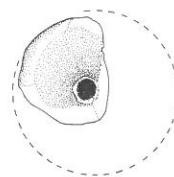
1



2



3



4

Cabanas I: 1 e 2 – Bases de fundo plano; 3 – Disco ou tampa; 4 – “Tubo” perfurado. Esc. 1/2.

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS GRANJINHOS (BRAGA)

1. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL (Est. I e III)

O conjunto dos quatro vasos que aqui se estudam foram encontrados, em 1993, durante as escavações de emergência, realizadas nos Granjinhos, Braga, no âmbito do projecto “Salvamento de Bracara Augusta”¹, numa área, originalmente, de vertente suave e a cerca de 600m a norte do rio Este. Segundo a C. M. P., esc. 1: 25 000, folha n.º 70, as coordenadas Gauss do local, são as seguintes: M = 175,8; P = 508,8 entre 170 a 180m.

É de referir a existência de vestígios de um povoado da Idade do Bronze, no Alto da Cividade, à cota máxima de 182m e a cerca de 500m, a oeste-sudoeste, dos achados dos Granjinhos, com o qual estes se poderão relacionar.

2. OBJECTIVOS

O objectivo do estudo deste espólio reside na tentativa da sua interpretação funcional e inserção cronológica e cultural.

3. ESCAVAÇÕES

ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS (Est. IV a VI)

O achado verificou-se no sector A, nos limites dos quadrados 13 e 14, aparentemente na base da camada 2, interpretada como sendo de revolvimento² e sobreposta a uma outra, arenosa e estéril. As condições de achado destes recipientes, cujas bases se dispunham horizontalmente, à mesma cota e aparentemente *in situ*, permitem atribuí-los a uma camada que teria desaparecido na sua quase totalidade. Uma boa parte dos fragmentos que permitiram a reconstituição integral dos vasos inseriam-se na camada 2, numa zona bastante localizada. Apesar da área de escavação ter sido vasta³, não foram detectadas outras cerâmicas técnica ou morfológicamente similares pelo que depreendemos tratar-se de um achado isolado, fora de um contexto doméstico.

¹ Os trabalhos, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e do Museu D. Diogo de Sousa, foram dirigidos pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga.

² As informações estratigráficas e de campo foram-nos fornecidas pelo Dr. Armandino Cunha, do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, a quem agradecemos.

³ Cerca de 1000m².

Estes recipientes pareciam estar circunscritos por um semicírculo (talvez o que restou de um possível círculo destruído pela camada 2), efectuado com pedra miúda, a seco, estrutura esta, a cota ligeiramente inferior à dos achados cerâmicos mas que poderiam corresponder à base de qualquer construção efectuada com materiais perecíveis.

ESPÓLIO (Est. VII e VIII)

Era constituído por um conjunto de potes de fabrico manual, três deles da forma 5, de panças subcilíndricas e um da forma 1, de pança ovóide. As pastas eram arenosas, de fabrico grosseiro, com desengordurantes de grande e médio calibre e mal cozidas. As superfícies, apenas alisadas, apresentavam uma coloração heterogénea, variando entre o castanho alaranjado e o castanho escuro. As bases correspondiam a fundos planos simples.

Vaso 1 n.º 296⁴

Pote da forma 5 de pança subcilíndrica, liso, com duas asas, de secção rectangular, que arrancam directamente do bordo, ligeiramente esvasado e de lábio arredondado. Apresenta vestígios de fuligem no bordo e início da pança.

Dimensões:	Alt.	– 28cm
	Diâm. de boca	– 16,8cm
	Diâm. de base	– 14,3cm
	Diâm. de bojo	– 21cm
	Esp.	– 0,5cm a 0,9cm

Vaso 2 n.º 297

Pote da forma 5 de pança subcilíndrica, de colo curto e muito pouco pronunciado. O bordo é horizontal e o lábio arredondado. Apresenta no bordo, colo e início da pança vestígios de fuligem e de outra substância não identificável. O início da pança é decorado com a aplicação plástica de dois semi-medalhões.

Dimensões:	Alt.	– 35 a 36,5cm
	Diâm. de boca	– 20cm
	Diâm. de base	– 17cm
	Diâm. de bojo	– 26,7cm
	Esp.	– 0,7cm a 1cm

Vaso 3 n.º 298

Pote da forma 1 de pança tendencialmente ovóide, com colo ligeiramente acentuado, bordo horizontal, com lábio irregular provocado por impressões de dedadas. No início da pança existem dois mamilos alongados e no fundo, junto à base, existem igualmente impressões de dedadas. O vaso apresenta sob o bordo e início da pança, restos de fuligem ou de outra substância orgânica.

Dimensões:	Alt.	– 25,5cm
	Diâm. de boca	– 21,5cm
	Diâm. de base	– 18cm
	Diâm. de bojo	– 25,5cm
	Esp.	– 0,5cm a 0,8cm

⁴ Números correspondentes ao inventário do Museu D. Diogo de Sousa, onde as peças se encontram em depósito.

Vaso 4 n.º 299

Pote da forma 5 de pança subcilíndrica, lisa, com duas asas de secção rectangular que arrancam directamente do bordo e terminam no início da pança. O bordo é horizontal com um lábio, igualmente, horizontal recto.

Dimensões:	Alt.	– 24,2cm
	Diâm. de boca	– 18,4cm
	Diâm. de base	– 14,5cm
	Diâm. de bojo	– 21cm
	Esp.	– 0,5cm a 1cm

4. CRONOLOGIA E FUNCIONALIDADE DA JAZIDA

Na face interna destes recipientes e na sua metade inferior, registámos restos de uma substância de cor escura que recolhemos para análise com o objectivo de determinarmos a funcionalidade deste achado. Duas destas amostras foram analisadas por Teresa Taboada Castro⁵, do Laboratório de Edafologia da Fac. de Farmácia da Univ. de Santiago de Compostela, através dos métodos HCIO,1N e de Bray II. Os resultados indicaram percentagens altíssimas de fósforo, por 100g, como se pode ver no quadro da página seguinte.

Muito embora os fragmentos cerâmicos, que colavam entre si, estivessem dispersos numa área de 16m², as condições da jazida indiciam uma deposição intencional de quatro vasos que se podem incluir na mesma família morfológica.

Os teores de fósforo registados nos conteúdos de dois recipientes analisados, sugerem-nos que continham ossos ou cinzas humanas e, por conseguinte, deveriam ter servido como urnas sepulcrais, hipótese que Teresa Taboada corrobora. Verificámos que os vasos apresentavam diferenças de altura entre si, mas a ausência de um contexto mais preciso e de paralelos conhecidos impede a formulação de hipóteses sobre o significado funcional e sócio-simbólico destas diferenças.

Resultados da análise de fósforo da “ESCAVAÇÃO DOS GRANJINHOS” ⁶		
Mostra	mgr P/100g	
	HCIO,1N	Bray II
GRANJ 93 SA/Q14 (2) 297-93 (Contido do vaso)	168.67	117.15
BRA 93 GRANJ 93 SA/Qd 13 (Camada 2) (Terras em contacto co vaso)	135.46	101.05

Face às condições da jazida e aos resultados obtidos em laboratório admitimos estar perante uma manifestação de enterramento, associada ao ritual de incineração e localizada, relativamente perto do povoado do Alto da Cividade (BETTENCOURT, 1999).

⁵ A quem agradecemos as análises efectuadas.

⁶ Teresa Taboada Castro diz no final do relatório “As altas concentrações de fósforo son indicativas de unha intensa actividade humana, ó que apunta a que ó vaso poida corresponder a unha urna funeraria”.

Se bem que cronologicamente possamos considerar estes recipientes como atribuíveis à Idade do Bronze do Noroeste, quer pela sua morfologia, quer pelo ritual a que parecem associar-se, uma classificação temporal mais fina é problemática e sugere-nos algumas considerações.

A forma 1 é muito comum e aparece associada a contextos de povoado, desde a primeira metade do II milénio AC (Sola Ia e Ib, Braga) até aos inícios do segundo quartel do I milénio AC em estações da região (S. Julião Ic e Id, Vila Verde; S. João de Rei I, Póvoa de Lanhoso; Vasconcelos, Braga), pelo que não poderá funcionar como indicador cronológico e cultural.

A forma 5, embora muito rara, também é conhecida no povoado do Barbudo I, Vila Verde, na camada 4 do corte 2, datada, pelo radiocarbono, do primeiro quartel do I milénio AC (MARTINS, 1989: 66, 76, 78, est. XLIV: 2)⁷.

Se relacionarmos este achado com o povoado do Alto da Cividade que, também, datámos do primeiro quartel do I milénio AC, não seria descabida a hipótese de inserção deste conjunto funerário num momento cronológico e cultural dos finais da Idade do Bronze. Tal hipótese concorda com os poucos paralelos cerâmicos datados radiometricamente e com as evidências de incineração que possuímos para a sub-região do Cávado, materializada pela estrutura cistóide do povoado da Santinha I, num nível datado do séc. X AC (BETTENCOURT, 1997; 1999).

Na bacia do Lima foi encontrada uma estação arqueológica que cremos poder paralelizar com a dos Granjinhos, em vários aspectos. Trata-se do achado das Boucinhas/Regueira, Ponte de Lima, onde se detetaram dois vasos, o n.º 1 e 3, provenientes de fossas abertas no saibro (ALMEIDA *et alii*, 1994), que se podem inserir na forma 5. Os potes 1 e 3 das Boucinhas, de perfil subcilíndrico, também apresentam asa de preensão vertical e, embora o n.º 3, se distinga pela exuberância da sua decoração plástica esta técnica não está ausente do pote 2 dos Granjinhos. Embora C. A. B. de Almeida *et alii* (1994: 554, 549) tenham atribuído a esta estação um possível carácter habitacional referem que o vaso n.º 1 apresenta acentuada concentração de cinzas e de manchas negras no “fundo e base da pança”, o que também ocorre nos recipientes dos Granjinhos. Por este motivo, pela escassez de materiais da Idade do Bronze na área, pela boa conservação dos potes e pela presença de resíduos de cinza em todos eles é provável que estejamos perante um achado de carácter funerário e ritual, em zona de vertente suave e fora de um contexto habitacional, na estação das Boucinhas/Regueira, à semelhança do que ocorreu nos Granjinhos.

⁷ No Monte Padrão, St.º Tirso, há dois vasos que M. Martins (1985) classificou como troncocónicos, muito embora, pelas suas características gerais (forma e dimensões), os tenhamos incluído na forma 11, que designamos de vasos subcilíndricos. Estes, apesar de aparentados com a forma 5, distanciam-se dela pelas dimensões, nomeadamente pela altura, diâmetro de boca e volume.

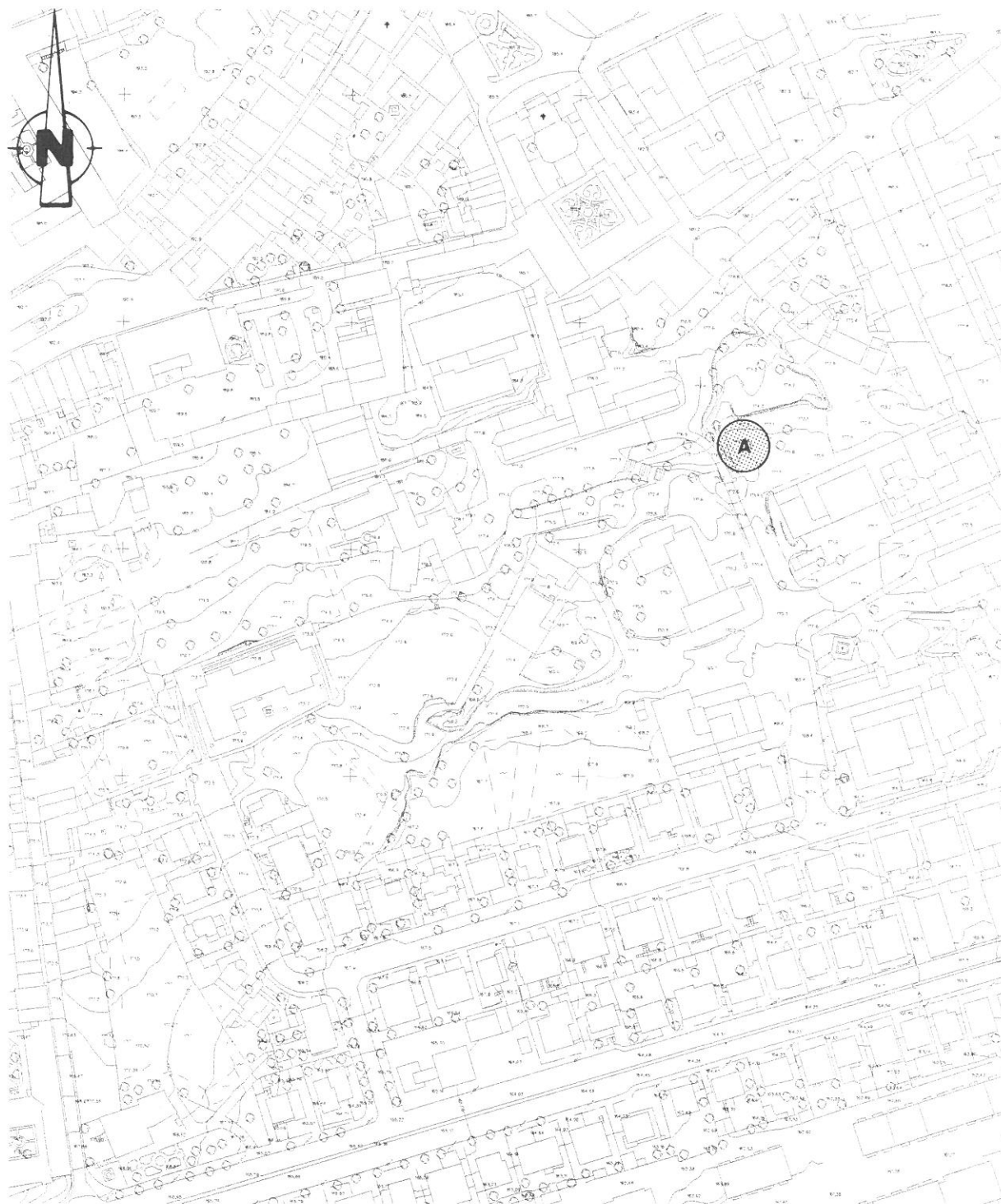
ESTAMPAS



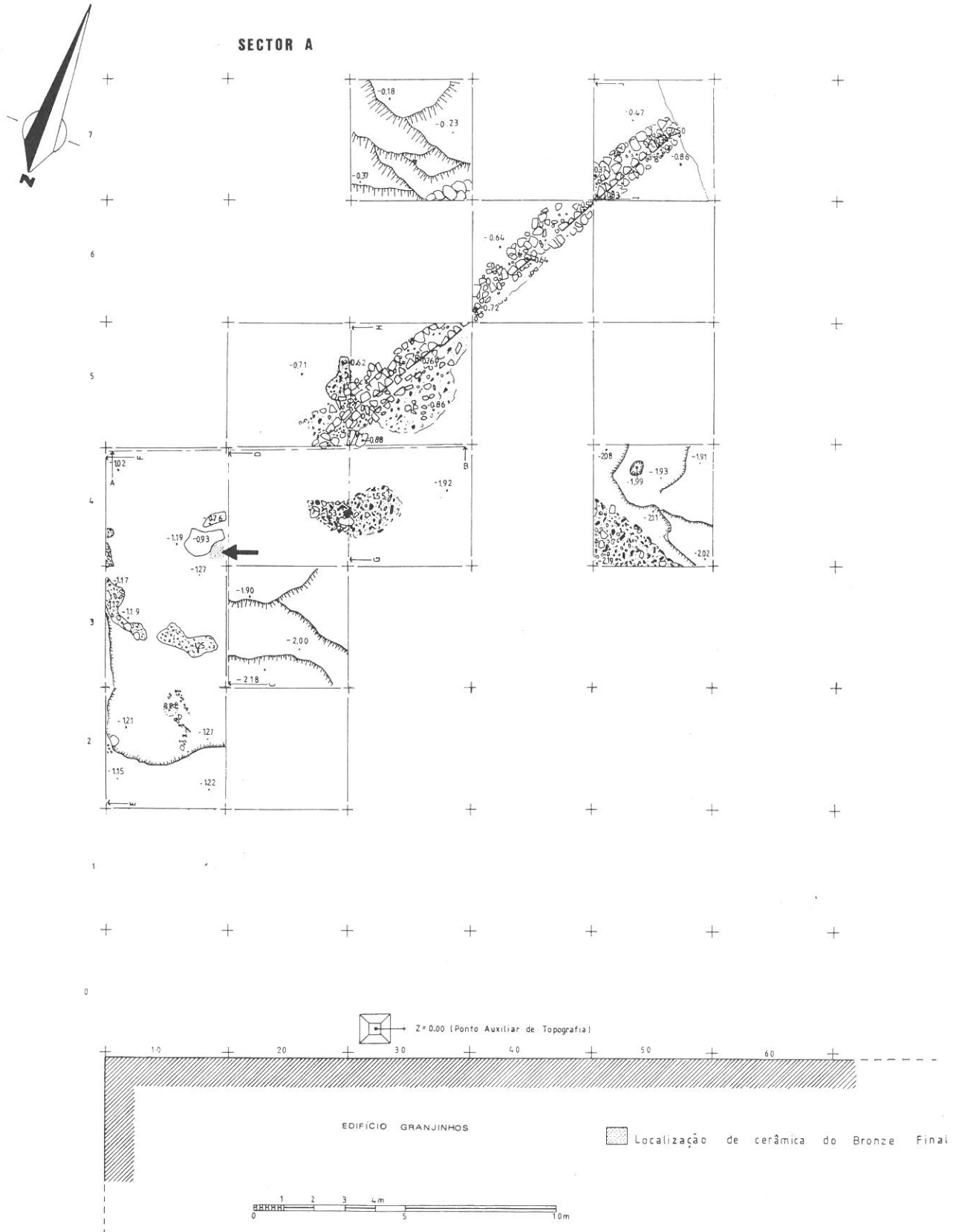
Localização do povoado na Península Ibérica.



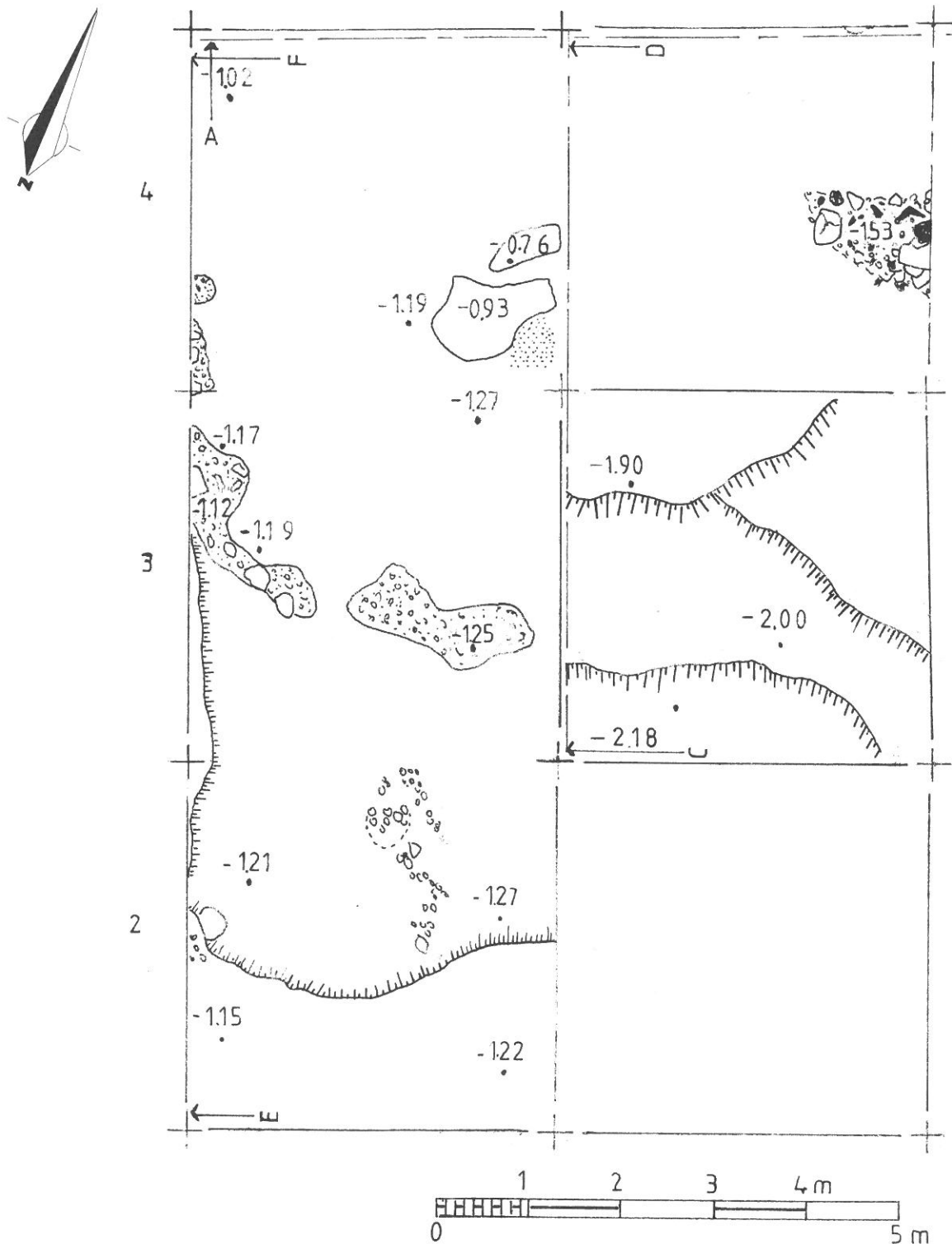
Localização do povoado na C. M. P., na esc. 1: 25 000.



A - Local do achado, na esc. 1: 2 500.

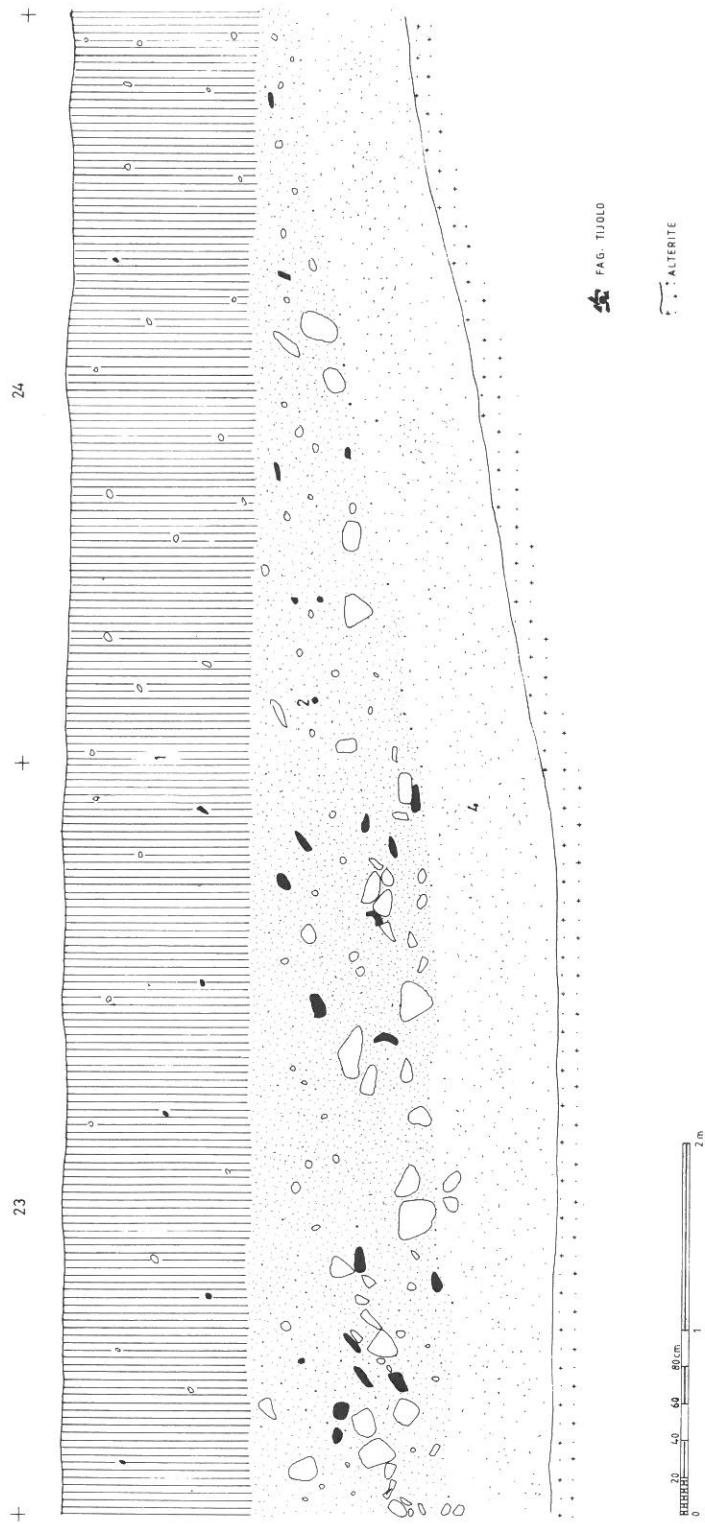


Planta da área intervencionada com indicação do local onde se concentrava a cerâmica da Idade do Bronze.

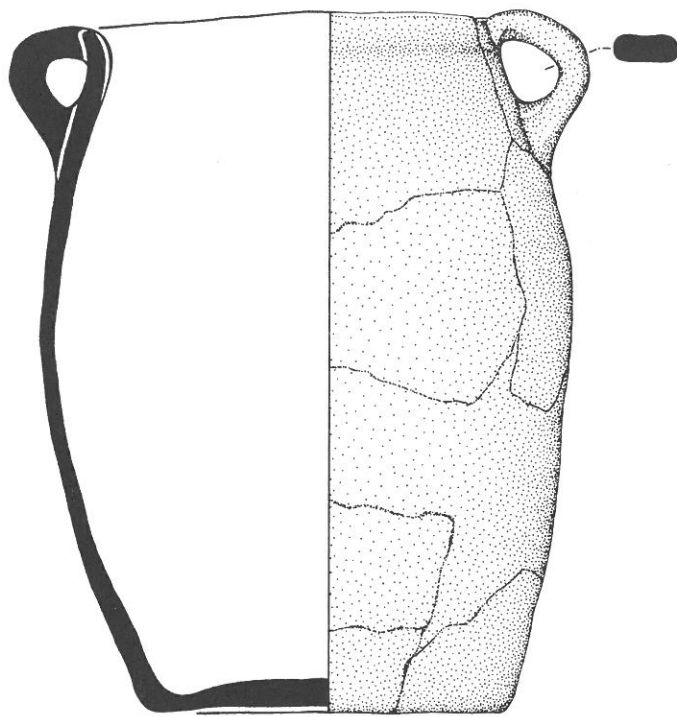


 Localização de cerâmica do Bronze Final

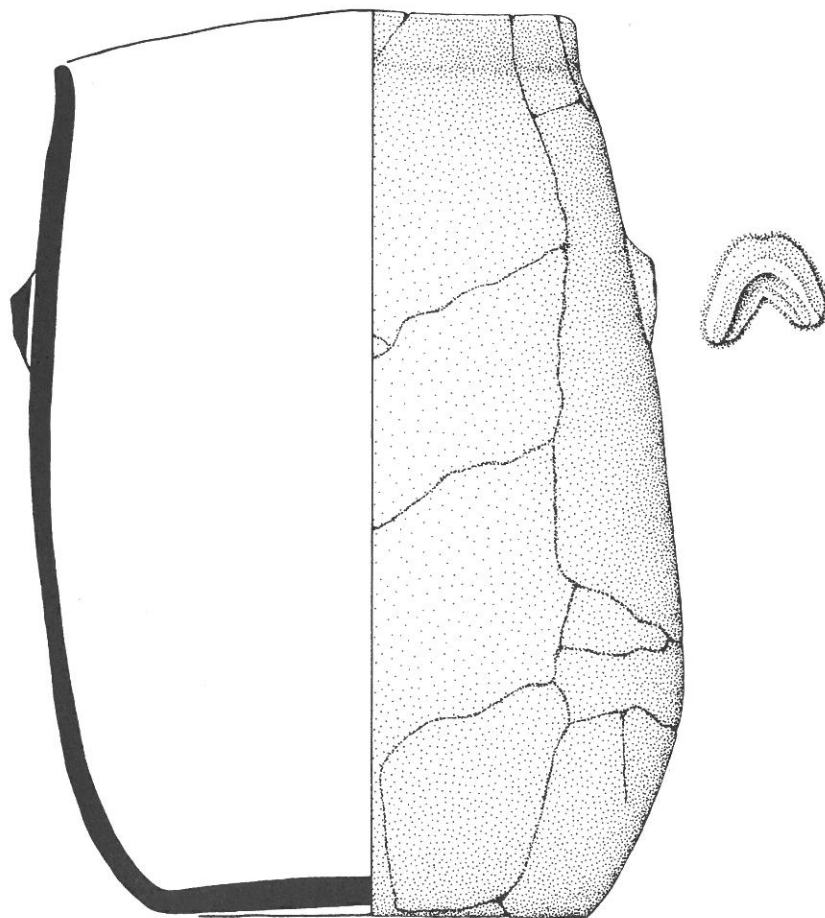
Pormenor da área do achado dos vasos.



Perfil estratigráfico do local onde ocorreram os achados.

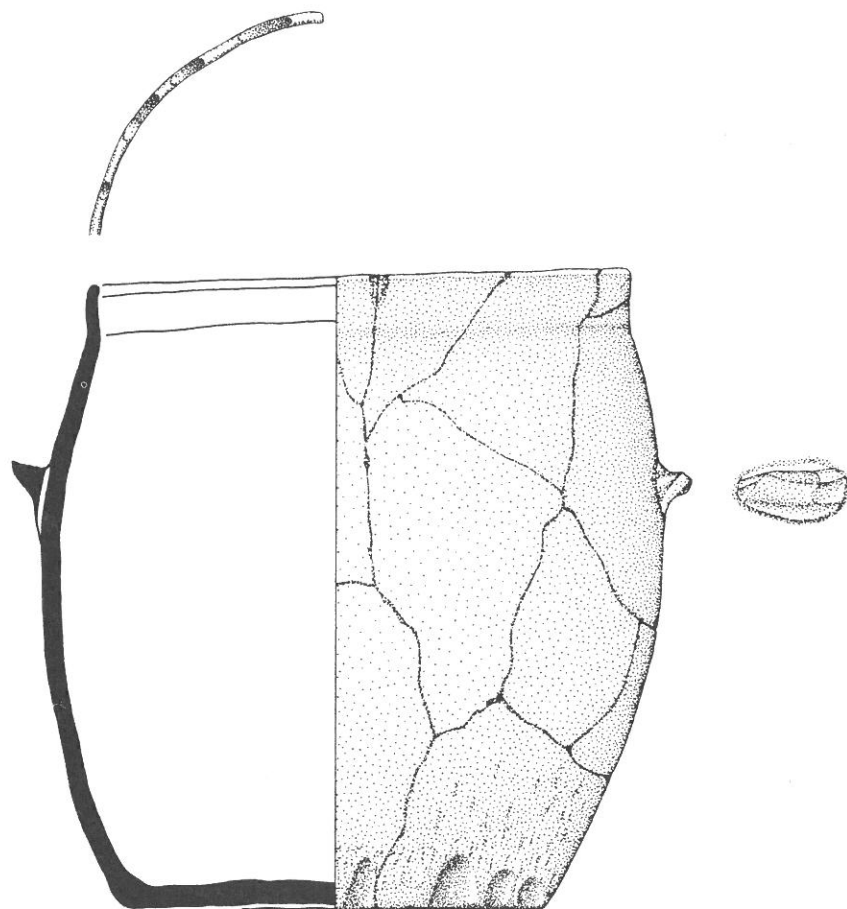


1

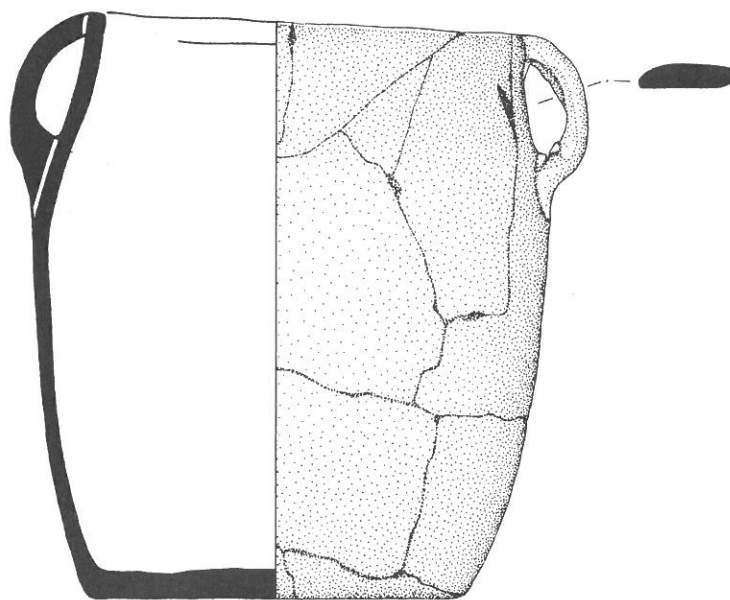


2

Vasos 1 e 2. Esc. 1/2.



3



4

Vasos 3 e 4. Esc. 1/2.

O POVOADO DE SÃO JOÃO DE REI/MONTE CASTRO (PÓVOA DE LANHOSO), NA TRANSIÇÃO DO BRONZE FINAL PARA A IDADE DO FERRO E DURANTE A IDADE DO FERRO

1. INTRODUÇÃO

O povoado de Monte Castro, localiza-se no lugar do Castro, freguesia de S. João de Rei, concelho da Póvoa de Lanhoso, na margem esquerda do rio Cávado.

As primeiras referências, de forma sumária, a esta estação datam da primeira metade deste século. Nessa época já se considerou existir uma ocupação "*lusitano-romana*", com base nos achados efectuados nas vertentes norte e oeste, durante o corte da estrada que dá acesso ao centro da freguesia. Cabe a P. Kalb (1980: 27) a primeira integração deste local no denominado "Bronze Final Atlântico". Em 1990 M. Martins (1990: 92) admite para o Monte Castro, ocupações do Bronze Final, da Idade do Ferro e da Romanização.

A posição geo-estratégica do povoado, em zona charneira entre o vale e a montanha, o achado de um bipene na vertente norte ou noroeste e o interesse em contextualizar cronológico-culturalmente este tipo de artefacto metálico, tornavam pertinente o estudo desta estação. Efectuámos assim uma campanha de escavação de cerca de 2 meses na Primavera de 1993¹.

2. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL (Est. I; II; III)

O povoado de Monte Castro localiza-se num remate de esporão de média altitude, na vertente noroeste da serra de Santo Tirso. Ocupa a plataforma superior, aplanada, pequenos patamares no início das vertentes oeste e sul e as vertente norte e noroeste. Enquanto a oeste o acesso ao início do vale é difícil, devido ao pendor da vertente, ele torna-se fácil pelos lados norte e noroeste. O acesso ao planalto pode fazer-se pelo lado sul. A este existe um grande fosso cortado na rocha.

As coordenadas Gauss, segundo a C. M. P., folha n.º 56, na esc. 1: 25 000 são: M = 186,5; P = 516,4 à cota máxima de 202m (f. 57 - 1: 25 000).

Apesar da cota absoluta de 202m, lhe conferir boas condições de visibilidade para o vale do Cávado, o povoado fica apenas a cerca de 30m de altura do início do vale, pelo lado este e a 60m, pelo lado nordeste, o que lhe confere uma posição geo-estratégica entre dois tipos de ecossistemas; a paisagem de montanha e a de planície.

¹ Esta campanha de escavação contou com o apoio da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, da Junta de Freguesia de S. João de Rei e da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Nos trabalhos de campo participaram a Dr.ª Fátima Rebelo, os técnicos da Unidade de Arqueologia, José Manuel Leite e Abraão Pires e os Srs. Aires Silva, João Oliveira e José Silva, trabalhadores da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso. Contámos ainda com os estudantes Ana Maria de Jesus, Cristina Ferreira, Dália de Almeida, Frederico Portugal, Elizabete Silva, Eloísa Santos, Filomena Bastos, Isabel Gonçalves, Isabel Silva, João Nuno Azambuja, José Madureira, José Maria Martins, Manuela Morais, Maria do Carmo Ribeiro, Orlando Araújo, Paula Barreira, Paulo Araújo, Pedro Barbosa, Rosa Sousa e Susana Pereira. Agradecemos ao Sr. António Celestino, proprietário do terreno, todo o apoio prestado durante a realização dos trabalhos.

O substrato rochoso é composto por granitos porfiróides de grão grosseiro a médio, monzoníticos, de duas micas com predominância de biotite (f. 5D – 1: 50 000), mas com raros afloramentos à superfície.

Se na zona planáltica, para sul do povoado, os solos são de tipo “ranker” atlântico, numa área de 500m para oeste e este existem solos de classe A, de utilização agrícola. O mesmo acontece a norte, embora a Carta de Ordenamento Agrário refira solos de classe F (f. 57 – 1: 25 000).

Não se conhecem na proximidade recursos minerais metálicos. Apenas brotam nascentes minero-medicinais a cerca de 3,5Km para noroeste (Pego Negro) e a 5Km para oeste (Crespos), ambas na margem esquerda do Cávado.

Na base das vertentes norte e este corre a Ribeira do Castro, afluente do Cávado e a meio da vertente este existe uma nascente. O povoado fica a 2,1Km para sudeste do Cávado.

A cobertura vegetal é predominantemente arbórea com Pinheiros e Eucaliptos, embora existam alguns Carvalhos e Sobreiros residuais. A vegetação arbustiva e herbácea é composta por giesta branca, fetos e urzes. A vertente norte foi agricultada em época não muito recuada, daí a existência de inúmeros socalcos artificiais.

O acesso faz-se a partir do lugar da Devesa, por estrada municipal.

Parte da vertente norte e noroeste foi destruída durante a abertura do caminho municipal que hoje serve a sede de freguesia de S. João de Rei. Também a vertente sul foi cortada por um caminho municipal.

3. OBJECTIVOS E METODOLOGIA (Est. IV)

A acção desenvolvida neste povoado decorreu no âmbito do nosso projecto de investigação para a bacia do Cávado que pretende estudar a evolução do povoamento, da economia e da sociedade, em interacção com os diferentes ecossistemas, desde o II até aos meados do I milénio AC.

Numa perspectiva mais particular tentámos:

- precisar, em termos cronológicos e culturais, os diferentes níveis de ocupação existentes no povoado;
- verificar a existência de níveis de ocupação atribuíveis aos finais da Idade do Bronze e aos inícios da Idade do Ferro, assim como a sua possível articulação;
- determinar as actividades económicas e inferir aspectos sociais das comunidades mais antigas do povoado.

Para a consecução destes objectivos, optou-se pela abertura de valas de sondagem em várias zonas do povoado. O primeiro corte foi efectuado na plataforma superior do monte e os restantes três em plataformas contíguas àquela.

O corte 1, no topo do povoado, correspondeu a uma vala de sondagem orientada ao Norte magnético, com 13,5m², de modo a permitir identificar, entre outros objectivos já enunciados, a existência de estruturas pétreas delimitadoras da acrópole.

O corte 2, aberto na vertente norte, correspondia a 28,2m² distribuídos de forma a tornar perceptível a existência de eventuais muros ou taludes, entre dois patamares.

Os cortes 3 e 4 dispunham-se, respectivamente, a oeste e a sul do corte 1 numa área bastante elevada do povoado. No primeiro abriu-se uma área de 9m² e no segundo de 4,5m².

A quadrícula foi de 1,5m x 1,5m e a escavação processou-se por camadas naturais. As camadas foram numeradas por algarismos árabes de cima para baixo, por vezes com subdivisões. Com excepção do quadrado B1 do corte 4, todos os restantes foram escavados até à arena granítica. Naquele quadrado apenas ficou por escavar o que pensamos ser parte de uma outra fossa aberta no saibro, atendendo a que a exiguidade da área encontrada não permitia o seu esvaziamento nas melhores condições.

Todas as estruturas e perfis foram desenhados, cotadas e fotografados.

Os artefactos metálicos e as amostras de ecofactos, quando tal foi possível, posicionaram-se em relação aos dois eixos dos quadrados.

Foram retiradas amostras para análises de antracologia, edafologia, paleocarpologia, palinologia e radiocarbono sempre que considerámos oportuno.

Apenas o espólio dos cortes 1 e 2 foi observado na íntegra. O restante, por ser mais recente, será publicado posteriormente. A cerâmica foi enquadrada na tabela formal geral e os objectos metálicos foram analisados pela Fluorescência de Raios-X, no I.C.R.B.C. de Madrid². As amostras de antracologia foram analisadas pela Doutora Isabel Figueiral, do Laboratório de Paleobotânica, Ambiente e Arqueologia da Universidade de Montpellier II, as de palinologia e de paleocarpologia pelo Doutor Pablo-Ramil Rego da Faculdade de Farmácia da Universidade de Santiago de Compostela e pela Dr.^a Giselda Oliveira³. As de edafologia pelo Professor F. Díaz-Fierros Viqueira, também da Univ. de Santiago de Compostela. As datações de radiocarbono foram efectuadas no Instituto de Química Física "Rocasolano", em Madrid⁴ e no laboratório da Universidade de Utrecht. Todas as datas foram calibradas segundo o programa de calibração de M. Stuiver & P. J. Reimer (1993), na versão 3.03. Neste programa elegeu-se a curva bidecadal, o método B de probabilidades e o desvio "standard" correspondente a 2 sigma (96,4% de segurança).

O material recolhido deu entrada no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga. O bipene desapareceu, embora exista uma cópia no Museu Martins Sarmiento, em Guimarães.

4. ESCAVAÇÕES

Apenas nos cortes 1 e 2 encontrámos níveis de ocupação do período cronológico que estudamos. Talvez exista uma ocupação dos inícios da Idade do Ferro no corte 4, mas a não conclusão dos trabalhos nesta área impede outras considerações.

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO

Corte 1

ESTRATIGRAFIA (Est. VII; IX: 2)

A escavação deste corte até à rocha de base, permitiu detectar uma sequência estratigráficas de 6 camadas, algumas delas sem continuidade entre si. A camada 6 era a única que apresentava vestígios *in situ*, de uma ocupação dos inícios da Idade do Ferro.

Camada 6: caracterizava-se por terras castanhas escuras, areno-argilosas médias, de média compactidade, com alguns carvões dispersos. Camada de ocupação/abandono.

Camada 6a: caracterizava-se por terras castanhas escuras, por vezes com pequenas bolsas de argila e de carvões, heterogéneas, areno-argilosas médias, de média compactidade, com cascalho e sementes carbonizadas dispersas. Enchimento da fossa 1.

Camada 6b: caracterizava-se por terras castanhas, por vezes castanhas amareladas, heterogéneas,

² Agradecemos a Ignácio Montero Ruíz a disponibilidade para analisar estas peças.

³ Algumas amostras de sementes foram analisadas por esta investigadora no âmbito da preparação da sua dissertação de Mestrado.

⁴ Agradecemos ao Doutor Fernán Alonso a realização das análises de radiocarbono efectuadas pelo CSIC.

areno-argilosas médias, de média compactidade, com carvões dispersos e muitas sementes carbonizadas. Enchimento da fossa 1.

Camada 6c: caracterizava-se por terras castanhas, por vezes com bolsas de argila, areno-argilosas médias, de média compactidade, com aglomerados de sementes carbonizadas. Enchimento da fossa 1.

Camada 6d: caracterizava-se por terras negras, de pouca compactidade com muitos carvões e algumas sementes carbonizadas. Enchimento da fossa 1.

Camada 6e: caracterizava-se por terras castanhas amareladas, arenosas, de fraca compactidade, com sementes dispersas. Enchimento da fossa 1.

ESTRUTURAS (Est. VII a IX: 1)

A única estrutura identificada com a camada 6 foi uma grande fossa aberta no saibro e na rocha de base, que designámos por fossa 1 e que se encontrava perturbada no topo pela construção de um muro mais recente. Localizava-se nos quadrados C1, D1 e E1 e não foi escavada na íntegra. Com um canal elevado (0,26m de profundidade), pelo lado sul e de secção subcilíndrica, tinha cerca de 2,30m de largura máxima e entre 1,20m e 1,30m de profundidade máxima. Pelo lado sul desta fossa, escavada no saibro, existia uma depressão circular, com 6cm de profundidade que pensamos poder corresponder a uma zona de encaixe de uma trave de madeira. Pelo lado este desta estrutura, a zona menos perturbada pelo muro posterior, ainda se conservava um área contínua de saibro, que interpretamos como eventual cobertura desta fossa.

ESPÓLIO

O espólio das camadas que constituíam este corte correspondia a mais de mil fragmentos cerâmicos, vários líticos, metais e ecofactos. Apenas estudámos em pormenor, o espólio da camada 6 que correspondia à Idade do Ferro Inicial e se encontrava contextualizado.

Um resumo das características do espólio das várias camadas fornecerá algumas informações sobre as diferentes ocupações do povoado: após a camada humosa (0), seguiam-se outras quatro que podemos atribuir à fase da romanização (1, 2, 3 e 4); as duas mais recentes continham materiais de construção romanos (imbrex e tégula), cerâmicas comuns deste período (ânforas e copos ou potinhos), alguns fragmentos grafitados, panças de pasta alaranjada com engobes (vermelhos muito aderentes mas pouco espessos). Segundo M. Delgado⁵ este espólio poderá atribuir-se ao séc. I d.C. Registámos também 1 moeda de prata, representando uma quadriga numa das faces. A cerâmica micácea a torno, de tradição indígena estava presente em quantidade.

Os poucos fragmentos da Idade do Bronze contidos na camada 3 e 4 (localizada nos quadrados B1, A1 e A0) poderão explicar-se pelo facto destas camadas terem atingido o saibro de base.

A camada 5 correspondia a perturbações provocadas na camada 6, devido à construção de um muro que perturbou parte da fossa 1. Toda a cerâmica encontrada era de pasta micácea, de textura grosseira ou fina, de fabrico manual ou a torno lento e com formas (potes 1b, potinhos/púcaros, panelas de asa interior e tigelas) que se inscreviam dentro da fase IIA de S. Julião, Vila Verde (MARTINS, 1988: 161-176). A decoração era exclusivamente incisa.

Camada 6 (Est. XIII a XVI)

Esta camada caracterizava-se por 226 fragmentos cerâmicos, 3 achados metálicos e alguns ecofactos.

⁵ Agradecemos à Dr.ª Manuela Delgado a classificação destas cerâmicas.

Cerâmicas (Est. XIII a XVI: 1 a 5)

Entre os fragmentos cerâmicos contámos 6 de pasta arenosa manual, (3 grosseiros e 3 medianos/finos), com características tecnológicas que poderão corresponder a uma fase anterior e um provável almofariz, que considerámos uma intrusão mais recente. Os restantes 220 eram de pastas micáceas, fabrico manual ou a torno lento e de textura grosseira (79%) ou mediana/fina (21%).

A cozedura era regular ou má e o acabamento alisado. As cores variavam entre os beges, os alaranjados (1 ex.), os avermelhados (3 ex.), os castanhos e os negros.

Seleccionámos 42 fragmentos passíveis de estudo mais pormenorizado.

FRAGMENTOS	QUANT.
Bordos	17
Bases	17
Arranques de asa	1
Panças decoradas	6
Discos	1
TOTAIS	42

Formas

A maior representatividade das formas, através da análise dos bordos e dos arranques de asa, correspondia a potes, seguida dos potinhos/púcaros, das panelas de asa interior, das malgas e das tigelas.

Os bordos da forma 10 podiam ser esvasados (50%) e em aba horizontal pequena (25%). Os restantes não foram passíveis de determinação. As pastas eram de textura grosseira (100%) e um deles, de má cozedura, encontrava-se calcinado. As cores variavam entre o bege, o castanho e o negro. As 2 peças passíveis de diâmetro mostraram 1 exemplar pequeno e um médio. Duas destas peças eram de fabrico manual.

As panelas de asa interior, aparentemente, todas efectuadas em torno lento, apresentavam bordos diagonais e grossos. Uma delas era perfurada no topo e junto à base e outra continha indícios de fuligem no exterior. As dimensões de 2 peças eram superiores a 40cm.

A malga correspondia a um recipiente grosseiro, de bordo sub-vertical ou ligeiramente reentrante.

A tigela, com bordo em aba soerguida pequena, era de má cozedura e apresentava-se perfurada na pança. Tinha de diâmetro entre 30 a 39cm.

VARIEDADE DOS POTES	QUANT.	(%)
Potes	7	(44%)
Pot./Púc.	4	(25%)
Panela de asa interior	3	(19%)
Malga	1	(6%)
Tigela	1	(6%)
Indeterm.	2	-
TOTAIS	18	(100%)

Na forma identificada como pote encontrámos apenas duas variantes; os da forma 1b e os da 2. Os potes da forma 1b apresentavam abas médias (50%) e grandes (50%) e correspondiam, maioritariamente, a peças mal cozidas (75%). Um deles, de textura muito grosseira, era nitidamente de fabrico manual. Não se verificaram indícios de fuligem, matéria orgânica ou lípidos em nenhum deles. As suas cores eram beges ou

castanhas (75%) e os seus diâmetros grandes. Um deles apresentava incisões no início da pança. Os potes da forma 2 também não indiciavam fuligem ou qualquer vestígio de terem servido para guardar alimentos gordos. A única dimensão possível mostrou um recipiente de diâmetro médio/grande.

VARIÉDADE DOS POTES	QUANT.	(%)
Pote 1b	4	(57%)
Pote 2	3	(43%)
TOTAIS	7	(100%)

Bases

Entre os 17 fragmentos de bases 11 correspondiam a fundos planos (71%), 2 a fundos planos alargados (12%) e 1 a um fundo de pé alto (6%). Os restantes eram indetermináveis. Os diâmetros das bases eram bastante diversificados. Na categoria das bases de fundo plano a maioria era de dimensões médias (7 ex.), seguidos dos médio/grandes e pequenos (2 exs. cada). Nas bases de fundo plano alongado existiam dimensões médias (1 ex.) e grandes (1 ex.). A de pé alto não era quantificável.

As texturas eram quase sempre grosseiras (88%), com duas excepções (base de fundo plano alongado e de pé alto). Nenhum destes fragmentos apresentava sinais de fuligem externa mas 1, de pequena dimensão, continha matéria orgânica no interior.

Asas

Registámos unicamente um arranque de asa de púcaro, cuja secção era indeterminada, saindo directamente do bordo. A textura desta peça era grosseira.

Decorações

Identificámos 7 fragmentos decorados, entre panças e bordos. Entre eles distinguimos duas técnicas: a incisa, com 3 exemplares (43%) e a impressa com 1 (14%). Estavam ainda presentes as combinações de incisões/impressões (29%) e de incisões/plástica (14%).

A decoração incisa manifestava-se por bandas horizontais preenchidas com linhas em diagonal (1 ex.) e por triângulos (2 ex.). A decoração impressa materializava-se por séries de SSS, a combinação incisa/plástica, por cordões duplos horizontais com incisões oblíquas e a incisa/impressa por linhas e SSS ou por motivos indeterminados.

Todas as decorações eram parciais. Com uma excepção, as texturas eram sempre grosseiras e a distribuição de fuligem verificou-se apenas na pança com decoração incisa/plástica, também de má cozedura.

As decorações representavam (3%) do total dos fragmentos desta camada.

Metais (Est. XV: 6 e 7)

Além de um fragmento indeterminado, exumamos uma argola fracturada e um aro aplanado. Todas as peças eram de bronze. As duas últimas foram detectadas na fossa 1.

Ecofactos

Os ecofactos exumados apenas da fossa 1 foram extraídos de diferentes modos; directamente da camada, por crivagem a seco e por flutuação manual simples.

O resultado da antracologia (FIGUEIRAL, neste vol.) revelou a presença de algumas espécies arbóreas ribeirinhas, como o Salgueiro. Da floresta climácica recolheram-se restos de Aveleiras e de Carvalhos, plantas fornecedoras de alimento.

A fossa 1 forneceu uma quantidade significativa de restos paleocarpológicos materializados, na sua maioria, por diversas sementes de cereais (OLIVEIRA, 2000). Distinguímos o trigo, o milho miúdo, a aveia e a cevada. As sementes de leguminosas pertenciam a favas, as de crucíferas a *Brassicas* e os frutos, a bolotas⁶.

DATAS DE RADIOCARBONO

A amostra 1 foi enviada para o Laboratório de Utrecht, onde foi analisada por espectrometria de massa com acelerador (AMS). Pretendia-se uma afinação cronológica da fase de abandono da fossa 1. Esta amostra foi extraída de uma concentração de carvões da camada 6e, do quadrado D1, do corte 1.

A amostra 2, estatisticamente semelhante à anterior, foi retirada da camada 6 do quadrado E1, contemporânea da ocupação da fossa 1.

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
UtC-4784	2220 ± 37	361-337 (0,19) 324-282 (0,35) 257-202 (0,46)	377-189 (100)
CSIC-1146	2183 ± 27	355-294 (0,63) 209-174 (0,37)	363-277 (0,51) 262-157 (0,48) 136-126 (0,01)

Se considerarmos a maior probabilidade de cada uma destas datas e a média ponderada das duas, podemos concluir que esta ocupação se terá verificado entre os meados do séc. IV e os inícios do II AC.

Referência do laboratório	Data BP	Média ponderada anos BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
UtC-4784	2220 ± 37	2196 ± 23	355-292 (0,73)	362-279 (0,59)
CSIC-1146	2183 ± 27		234-225 (0,07) 209-192 (0,21)	260-181 (0,41)

SÍNTESE DO CORTE 1

A camada 6 e a fossa 1, que nela se insere, correspondem à ocupação mais antiga da plataforma superior. As características do espólio destes locais e as datas de radiocarbono obtidas nas diferentes zonas, permitem admitir que esta ocupação tenha ocorrido entre os meados do séc. IV e os inícios do II AC, muito provavelmente, no designado Ferro Inicial.

⁶ Algumas destas análises foram efectuadas por P. Ramil-Rego (com. pessoal).

A existência de uma ocupação mais antiga nesta plataforma é problemática, mas não inviável. Embora não documentada na estratigrafia o aparecimento de 6 fragmentos cerâmicos de fabrico manual e pasta arenosa, detectados na base da camada 6 (quadrado A0) tornam a sua ocorrência provável. O desaparecimento do eventual nível de ocupação estaria relacionado com a forte erosão a que a plataforma superior teria estado sujeita após o seu abandono.

Quanto ao nível da Idade do Ferro Inicial, a distribuição espacial dos dados, as características das estruturas, do espólio e dos ecofactos indiciam uma ocupação circunscrita à plataforma superior do povoado e altamente vocacionada para actividades agrícolas ou agro-pastoris.

Os vestígios passíveis de serem relacionados com esta actividade eram de vária ordem;

- proximidade de solos de tipo A, bem drenados, nas imediações do povoado;
- características da fossa 1, que apesar dos indicadores detriticos (tipo e disposição topográfica dos sedimentos, tipo do espólio), ainda conservava um elevadíssimo número de sementes carbonizadas, o que permite considerá-la como uma estrutura inicialmente usada para armazenagem ou como silo;
- localização da fossa-silo no topo do povoado, zona arejada e bem drenada por excelência;
- resultados da paleocarpologia que revelaram a presença de vários cereais (trigo, milho miúdo, aveia e cevada), bem como de leguminosas (favas) e crucíferas (*Brassicas*), macrorrestos indicadores da prática de uma policultura altamente produtiva e do cultivo de forragem para o gado;
- presença exclusiva de potes sem indícios de fuligem, de dimensões médias/grandes ou grandes, por vezes pouco cuidados, exemplificados pelos potes da forma 1, com 75% de peças mal cozidas, provavelmente recipientes de armazenagem de produtos secos.

Outra actividade de subsistência prende-se com a recollecção de bolotas, documentada pela presença exclusiva de glandes.

Corte 2

ESTRATIGRAFIA (Est. V)

A camada 3 não ultrapassava os 64cm de espessura máxima e encontrava-se localizada nos quadrados A1, A2, A2a, A2b e A2c. Nos quadrados localizados a norte destes, esta camada desapareceu totalmente, evidenciando uma forte erosão nesta vertente, provavelmente ainda em épocas recuadas. Tal poderá relacionar-se, entre outros factores, com a falta de monumentalização do nível de ocupação aí localizado.

Camada 3: caracterizava-se por terras negras, areno-argilosas médias, de fraca compacidade, com alguns carvões dispersos.

Camada 3a: caracterizava-se por terras castanhas claras devido à mistura com a arena granítica.

Camada 4: arena granítica.

A análise edafológica, analisada com base num perfil retirado do quadrado A2c, permitiu isolar melhor a zona da camada 3 que correspondeu à ocupação. Trata-se dos últimos 15 a 20cm, onde a percentagem de fósforo, entre outras propriedades, atinge valores mais altos, diminuindo nas cotas subsequentes (que deverão corresponder ao abandono ou a escorregamentos). Esta propriedade só volta a expressar-se com um índice considerável, no horizonte humoso segundo F. Díaz-Fierros Viqueira *et alii* (1992/1994: 33-37).

ESTRUTURAS (Est. V e VI)

As únicas estruturas encontradas nesta camada são 2 pequenas “fossas”, rodeadas por pedras ou por blocos do substrato granítico fracturado. A “fossa” 1, detectada no quadrado A2b/A2c, tinha 60cm de largura no sentido norte-sul e 53cm de profundidade máxima. A “fossa” 2, encontrada no quadrado A2c, era de planta sensivelmente triangular, com 60cm no sentido norte-sul, 44cm no este-oeste e cerca de 42cm de profundidade.

ESPÓLIO

O espólio das camadas deste corte era constituído por milhares de fragmentos cerâmicos, escassos objectos líticos, escórias de ferro, contas de vidro e ecofactos. Destes seleccionámos somente os da camada 3, por pertencerem a uma das etapas cronológicas e culturais de que nos ocupamos neste trabalho.

Apenas para uma melhor percepção das diferentes ocupações do povoado fazemos um breve resumo sobre as características artefactuais das várias camadas. A camada humosa (0) era composta por cerâmicas comuns e materiais de construção de época romana, louça micácea a torno, da Idade do Ferro Recente e por fabricos manuais de pastas arenosas e micáceas de épocas mais recuadas. As duas camadas que se seguem (1 e 1a) inscreviam-se num fase de romanização. Aqui apareceram almofarizes, ânforas, bilhas ou jarros, copos ou potinhos e taças, fragmentos com superfícies engobadas (engobes vermelhos escuros, alaranjados e amarelados) e tipos de pastas que M. Delgado atribuiu, genericamente ao séc. I d.C.

Salientamos o facto de que quando a camada 1a atingiu o saibro de base, detectámos alguns fragmentos de fabrico manual e pasta arenosa enquadráveis na Idade do Bronze. As camadas 2 e 2a, da Idade do Ferro Recente caracterizavam-se pela presença de painéis de asa em orelha e de talhas, entre muito outro espólio, semelhante ao da fase IIB de S. Julião (MARTINS, 1988: 182-188).

Camada 3 (Est. X a XII)

Nesta camada quantificámos 307 fragmentos cerâmicos, 4 achados líticos e ecofactos, em quantidade apreciável.

Cerâmicas

A cerâmica estava representada por fragmentos de fabrico manual e pasta arenosa (94%) ou micácea (6%). Em ambos os casos as cozeduras eram redutoras e na sua maioria regulares (99%). O acabamento externo era quase sempre alisado, com algumas excepções rugosas ou polidas. A textura era, também, maioritariamente, grosseira, com algumas excepções (5%). As cores variavam entre os beges, os castanhos e os negros.

Deste conjunto individualizámos alguns bordos, bases e panças, num total de 35, passíveis de estudo formal ou decorativo.

FRAGMENTOS	QUANT.
Bordos	31
Bases	3
Panças decoradas	1
TOTAIS	35

Formas

Com base na tabela formal efectuada para a Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro estabelecemos um escasso número de formas, apenas 3 e representadas somente por potes e potinhos/púcaros.

FORMAS	QUANT.	(%)
Potes	13	(81%) ⁷
Pot./Púc.	3	(19%)
Indeterminadas	15	–
TOTAIS	31	(100%)

Os potes manifestavam apenas 2 variedades morfológicas, com bordos esvasados (62%) e verticais (38%). Nenhum deles apresentava decoração

Os potinhos/púcaros de bordos esvasados eram todos de pasta mediana/fina, mas de superfícies alisadas. Nenhum deles continha indícios de lípidos ou fuligem. As suas dimensões eram pequenas e médias.

Em todos os bordos indetermináveis estavam ausentes vestígios de fuligem.

VARIETADE DOS POTES	QUANT.	(%)
Pote 1	8	(62%)
Pote 2	5	(38%)
TOTAIS	13	(100%)

Os potes da forma 1, de dimensões médias/grandes (4 ex.) e grandes (1 ex.) apresentavam superfícies alisadas e cores beges, castanhas e negras. Em 63% (5 ex.), de dimensões distintas, verificámos indícios de fuligem externa. Os potes da forma 2, também de dimensões médias/grandes (2 ex.) e grandes (1 ex.), apresentavam menor percentagem de fuligem (40%). Registámos que os únicos que apresentavam má cozedura (2 ex.) não continham indícios de terem estado sobre o lume.

Bases

As 3 bases conhecidas eram todas de fundo plano, grosseiras e de superfícies alisadas. Os seus diâmetros eram pequenos não ultrapassando os 10cm. Uma delas continha fuligem e outra matéria orgânica no interior.

Decorações

Apenas reconhecemos a técnica da incisão, expressa por linhas. As decorações correspondiam a 0,3% do total das cerâmicas.

Líticos

Os líticos eram pouco diversificados. Com excepção do moinho, todos eles eram feitos sobre seixos rolados. A matéria-prima usada foi o granito de grão fino (80%) e grosso (20%).

⁷ Estes cálculos estatísticos foram efectuados com base no somatório dos potes e potinhos.

MATERIAL LÍTICO

- 2 seixos graníticos (1 com vestígios de lípidos numa extremidade).
- 1 polidor, em granito de grão fino.
- 1 peso sobre seixo, em granito de grão grosseiro.
- 1 moinho dormente aplanado, em granito de grão fino.

Ecofactos

Os ecofactos foram extraídos directamente da escavação, por crivagem a seco e pelos pólenes do solo fóssil de ocupação.

O resultado da antracologia, numa amostragem de 18 fragmentos, revelou apenas a presença do Carvalho e das Leguminosas (FIGUEIRAL, neste vol.).

Os resultados da palinologia (DIAZ-FIERROS VIQUEIRA *et alii*, 1992/1994) aumentam o quadro da vegetação fornecedora de alimento com a presença constante da Aveleira. A curva contínua de cereal, o índice arbóreo baixo e a existência contínua de *Asphodelus*, Cistáceas, Ericáceas e *Pteridium*, parecem indicar uma forte degradação vegetal provocada por fogos frequentes.

As amostras de macrorrestos correspondiam a mais de uma dezena de glandes de bolotas, muitas delas concentradas nas “fossas” 1 e 2.

DATAS DE RADIOCARBONO

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC-1149	2435 ±30	751-732 (0,10) 528-408 (0,90)	556-401 (0,71) 761-672 (0,26) 664-635 (0,03)
CSIC-1150	2357 ±30	413-436 (100)	426-375 (0,79) 504-436 (0,21)
UtC-5659	2443 ±35	752-703 (0,26) 532-411 (0,74)	762-401 (0,36) 595-575 (0,03) 566-404 (0,61)

A amostra CSIC-1149, extraída do quadrado A2b, camada 3, logo por cima de uma fossa aberta no saibro é aceitável e não discorda do material encontrado. A amostra CSIC-1150, foi retirada de um conjunto de bolotas do quadrado A2c e da mesma camada. Parece-nos um pouco recente, mas não poderá excluir-se pois intersecta com a primeira. A amostra UtC-5659, de bolotas encontradas no interior da “fossa” 2 foi retirada igualmente da camada 3 do quadrado A2c, e concorda com as anteriores.

Atendendo a que a curva de calibração é muito plana nesta zona uma afinação cronológica no segundo quartel do I milénio AC é difícil de obter. Mesmo assim os resultados da média ponderada destas três datas diminuem o intervalo para limites mais aceitáveis, como se poderá verificar pelo quadro seguinte.

Referência do laboratório	Data BP	Contexto	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
CSIC-1150	2357 ± 30	2409 ± 19	487-442 (0,65)	513-430 (0,71)
CSIC-1149	2435 ± 30		424-402 (0,35)	430-402 (0,29)
UtC-5659	2443 ± 35			

Estes resultados admitem uma cronologia, para a primeira ocupação deste povoado, entre os finais do séc. VI e os finais do V AC ou, muito provavelmente durante os três primeiros quartéis do séc. V AC.

SÍNTESE DO CORTE 2

A ocupação mais antiga deste corte, encontrada na camada 3, parece corresponder ao segundo quartel do I milénio AC, mais precisamente, entre os inícios do séc. VI e os finais do séc. V. Esta, ter-se-ia localizado na vertente norte e, eventualmente, na plataforma superior, atendendo à ocorrência de algumas cerâmicas desta fase na camada 6 do corte 1 e na camada humosa do corte 2, estes últimos indiciando uma estratigrafia invertida.

A esta camada pudemos associar duas "fossas", pouco profundas e atípicas, mas contendo no seu interior grandes concentrações de glandes de bolotas.

A presença destes frutos em quantidade significativa, sobretudo inseridos em estruturas, indicia uma actividade recolectora importante e o tratamento posterior destes frutos com a finalidade de lhes extrair as cúpulas e os pericarpos. Esta manipulação morosa das bolotas, posterior à recollecção, permitiu alguns autores considerarem a sua utilização para consumo humano, tal como defendeu Estrabão para épocas posteriores (DIAZ-FIERROS VIQUEIRA *et alii*, 1992/1994: 73-74). Tal assumpção baseia-se no facto da resistência à carbonização das cúpulas e pericarpos ser idêntica às das glandes e na escassez daquelas em contextos onde as glandes aparecem (RODRIGUEZ LÓPEZ *et al*, 1993).

Os dados da palinologia são igualmente significativos sobre plantas passíveis de fornecerem frutos recolectáveis. Entre elas contamos com a Aveleira e o Sobreiro.

O baixo índice arbóreo (< de 30%) e a existência contínua de *Asphodelus*, Cistáceas, Ericáceas e *Pteridium*, indicam uma forte degradação vegetal provocada por fogos frequentes de origem antrópica. Estes dados associados à curva contínua de cereal, permitem concluir que a população desta fase se dedicou a uma agricultura de queimada, nos vales próximos, localizados a norte, nordeste e este do povoado. A identificação de sementes de favas favorece a hipótese de uma agricultura rotativa, entre cereais e leguminosas.

Outra actividade económica que parece possível inferir-se com base nos dados arqueológicos é a pesca. A presença de um peso e a proximidade do rio Cávado, poderá sugerir pesca à rede, actividade praticada nesta zona até há bem pouco tempo. A inexistência de sementes de plantas têxteis, de cossoiros ou outros indícios de fiação, levam-nos a relacionar aqueles objectos com a actividade piscatória.

A ausência de monumentalização neste povoado, virado ao vale, bem como as características dos dados indicam uma comunidade essencialmente rural e, aparentemente, bastante fechada. Não esqueçamos as características do espólio: pobre, com olaria maioritariamente grosseira (95%), com formas muito comuns e de larga pervivência cronológica. O único indício de mudança é o aparecimento de algumas cerâmicas de pasta micácea (6%), embora manifestadas em formas de tradição anterior.

As características dos dados permitem considerar esta ocupação de curta/média duração e as datas de radiocarbono permitem atribuí-la a um momento inicial/médio de transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro do Norte de Portugal.

5. FASES DE OCUPAÇÃO E INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICA E CULTURAL DO POVOADO

ESTRATIGRAFIA E CRONOLOGIA INTERNA DO POVOADO

Após análise da sequência estratigráfica, das estruturas e do espólio de cada corte pudemos sumarizar a ocupação de cada um da seguinte forma:

Corte 1

Primeira ocupação – Cam. 6

Segunda ocupação – Cam. 5 (Idade do Ferro Recente)

Terceira ocupação – Cam. 4, 3, 2 e 1 (Romanização)

Corte 2

Primeira ocupação – Cam. 3

Segunda ocupação – Cam. 2 e 2a (Idade do Ferro Recente)

Terceira ocupação – Cam. 1 e 1a (Romanização)

Tendo em conta o conjunto global das características e as datas de radiocarbono, podemos admitir que a primeira ocupação do corte 2 se pode atribuir a uma fase de transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro. Pelo contrário a primeira ocupação do corte 1 inscreve-se já na Idade do Ferro Inicial. Em face dos dados expostos inferimos uma descontinuidade entre a primeira ocupação da plataforma superior e a da vertente norte, que resumimos do seguinte modo:

1. Ocupação da transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, entre os finais do séc. VI e os finais do V AC.
2. Ocupação da Idade do Ferro Inicial, situada entre os meados do séc. IV e os finais do III, início do II AC.

FASES DE OCUPAÇÃO

Com base nas considerações efectuadas designámos a ocupação mais antiga por S. João de Rei I e a seguinte, por S. João de Rei II.

O povoado foi reocupado por diversas vezes, quer na Idade do Ferro Recente, quer na época romana. O seu abandono parece ter-se verificado pelo séc. I d.C.

S. João de Rei I

S. João de Rei I corresponde à ocupação mais antiga deste povoado, que datámos de entre os finais do séc. VI aos finais dos séc. V AC, num momento que considermos de transição da Idade do Bronze para a do Ferro. Esta ocupação apenas foi localizada na vertente norte, embora a presença de fragmentos de cerâmica manual arenosa, na camada humosa do início desta vertente (35 ex.) e alguns artefactos, descontextualizados, da camada 6 do corte 1 (acrópole) indiquem uma eventual ocupação desta fase, neste local.

Talvez o bipene encontrado na vertente norte ou noroeste deste povoado se possa incluir nesta fase. Estes objectos estão ausentes em todos os povoados dos finais da Idade do Bronze escavados no Norte de Portugal, mas também em todos os contextos do Ferro Inicial detectados até agora. Nesse sentido parece possível admitir, como hipótese de trabalho, a sua inclusão no segundo quartel do I milénio AC, em contexto de transição da Idade do Bronze para a do Ferro.

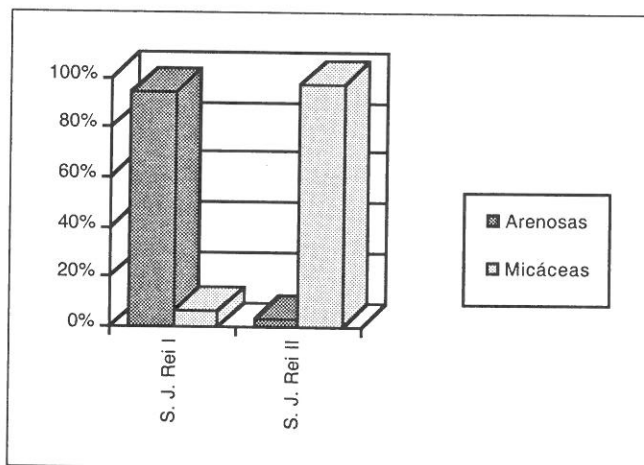
S. João de Rei II

Esta fase inserível na Idade do Ferro Inicial, não indicia qualquer evidência de continuidade com a ocupação anterior. Além da cronologia obtida se mostrar distinta, as características da cultura material concordam com a hipótese de reocupação do povoado, entre os meados do séc. IV e os finais do III, inícios do séc. II AC.

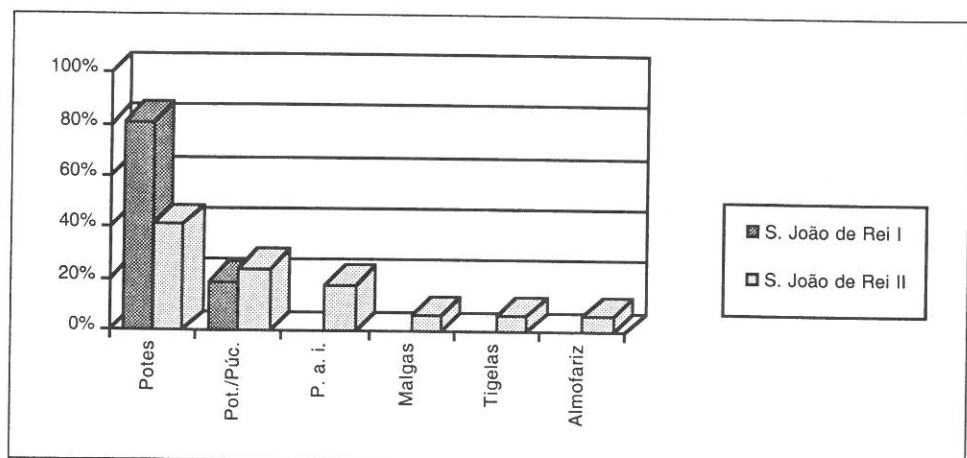
A distribuição dos achados sugere uma ocupação bastante localizada na plataforma superior do monte. Este dado em associação com as características estratigráficas, o tipo de estruturas e de espólio indicam que devia tratar-se de um povoado/armazém, muito provavelmente de curta/média duração.

Os vestígios desse período, apesar de escassos, são de grande importância, pois permitem determinar que as estruturas de armazenagem cerealífera deste período continuam a efectuar-se em estruturas subterrâneas, perpetuando tradições que remontam à Idade do Bronze. O registo paleocarpológico indica a prática de uma agricultura rotativa, à base de vários tipos de cereais, de leguminosas e de crucíferas e a permanência da recolocação e tratamento posterior das bolotas.

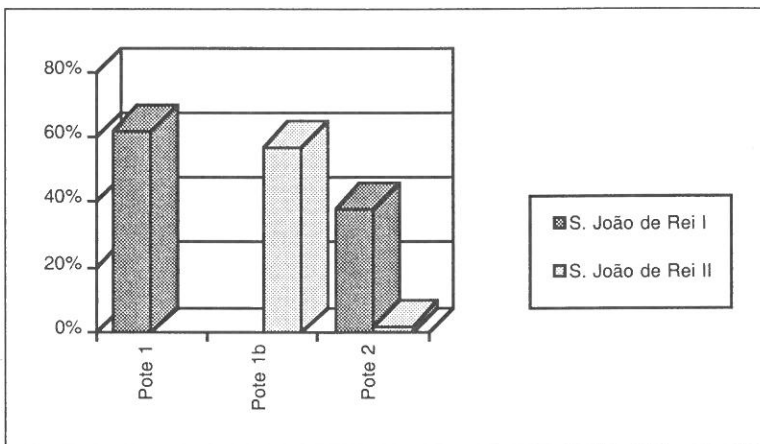
Quer as estruturas, quer o espólio, quer a proximidade e facilidade de acesso ao vale assinalam a vocação agrícola e rural das comunidades que habitaram este povoado, provavelmente ainda no terceiro quartel do I milénio AC.



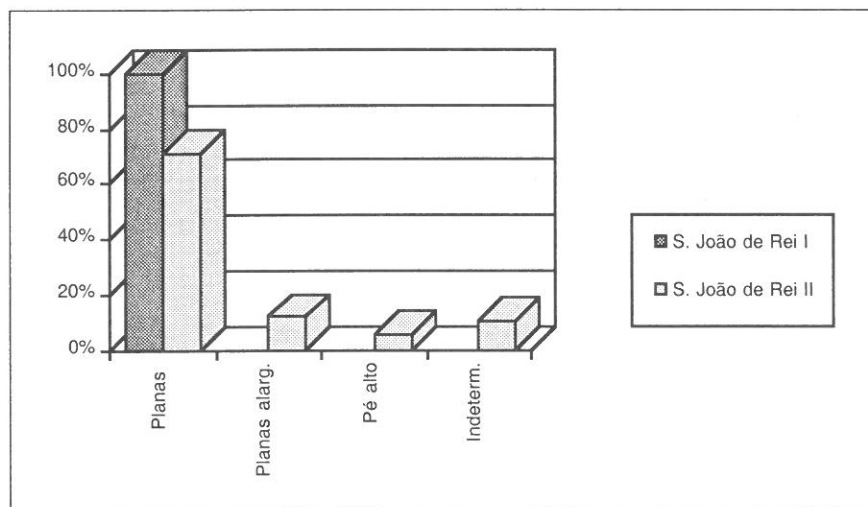
1. Comparação entre as pastas de S. João de Rei I e II



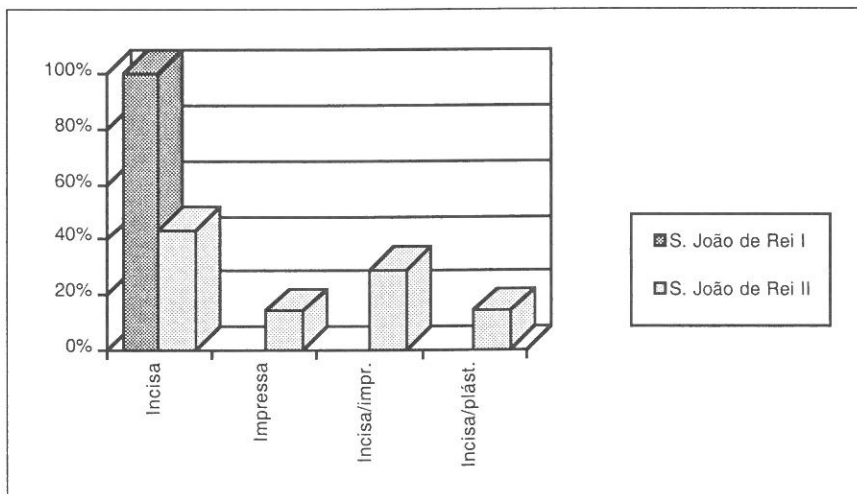
2. Comparação entre as formas de S. João de Rei I e II



3. Comparação entre as formas de pote de S. João de Rei I e II



4. Comparação entre as bases de S. João de Rei I e II



5. Comparação entre as diferentes técnicas construtivas de S. João de Rei I e II

ANEXO I
Análises antracológicas

O povoado de S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso): o contributo da antracologia

Isabel FIGUEIRAL*

I. INTRODUÇÃO

O Castro de S. João do Rei encontra-se situado na margem esquerda do Cávado, concelho de Póvoa de Lanhoso, distrito de Braga. No que diz respeito à inserção fito-climática, esta região está actualmente inserida na zona Atlântica – Mediterrâneo/Atlântica, com uma silva climática composta por *Castanea sativa* (Castanheiro), *Pinus pinaster* (Pinheiro bravo), *Pinus pinea* (Pinheiro manso), *Quercus robur* (Carvalho roble/alvarinho) e *Quercus suber* (Sobreiro).

A vegetação actual na área circundante ao povoado é constituída essencialmente de Pinheiro bravo, Carvalho e Sobreiro. Os Eucaliptos são raros. A vegetação arbustiva e herbácea é dominada pelas Giestas, Fetos e Urzes.

Os carvões de origem vegetal foram recolhidos nas campanhas de escavação dirigidas por Ana Betten-court. Os resultados obtidos a partir do seu estudo serão aqui apresentados.

II. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As amostras analisadas provêm dos diversos cortes efectuados:

Corte 1: cam. 1 (quadrado B1) – nível de romanização datável por um conjunto de espólio e de moedas

Silo – Ferro inicial:

cam. 6a (quadrado D1) – topo do silo

cam. 6b (quadrado C1) – camada superficial do silo, com sementes de trigo

cam. 6c (quadrado D1) – base do silo

Corte 2: cam. 3 (quadrado A2b) – Idade do Bronze

Corte 3: cam. 5 (quadrado E1) – camada arqueológica selada sob um pavimento, com uma percentagem elevada de potinhos – Ferro Recente

Corte 4: cam. 4 (quadrado A1) – Ferro Recente

cam. 5 (quadrado B1) e cam. 7 (quadrado B1) – Idade do Ferro

Os resultados quantitativos obtidos são apresentados no quadro 1. Como se pode observar facilmente o material disponível é extremamente reduzido.

As amostras provêm de quatro cortes diferentes (9 camadas arqueológicas); os fragmentos analisados foram recolhidos essencialmente em concentrações e não excedem os 366. Os *taxa* identificados, por ordem

* ESA 5059 CNRS. Environnements, Anthracologie et Action de l'Homme. Institut de Botanique, Univ. Montpellier II.

alfabética, são: *Alnus glutinosa* (Amieiro), *Corylus avellana* (Aveleira), *Erica arborea* (Urze branca/ Torga), *Fraxinus* sp. (Freixo), *Leguminosae* indet. (Leguminosas), *Quercus* folha caduca (Carvalho), *Quercus suber* (Sobreiro), *Quercus* tipo *ilex* (Sobreiro/Azinheira), *Quercus* sp., *Salix* sp. (Salgueiro), *Salix* /*Populus* (Salgueiro/Choupo), Indeterminada 1.

A partir dos resultados obtidos (Quadro 1) podemos observar que o Carvalho é o *taxon* dominante em todas as amostras. As Leguminosas e a Aveleira são também identificadas mais ou menos regularmente.

Os *taxa* reconhecidos durante este estudo têm sido identificados de forma constante nos estudos antracológicos de outros povoados da mesma época, nesta região. Dois deles, o Carvalho e o Sobreiro pertencem à floresta mista, que actualmente sobrevive em raros locais. As Leguminosas e as Urzes pressupõem a existência de zonas desflorestadas. O Amieiro, o Freixo, a Aveleira e o Salgueiro desenvolver-se-iam, provavelmente, nas margens de rios ou ribeiros.

Os *taxa* identificados fariam parte do mundo vegetal que rodeava o povoado, e que fornecia os produtos necessários à sobrevivência da população: combustível, material de construção, frutos, etc.

Quadro 1									
S. João do Rei									
Cortes	C. 1				C. 2	C. 3	C. 4		
	1 B1	6a D1	6b C1	6c D1	3 A2b	5 E1	4 A1	5 B1	7 B1
Taxa									
<i>Alnus glutinosa</i>							1		
<i>Corylus avellana</i>		2	4	8		3	3	16	
<i>Erica arborea</i>							2		
<i>Fraxinus</i> sp.						6		1	
<i>Leguminosae</i> indet.	1	4		1	2		1	2	2
<i>Quercus</i> folha caduca	9	40	12	7	16	33	29	74	16
<i>Quercus</i> tipo <i>ilex</i>								8	
<i>Quercus suber</i>							5	25	3
<i>Quercus</i> sp.								2	2
<i>Salix</i> sp.				5			5		
<i>Salix</i> / <i>Populus</i>								1	
Pedaço bolota		1						1	
Indeterminada 1	2								
Indetermináveis	1	1				3		5	
Total	13	48	16	21	18	45	46	136	23

Frequências absolutas dos *taxa*

ANEXO II
Análises edafológicas e diagramas polínicos

SÃO JOÃO DE REI

INFORMACIÓN ACERCA DEL SITIO DE LA MUESTRA

Situación	<i>Concelho de Póvoa de Lanhoso. Distrito de Braga.</i>
Altitud	<i>202 m</i>
Posición fisiográfica	<i>En ladera de una pequeña colina</i>
Forma del terreno circundante	<i>Colinado</i>
Pendiente	<i>Clase 4 (20%). Moderadamente escarpado.</i>
Uso de la tierra	<i>Monte arbolado con Pinus y Eucalyptus</i>

INFORMACIÓN GENERAL DEL SUELO

Material de partida	<i>Granito</i>
Drenaje	<i>Clase 4. Bien drenado</i>
Pedregosidad	<i>Clase 1. Moderadamente pedregoso</i>
Afloramientos rocosos	<i>Clase 0. Ninguno o muy pocos</i>
Evidencias de erosión	<i>Línea de piedras</i>
Influencia humana	<i>Translocación de materiales</i>

Información general del perfil de São João de Rei
(segundo Díaz-Fierros Viqueira *et alii*, 1992/1994)

Hor.	cm	Descriptiva
Au1	0-10	Pardo muy oscuro 10YR2/2(h) y pardo oscuro 10YR3/3 (s). Estructura migajosa fina muy débil. Ligeramente adherente, no plástico y friable. Afieltrado, porosidad gruesa y fina abundante; muy enraizado con predominio de raíces finas y medianas. Límite gradual.
Au2	10-22	Negro 10YR2/1 (h) y pardo oscuro 10YR3/3 (s). Estructura migajosa fina muy débil. Adherente, ligeramente plástico y friable. Suelto, poco compacto, muy enraizado con predominio de raíces finas, porosidad fina abundante, gruesa escasa, limitado por piedras en nivel inferior. Presencia de algún carboncillo.
2A	22-50	Negro 10YR2/1 (h) y pardo grisáceo muy oscuro 10YR3/2 (s). Estructura migajosa fina, moderada. Adherente, ligeramente plástico y friable. Escasas raíces finas. Sin porosidad gruesa, abundante fina. Muchos carbones. Límite muy neto con línea de piedras.
3A	50-60	Negro 10YR2/1 (h) y pardo grisáceo oscuro 10YR4/2 (s). Estructura migajosa mediana y moderada. Ligeramente adherente, no plástico y friable.
4A	60-80	Pardo grisáceo muy oscuro 10YR3/2 (h) y pardo grisáceo 10YR5/2 (s). Estructura granular, mediana, moderada. Ligeramente adherente, no plástico, friable.
C	+80	Saprolita de granito.

Descripción de los horizontes del perfil de São João de Rei
(segundo Díaz-Fierros Viqueira *et alii*, 1992/1994)

Hor.	pH		mg P/100 g					
	agua	KCl	% C	% M.O.	% N	C/N	HCl	Bray II
Au1	5,37	4,16	6,32	10,89	0,38	17	35,07	48,97
Au2	5,25	4,36	5,19	8,95	0,35	15	27,66	39,86
2A	5,36	4,37	5,98	10,31	0,23	26	6,31	10,55
3A	5,40	4,51	5,24	9,03	0,38	14	8,47	15,39
4A	5,25	4,47	2,28	3,93	0,15	15	10,88	20,32

ANÁLISIS GRANULOMÉTRICO

Hor.	% Gravas.	% AG	% AF	% LG	% LF	% Arcilla	Textura
Au1	40,94	49,49	20,37	5,35	12,77	12,02	fr.-arenoso
Au2	22,02	49,41	17,04	5,13	14,62	13,80	fr.-arenoso
2A	20,87	51,20	19,51	4,32	12,68	12,29	fr.-arenoso
3A	21,74	50,12	19,96	4,80	12,79	12,33	fr.-arenoso
4A	26,82	50,42	19,65	4,64	11,56	13,73	fr.-arenoso

COMPLEJO DE CAMBIO (AcNH₄, pH 7; cmol_c.Kg⁻¹)

Hor.	Ca	Mg	Na	K	S	CIC	Al _{KCl}	V (%)
Au1	2,09	0,44	0,17	0,15	2,85	24,27	1,75	11,74
Au2	1,89	0,39	0,23	0,08	2,59	26,51	1,32	9,77
2A	1,88	0,36	0,23	0,07	2,54	24,48	1,31	10,37
3A	1,50	0,30	0,10	0,15	2,05	13,40	0,89	15,29
4A	1,49	0,30	0,32	0,16	2,27	7,82	0,72	29,02

EXTRACCIONES SELECTIVAS (%)

Hor.	Ditionito citrato			Oxalico oxalato			Pirofosfato sódico		
	Fe	Al	Mn	Fe	Al	Mn	Fe	Al	Mn
Au1	0,63	0,83	0,01	0,40	1,13	0,00	0,35	1,07	0,00
Au2	0,78	0,93	0,01	0,54	1,51	0,01	0,42	1,09	0,00
2A	0,74	0,99	0,01	0,53	1,41	0,01	0,49	1,32	0,00
3A	0,58	1,02	0,01	0,39	1,53	0,00	0,32	1,08	0,00
4A	0,46	0,71	0,00	0,30	1,21	0,00	0,22	0,71	0,00





Composición mineralógica semicuantitativa de la fracción arcilla




Hor.	Ilita	Vermiculita	Caolinita	Inter _{M,V}	Cuarzo	Feldespato
Au1	xx	xxx	xxx	xx	tr	tr
Au2	xx	xxx	xxx	xx	tr	tr
2A	xxx	xxx	xx	xx	tr	tr
3A	xxx	xxx	xx	xx	tr	tr
4A	xx	xxx	xx	xxx	tr	tr

Propiedades fisico-químicas del perfil de São João de Rei
(segundo Díaz-Fierros Viqueira *et alii*, 1992/1994)

São João de Rei

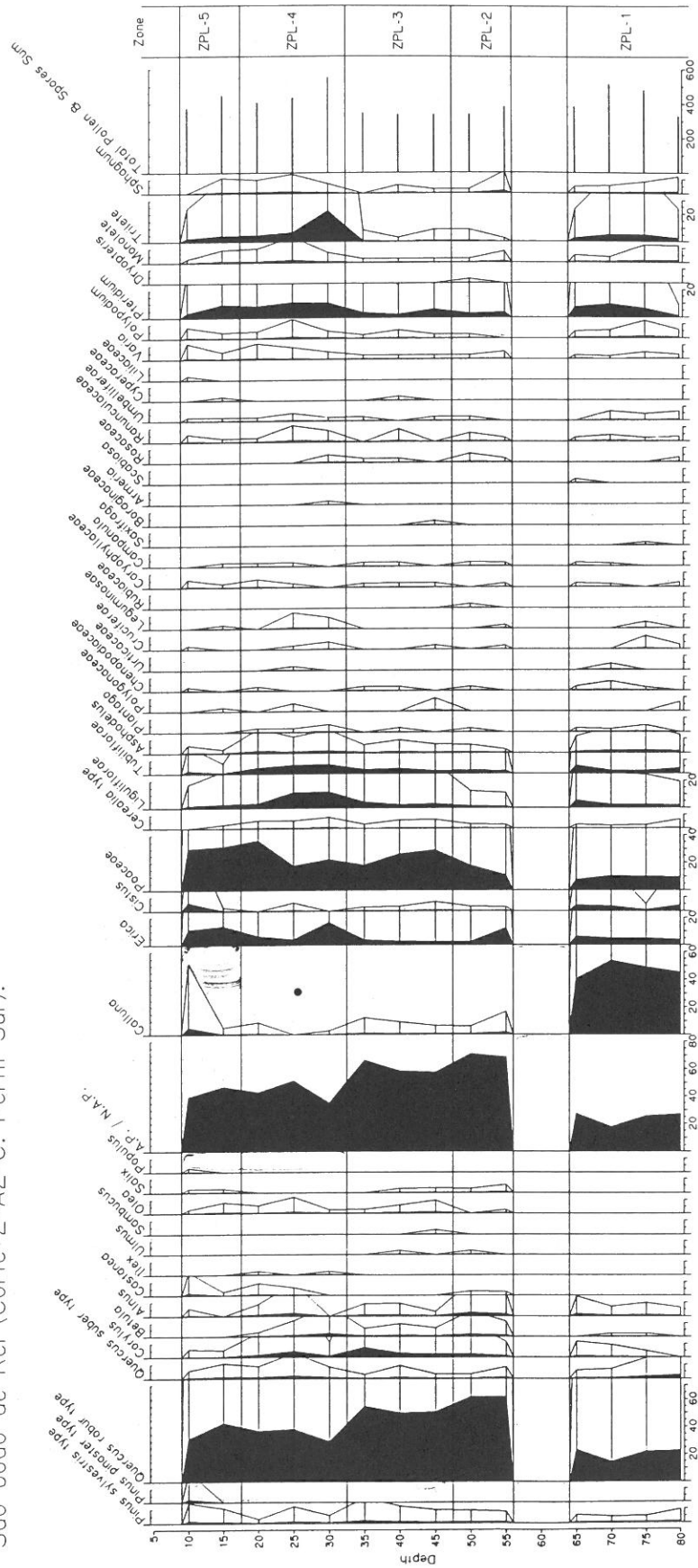
Corte 2-A2C, Perfil Sur

cm	muestra		ZPL	Características polínicas.
0-5		77777777 77777777 77777777		
5-15	13-14		4	<i>fQuercus-Poaceae</i> Aparición de <i>Pinus pinaster</i> tp y <i>Populus</i> . Débil incremento de <i>Cistus</i> .
15-30	10-12		3	<i>fQuercus-Poaceae-Ericaceae</i> Detrimiento arbóreo. Incremento de <i>Ericaceae</i> , <i>Asteraceae</i> , <i>Pteridium</i> . Curva continua de <i>Castanea</i> .
30-55	5-9		2	<i>fQuercus-(Poaceae)</i> Predominio del polen arbóreo caducifolio Aumento de <i>Quercus</i> , débil incremento de <i>Corylus</i> . Curva continua de <i>Olea</i> .
55-65				
65-80	1-4	 + + + + +	1	<i>fCalluna-Poaceae-Quercus</i> Dominio del polen no arbóreo (<i>Ericaceae</i> , <i>Poaceae</i> , <i>Asteraceae</i> , <i>Pteridium</i>). Optimo de <i>Calluna</i> . Curva continua de cereal.
> 80				

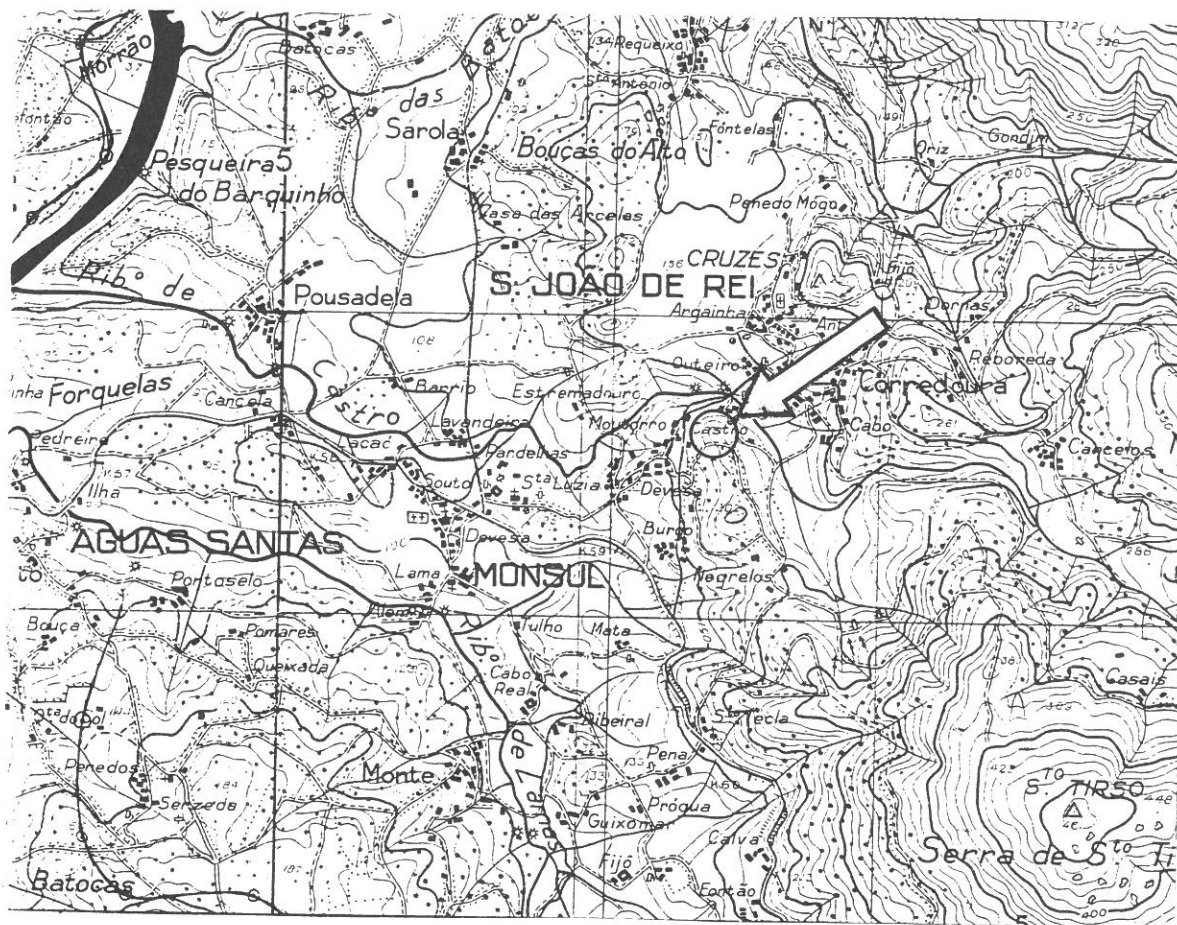
LEYENDA			
Suelo actual, revuelto	77777777	Suelo enterrado	
Nivel de piedras		Saprolita	
<i>Ocupación del Bronce Final</i>	++++		

Características polínicas y edáficas de São João de Rei

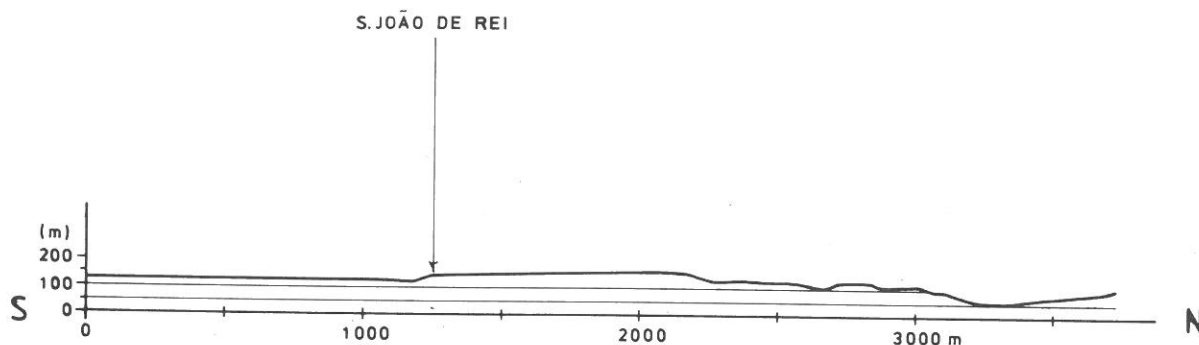
São João de Rei (Corte 2-A2-C. Perfil Sur).



ESTAMPAS

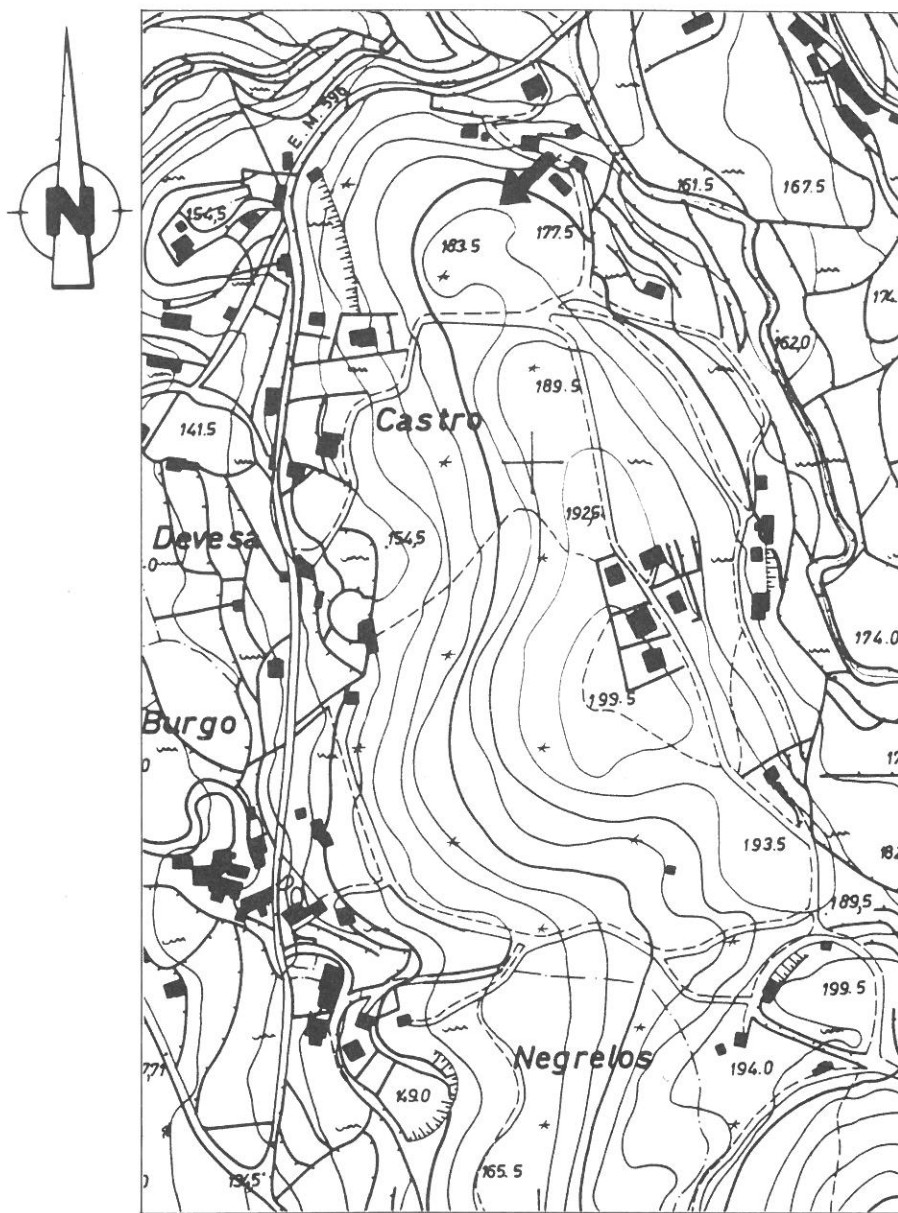


1

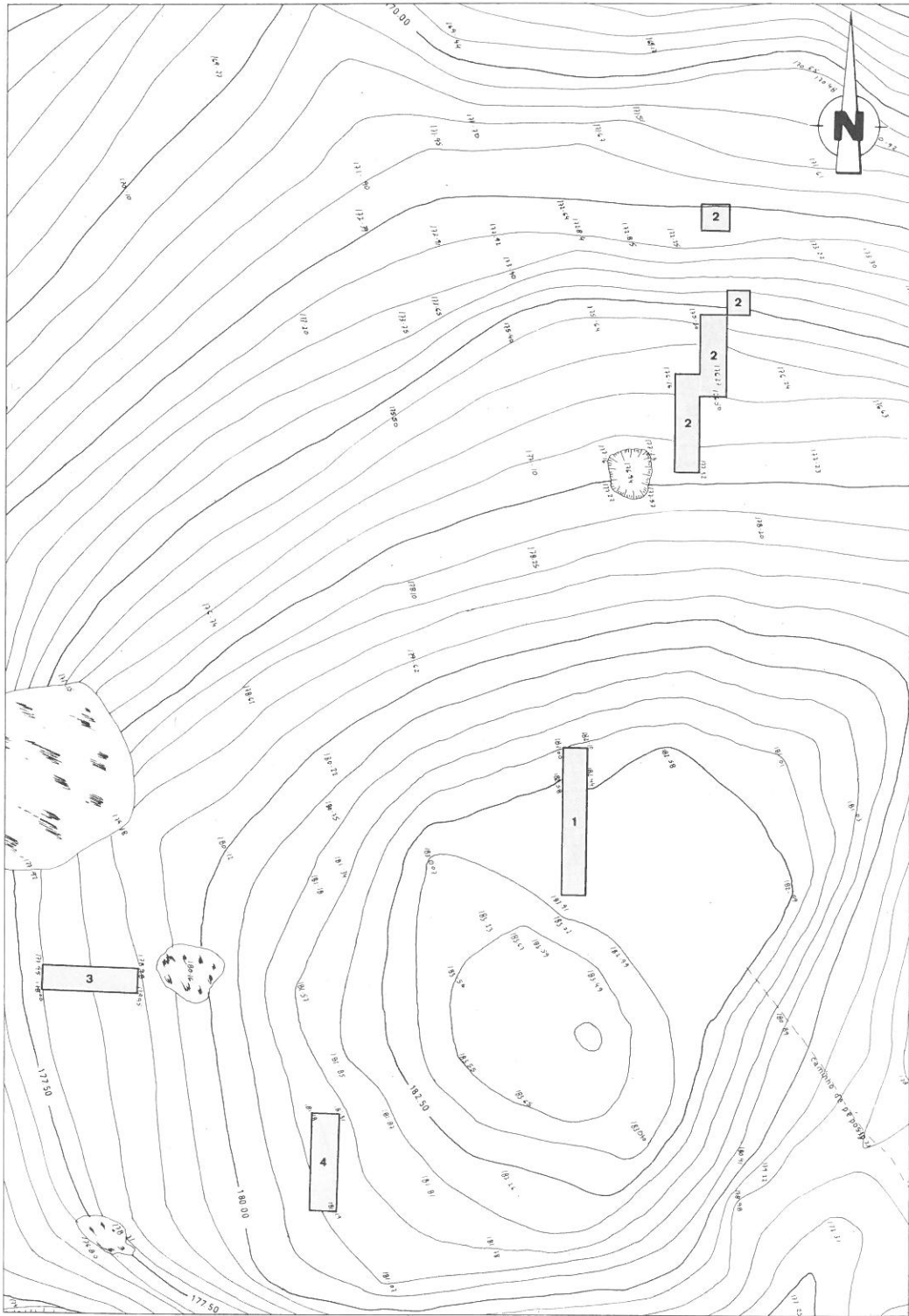


2

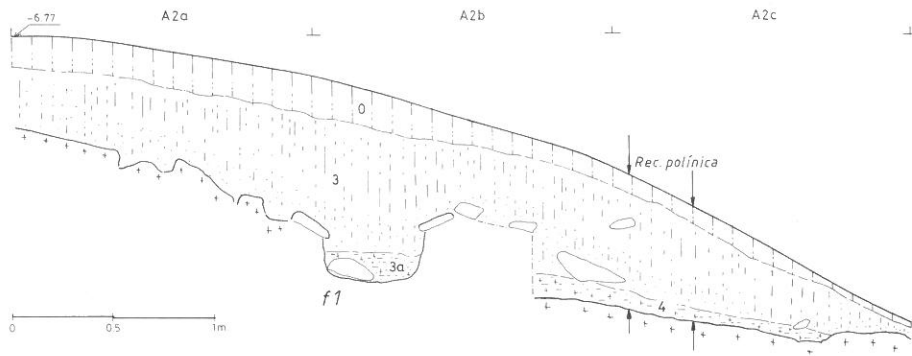
1 - Localização do povoado na C. M. P., na esc. 1: 25 000; 2 - Perfil topográfico da estação em relação ao vale do Cávado.



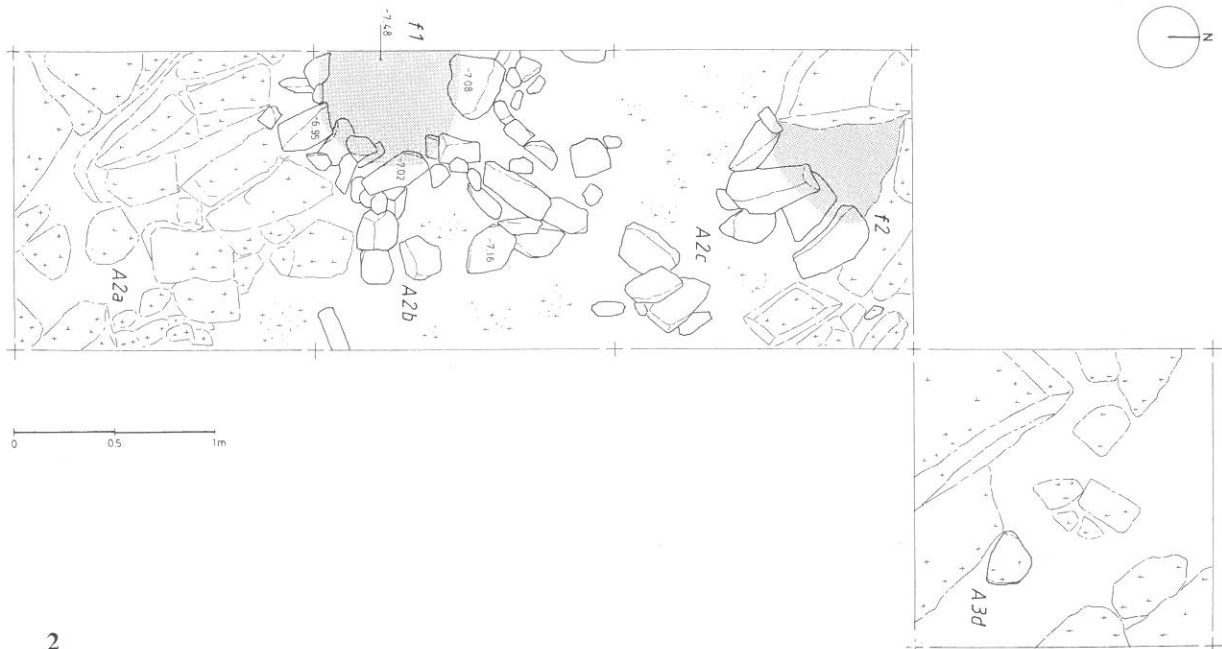
Planta topográfica do monte, na esc. 1: 5 000.



Área de implantação dos cortes 1, 2, 3 e 4, na esc. 1: 400.

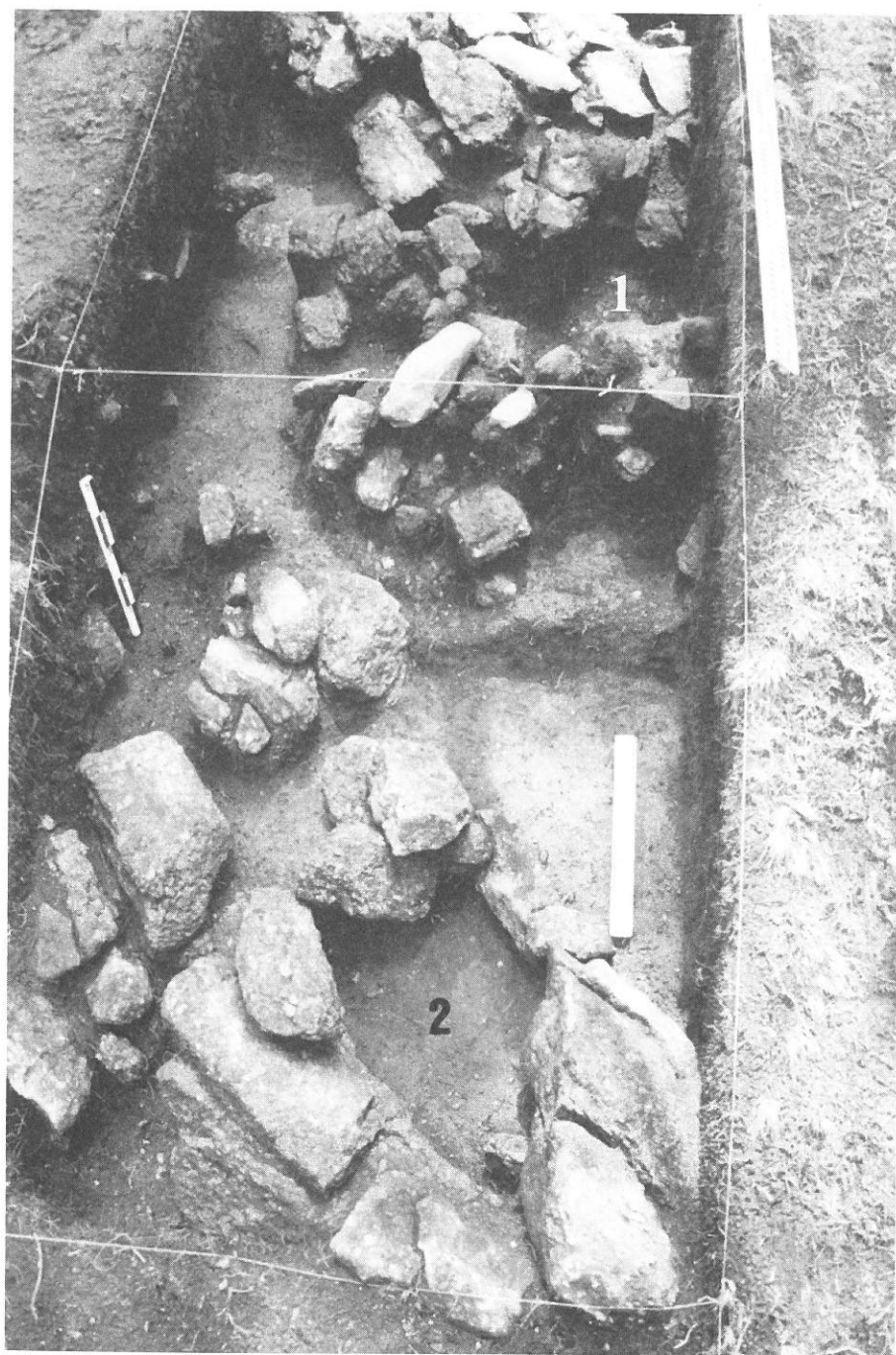


1

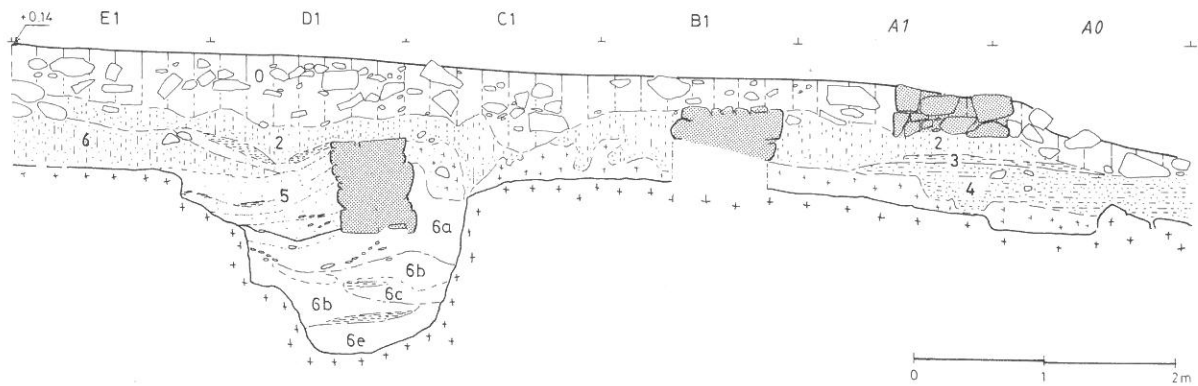


2

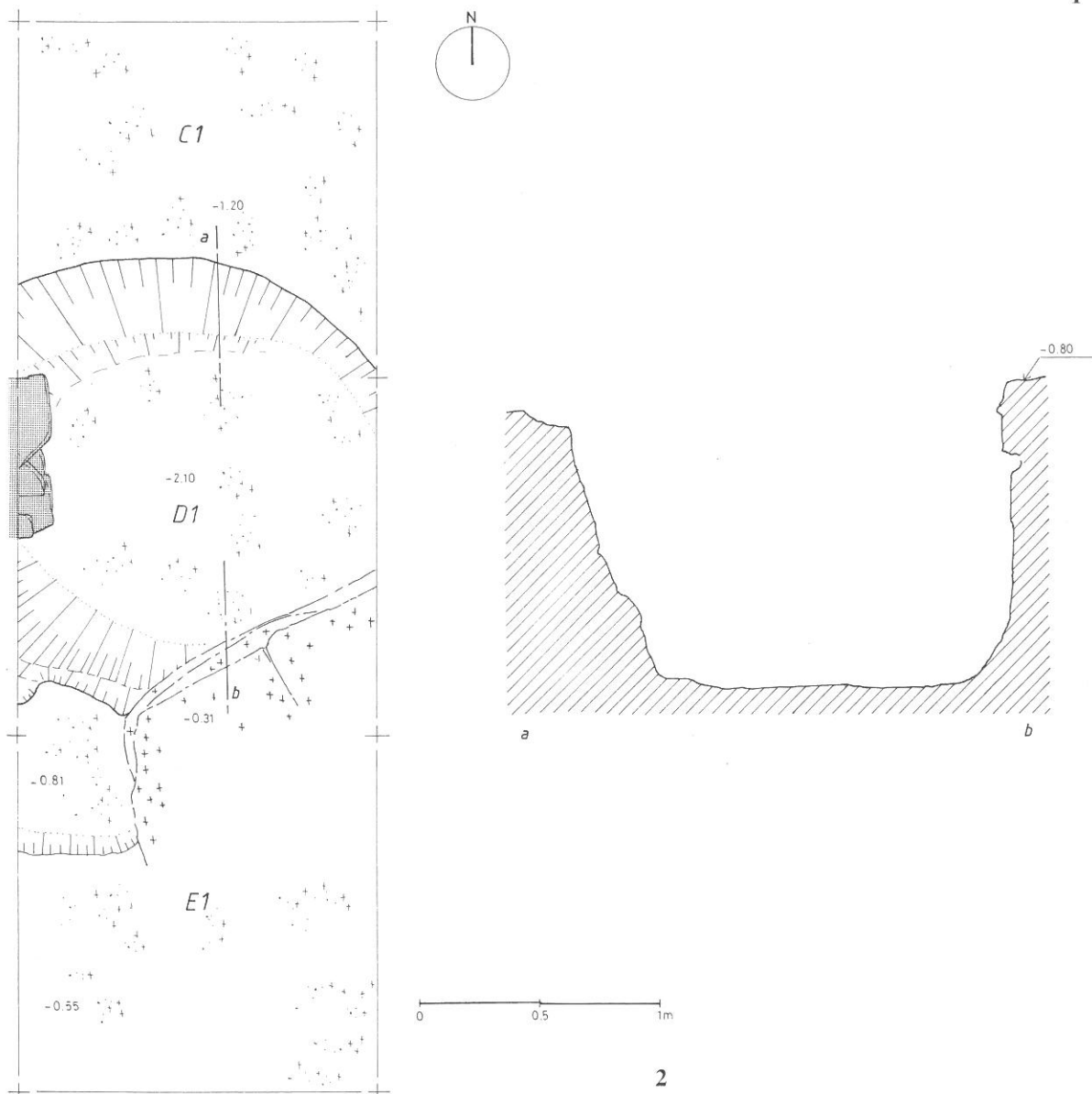
S. João de Rei I (Corte 2): 1 – Perfil oeste da vala de sondagem; 2 – Planta das fossas 1 e 2.



S. João de Rei (Corte 2): "Fossas" 1 e 2.



1



2

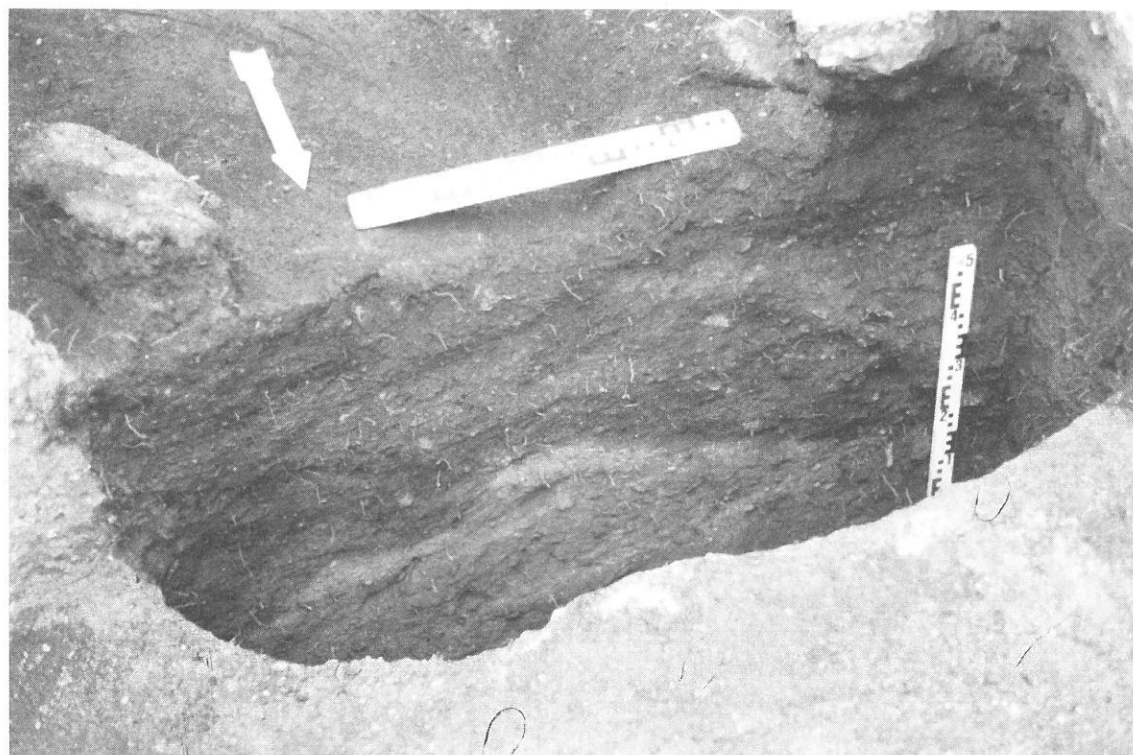
S. João de Rei II (Corte 1): 1 – Perfil da vala de sondagem efectuada na acrópole. Destacamos o enchimento da grande fossa-silo aqui encontrada; 2 – Planta e alçado da fossa-silo detectada na camada 6.



S. João de Rei (Corte 1): Vista geral da vala de sondagem realizada na plataforma superior.
Em segundo plano, observamos a grande fossa-silo cortada no saibro.



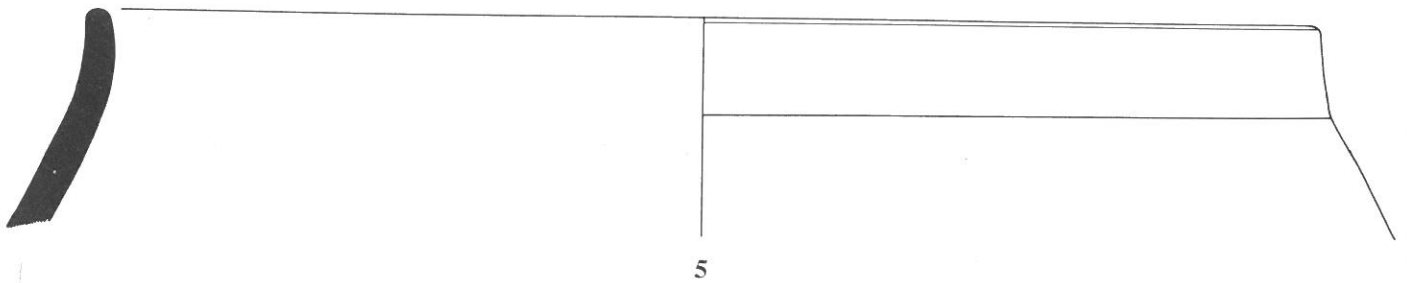
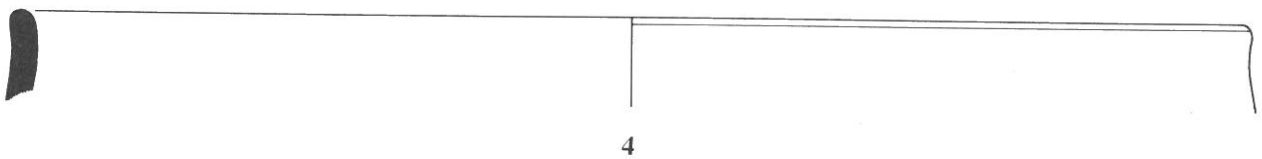
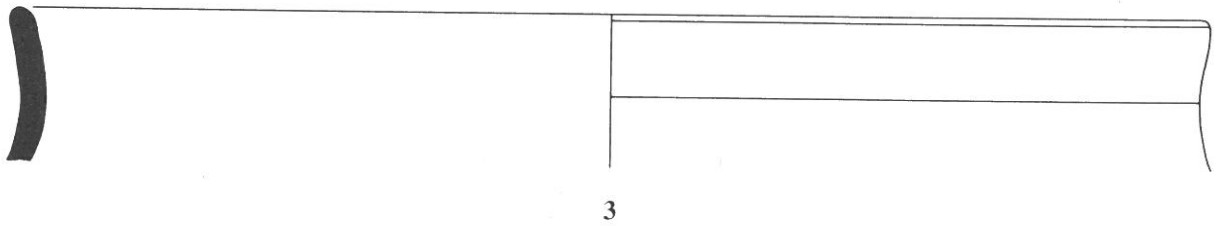
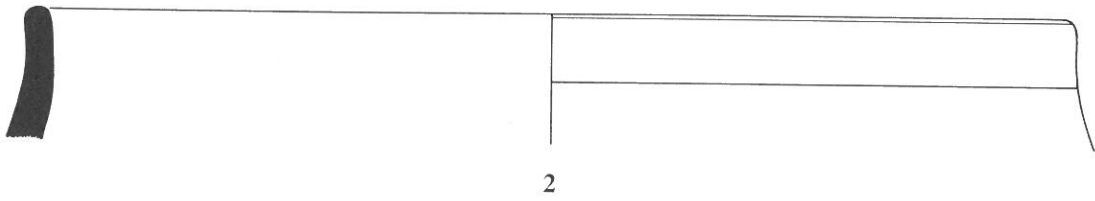
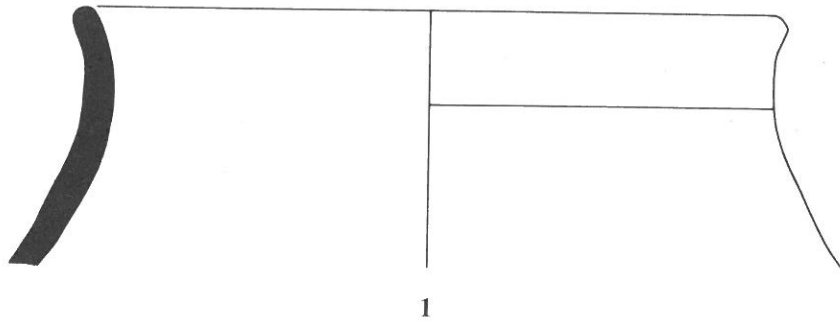
1



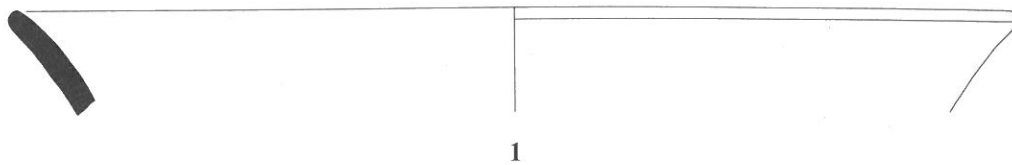
2

S. João de Rei II (Corte 1): 1 – Fossa-silo sob um muro que a perturbou; 2 – Pormenor do enchimento da fossa-silo.

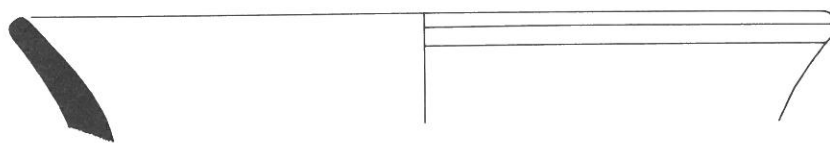
Est. X



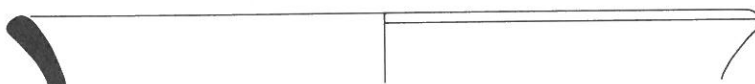
S. João de Rei I: Potes da forma 1. Esc. 1/2.



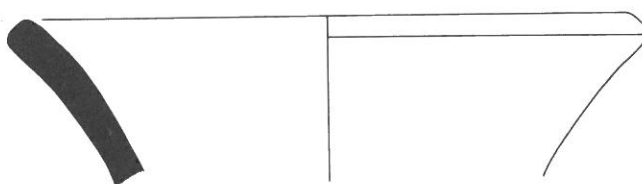
1



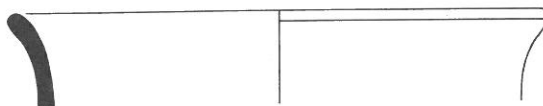
2



3

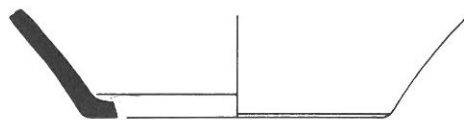


4



5

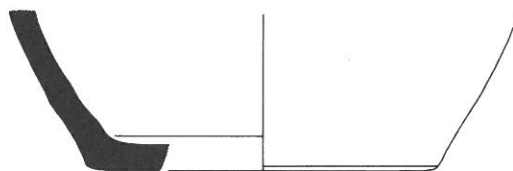
S. João de Rei I: 1 e 2 – Potes da forma 2; 3 a 5 – Potinhos/púcaros. Esc. 1/2, excepto o 1 que foi reduzido para 1/3.



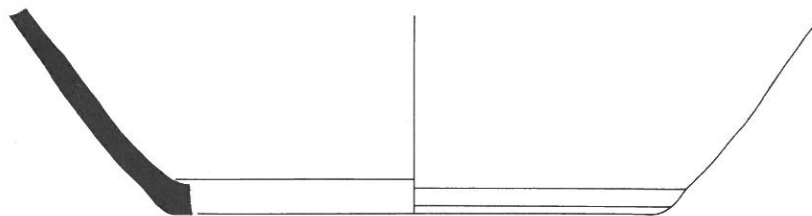
1



2

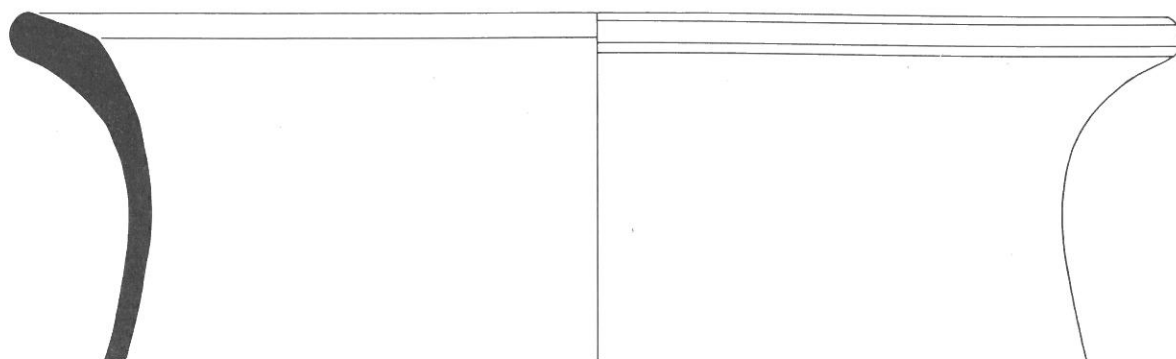


3

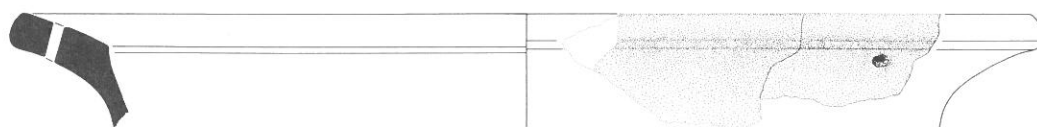


4

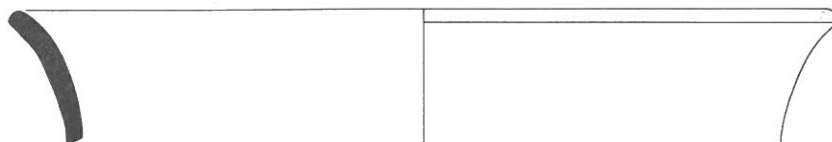
S. João de Rei I: Bases de fundo plano. Esc. 1/2.



1

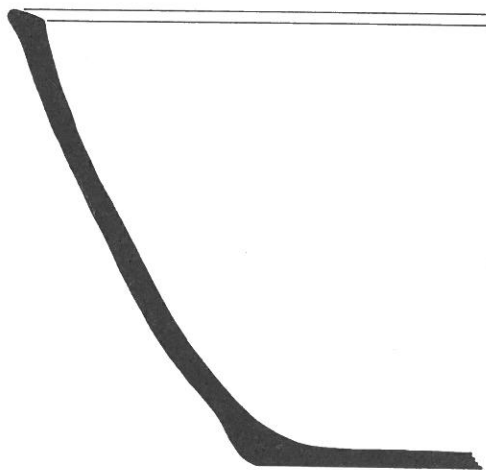


2

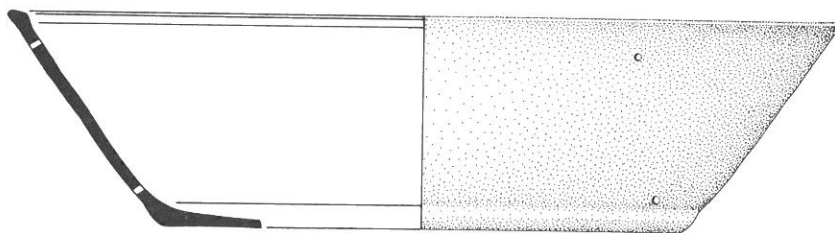


3

S. João de Rei II: 1 e 2 – Potes da forma 1b; 3 – Potes da forma 2. Esc. 1/2, excepto o 2 que foi reduzido para 1/3.



1

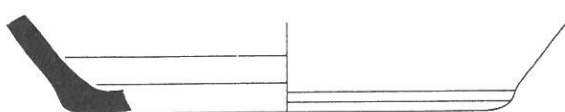


2

S. João de Rei II: 1 - Malga; 2 - Tigela. Esc. 1/2.



1



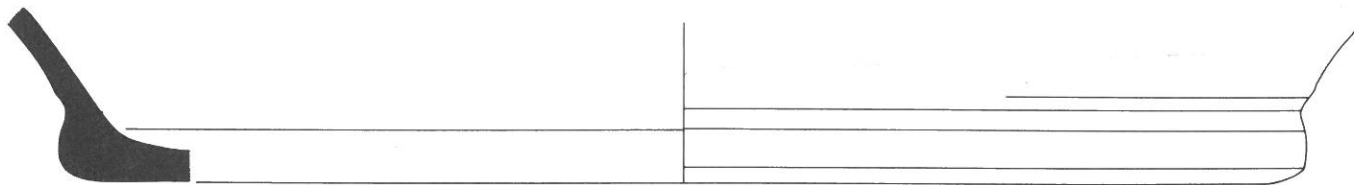
2



3

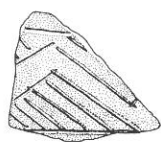


4

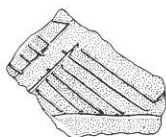


5

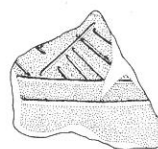
S. João de Rei II: 1 a 3 – Bases de fundos planos; 4 e 5 – Bases de fundos planos alargados. Esc. 1/2.



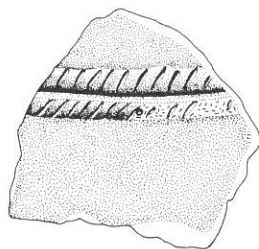
1



2



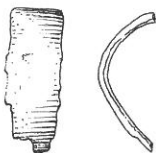
3



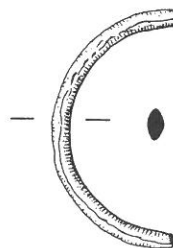
4



5



6



7

S. João de Rei II: 1 a 3 – Fragmentos com decoração incisa; 4 – Fragmento com decoração plástica/incisa; 5 – Fragmento com decoração incisa/impressa. Esc. 1/2. 6 e 7 – Artefactos metálicos em bronze. Esc. 1/1.

O POVOADO DOS FINAIS DA IDADE DO BRONZE, INÍCIOS DA IDADE DO FERRO DE VASCONCELOS/MONTE DO CRASTO (BRAGA)

1. INTRODUÇÃO

A estação arqueológica de Vasconcelos localiza-se na freguesia de Adaúfe, concelho de Braga, na divisa das bacias do Cávado e Este.

Foi identificada por Luís Fontes em 1990, durante a consecução do inventário arqueológico do concelho de Braga (FONTES, 1993: 36). Nesse trabalho o autor classifica esta estação como povoado e data-a da Idade do Bronze/Idade do Ferro. A. Dinis (1993; 1996) confere-lhe a mesma funcionalidade e integra-a na fase I da Cultura Castreja, ou seja, nos finais da Idade do Bronze.

Atendendo às excelentes condições de visibilidade do local, à sua localização, entre as bacias do Cávado e do Este, à presença do que parecia ser uma “muralha” na plataforma superior e à evidência de cerâmicas de pasta arenosa e micácea à superfície, o estudo desta estação arqueológica impunha-se, na tentativa de uma melhor compreensão do fenómeno de transição entre a Idade do Bronze e do Ferro.

2. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL (Est. I a III; VI: 1)

Esta estação localiza-se no outeiro de cota mais elevada do monte de Vasconcelos, com condições de visibilidade de 360 graus, para os vales do Cávado e Este. As vertentes noroeste, norte, nordeste, este e sudeste são abruptas, mas pouco elevadas em relação ao planalto. A ligação à paisagem de montanha poderá fazer-se pelos lados oeste e sul.

As coordenadas Gauss, na C. M. P., folha n.º 56, na escala 1: 25 000 são: M = 179,7; P = 512,4, à cota máxima de 356 m.

O substrato rochoso é composto por granito porfiróide de grão grosseiro a médio, monzonítico de duas micas, com predominância de biotite, que aflora na plataforma superior. Os solos, de origem antrópica no topo, são de tipo “ranker”, nas imediações. O aproveitamento agrológico de classe F é substituído, a cerca de 500m para este, por solos de classe A, de utilização agrícola. Não se conhecem grandes recursos minerais nesta zona, com excepção das águas minero-medicinais de Crespos, na margem esquerda do Cávado, a cerca de 4Km para nordeste.

A cobertura vegetal é composta, predominantemente, por herbáceas e arbustos, embora exista, a meia vertente sul/sudeste, vegetação arbórea composta por eucaliptos e pinheiros de introdução recente. Esta paisagem aberta, deve ter sido, em parte, responsável pela forte erosão dos sedimentos no topo da estação e pelo estado avançado da destruição das suas estruturas.

O acesso efectua-se por caminho carreteiro, até meia vertente norte, a partir do qual só se poderá atingir a acrópole por caminho de pé posto.

Não muito longe do povoado, para nordeste, existe uma saibreira, cuja área de intervenção está a ser controlada pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga.

A cerca de 150m da plataforma superior, num patamar da vertente norte, existe um monumento sob *tumulus*, já violado, relativamente perceptível na paisagem e com vestígios de couraça lítica. É possível que tenha sido reutilizado pelos ocupantes do local, numa interacção que só intervenções arqueológicas futuras poderão esclarecer.

3. OBJECTIVOS E METODOLOGIA (Est. IV)

A posição topográfica do Monte de Vasconcelos, as suas potencialidades de visibilidade em relação a um grande número de povoados com ocupação dos finais da Idade do Bronze, os indícios de estruturas pétreas na plataforma superior, e ainda o espólio detectado à superfície, levaram-nos a considerar que seria importante proceder a escavações no local. Estas tinham como objectivos primordiais: perceber a diacronia de ocupação do povoado, fazer um estudo micro-espacial de cada uma dessas ocupações e entender a lógica de implantação da estação na paisagem, a nível macro-regional.

Tal tarefa passa, necessariamente, por estudos de interacção com o povoamento sincrónico da região, um dos objectivos gerais desta dissertação.

A um nível mais particular, pretendíamos verificar qual o significado da estrutura pétrea da extremidade norte da plataforma superior e se ela se articulava com um fosso, aberto no saibro. Procurávamos, também, eventuais estruturas habitacionais no interior deste recinto.

Para a consecução de tal projecto obtivemos o apoio do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga e, em Junho de 1994, procedemos a sondagens em duas zonas deste povoado; na plataforma superior (corte 1), e na vertente sul (corte 2).

As sondagens no topo do monte, incidiram na extremidade norte, onde pareciam existir ainda vestígios de uma estrutura pétrea e as do corte 2 num talude da vertente sul contíguo à plataforma superior e onde se encontravam fragmentos cerâmicos à superfície. Pretendíamos, com este último corte, perceber a distribuição espacial da estação.

Os trabalhos de limpeza foram realizados pela equipa de escavação. A quadrícula, orientada a norte, e os trabalhos topográficos necessários à consecução de uma planta, foram executados pelo gabinete de topografia da Câmara Municipal de Braga.

No corte 1, abriram-se, inicialmente, cinco quadrados de 2m x 2m. Posteriormente escavou-se um outro, a sudeste, com 2m x 1,5m e alargou-se a área dos trabalhos, para oeste, em 80cm. Extraída a camada humosa, a escavação processou-se por camadas naturais, com algumas subdivisões artificiais consideradas necessárias. As camadas foram numeradas de cima para baixo, com algarismos árabes, por vezes seguidos de letras, quando se tornou necessário efectuar subdivisões. As estruturas foram referenciadas por letras maiúsculas. Por motivos alheios à nossa vontade só parte do quadrado B3 foi escavado até à rocha de base. Os perfis e estruturas foram desenhados, cotados e fotografados.

O ponto topográfico correspondeu ao topo de um afloramento granítico situado a oeste do corte 1. As terras de alguns quadrados foram crivadas a seco, para detecção de sementes ou de outros ecofactos de igual importância. Os crivos utilizados foram os de malha milimétrica.

Devido à exiguidade de macrorrestos vegetais, passíveis de datação pelo radiocarbono, as análises foram efectuadas por espectrometria de massa com acelerador, no Laboratório da Universidade de Utrecht. A data obtida foi calibrada segundo o programa de calibração de M. Stuiver & P. J. Reimer (1993) na versão 3.03. Neste programa elegeu-se a curva bidecadal, o método B de probabilidades e o desvio "standard" correspondente a 2 sigma (96,4% de segurança).

O espólio exumado foi depositado no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

O corte 2 correspondeu a uma sondagem de 14m x 1,5m, subdividida em sete rectângulos.

Cada corte será analisado individualmente. Em cada um deles descreveremos a estratigrafia, as estruturas e o espólio respectivo.

4. ESCAVAÇÕES

ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E ESPÓLIO

Corte 1

ESTRATIGRAFIA (Est. V: 2)

A escavação permitiu constatar uma grande erosão desta zona e uma escassa deposição sedimentar, com uma potência estratigráfica com cerca de 70cm de espessura máxima e 20cm de espessura mínima:

Camada 0: terras castanhas heterogéneas, muito arenosas, de pequena compacidade, com profusão de raízes e cascalho. Camada humosa.

Camada 1: caracterizava-se por terras castanhas escuras, de cor relativamente homogénea, arenosas médias, de pequena compacidade. Camada de ocupação profundamente reduzida.

Camada 1a: caracterizava-se por terras semelhantes às da camada 1, com maior profusão de cascalho e pedras. Corresponde a escorregamentos da camada 1.

Camada 1b: caracterizava-se por terras negras, muito arenosas, de textura fina e de fraca compacidade. Localizava-se por cima da rocha de base e imediatamente por baixo da estrutura pétreia. Não é contínua. Deverá corresponder a uma deposição natural. É estéril.

ESTRUTURAS (Est. V: 1; VI: 2)

As estruturas apareceram imediatamente após a fina capa de húmus, na camada 1, e encontravam-se grandemente alteradas devido a processos erosivos e a antigas raízes de árvores de grande porte. Parecem corresponder aos alicerces e derrubes de uma “muralha”, de cerca de 2,70m de largo, que rodearia a plataforma, pelo lado norte, embora se encontre muito destruída. No quadrado B3 apareceram pedras da sapata, de maiores dimensões do que as demais, aparentemente alisadas na face exterior. O que resta da face interna desta estrutura, parece demonstrar que aqui foram utilizadas pedras de dimensões mais reduzidas, do que na parede externa.

À semelhança do que ocorre noutros povoados, com estruturas similares, esta “muralha” adossava aos afloramentos graníticos e o seu enchimento parece ter sido de terra, como se poderá ver pelo perfil.

ESPÓLIO (Est. VII e VIII)

O espólio das camadas 1 e 1a que constituem este corte correspondia a 50 fragmentos cerâmicos, 4 achados líticos e alguns, poucos, macrorrestos vegetais. Contabilizámos ainda 184 fragmentos, da camada “0” e de superfície, entre os quais 18 passíveis de estudo formal.

Camada humosa e recolhas de superfície

Cerâmicas (Est. VII)

Os 184 artefactos cerâmicos aqui detectados, eram todos de fabrico manual e de cozedura redutora. A

maioria era de pasta arenosa (95%), embora quantificássemos 9 fragmentos micáceos (5%). Estes últimos eram exclusivamente grosseiros com palhetas de mica de grande calibre, por vezes, mal distribuídas. Quase toda a cerâmica apresentava as superfícies bastante corroídas e as fracturas arredondadas. As cores variavam entre o bege, o alaranjado, o castanho e o negro.

As más condições de jazida e a escassez de fragmentos encontrados nas camadas escavadas, fizeram-nos optar por estudar em pormenor este material. Saliente-se que a cerâmica de superfície se encontrava, preferencialmente, na plataforma superior, pelo que os achados do início das vertentes este, oeste e sul deverão encarar-se como de escorregamento.

FRAGMENTOS	QUANT.
Bordos	7
Bases	10
Asas	1
TOTAIS	18

Formas

A maior representatividade de bordos correspondia a potes, embora de morfologia variada. As outras formas encontradas correspondiam a 1 taça carenada e a 1 malga.

FORMAS	QUANT.	(%)
Potes	4	(57,0%)
Taças carenadas	1	(14,3%)
Malgas	1	(14,3%)
Indeterminadas	1	(14,3%)
TOTAIS	7	(100%)

A forma identificada como pote admitia alguma variedade morfológica. Os bordos podiam ser verticais (75%), ou esvasados (25%). Nenhum dos potes apresentava decoração.

VARIEDADE DOS POTES	QUANT.	(%)
Pote 1	3	(75%)
Pote 2	1	(25%)
TOTAIS	4	(100%)

Todos os potes apresentavam superfícies alisadas, por vezes corroídas parcialmente, com cores entre o bege, o castanho e o negro. Nenhum deles indicava vestígios de lípidos. Só na forma 1 se encontrou uma pasta de fabrico micáceo. Com excepção do pote da forma 2, com um diâmetros médio, todos os outros eram médio/grandes ou grandes.

A taça carenada era de textura mediana, acabamento alisado e de cor castanha.

Bases

Todos os exemplares eram de fundo plano, incluindo o único de pasta micácea. Na sua maioria de texturas grosseiras (80%), apresentavam sempre superfícies alisadas ou corroídas. Os diâmetros variavam entre os pequenos (50%) e os médios (20%). Os restantes eram indeterminados. Dois deles tinham matéria orgânica na superfície interna.

Asas

A única asa recolhida era de secção circular e de pasta micácea. Não conseguimos avaliar com segurança se pertenceria a uma panela de asa interior.

Camada 1 (Est. VIII: 3 e 4)

Nesta camada quantificámos 47 fragmentos cerâmicos e 3 achados líticos.

Cerâmicas

Toda a cerâmica era de fabrico manual, pasta arenosa, de textura grosseira e superfícies alisadas.

Bases

Registámos apenas 1 base de fundo plano, de pequenas dimensões.

Líticos

Detectámos 2 seixos quartzíticos, um deles fragmentado e com vestígios de lípidos e exumámos, nas pedras da “muralha”, um fragmento de moinho dormente, barquiforme, de grandes dimensões.

Ecofactos

As sementes provenientes desta camada, apesar de escassas, correspondiam a leguminosas (favas), a crucíferas (*Brassicas*) e a frutos de sorveira (?) (DOPAZO MARTINEZ *et alii*, 1996).

Camada 1a (Est. VIII: 1, 2 e 5)

Contabilizámos 3 fragmentos cerâmicos de fabrico manual e pasta arenosa e 2 artefactos líticos.

Cerâmicas

Formas

Neste grupo individualizámos 2 potinhos/púcaros, de bordos esvasados, de pastas medianas, superfícies polidas e cor castanha. Um deles tinha vestígios de lípidos no exterior.

Líticos

Os líticos expressavam-se por 1 seixo quartzítico, fragmentado, com indícios de lípidos e por 1 cristal de quartzo semi-translúcido, talhado de forma aguçada numa das extremidades.

DATAS DE RADIOCARBONO

Estas amostras foram retiradas do corte 1, da camada 1b, dos quadrado B4 e B3, respectivamente. No quadrado B3, os carvões, dispersos, encontravam-se nos interstícios da "muralha" detectada nesta camada. Com eles pretendíamos datar o início da ocupação desta estação. No quadrado B4, os carvões também, dispersos na camada, foram retirados do meio do quadrado.

Referência do laboratório	Data BP	Cal BC (1 sigma) (Método B)	Cal BC (2 sigma) (Método B)
UtC-4786	-1437 ± 36	-	-
UtC-4328	2504 ± 36	792-754 (0,08) 691-535 (0,92)	791-494 (0,99) 440-426 (0,01)

A data UtC-4786 é anómala. A explicação para tal facto poderá ser a grande raiz carbonizada que perturbou parte deste quadrado. A segunda data é aceitável, atendendo às características gerais desta estação, cuja ocupação se teria efectuada na segunda metade do I milénio AC, muito provavelmente entre os séculos VII e VI AC, se considerarmos as maiores probabilidades a 1 e 2 sigma.

Corte 2

ESTRATIGRAFIA

Foi extraída a camada humosa de 6 quadrados. Procedeu-se, posteriormente, a parte da escavação dos quadrados A0 e A1 até à rocha de base, o que permitiu detectar uma sequência estratigráficas de apenas 2 camadas, numa profundidade de cerca de 50cm:

Camada 0: caracterizava-se por terras de cor castanha escura, de fraca compacidade, areno-argilosas finas, com profusão de raízes e cascalho disperso. Camada humosa.

Camada 1: caracterizava-se por terras negras, muito arenosas, de textura fina e de fraca compacidade. Localizava-se por cima da rocha de base. Era estéril.

ESTRUTURAS E ESPÓLIO

A escavação dos dois quadrados, não revelou qualquer vestígio de ocupação neste sector.

5. FASES DE OCUPAÇÃO, ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICA E CULTURAL DO POVOADO

A análise da sequência estratigráfica e a distribuição dos achados arqueológicos do corte 1, permitem defender a existência de uma camada de ocupação na plataforma superior do povoado, apesar deste se encontrar praticamente esvaziado devido a fenómenos de erosão intensos. A área abrangida pelo corte 2 não forneceu indícios de ter sido ocupada, pelo que os poucos materiais encontrados à superfície deverão ser provenientes de escorregamentos da plataforma superior.

Apesar da dispersão da cerâmica de superfície, no início das vertentes sul, este e oeste, estas não parecem ter sido ocupadas. As sondagens efectuadas na plataforma da vertente sul, contígua à acrópole, revelaram ausência total de materiais. A vertente este é demasiado íngreme para permitir níveis de ocupação, contudo, efectuámos a limpeza de um perfil de um caminho, a cerca de duas dezenas de metros, abaixo da plataforma superior, que como era esperado, não revelou qualquer indício arqueológico. Resta-nos investigar melhor as plataformas da vertente oeste, situadas a uma cota onde já não aparece material de superfície, mas onde não excluimos a possibilidade da existência de níveis ocupacionais bastante enterrados.

Deste modo a distribuição dos materiais, no início das vertentes, parece indiciar grande volume de escorregamentos, provenientes da plataforma superior, que se encontraria, deste modo, praticamente esvaziada.

Apesar da escassez do espólio exumado na escavação e do grau de corrosão do recolhido à superfície, as características artefactuais fazem lembrar conjuntos cerâmicos da região atribuíveis aos últimos momentos da Idade do Bronze ou aos inícios da Idade do Ferro. São eles:

- presença de uma percentagem pequena de pastas micáceas, grosseiras e de palhetas mal distribuídas;
- inexistência de louça decorada;
- continuidade das taças carenadas, em pasta arenosa;
- perpetuação da forma 1, em pasta micácea;
- perpetuação da bases planas, grosseiras, também micáceas;
- existência de uma asa circular micácea;

Atendendo às condições de jazida e às características do material de superfície não podemos deixar de colocar duas questões de interpretação cronológico-cultural. Estaremos face a escorregamentos e destruições de um nível dos finais da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro ou perante derrubes de duas ocupações distintas?

Apesar da precaridade dos dados inclinamo-nos mais para a primeira hipótese, pois os fragmentos micáceos são reduzidos e formalmente semelhantes aos da Idade do Bronze.

Apesar das condições de jazida se encontrarem muito alteradas, o espólio recolhido e a data de radiocarbono obtida, possibilitam a integração desta estação no segundo quartel do I milénio AC.

A estrutura da plataforma superior em associação com o espólio parece indiciar uma ocupação neste período e evidenciar que esta área era rodeada por um "muralha", cujas características interessaria conhecer melhor.

As sondagens realizadas em 1994 e a distribuição do material de superfície permitem deduzir apenas uma ocupação e monumentalização do tabuleiro superior do monte¹. Estaríamos, assim, face a uma ocupação concentrada, de reduzidas dimensões espaciais e com espólio escasso, localizada entre os corredores naturais dos vales do Cávado e Este e numa via de cumeada, talvez milenar, atendendo à presença de um monumento megalítico na área.

¹ As análises dos fotogramas 4640/4641 da FAP, de 1983, na esc. 1: 15 000 e 501/502 da SPLAL, de 1938, na esc. 1: 18 000 não forneceram novos dados para esta problemática.

Vasconcelos encontra-se, também, na proximidade de lameiros e da bacia de recepção da ribeira de Gualtar, área com boas condições para a prática de uma agricultura de planalto e da pastorícia.

Que significado poderemos atribuir a este povoado, com características arqueológicas e geo-estratégicas muito próprias, no quadro do povoamento da bacia do Cávado durante a transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro? A resposta é, naturalmente, difícil. Seria um povoado ocupado sazonalmente em função de determinados ciclos agro-pastoris?

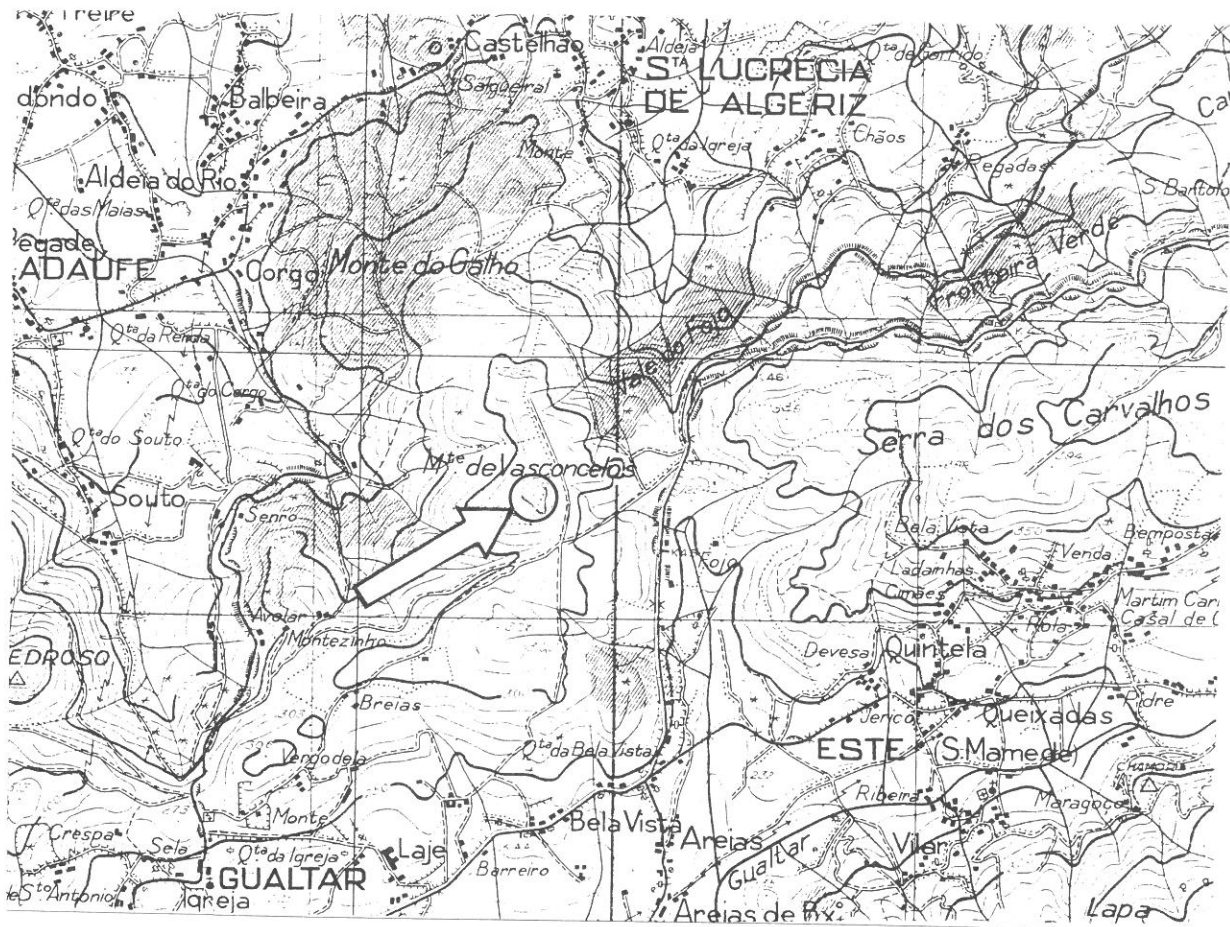
Sabemos que a sorva só se recolhe até Outubro, mas a presença deste fruto em Vasconcelos não está absolutamente comprovada. Poderá a ausência de bolota, um dos macrorrestos mais comum nos povoados proto-históricos e só recolhido a partir de Outubro, indiciar uma ocupação preferencialmente estival? Não sabemos.

De qualquer modo, além da provável actividade recolectora, documentam-se outras actividades no local, como o cultivo de leguminosas e crucíferas, a moagem, materializada por um grande moinho barquiforme e a possível armazenagem de bens alimentares em potes de media/grande e grande dimensão.

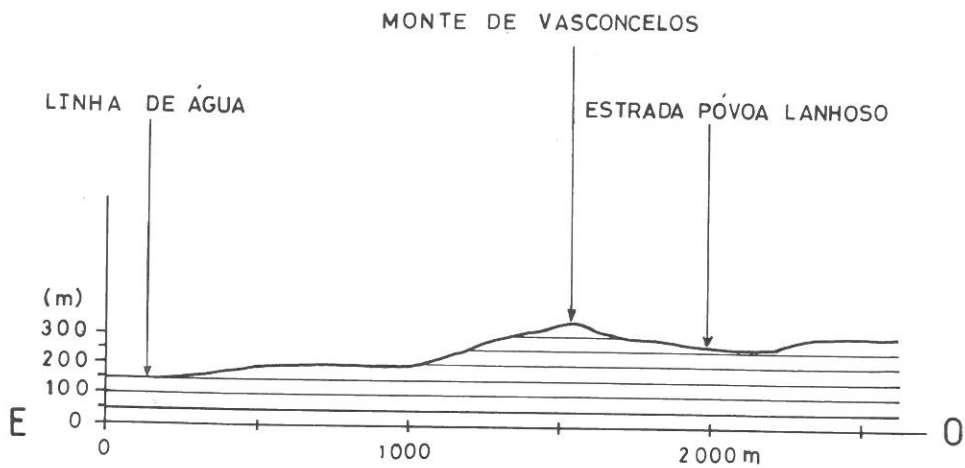
Embora não tenhamos encontrado indícios que relacionem este local alcantilado com o monumento megalítico, parece razoável considerar que ele é anterior à ocupação do povoado. Por esse motivo seria pertinente escavá-lo na tentativa de percebermos a eventual relação entre estes dois pontos arqueológicos.

As questões levantadas por esta estação pressupõem a realização de novas campanhas de escavação.

ESTAMPAS

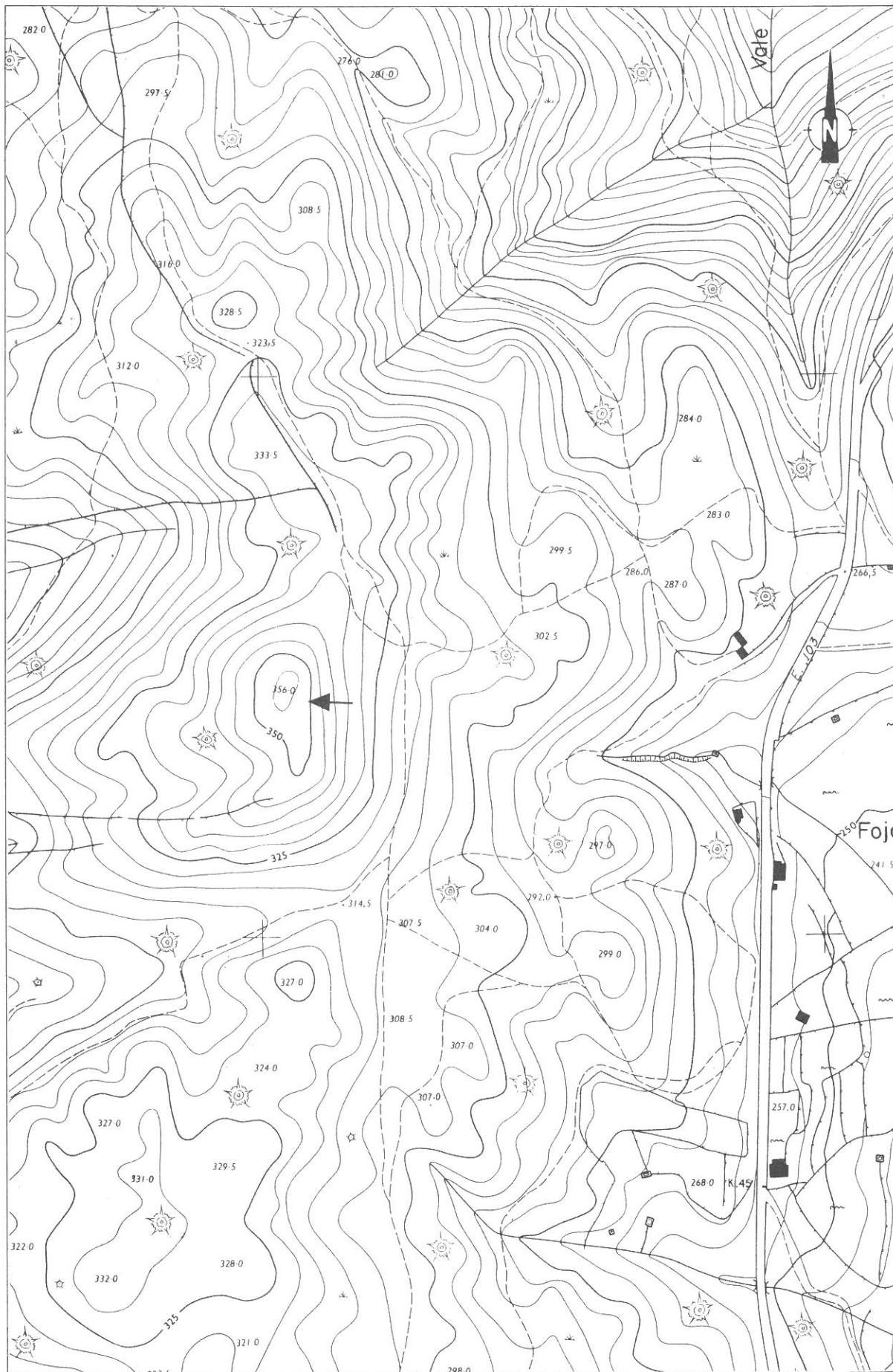


1



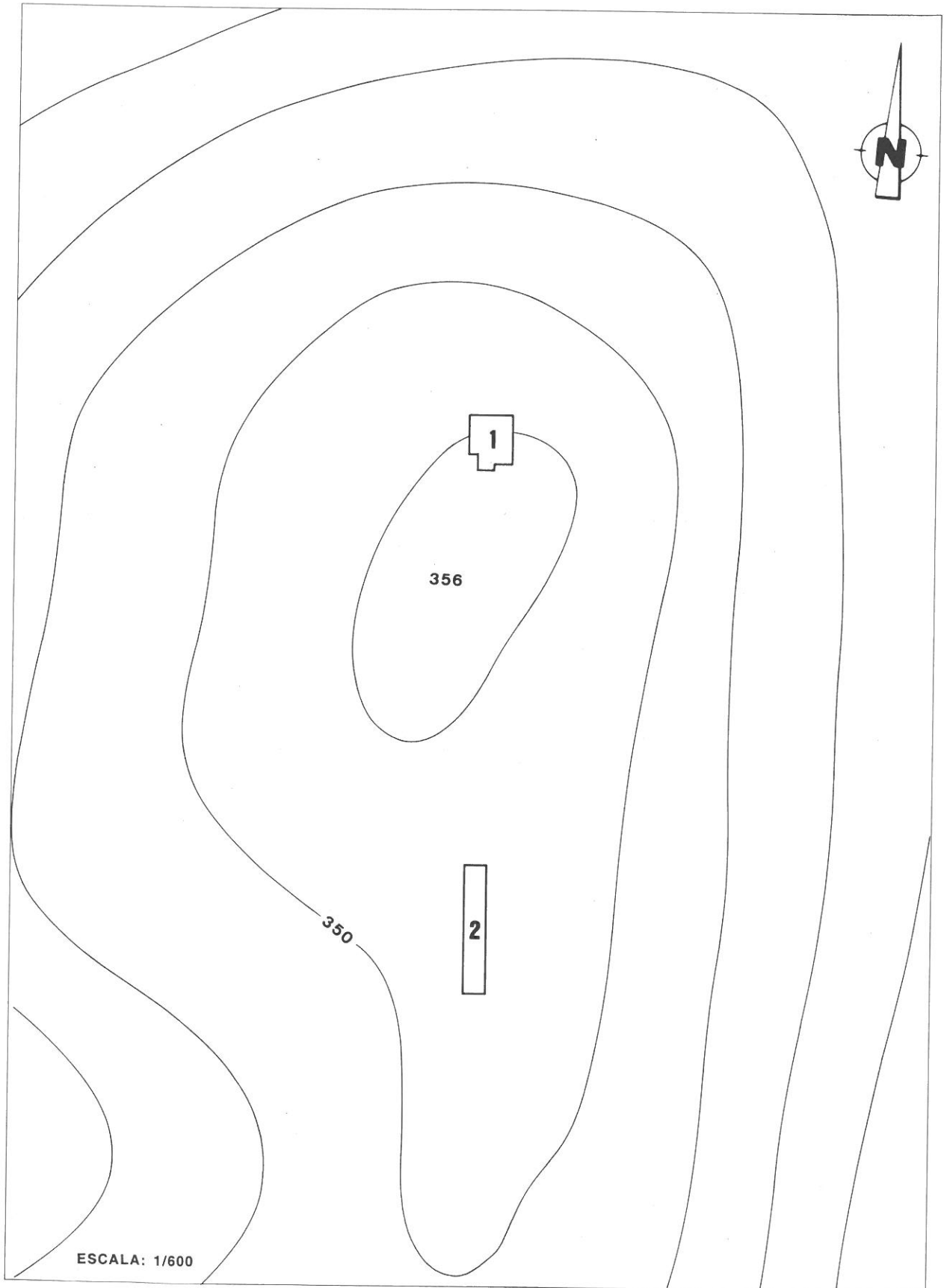
2

1 - Localização do povoado na C. M. P., na esc. 1: 25 000; 2 - Perfil topográfico do povoado.

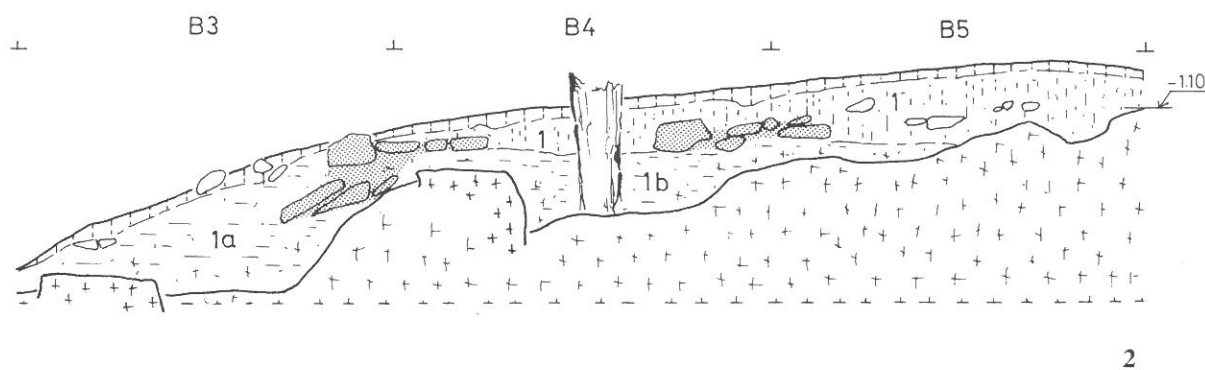
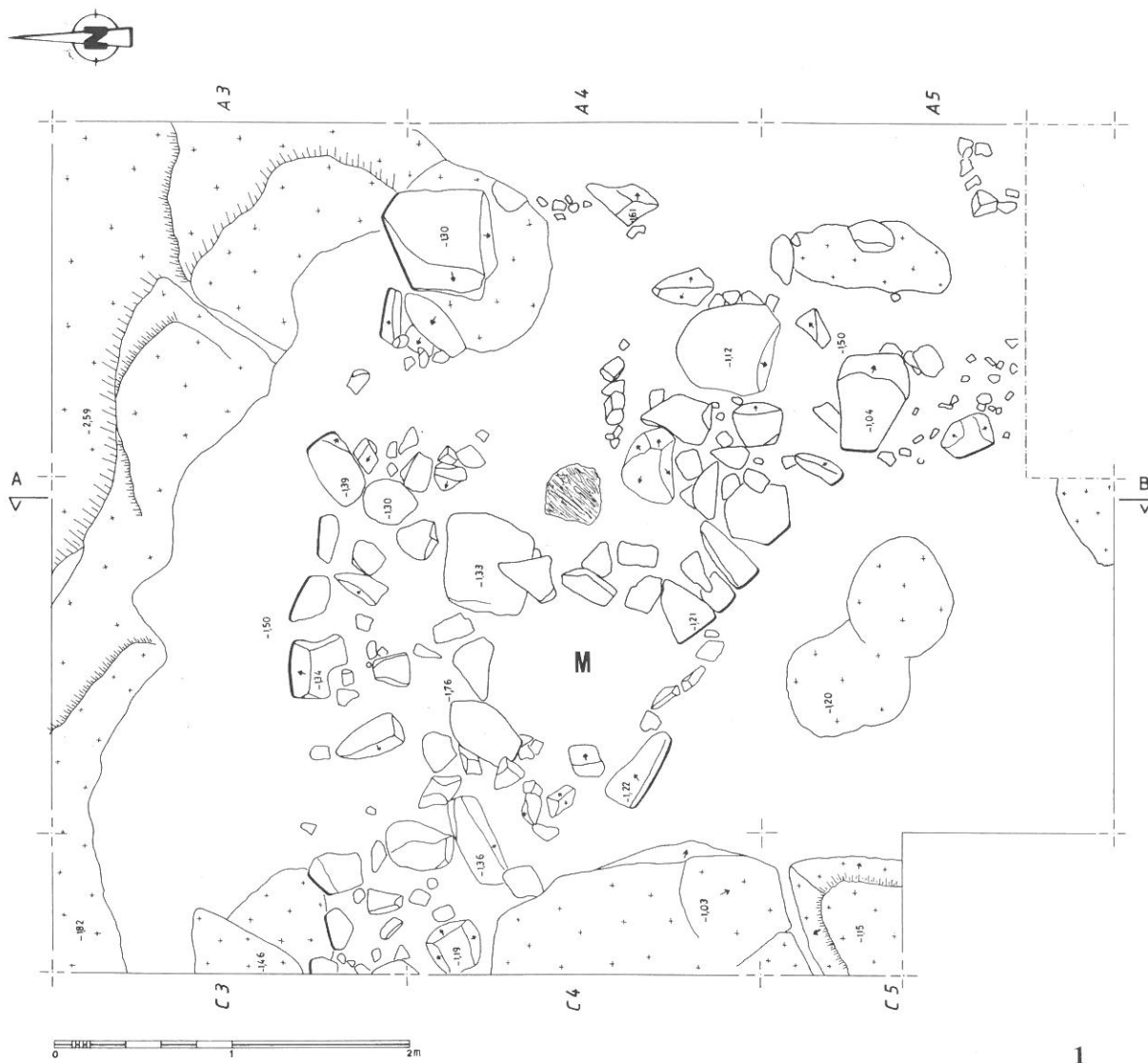


Planta topográfica do povoado, na esc. 1: 5 000.

Est. IV



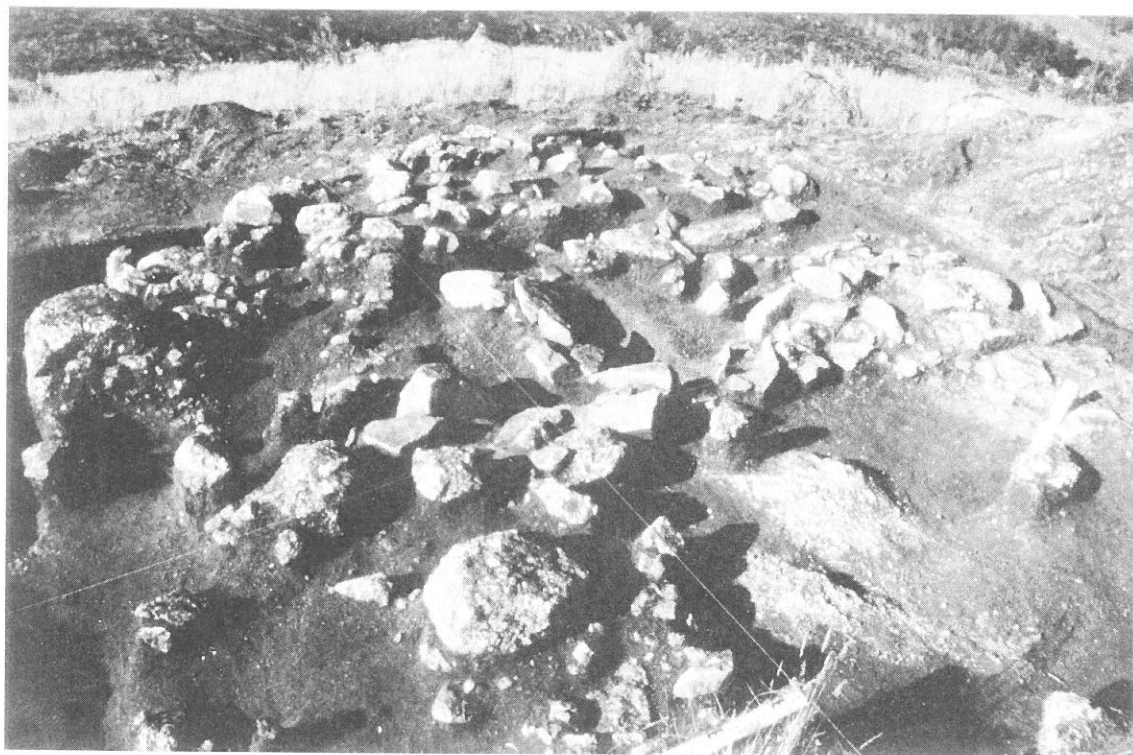
Área de implantação dos cortes 1 e 2, na esc. 1: 600.



1 - Sapata da "muralha" do corte 1, 2 - Perfil A-B.

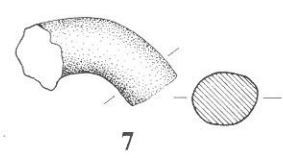
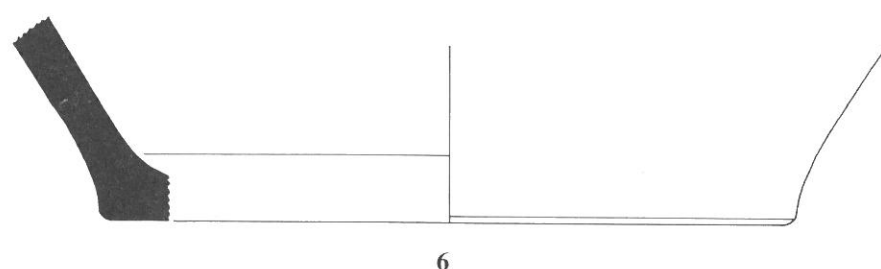
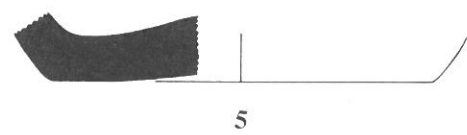
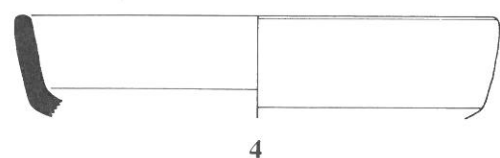
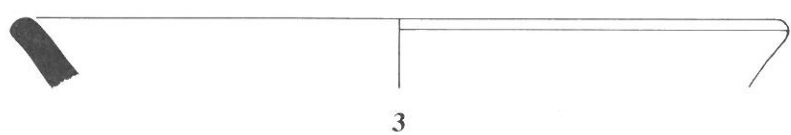
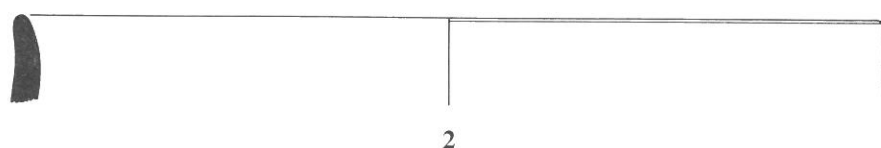
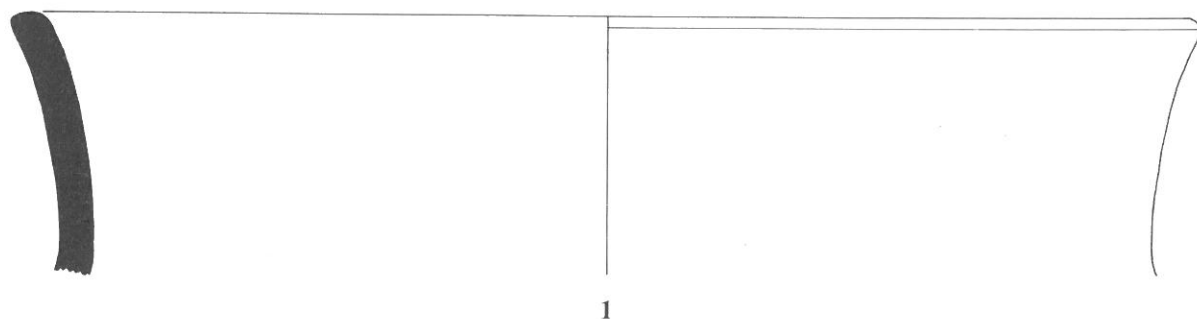


1

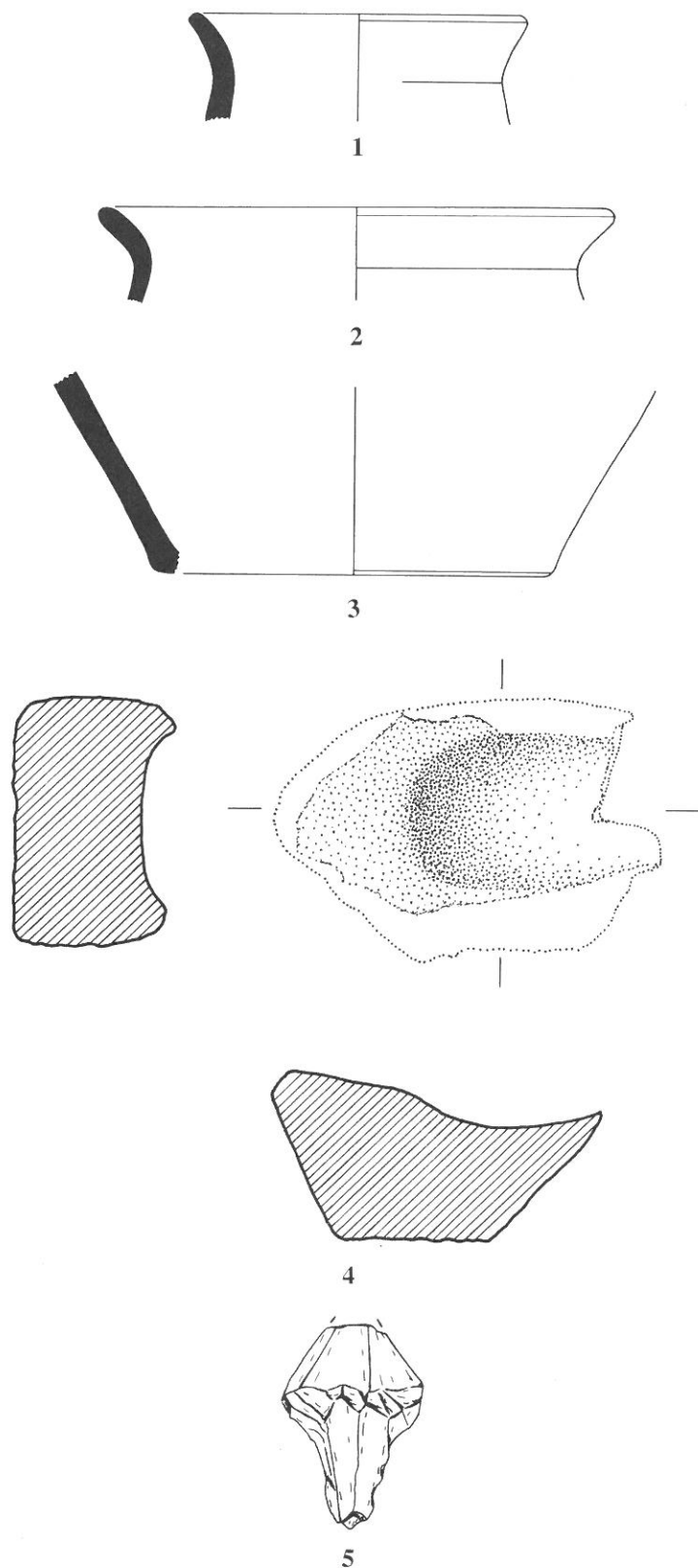


2

1 – Vista geral da estação; 2 – Sapata da “muralha” existente na plataforma superior.



Monte de Vasconcelos (Sup.): 1 e 2 - Potes da forma 1; 3 - Pote da forma 2; 4 - Taça carenada; 5 e 6 - Bases de fundo plano; 7 - Asa de secção circular. Esc. 1/2.



Monte de Vasconcelos (Corte 1): 1 e 2 – Potinhos/púcaros (camada 1a); 3 – Base de fundo plano;
4 – Moinho dormente barquiforme (camada 1); 5 – Cristal de quartzo talhado (camada 1a).
Esc. 1/2, com exceção da peça 4 à escala 1/10 e da peça 5 à escala 1/1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a um nível baixo de análise o conjunto destas estações permite verificar uma diversidade de estratégias de ocupação e de organização interna dos povoados, em termos regionais é possível agrupá-los em duas grandes categorias geo-estratégicas de assentamento.

Um destes grupos de povoados localiza-se em remates de esporões montanhosos de altitude considerável, na bordadura dos grandes vales fluviais. São locais com boa visibilidade, em posição de portela, ou seja, na encruzilhada de importantes vias naturais que ligam o vale à montanha e o litoral ao interior. A sua posição na paisagem permite-lhes o acesso a uma complementaridade de recursos subsistenciais, provenientes do planalto, das vertentes e do vale. O conjunto destas características teria favorecido a estabilidade das populações residentes nestes locais e a sua sedentarização efectiva, o que poderá inferir-se pelo registo arqueológico de alguns povoados com continuidade de ocupação desde os finais da Idade do Bronze até épocas avançadas da Idade do Ferro, motivo pelo qual os designámos por povoados fixos ou de longa duração. Encontram-se, neste caso, os do Alto da Torre (Barcelos), do Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso), da Falperra (Braga), de Faria (Barcelos) e de Roriz (Barcelos), estando, alguns deles, localizados nas cercanias de jazidas mineiras, pelo que poderiam ter uma relação directa com a exploração destes recursos (Alto da Torre, Faria e Roriz), o que constituiria um factor mais de estabilidade e desenvolvimento socio-económico.

O outro grupo de povoados corresponde aos que se localizam em zonas de menor altitude – em colinas ou outeiros situados em vales aluvionares ou em vertentes muito próximas deles – cuja estratigrafia parece demonstrar ocupações de média ou curta duração, sem continuidade imediata para fases posteriores. São representativos deste grupo os povoados do Alto de S. Bento (Braga), do Alto da Cividade (Braga), de Cabanas (Braga) e de S. João de Rei (Póvoa da Lanhoso).

A existência destas duas categorias de povoados, nos finais da Idade do Bronze, merece-nos alguma reflexão. Tendo por base não só os povoados aqui estudados, mas um conjunto mais vasto de estações da bacia do Cávado, fomos induzidos a formular, ainda que embrionariamente e com algumas reservas, um modelo de povoamento para este período (BETTENCOURT, 1999; 2000a). É assim que pensamos as diferentes categorias de povoados como reflexo de uma forma de ocupação do espaço, onde povoados fixos e povoados de curta/média duração se interligariam num processo complexo de apropriação e de fruição socio-económica e simbólica do espaço. Por outras palavras, é provável que no seio dos territórios dos povoados de longa duração, cujas dimensões desconhecemos, existissem outros de curta/média duração, que lhes estariam afectos. Estes, funcionando como desdobramentos sazonais ou semi-sazonais daqueles, estariam ligados, entre outras actividades, à fruição agrícola e à exploração dos recursos hídricos e da floresta ribeirinha, permitindo a estabilidade e o funcionamento dos primeiros que se interpretariam, assim, como marcos na paisagem de uma população ainda semi-móvel, embora num território que cremos circunscrito (BETTENCOURT, 1999; 2000a).

Apesar dos indicadores de um recuo intensivo da floresta, do aumento de plantas sinantrópicas e do clima húmido, nos finais da Idade do Bronze, os efeitos da erosão que depauperaram os solos das montanhas, tornando-os nos actuais “rankers” sem capacidade agrícola, deveria ser muito menos intenso do que na actualidade pois, desde a Idade Média até aos inícios deste século, cultivavam-se cereais nos planaltos de

montanha do Entre-Douro-e-Minho (BETTENCOURT, 1999). Estes dados, permitem-nos admitir o aproveitamento dos planaltos e vertentes altas para práticas agrícolas, durante os finais da Idade do Bronze, e considerar que os solos, existentes nas planícies de aluvião, não deveriam ser ainda tão pesados e espessos como actualmente, o que teria permitido uma agricultura temporária dos mesmos. O mesmo é defensável para os solos das vertentes baixas ou do início dos vales, normalmente bem drenados, em áreas com temperaturas mais amenas e boas condições para o trigo e o milho miúdo. Mesmo assim, é possível que os constrangimentos tecnológicos e as práticas agrícolas desta fase, levassem, ainda, a um esgotamento dos solos de vale a curto/médio prazo, o que explicaria o abandono de alguns povoados aí situados e a sua substituição, por outros, em zonas vizinhas, posteriormente, também eles abandonados. Tal explicaria a profusão de povoados de vale e a forte desarborização deste meio, sem que, para tal, tenha obrigatoriamente que recorrer a explicações que passem por um aumento demográfico considerável para este período (BETTENCOURT, 1999; 2000a).

Em alguns povoados fixos registam-se gravuras rupestres representando motivos esquemáticos (Falperra, Faria e Roriz). Estas, muito escassas na região, encontram-se sempre associadas a povoados deste tipo, o que nos permite admitir uma sincronia genérica entre estas duas manifestações (BETTENCOURT, 1999; 2000a) e aceitar a existência de uma multiplicidade de funções para estes povoados. Teríamos, portanto, como hipótese de trabalho, um povoamento hierarquizado nos finais da Idade do Bronze onde, alguns povoados com funções simultaneamente culturais ou de "santuário", se poderiam considerar centros de poder de unidades socio-políticas embrionárias. Esta hipótese, ainda não suficientemente demonstrada, lembra a necessidade de novos projectos que procurem identificar e delimitar, em termos territoriais e arqueológicos, essas possíveis unidades socio-políticas.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. A. B. (1982), Castelo de Faria. Campanha de escavações de 1981, *Revista de Barcelos*, 1 (1), pp. 79-88.
- (1983), A cabeça do Guerreiro Galaico da Citânia de Roriz/Oliveira, *Revista de Barcelos*, 1 (2), pp. 81-90.
 - (1985b), Castelo de Faria – 1982, *Informação Arqueológica*, 5, pp. 50-51.
 - (1985c), Castelo de Faria – 1983, *Informação Arqueológica*, 5, pp. 51-52.
 - (1990), *Proto-História e Romanização da bacia inferior do Lima*, *Estudos Regionais*, n.º esp. 7/8, Viana do Castelo.
 - (1996), *Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho* (Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto – Policopiada).
- ALMEIDA, C. A. B. & T. Soeiro (1980), Sondagens nos castros de Abade de Neiva e Roriz (Barcelos, 1978), *Actas do Seminário de Arqueologia*, Guimarães, pp. 29-35.
- ALMEIDA, C. A. B. & O. Sousa (1987), *Castelo de Faria*, I.P.M., Braga.
- ALMEIDA, C. A. B.; M. I. Maia; M. M. Moreira & A. Baptista (1994), A estação do bronze final da Regueira. Vitorino de Piães – Ponte de Lima, *Revista da Faculdade de Letras*, 2.ª sér., 9, Porto, pp. 547-565.
- ALMEIDA, C. A. F. (1974), Cerâmica castreja, *Revista de Guimarães*, 84, Guimarães, pp. 171-217.
- BELLINO, A. (1909), Cidades mortas, *Arqueólogo Português*, 14 (1-8), Lisboa, pp. 1-28.
- BETTENCOURT, A. (1991/1992), O Povoado da Sola, Braga: notícia preliminar, *Cadernos de Arqueologia*, 8/9, Braga, pp. 97-118.
- (1993/1994), A ocupação da Idade do Bronze do Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso, Braga), *Cadernos de Arqueologia*, 10/11, Braga, pp. 153-180.
 - (1995), O povoado da Santinha (Amares – Braga), *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. S.E.C., pp. 60-61.
 - (1997), Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular, *Actas do II Congresso Peninsular de Arqueologia*, vol. 2 (Zamora, 1996), pp. 621-632.
 - (1998), O conceito de Bronze Atlântico na Península Ibérica, S. Jorge (ed.) *Actas do Colóquio Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, Lisboa 1995, Ed. IPA, Lisboa, pp. 18-39.
 - (1999), *A paisagem e o homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho – Policopiada).
 - (2000a), O vale do Cávado dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico-culturais, *Actas do III Congresso Peninsular de Arqueologia*, vol. IV, Vila Real, pp. 79-93.
 - (2000b), *O povoado de São Julião, Vila Verde, Norte de Portugal nos finais da Idade do Bronze e na transição para a Idade do Ferro*, Ed. Cadernos de Arqueologia – Monografias 10, Braga.
- COSTA, A.; A. Faria & J. Carvalho (1980), Sondagens arqueológicas no concelho de Barcelos – Abade de Neiva, Faria e Roriz, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 2, Guimarães, pp. 5-28.
- DAVEAU, S. (1987), Comentários e actualizações, O. Ribeiro; H. Lautensach & S. Daveau (ed.), *Geografia de Portugal I. A Posição geográfica e o Território*, Ed. Sá da Costa, Lda., Lisboa, pp. 201-277.
- DELGADO, M.; M. Martins & F. S. Lemos (1989), Dossier – Salvamento de Bracara Augusta (1976-1989), *Forum*, 6, Braga, pp. 3-39.
- DIAZ-FIERROS VIQUEIRA, F.; T. Taboada Castro; P. Ramil-Rego & M. J. Aira Rodríguez (1992/1994), *Historia y Arqueologia da Paisagem. Serra do Bustelo (Braga, Portugal)*, Braga (Relatório Policopiado).
- DINIS, A. (1993), *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio A.C.*, (Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto – Policopiado).

- (1993/1994), Contribuição para o estudo da Idade do Ferro em Basto: o Crasto do Crastoeiro, *Cadernos de Arqueologia*, 8/9, Braga, pp. 261-278.
 - (1998), Povoamento do Baixo Ave no I milénio A.C., *Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular* (Zamora, 1996).
- DOPAZO MARTINEZ, A.; C. F. Fernández Rodríguez & P. Ramil-Rego (1996), Arqueometria aplicada a yacimientos galaico-romanos del NW peninsular: valoración de la actividad agrícola y ganadera, P. Ramil-Rego, C. Fernández Rodríguez & M. Rodríguez Guitián (coord.) *Biogeografía Pleistocena – Holocena de la Península Ibérica*, Ed. Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, pp. 317-332.
- FONTES, L. (1993), Inventário de sítios e achados arqueológicos do concelho de Braga, *Mínia*, 3.^a sér., 1, Braga, pp. 31-88.
- GASPAR, A.; F. S. Lemos & M. Delgado (1986), O salvamento de Bracara Augusta. Reflexões, *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Setúbal, pp. 27-42.
- JORGE, S. (1981), Sondagens arqueológicas na estação do Alto da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 67-76.
- (1986), *Povoados da Pré-História Recente (III.º-inícios do II.º milénios a.C.) da região de Chaves e V.º P.º de Aguiar (Trás-os-Montes ocidental)*, Ed. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 3 vols., Porto.
 - (1988), *O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Ed. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Monografias Arqueológicas do GEAP – 2, Porto.
- LOPES, A. B. (1993), *A cerâmica do Castro da Senhora da Guia (Baiões). Tecnologia e Morfologia* (Dissertação de Mestrado apresentada à Fac. De Letras do Porto – Policopiada).
- MARTINS, M. (1985), Sondagens arqueológicas no castro do Monte Padrão, em Santo Tirso, *Cadernos de Arqueologia*, 2.^a sér., 2, Braga, pp. 217-230.
- (1988), *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 2, Braga.
 - (1989), *O castro do Barbudo, Vila Verde. Resultado das campanhas realizadas entre 1981-1985*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 3, Braga.
 - (1990), *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 5, Braga.
- OLIVEIRA, G. (2000), *O registo paleocarpológico do Noroeste Peninsular entre o III e o I milénios a.C. Contributo para o estudo da alimentação Pré e Proto-Histórica*, 1 vol. (Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho – Policopiada).
- PETRUSO, K. M. (1982), Castro de Lanhoso, Portugal: results of the first season, *Context*, 2 (3), Ed. Boston University, pp. 1 e 4-6.
- (1984), *Archaeological excavations by Boston University at the site of Castro de Lanhoso (Minho) during August 1982*. (Relatório submetido ao I.P.P.C. – Policopiado).
- RIBEIRO, O. (1987), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Ed. Sá da Costa, Lisboa, 5.^a Ed.
- RODRIGUEZ LÓPEZ, C.; Fernández Rodríguez & P. Ramil-Rego (1993); El aprovechamiento del medio natural en la cultura castreña del Noroeste peninsular, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia. 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 1993, 33 (1-2), Porto, pp. 285-305.
- SANCHES, M. J. (1995), O povoado da Lavra, serra da Aboboreira, *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. S.E.C., p. 116.
- (1997), *A Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols., Ed. SPAE, Porto.
- SANTOS, P. M. (1995), O povoado do Alto de St.^a Ana, Chaves, *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. S.E.C., p. 117.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995), The late prehistory of Central Portugal: a first diachronic view, K. Lillios (ed.), *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*, Ed. International Monographs in Prehistory, Michigan, pp. 64-94.
- SHERRATT, A. (1993), The relativity of theory, N. Yoffee & A. Sherratt (eds.), *Archaeological Theory: Who Sets the Agenda?*, Ed. Cambridge University Press, pp. 119-130.
- SILVA, A. (1986), *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.
- SOEIRO, T. (1982), O esconderijo de Sequeada (Barcelos), *Arqueologia*, 5, Porto, pp. 62-67.
- SOUSA, J. R. (1968/1970), A estação arqueológica da Falperra. Notas para a sua história, *Arquivo de Beja* (25-27), Beja, pp. 57-64.
- (1978). Megalitismo nos arredores de Braga – necrópoles do Monte de Crasto, *Bracara Augusta*, 32 (85-86), Braga, pp. 329-336.

- STUIVER, M. & P. J. Reimer (1993), Extended ^{14}C database and revised CALIB radiocarbon calibration program, *Radiocarbon*, 35, pp. 215-230.
- VILAÇA, R. (1995), *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, 2 vols., Coimbra, Trabalhos de Arqueologia – 9, Ed. IPPAR, Lisboa.
- VILLAS-BOAS, J. S. (1948), Uma nova machadinha “castreja”, *Boletim do Grupo de Alcaldes de Faria*, 1, Barcelos, pp. 29-32.